

*Contos
Maravilhosos*

LORD DUNSANY

PARTE 1

O livro das maravilhas

Prefácio

Venham comigo, senhoras e senhores que de alguma forma estejam cansados de Londres: venham comigo, e aqueles que estão cansados do mundo que conhecemos, pois novos mundos temos aqui.

A noiva do cavalomem

Na manhã de seu ducentésimo quinquagésimo ano, Shepperalk, o centauro, foi até o cofre dourado que continha o tesouro de sua raça, e retirando de lá o amuleto estimado que seu pai, Jyshak, na juventude forjara com o ouro das montanhas e nele incrustara opalas barganhadas com os gnomos, colocou-o no pulso e, sem dizer uma palavra, deixou a caverna de sua mãe. E também levou consigo aquele clarim dos centauros, aquela famosa trompa de prata que na sua época havia exortado dezessete cidades dos Homens à rendição e que por vinte anos atroara junto às muralhas estreladas no Cerco de Tholdenblarna, a cidadela dos deuses, época em que os centauros travaram sua fabulosa guerra e não foram derrotados por força alguma de armas, mas se retiraram lentamente em uma nuvem de poeira diante do milagre final dos deuses que Eles trouxeram de Seu arsenal derradeiro em Sua necessidade desesperada. Pegou o amuleto e afastou-se, e sua mãe apenas suspirou e o deixou partir.

Ela sabia que hoje ele não beberia no córrego que descia dos terraços de Varpa Níger, as terras interiores das montanhas, que hoje ele não se admiraria por um momento com o pôr do sol e depois trotaria de volta para a caverna para dormir sobre juncos arrastados por rios que desconhecem o Homem. Ela sabia que se dava com ele o mesmo que outrora se dera com seu pai e com Goom, o pai de Jyshak, e há muito tempo com os deuses. Portanto, ela apenas suspirou e o deixou partir.

Mas ele, saindo da caverna que era seu lar, passou pela primeira vez sobre o pequeno córrego e, contornando a curva dos rochedos, viu cintilando abaixo de si a planície mundana. O vento outonal que adornava o mundo, subindo as

encostas da montanha, batia gélido em seus flancos nus. Ergueu a cabeça e resfolegou.

— Agora sou um cavalomem! — gritou em voz alta, e saltando de rochedo em rochedo galopou por vales e precipícios, por leitos de torrentes e rasgos de avalanches, até chegar às léguas serpeantes da planície, deixando para sempre atrás de si as montanhas de Athraminaurian.

Seu destino era Zretazoola, a cidade de Sombelenë. Que lenda sobre a beleza inumana de Sombelenë ou sobre seu assombroso mistério pairou sobre a planície mundana até o fabuloso berço da raça dos centauros, as montanhas de Athraminaurian, eu desconheço. Contudo, no sangue dos homens há uma maré, uma antiga corrente marinha, melhor dizendo, que de certa forma é semelhante ao crepúsculo e lhe traz rumores de belezas por mais distantes que estejam, tal como a madeira flutuante que se encontra no mar, provinda de ilhas que ainda não foram descobertas; e essa corrente primaveril que visita o sangue dos homens provém do fabuloso quartel de sua linhagem, da lendária, de antigamente. Ela o leva para os bosques, para as colinas; ele escuta a antiga canção. De modo que é possível que o fabuloso sangue de Shepperalk tenha-se agitado naquelas distantes montanhas isoladas, nos confins do mundo, com os rumores que somente o crepúsculo aéreo conhecia e que confiava secretamente apenas ao morcego, pois Shepperalk era ainda mais lendário do que o homem. O certo é que desde o início se dirigia à cidade de Zretazoola, onde Sombelenë permanecia em seu templo, embora toda a planície mundana, seus rios e montanhas, se interpusesse entre o lar de Shepperalk e a cidade que procurava.

Quando os pés do centauro tocaram pela primeira vez a grama daquela terra aluvial, ele soprou alegremente a trompa de prata, empinou-se e deu cabriolas e brincou durante léguas; seu passo, uma nova e bela maravilha, parecia o de um cavalo que nunca ganhara uma corrida; o vento gargalhava ao passar por ele. Abaixava a cabeça para sentir o perfume das flores, erguia-a para ficar mais próximo das estrelas invisíveis, deleitava-se atravessando reinos, conquistava rios em seu galgar. Como vos direi, vós que viveis em cidades, como vos direi como ele se sentia ao galopar? Sentia-se forte como as torres de Bel-Narāna; leve como aqueles palácios de teia que a aranha-fada constrói entre o céu e o mar ao longo das costas de Zith; veloz como algum pássaro que se apressa de manhã para cantar nos pináculos de alguma cidade antes da chegada da alvorada. Era o companheiro declarado do vento. Alegre, era como uma canção; os raios de seus ancestrais lendários, os deuses primitivos, começavam a se misturar com o seu sangue; seus cascos ribombavam. Chegava às cidades dos homens e todos estremeciam, pois se lembravam das antigas guerras míticas e temiam agora novas batalhas e pela raça humana. Por Clio essas guerras não são registradas; a história não tem ciência delas, mas que importa? Nem todos dentre nós sentaram aos pés dos historiadores, mas todos aprenderam fábulas e mitos nos joelhos de suas mães. E não houve ninguém que não temesse guerras estranhas quando viram Shepperalk voltear e saltar pelas vias públicas. Assim passou de cidade em cidade.

À noite deitava-se sereno sobre os juncos de algum pântano ou floresta; antes de amanhecer erguia-se triunfante e bebia fartamente em algum rio no escuro e, chapinhando para fora das águas, trotava até algum lugar elevado para encontrar-se com o sol nascente e para enviar ao leste as saudações ecoantes e exultantes de sua trompa jubilante. E contemplava o sol surgindo dos ecos, e as planícies recém-iluminadas pelo dia, e as léguas que se precipitavam como água vinda das alturas, e aquele jovial companheiro, o vento de riso ruidoso, e homens e os medos dos homens e suas pequenas cidades. E, depois disso, grandes rios e lugares desolados e novas e imensas colinas, e depois novas terras além delas, e mais cidades de homens, e sempre o velho companheiro, o glorioso vento. Reino após reino era atravessado, e ainda assim seu fôlego permanecia constante.

— É magnífico galopar sobre uma boa relva enquanto jovem —, dizia o jovem cavalomem, o centauro.

— Ha, ha — dizia o vento das colinas, e os ventos da planície respondiam.

Sinos ribombavam em torres frenéticas, sábios consultavam pergaminhos, astrólogos procuravam o presságio nas estrelas, os idosos faziam profecias sutis.

— Ele não é veloz? — perguntavam os jovens.

— Como ele é feliz! — diziam as crianças.

Noite após noite o sono lhe era trazido, e dia após dia seu galope era iluminado, até que chegou às terras dos Athalonianos, que vivem nos limites da planície mundana, e de lá chegou novamente às terras lendárias, como aquelas em que fora criado do outro lado do mundo e que orlam a borda do mundo e mesclam-se com o crepúsculo. E lá lhe ocorreu um pensamento poderoso em seu coração infatigável, pois sabia que agora se aproximava de Zretazoola, a cidade de Sombelenë.

Findava-se o dia quando se aproximou da cidade, e as nuvens tingidas pelo entardecer deslizavam na planície à sua frente. Galopou para dentro da névoa dourada e, quando esta lhe ocultou a visão das coisas, os sonhos de seu coração despertaram e ele ponderou romanticamente todos aqueles rumores que lhe costumavam chegar sobre Sombelenë por causa da companhia de coisas fabulosas. Ela habitava (segredava o entardecer ao morcego) em um pequeno templo à margem de um lago isolado. Um bosque de ciprestes a ocultava da cidade, de Zretazoola das vias ascendentes. E em frente ao templo encontrava-se seu túmulo, seu triste sepulcro lacustre de portas abertas, para que sua beleza estonteante e os séculos de sua juventude não dessem espaço à heresia entre os homens de que a adorada Sombelenë era imortal: pois apenas a sua beleza e a sua linhagem eram divinas.

Seu pai havia sido meio centauro e meio deus; sua mãe era filha de um leão do deserto e daquela esfinge que guarda as pirâmides; era mais mística que Mulher.

Sua beleza era como um sonho, era como uma canção; o sonho de uma vida sonhado sobre orvalhos encantados, a canção cantada a alguma cidade por um pássaro imortal levado para longe de suas costas nativas por uma tempestade no Paraíso. Aurora após aurora sobre montanhas de romance ou crepúsculo após crepúsculo jamais poderiam igualar sua beleza. Todos os vaga-lumes não sabiam do segredo entre si, nem todas as estrelas da noite; poetas jamais o cantaram, nem o entardecer adivinhou seu significado; a manhã o invejava, estava oculto dos amantes.

Ela não fora desposada, jamais fora cortejada.

Os leões não vinham cortejá-la por temerem sua força, e os deuses não ousavam amá-la pois sabiam que ela devia morrer.

Foi isso o que o entardecer sussurrou para o morcego, esse era o sonho no coração de Shepperalk enquanto galopava às cegas pela névoa. E de repente lá, sob seus cascos, na escuridão da planície, apareceu a fenda nas terras lendárias, e Zretazoola abrigada na fenda, banhada pelo sol do entardecer.

Veloz e habilmente desceu ele pela ponta superior da fenda e, entrando em Zretazoola pelo portão externo que dava direto para as estrelas, galopou de

súbito pelas ruas estreitas. Muitos dos que acorreram às sacadas enquanto ele passava a tropel, muitos dos que colocaram suas cabeças para fora das janelas reluzentes, são mencionados em uma antiga canção. Shepperalk não se deteve para saudar ou responder aos desafios vindos de torres marciais; atravessou o portão que dava para a terra como o raio de seus ancestrais e, como o Leviatã que saltara sobre uma águia, precipitou-se na água entre o templo e o túmulo.

Subiu a galope os degraus do templo com os olhos semicerrados e, vendo apenas vagamente por entre as pestanas, agarrou Sombelenë pelos cabelos, ainda não ofuscado por sua beleza, e assim a arrastou para fora. E, saltando com ela sobre o abismo sem fundo onde as águas do lago caíam esquecidas num buraco no mundo, levou-a não sabemos para onde, para ser sua escrava por todos os séculos que são permitidos à sua raça.

Três sopros deu ele, enquanto seguia, naquela trompa que é o tesouro imemorial dos centauros. Esses foram os seus sinos de núpcias.

O angustiante conto de Thangobrind, o joalheiro

Quando Thangobrind, o joalheiro, ouviu a tosse agourenta, voltou-se de imediato para aquele caminho estreito. Era um ladrão de ampla reputação, protegido pelos nobres e eleitos, pois roubara nada menos do que o ovo de Moomoo, e em toda sua vida roubou apenas quatro tipos de pedras: o rubi, o diamante, a esmeralda e a safira; e, enquanto joalheiro, sua honestidade era grande. Ora, havia um Príncipe Mercante que procurara Thangobrind e lhe oferecera a alma da filha por aquele diamante que é maior do que uma cabeça humana e que se encontrava no colo do ídolo aracnídeo, Hlo-hlo, no templo de MOUNG-GA-LING; pois ouvira que Thangobrind era um ladrão confiável.

Thangobrind oleou o corpo, esgueirou-se de sua loja e passou secretamente por atalhos, chegando até Snarp antes que percebessem que havia saído novamente a negócios ou que dessem pela falta da espada debaixo do balcão. Por essa razão seguia apenas de noite, escondendo-se durante o dia e polindo os gumes de sua espada, que chamava de Camundongo por ser ligeira e ágil. O joalheiro tinha métodos sutis de viagem; ninguém o viu atravessar as planícies de Zid; ninguém o viu chegar a Mursk ou Tlun. Ah, mas ele amava as sombras! Certa vez a lua, ao surgir inesperadamente após uma tempestade, havia traído um joalheiro comum; tal não ocorrera com Thangobrind; o vigia viu somente uma forma agachada que rosnava e ria:

— É apenas uma hiena — disseram eles.

Certa vez, na cidade de Ag, foi agarrado por um dos guardiões, mas Thangobrind estava oleado e escapou de suas mãos; mal se ouviram os pés descalços se afastarem. Ele sabia que o Príncipe Mercante aguardava seu retorno, com os olhinhos abertos a noite toda cintilando de cobiça; sabia que a filha do príncipe permanecia acorrentada e gritava dia e noite. Ah, Thangobrind sabia. E se não tivesse saído a negócios, quase se teria permitido uma ou duas pequenas gargalhadas. Mas negócios eram negócios, e o diamante que buscava ainda se encontrava no colo de Hlo-hlo, onde havia estado nos últimos dois milhões de anos, desde que Hlo-hlo criou o mundo e lhe conferiu todas as coisas, exceto aquela pedra preciosa chamada Diamante do Morto. A joia era roubada com frequência, mas tinha a capacidade de regressar novamente ao colo de Hlo-hlo. Thangobrind sabia disso, mas ele não era um joalheiro comum e esperava ludibriar Hlo-hlo, não percebendo a corrente de ambição e cobiça e que elas são vaidade.

Com que agilidade trilhou o caminho pelos poços de Snood! Ora como um botânico, esquadrinhando o solo, ora como um dançarino, saltando de beiradas desmornadas. Já estava bastante escuro quando passou pelas torres de Tor, de onde arqueiros disparavam flechas de marfim em estranhos para que nenhum forasteiro viesse alterar-lhes as leis, que são ruins, mas que não devem ser alteradas por meros estrangeiros. Disparavam à noite ao som dos passos dos estranhos. Ó Thangobrind, Thangobrind, jamais houve joalheiro como vós! Ele arrastou duas pedras atrás de si por meio de longas cordas, e nelas os arqueiros dispararam. Deveras tentadora foi a cilada que armaram em Woth, com as esmeraldas soltas no portão da cidade; mas Thangobrind percebeu os cordões dourados atados a cada uma delas e que subiam pela muralha, assim como os pesos que caíam sobre ele caso tocasse em alguma, então as deixou para trás, embora o tenha feito aos prantos, e por fim chegou a Theth. Lá todos os homens veneram Hlo-hlo, apesar de estarem dispostos a crer em outros deuses, como

atestam os missionários, porém somente como presas para a caçada de Hlo-hlo, que usa Suas auréolas, assim dizem essas pessoas, em ganchos dourados em seu cinto de caça. E de Theth ele chegou à cidade de MOUNG e ao templo de MOUNG-LING, e adentrou e viu o ídolo aracnídeo, Hlo-hlo, sentado lá com o Diamante do Morto cintilando em seu colo, olhando para o mundo todo como uma lua cheia, mas uma lua cheia vista por um lunático que dormiu por muito tempo sob seus raios, pois havia no Diamante do Morto um certo aspecto sinistro e um presságio de coisas vindouras que é melhor que não sejam mencionadas aqui. O rosto do ídolo aracnídeo estava iluminado por aquela gema fatídica; não havia outra luz. Apesar de seus membros ofensivos e do corpo demoníaco, seu rosto estava sereno e aparentemente inconsciente.

Um breve receio surgiu na mente de Thangobrind, o joalheiro, um tremor passageiro, nada mais; negócios eram negócios e ele esperava pelo melhor. Thangobrind ofereceu mel a Hlo-hlo e se prostrou diante dele. Ah, como era astuto! Quando os sacerdotes surgiram da escuridão para devorar o mel, tombaram inconscientes no chão do templo, pois havia uma droga no mel oferecido a Hlo-hlo. E Thangobrind, o joalheiro, apanhou o Diamante do Morto, colocou-o no ombro e, caminhando com dificuldade, afastou-se do santuário; e Hlo-hlo, o ídolo aracnídeo, nada disse, mas riu sutilmente quando o joalheiro fechou a porta. Ao despertarem do efeito da droga que fora oferecida com o mel a Hlo-hlo, os sacerdotes precipitaram-se a uma salinha secreta, com uma abertura que dava para as estrelas, e projetaram o horóscopo do ladrão. Algo que viram no horóscopo pareceu satisfazê-los.

Não era do feitio de Thangobrind voltar pelo caminho por onde viera. Não, tomou outra estrada, ainda que levasse ao caminho estreito, à casa da noite e à floresta das aranhas.

A cidade assomava-se por detrás dele, sacada sobre sacada, eclipsando metade das estrelas, enquanto se arrastava dali com seu diamante. Estava receoso. Embora tenha-se recusado a admitir, quando um som leve como de pés de veludo surgiu atrás dele, que pudesse ser o que temia, os instintos da profissão ainda assim lhe diziam que não é bom quando qualquer barulho segue um diamante durante a noite, e este era um dos maiores que já conseguira nesse negócio. Quando chegou ao caminho estreito que leva à floresta das aranhas, com o Diamante do Morto pesado e frio e os passos aveludados parecendo estar terrivelmente próximos, o joalheiro parou e quase hesitou. Olhou para trás; não havia nada lá. Escutou com atenção; agora não havia som algum. Pensou então nos gritos da filha do Príncipe Mercante, cuja alma era o preço do diamante, sorriu e continuou em frente, resoluto. Era observado, apaticamente, acima do caminho estreito, por aquela mulher sinistra e inexorável cuja casa é a Noite.

Thangobrind, não mais escutando o som de pés suspeitos, sentia-se agora mais relaxado. Havia quase chegado ao final do caminho estreito quando a mulher, indiferente, soltou aquela tosse agourenta.

A tosse era por demais significativa para ser desprezada. Thangobrind voltou-se e, de pronto, viu o que temia. O ídolo aracnídeo não havia ficado em casa. O joalheiro colocou com cuidado seu diamante no chão e sacou a espada que chamava de Camundongo. E então começou aquela famosa luta no caminho estreito, na qual a velha sinistra cuja casa era a Noite parecia ter tão pouco interesse. Via-se de imediato que para o ídolo aracnídeo era tudo uma terrível piada. Para o joalheiro era um sombrio presságio. Lutou e ofegou, e foi sendo empurrado lentamente ao longo do caminho estreito, mas feriu Hlo-hlo o tempo todo com longos e terríveis cortes por todo o seu corpo mole e imenso, até Camundongo ficar viscosa com o sangue. Porém, por fim, o riso persistente de Hlo-hlo foi demais para os nervos do joalheiro e, ferindo mais uma vez seu demoníaco adversário, deixou-se cair horrorizado e exausto à porta da casa chamada Noite e aos pés da velha sinistra que, após ter soltado aquela tosse agourenta, não mais interferiu no desenrolar dos acontecimentos. E levaram Thangobrind, o joalheiro, aqueles cuja tarefa era essa, para a casa em que pendiam os dois homens e, retirando do gancho o que dos dois estava à esquerda, colocaram aquele intrépido joalheiro em seu lugar; de modo que se abateu sobre ele o destino que temia, como o sabem todos os homens, embora tenha se passado tanto tempo desde então, e a ira dos deuses invejosos de alguma maneira tenha-se aplacado.

E a filha única do Príncipe Mercante sentiu tão pouca gratidão por esse grande ato de libertação que adotou uma respeitabilidade beligerante, tornou-se agressivamente enfadonha, chamou a Riviera Inglesa de lar, teve coisas vulgares bordadas no abafador de seu bule de chá e não morreu no final, mas desapareceu na sua residência.

A casa da esfinge

Já era noite quando cheguei à Casa da Esfinge. Fui recebido efusivamente. E eu, apesar do ocorrido, estava feliz por ter onde me abrigar daquela floresta agourenta. Percebi de imediato que havia ocorrido algo, embora um manto fizesse tudo o que pudesse para ocultá-lo. A mera inquietação das boas-vindas fez com que eu suspeitasse do manto.

A Esfinge estava taciturna e silenciosa. Eu não havia vindo para inquirir sobre os segredos da Eternidade, nem para investigar a vida particular da Esfinge, de maneira que eu tinha pouco a dizer e poucas perguntas a fazer; porém, ela permanecia taciturna e indiferente. Era óbvio que suspeitava que eu estivesse em busca dos segredos de um dos seus deuses ou que eu estava sendo atrevidamente intrometido acerca de sua relação com o Tempo, ou então talvez estivesse sombriamente absorta em pensar sobre o ocorrido.

Logo vi que havia outro a ser recebido além de mim; percebi pelo modo apressado com que olhavam da porta para o ocorrido e novamente para a porta. E estava claro que a recepção seria uma porta trancada. Mas que trancas, e que porta! Ferrugem, podridão e fungos estavam ali há muito tempo, e não era mais uma barreira que pudesse manter afastado sequer um lobo determinado. E parecia que o que temiam era algo pior do que um lobo.

Pouco depois descobri pelo o que diziam que era uma coisa imperiosa e horrenda que estava à procura da Esfinge, e que algo que ocorrera tornara certa a sua chegada. Parecia que tinham esbofeteado a Esfinge para tirá-la de sua apatia, para que pudesse orar para um de seus deuses, a quem dera à luz na morada do Tempo; mas seu silêncio taciturno era invencível, e sua apatia oriental, desde que acontecera o ocorrido. E quando perceberam que não podiam fazê-la orar, não havia nada que pudessem fazer além de dar um pouco de atenção inútil à tranca enferrujada da porta, olhar para o ocorrido e se indagar, e até mesmo fingir esperança e dizer que o ocorrido poderia, afinal, não trazer da floresta, que ninguém nomeava, aquela coisa destinada.

Pode-se dizer que escolhi uma casa repulsiva, mas não se eu tivesse descrito a floresta de onde vim, e eu precisava de qualquer lugar onde pudesse descansar a mente para não pensar nela.

Muito me indaguei acerca do que viria da floresta por causa do ocorrido; e por ter visto aquela floresta — como você, caro leitor, não viu —, eu tinha a vantagem de saber que podia vir qualquer coisa. Era inútil perguntar à Esfinge — ela raramente revela algo, tal como seu amante, o Tempo (os deuses se parecem com ela), e enquanto ela estivesse com essa indisposição, a recusa era certa. Comecei então a azeitar calmamente a tranca da porta. E, tão logo viram esse simples ato, ganhei-lhes a confiança. Não que meu trabalho tivesse alguma serventia — ele deveria ter sido feito há muito tempo; mas eles viram que meu interesse no momento recaía sobre aquilo que consideravam vital. Juntaram-se então à minha volta. Perguntaram-me o que eu achava da porta, se havia visto alguma melhor, se havia visto pior; e eu lhes contei sobre todas as portas que conhecia, e disse que as portas do batistério de Florença eram melhores, e que as portas produzidas por uma certa firma de construtores em Londres eram piores. E então lhes perguntei o que estava vindo atrás da Esfinge por causa do ocorrido. A princípio não queriam dizer, e parei de azeitar a porta; e então disseram que era o arqui-inquisidor da floresta, que é investigador e vingador de todas as coisas silvestres; e, pelo o que disseram dele, pareceu-me que essa pessoa era muito pálida, era um tipo de loucura que caía indistinta sobre um lugar, uma espécie de bruma na qual a razão não conseguia existir. Era o medo disso que

fazia com que, desajeitados, manuseassem nervosamente a tranca daquela porta apodrecida; porém, com a Esfinge era mais profecia cabal do que simples medo.

A esperança que procuravam ter era satisfatória, ao seu modo, mas eu não a compartilhava. Era óbvio que o que temiam era o corolário do ocorrido — via-se isso mais pela resignação no rosto da Esfinge do que pela ansiedade desconsolada dos outros acerca da porta.

O vento sussurrava e as grandes velas tremeluziam, e o medo dos outros e o silêncio da Esfinge cada vez mais se tornavam parte do ambiente, e morcegos cruzavam agitados a escuridão do vento que quase apagava as velas.

Então algumas coisas gritaram ao longe, depois um pouco mais próximas, e algo vinha em nossa direção, gargalhando de modo terrível. Rapidamente dei um empurrão na porta que eles estavam guardando; meu dedo afundou na madeira podre — não havia como ela aguentar. Eu não tinha tempo para observar o pavor dos outros; pensei na porta de trás, pois a floresta era melhor que isso. Apenas a Esfinge estava absolutamente calma: sua profecia fora feita e ela parecia ter contemplado seu destino, de maneira que nada de novo poderia perturbá-la.

Mas por degraus apodrecidos de escadas tão antigas quanto o Homem, por beiradas escorregadias do temível abismo, com uma vertigem ominosa no coração e uma sensação de horror nas solas dos pés, subi de torre em torre até encontrar a porta que procurava; e ela se abria para um dos ramos superiores de um pinheiro imenso e sombrio, pelo qual desci até o chão da floresta. E fiquei alegre por estar de volta à floresta de onde fugi.

Quanto ao que se sucedeu à Esfinge em sua casa ameaçada, eu não sei: se contempla eternamente o ocorrido, consternada, lembrando-se somente em sua mente aflita, que os meninos agora olham de soslaio, que outrora ela bem conhecera aquelas coisas diante das quais se assombram os homens; ou se no final ela esgueirou-se dali e, subindo terrivelmente de abismo em abismo, chegou por fim a esferas mais elevadas e permanece ainda sábia e eterna. Pois quem sabe dizer se a loucura é divina ou provinda do Inferno?

A provável aventura dos três literatos

Quando os nômades chegaram a El Lola eles não tinham mais canções, e a questão de se roubar a caixa dourada surgiu em toda a sua magnitude. Por um lado, muitos haviam buscado a caixa dourada, o receptáculo (como sabem os etíopes) de poemas de valor fabuloso; e o destino daqueles ainda é o boato corrente na Arábia. Por outro lado, era desalentador sentar em volta da fogueira à noite sem novas canções.

Era a tribo de Heth que discutia essas questões num certo entardecer nas planícies ao pé do pico de Mluna. Sua terra natal era a trilha pelo mundo de vagantes imemoriais. E havia preocupação entre os anciões dos nômades por causa da falta de canções; enquanto, intocado pelas aflições humanas, ainda intocado pela noite que ocultava as planícies, o pico de Mluna, calmo no crepúsculo, contemplava a Terra Dúbia. E foi lá, na planície do lado conhecido de Mluna, no momento em que a estrela vespertina surgia sorrateira e as chamas da fogueira erguiam suas desalentadas colunas de fumaça que nenhuma canção elevava, que aquele temerário plano foi delineado às pressas pelos nômades e que o mundo chamou de A Busca pela Caixa Dourada.

Nenhuma medida da mais sábia precaução poderia ter sido tomada pelos anciões dos nômades do que escolher como seu ladrão um tal Slith, aquele mesmo ladrão que (enquanto ainda escrevo) preceptoras ensinam, em inúmeras salas de aula, ter-se aproveitado do Rei de Westalia. O peso da caixa, todavia, era tal que era preciso que outros o acompanhassem, e Sippy e Slorg eram ladrões tão ágeis quanto aqueles que podem ser encontrados atualmente entre os vendedores de antiguidades.

Assim, ao cume de Mluna os três subiram, no dia seguinte, e dormiram o melhor que puderam em meio à neve, para não arriscar uma noite nas florestas da Terra Dúbia. E a manhã chegou radiante e os pássaros estavam a cantar, mas a floresta abaixo, a desolação além e os rochedos nus e agourentos tinham todos a aparência de uma ameaça velada.

Embora Slith tivesse uma experiência de vinte anos de roubos, ele falava pouco; somente se algum dos outros fazia uma pedra rolar com o pé ou, mais tarde na floresta, se um deles pisasse em um graveto, sussurrava-lhes rispidamente sempre as mesmas palavras:

— Assim não é possível.

Sabia que não podia fazer deles ladrões melhores durante uma viagem de dois dias e, quaisquer que fossem as dúvidas que pudesse ter, não voltou a interferir.

Do cume de Mluna desceram até as nuvens, e das nuvens para a floresta, a cujas feras nativas — como bem sabiam os três ladrões — toda carne era alimento, fosse de peixe ou de homem. Lá cada um dos ladrões, em idolatria, tirou do bolso um deus à parte e rogou por proteção na floresta desventurada, e passaram a ter esperança em uma chance tripla de fuga, já que se algo viesse a comer algum deles, era certo que comeria a todos, e fiavam-se que o corolário pudesse ser verdadeiro e que todos escapariam caso um o conseguisse. Quer algum desses deuses estivesse favorável e desperto, quer todos os três; ou se foi o acaso que os conduziu pela floresta sem serem devorados por detestáveis bestas, ninguém sabia, mas certamente nem os emissários do deus que eles mais temiam, nem a ira do deus local daquele lugar ominoso causaram a sina dos três aventureiros naquele lugar ou mais tarde. E foi assim que chegaram à Charneca Retumbante, no coração da Terra Dúbia, cujos tormentosos outeiros eram as elevações e erosões causadas pelo terremoto que agora se encontrava aquietado. Algo imenso, tão imenso que parecia injusto que se movesse com tanta suavidade, passou esplendidamente junto a eles, e por tão pouco deixaram de ser percebidos que uma palavra passou ecoando em disparada por suas cabeças: “Se... se... se...”. E quando esse perigo afinal havia passado, eles continuaram com cautela e logo se depararam com o pequeno e inofensivo mipt, meio fada e meio gnomo, soltando guinchos agudos de satisfação na orla do mundo. Afastaram-se sem serem vistos, pois diziam que a curiosidade do mipt tornara-se fabulosa e que, inofensivo como era, não lidava bem com segredos; ademais, eles provavelmente detestaram o modo como a criatura fossava os ossos brancos dos mortos, e não admitiriam sua aversão, pois não é apropriado que aventureiros se preocupem com quem come seus ossos. Seja como for, afastaram-se do mipt e chegaram quase que de pronto à árvore mirrada, a meta

de sua aventura, e sabiam que ao seu lado encontrava-se a fenda do mundo e a ponte de Mal a Pior, e que abaixo deles ficava a morada rochosa do Dono da Caixa.

O plano era simples: esgueirar-se pela passagem no rochedo mais elevado; descer com cuidado por ali (obviamente de pés descalços), por debaixo do aviso aos viajantes que está gravado na pedra, que os intérpretes acreditam dizer “É Melhor Não”; não tocar nas frutinhas silvestres que estão ali por algum motivo, à direita de quem desce; e assim chegar ao guardião em seu pedestal que dormira durante mil anos e ainda deveria estar dormindo; e entrar pela janela aberta. Um deles esperaria do lado de fora, perto da fenda do Mundo, até que os outros voltassem com a caixa dourada, e, caso gritassem por socorro, ele de imediato ameaçaria soltar o grampo de ferro que mantinha a fenda unida. Quando a caixa estivesse segura, eles viajariam durante toda a noite e durante todo o dia seguinte, até que os bancos de nuvens que envolviam as encostas de Mluna estivessem entre eles e o Dono da Caixa.

A porta no rochedo estava aberta. Desceram os degraus gélidos sem um murmúrio sequer, com Slith à frente, conduzindo-os. Cada um deu não mais que uma olhadela de desejo às belas frutinhas. O guardião ainda estava adormecido em seu pedestal. Slogr subiu por uma escada, que Slith sabia onde encontrar, até o grampo de ferro que atravessava a fenda do Mundo, e ficou esperando ao lado do grampo, com um cinzel na mão, escutando atentamente qualquer barulho adverso, enquanto seus amigos entravam sorrateiros na casa; e não se ouviu nenhum som. E nesse instante Slith e Sippy encontraram a caixa dourada: tudo parecia transcórrer como planejado, restando apenas ver se era a caixa certa e fugir com ela daquele lugar tenebroso. Sob a proteção do pedestal, tão próximos que podiam sentir o calor que emanava do guardião, que paradoxalmente tinha o efeito de gelar o sangue do mais corajoso deles, quebraram o fecho de esmeralda e abriram a caixa dourada; e ali leram à luz das centelhas engenhosas que Slith sabia como produzir, e mesmo essa luz tênue eles ocultaram com seus corpos. E qual não foi sua alegria, mesmo naquele momento de perigo, enquanto espreitavam entre o guardião e o abismo, ao descobrir que a caixa continha inigualáveis quinze odes em versos alcaicos, cinco sonetos que seguramente eram os mais belos do mundo, nove baladas no estilo provençal sem-par nos tesouros dos homens, um poema para uma mariposa em vinte e oito estrofes perfeitas, um trecho com mais de cem versos brancos em um nível que não se sabe que o homem tenha alcançado, assim como quinze poemas líricos nos quais mercador algum ousaria colocar um preço. Teriam lido todos novamente, pois faziam surgir lágrimas de alegria em um homem e lembranças de coisas queridas da infância, e traziam vozes doces de sepulcros longínquos; mas Slith apontou

com urgência para o caminho por onde vieram e apagou a luz; e Slorg e Sippy suspiraram, e então levaram a caixa.

O guardião ainda dormia o sono que durara mil anos.

Ao irem embora, viram aquela cadeira indulgente junto à orla do Mundo, sobre a qual o Dono da Caixa ultimamente se sentara para ler egoisticamente sozinho as mais belas canções e versos já sonhados por algum poeta.

Chegaram em silêncio ao pé da escadaria. E sucedeu que, no instante em que se aproximavam em segurança, na calada da noite, alguma mão em um quarto elevado acendeu uma luz perturbadora, acendeu-a e não emitiu nenhum som.

Por um momento poderia ter sido uma simples luz, fatal como a essa altura uma luz assim poderia bem ser; mas quando ela começou a segui-los como um olho e a ficar cada vez mais vermelha ao observá-los, foi então que até mesmo o otimismo se desesperançou.

E Sippy, muito imprudente, tentou fugir, e Slorg, com igual imprudência, tentou se esconder; porém Slith, bem ciente de por que a luz havia sido acendida naquele quarto secreto e de *quem* a acendera, saltou sobre a orla do Mundo e ainda está caindo, afastando-se de nós, na escuridão silenciosa do abismo.

As preces imprudentes de Pombo, o idólatra

Pombo, o idólatra, havia feito a Ammuz uma simples prece, uma prece necessária, do tipo que até mesmo um ídolo de marfim atenderia facilmente, e Ammuz não a atendeu imediatamente. Pombo, portanto, fez uma prece a Tharma pedindo a deposição de Ammuz, um ídolo que tinha boas relações com Tharma, e ao fazer isso ele cometeu uma ofensa à etiqueta dos deuses. Tharma recusou-se a atender-lhe a prece mesquinha. Pombo orou fervorosamente a todos os deuses idolatrados, pois embora fosse uma questão simples, era algo de grande necessidade para um homem. E os deuses que eram mais antigos que Ammuz rejeitaram as preces de Pombo, e até mesmo os deuses mais jovens e, por conseguinte, de maior reputação. Rezou a eles, um por um, e todos se recusaram a ouvi-lo; a princípio ele nem sequer pensou na sutil etiqueta divina que havia ofendido. Ocorreu-lhe subitamente, enquanto orava ao seu quinquagésimo ídolo, um deus menor de jade verde conhecido dos chineses, que todos os ídolos estavam de conluio contra ele. Quando Pombo descobriu isso, ressentiu-se amargamente do dia em que nascera, lamentou-se e alegava que estava perdido. Na ocasião, ele podia ser encontrado em qualquer parte de Londres rondando lojas de antiguidades e lugares onde são vendidos ídolos de marfim ou de pedra, pois vivia em Londres com outros de sua raça, embora tivesse nascido na Birmânia, entre os que consideram o Ganges sagrado. Na garoa dos finais de tarde, no rigor de novembro, o seu rosto fatigado podia ser visto junto ao vidro de alguma loja, onde suplicava a algum ídolo calmo e de pernas cruzadas, até ser afastado dali por policiais. E após a hora do fechamento ele voltava para o quarto, que ficava naquela parte da capital onde o inglês é raramente falado, para suplicar aos seus próprios ídolos menores. E quando a prece simples e necessária

de Pombo foi igualmente recusada por ídolos de museus, casas de leilões e lojas, então refletiu consigo mesmo, comprou incenso e o queimou em um braseiro diante de seus próprios ídolos menores e baratos, enquanto tocava um instrumento semelhante àquele usado por encantadores de serpentes. E ainda assim os ídolos agarravam-se à sua etiqueta.

Quer Pombo conhecesse essa etiqueta e a considerasse frívola diante de sua necessidade, quer sua necessidade, a essa altura desesperada, perturbara-lhe a mente, eu não sei. Mas Pombo, o idólatra, pegou um pau e tornou-se de uma hora para outra um iconoclasta.

Pombo, o iconoclasta, saiu imediatamente de casa, deixando seus ídolos para serem varridos com a poeira e, dessa maneira, misturarem-se aos Homens, e ele foi até um arquiteto-idólatra de renome, que esculpia ídolos em pedras raras, e lhe apresentou seu caso. O arquiteto-idólatra, que fazia os próprios ídolos, repreendeu Pombo em nome dos Homens por ter quebrado seus ídolos, “Pois não foram eles feitos pelo Homem?”, indagou o arquiteto-idólatra; e a respeito dos ídolos em si falou ele por muito tempo e com erudição, explicando a etiqueta divina e como Pombo a havia ofendido, e como nenhum ídolo do mundo escutaria a prece de Pombo. Ao ouvir aquilo, Pombo chorou e soltou um grito amargurado, amaldiçoando os deuses de marfim e os deuses de jade, e a mão do Homem que os fizera, mas acima de tudo amaldiçoou a etiqueta que arruinara, como ele dizia, um homem inocente. De tal feita que aquele arquiteto-idólatra, que fazia os próprios ídolos, acabou por interromper seu trabalho em um ídolo de jaspe para um rei que estava cansado de Wōsh, e apiedou-se de Pombo e lhe disse que, embora nenhum ídolo do mundo fosse escutar-lhe as preces, ainda assim, apenas um pouco além da orla desse mesmo mundo, sentava-se certo ídolo infame que nada sabia de etiqueta e atendia a preces que nenhum deus respeitável jamais concordaria em ouvir. Ao ouvir isso, Pombo agarrou dois tufos da barba do arquiteto-idólatra e os beijou alegremente, secou as lágrimas e voltou a ser o velho impertinente de antes. E aquele que esculpia no jaspe o usurpador de Wōsh explicou como na aldeia do Fim do Mundo, na outra ponta da Última Rua, há um buraco que se pode pensar ser um poço, próximo à parede do jardim, mas ao se pendurar pelas mãos na borda do buraco, procurar com os pés um lugar para pisar e encontrar uma saliência, verá que esse é o primeiro degrau de uma escadaria que desce pela orla do Mundo.

— Pelo o que sabem os homens, essa escadaria pode ter um propósito e até mesmo um último degrau — disse o arquiteto-idólatra —, mas é inútil discutir sobre os degraus inferiores.

Então Pombo bateu os dentes, pois temia a escuridão, mas aquele que fazia os próprios ídolos explicou que aquela escadaria ficava sempre iluminada pelo

tênue lusco-fusco em que o Mundo gira.

— Então — continuou ele —, você passará pela Casa Solitária e por baixo da ponte que leva da Casa até Nenhures, e cujo propósito não se especula; de lá passará por Maharrion, o deus das flores, e por seu sumo sacerdote, que não é ave nem gato; e assim você chegará ao ídolo menor Duth, o deus infame que atenderá sua prece. — E ele voltou a esculpir seu ídolo de jaspe para o rei que estava cansado de Wōsh.

Pombo lhe agradeceu e partiu cantando, pois em sua mente vernácula pensou que “*tinha batido os deuses*”.

É uma longa viagem de Londres até o Fim do Mundo, e Pombo não tinha dinheiro sobrando, e mesmo assim, depois cinco semanas, estava caminhando pela Última Rua; mas não direi como ele conseguiu chegar lá, pois não foi de uma maneira completamente honesta. E Pombo encontrou o poço no final do jardim, além da casa da ponta da Última Rua, e muitos pensamentos passaram por sua cabeça ao se pendurar na borda pelas mãos, mas o principal desses pensamentos era o que dizia que os deuses estavam rindo dele pela boca do arqui-idólatra, e esse pensamento martelou em sua cabeça até que ela doesse como seus pulsos... E então ele encontrou o degrau.

E Pombo desceu a escadaria. Lá, sem dúvida, estava o lusco-fusco em que o mundo gira, e as estrelas brilhavam nele tênues e distantes; não havia nada à sua frente enquanto descia, exceto aquela estranha vastidão azul do lusco-fusco, com sua profusão de estrelas e cometas que cruzavam o espaço em viagens a outros confins e cometas que voltavam para casa. E ele viu então as luzes da ponte para Nenhures, e de súbito estava na luz tremeluzente da janela da sala de estar da Casa Solitária; e ele ouviu lá dentro vozes pronunciando palavras, e as vozes estavam longe de serem humanas, e somente sua penosa necessidade o impediu de gritar e fugir. A meio caminho entre as vozes e Maharrion, que ele agora via sobrelevando-se do mundo, coberto de halos de arco-íris, notou a estranha fera cinzenta que não era gato nem ave. Ao hesitar, enregelado de medo, Pombo escutou aquelas vozes na Casa Solitária ficarem mais altas, e com isso desceu furtivamente mais alguns degraus e passou correndo pela fera. A fera observava atentamente Maharrion soprar bolhas que eram, cada uma delas, uma estação de primavera em constelações desconhecidas, chamando as andorinhas de volta ao lar a campos inimagináveis; a fera o observava sem nem ao menos voltar um olhar para Pombo, e viu Maharrion jogar no Linlunlarna, o rio que se ergue da orla do Mundo, o pólen dourado que adoça a corrente do rio e é levado para longe do Mundo para ser júbilo das Estrelas. E lá, diante de Pombo, encontrava-se o infame deus menor que não se importa com a etiqueta e atende a preces recusadas por todos os ídolos respeitáveis. E quer a visão deste, por fim, tenha

estimulado a pressa de Pombo, quer sua necessidade fosse maior do que podia suportar, ele continuou a descer rapidamente a escadaria; ou ainda, como é mais provável, se foi por ter passado rápido demais pela fera, eu não sei, e tampouco importa a Pombo. De qualquer forma, ele não conseguiu parar em posição de prece aos pés de Duth, como pretendia, e passou correndo por ele, descendo os degraus que se estreitavam, tentando se agarrar às rochas lisas e nuas, até que caiu para fora do Mundo, como nosso coração dá um pulo quando caímos num sonho e despertamos com um terrível sobressalto. Mas não houve despertar para Pombo, que ainda caía em direção às estrelas indiferentes, e o seu destino é o mesmo que o de Slith.

O saque de Bombasharna

As coisas haviam-se tornado muito difíceis para Shard, capitão pirata, em todos os mares que conhecia. Os portos da Espanha estavam fechados para ele; era conhecido em San Domingo; homens piscavam em Siracusa quando ele passava; os dois Reis das Sicílias jamais sorriam após falar sobre ele por uma hora; havia vultosas recompensas por sua cabeça em todas as cidades importantes, com imagens dela para identificação — *e todas as imagens eram pouco lisonjeiras*. Portanto, o Capitão Shard decidiu que chegara a hora de contar o segredo aos seus homens.

Uma noite, partindo de Tenerife, chamou e reuniu a todos. Admitiu generosamente que havia coisas do passado que talvez precisassem de explicação: as coroas que os Príncipes de Aragão enviaram aos seus sobrinhos, os Reis das duas Américas, certamente jamais haviam chegado às suas Sacratíssimas Majestades. Onde, poderiam perguntar os homens, estavam os olhos do Capitão Stobbud? Quem esteve queimando cidades no litoral da Patagônia? Por que um navio como o deles escolheria pérolas como carga? Por que tanto sangue no convés e tantas armas? E onde estavam o *Nancy*, o *Lark* ou o *Margaret Belle*? Perguntas como essas, frisou, podiam ser feitas pelos curiosos, e se o advogado de defesa viesse a ser um tolo, e alheio aos modos do mar, eles poderiam acabar envolvidos com fórmulas legais desagradáveis. E Bill Sangrento, como chamavam rudemente o sr. Gagg, um membro da tripulação, olhou para o céu e disse que era uma noite ventosa e que já podia sentir a força. E alguns dos presentes esfregaram seus pescoços, pensativos, enquanto o Capitão Shard lhes revelava seu plano. Disse que chegara a hora de abandonar o *Desperate Lark*, pois o navio era por demais conhecido pelas armadas de quatro

reinos, um quinto reino estava começando a conhecê-lo e outros tinham suas suspeitas. (Mais cúteres do que mesmo o Capitão Shard suspeitava já estavam à procura de sua bela bandeira negra com a caveira e os ossos cruzados, bem dispostos, em amarelo.) Havia um pequeno arquipélago que ele conhecia, no lado errado do Mar de Sargaços; existiam cerca de trinta ilhas lá, ilhas desocupadas e comuns, mas uma delas flutuava. Ele a havia notado anos atrás, desembarcara e nunca contara a ninguém, mas a ancorara em silêncio com a âncora de seu navio ao fundo do mar, que naquele ponto era incrivelmente profundo, e fez da coisa toda o segredo de sua vida, determinado a se casar e se estabelecer lá caso algum dia se tornasse impossível ganhar a vida do modo costumeiro no mar. Quando viu a ilha pela primeira vez, ela estava sendo levada lentamente pela correnteza, com o vento nas copas das árvores; mas se a corrente não tivesse sido corroída pela ferrugem, ela ainda deveria estar onde a deixara, e eles fariam um leme, escavariam cabines na terra e à noite içariam as velas nos troncos das árvores e velejariam para onde quisessem.

E todos os piratas deram vivas, pois desejavam colocar novamente os pés em terra firme em algum lugar onde o carrasco não apareceria para pendurá-los na mesma hora; e por mais corajosos que fossem, era duro ver tantas luzes vindo em sua direção durante a noite. Como naquele instante...! Contudo, as luzes mudaram de direção e se perderam em meio ao nevoeiro.

E o Capitão Shard disse que precisariam em primeiro lugar arranjar provisões, e que ele, de sua parte, pretendia se casar antes de se estabelecer; e, assim, deveriam travar mais uma luta antes de deixarem o navio, saquear a cidade costeira de Bombasharna e levar de lá provisões para vários anos, enquanto ele próprio se casaria com a Rainha do Sul. E mais uma vez os piratas deram vivas, pois observavam frequentemente a costeira Bombasharna e sempre invejaram sua opulência.

Içaram então as velas e com frequência alteraram seu curso, desviando-se e fugindo de luzes estranhas até a chegada da aurora, e, durante o dia inteiro, fugiram em direção ao sul. Ao entardecer avistaram os pináculos prateados da formosa Bombasharna, uma cidade que era a glória da costa. E no centro dela, apesar de estarem muito longe, avistaram o palácio da Rainha do Sul; era tão repleto de janelas, todas voltadas para o mar, e tão iluminadas, tanto pelo pôr do sol que se findava sobre as águas como por velas que as criadas acendiam, uma a uma, que à distância parecia uma pérola, ainda cintilando em sua concha abalônea, ainda molhada da água do mar.

Então o Capitão Shard e os piratas a avistaram, ao entardecer sobre a água, e pensaram nos rumores que diziam que Bombasharna era a mais bela cidade das costas do mundo, e que seu palácio era ainda mais belo que Bombasharna;

porém, sobre a Rainha do Sul, os rumores não tinham comparações. A noite caiu e ocultou os pináculos prateados, e Shard aproximou-se em meio à escuridão que se assomava até que, por volta da meia-noite, o navio pirata já se encontrava sob as ameias que davam para o mar.

E na hora em que os doentes costumam expirar e as sentinelas, em parapeitos solitários, recostam-se nas armas, exatamente meia hora antes da aurora, Shard, com dois botes a remo e metade de sua tripulação, com remos astutamente silenciados, desembarcou sob as ameias. Atravessaram a entrada do palácio antes de o alarme ser soado e, assim que o ouviram, os artilheiros de Shard, ainda no mar, abriram fogo contra a cidade, e antes que a soldadesca sonolenta de Bombasharna soubesse se o perigo vinha da terra ou do mar, Shard já havia capturado a Rainha do Sul. Teriam saqueado durante todo o dia a argêntea cidade costeira, mas com a aurora surgiram mezenas suspeitas no horizonte. Então o capitão, com a Rainha, desceu de pronto à praia, embarcou apressadamente e fez-se à vela para longe dali com o saque que conseguira obter em sua pressa, e com menos homens, pois precisaram lutar renhidamente para voltar aos botes. Amaldiçoaram durante o dia inteiro a interferência daquelas naus agourentas que se aproximavam cada vez mais. Eram de início seis navios, e naquela noite conseguiram escapar de todos, com exceção de dois; durante todo o dia seguinte os dois navios permaneceram à vista, e cada um deles possuía mais armas do que o *Desperate Lark*. Shard desviou-se pelo mar durante toda a noite seguinte, mas os navios se separaram e um manteve-se no seu encalço; e na manhã seguinte estava sozinho com Shard no mar, cujo arquipélago estava logo à vista, o segredo de sua vida.

E Shard percebeu que precisava lutar, e foi uma luta intensa, e, ainda assim, serviu aos propósitos de Shard, pois ele tinha mais gaiatos quando a contenda começara do que precisava para sua ilha. Terminaram a luta antes que algum outro navio surgisse. Shard tirou do caminho todas as evidências adversas e chegou, naquela noite, às ilhas próximas ao Mar de Sargaços.

Os que sobreviveram da tripulação já perscrutavam o mar muito antes do dia clarear e, quando chegou a aurora, lá estava a ilha — não era maior do que dois navios — retesando arduamente sua âncora, com o vento nas copas das árvores.

E eles então desembarcaram, escavaram cabinas na terra e levantaram a âncora das profundezas do mar, e em pouco tempo fizeram da ilha o que chamavam de navegável. O *Desperate Lark*, porém, enviaram vazio e a todo o pano ao mar, onde mais nações do que Shard suspeitava estavam à procura do navio e onde logo foi capturado por um almirante espanhol que, quando descobriu que não havia ninguém da infame tripulação a bordo para enforcar da lais, caiu doente de desapontamento.

E Shard, em sua ilha, ofereceu à Rainha do Sul os melhores vinhos envelhecidos de Provença, e para adorná-la a presenteou com joias indianas saqueadas de galeões que levavam tesouros à Madri; e estendeu uma mesa ao sol onde ela jantou, enquanto em uma cabine abaixo ele ordenou ao menos grosseiro de seus marinheiros que cantasse. Ainda assim, ela estava sempre taciturna e mal-humorada para com ele, e ao entardecer frequentemente o ouviam dizer que gostaria de ter sabido mais sobre os modos das rainhas. Assim viveram durante anos, os piratas principalmente jogando e bebendo sob a superfície, o Capitão Shard tentando agradar a Rainha do Sul e ela jamais esquecendo por completo Bombasharna. Quando precisavam de novas provisões, içavam velas nas árvores e, contanto que nenhum navio estivesse à vista, lançavam-se de vento em popa, com a água quebrando nas praias da ilha; porém, assim que avistavam um navio, baixavam as velas e tornavam-se numa simples rocha desconhecida.

Eles se moviam principalmente à noite; ora rondavam cidades costeiras como antigamente, ora adentravam corajosamente a foz dos rios e até mesmo se atracavam durante algum tempo ao continente, onde aproveitavam para pilhar as redondezas e escapar mais uma vez para o mar. E se um navio naufragasse em sua ilha, diziam que tanto melhor. Tornaram-se muito habilidosos nas artes náuticas e mais astutos no que faziam, pois sabiam que quaisquer novas sobre a antiga tripulação do *Desperate Lark* atrairia carrascos a todos os portos.

E não se sabe de ninguém que os tenha encontrado ou tomado posse de sua ilha. Mas surgiu um rumor, que passava de porto em porto e por todos os lugares em que marinheiros se reuniam e que continua até hoje, sobre uma perigosa rocha desconhecida, situada em algum ponto entre Plymouth e o Cabo Horn, que aparecia repentinamente nas rotas mais seguras de navios e que teria sido a causa do naufrágio de embarcações que, estranhamente, não deixavam rastros de seus paradeiros. De princípio houve certa especulação a respeito, até que foi silenciada pela observação fortuita de um homem envelhecido por devaneios:

— É um dos mistérios que assombram o mar.

E o Capitão Shard e a Rainha do Sul quase viveram felizes para sempre, embora ao entardecer aqueles de vigia nas árvores vissem o capitão se sentar com um ar intrigado ou o ouvissem murmurar ocasionalmente de um modo descontente:

— Quisera eu soubesse mais sobre os modos das rainhas.

A srta. Cubbidge e o dragão do romance

*Esta história é contada nas sacadas
de Belgrave Square e em meio às torres da Pont Street;
homens a cantam ao entardecer na Brompton Road.*

Em seu décimo oitavo aniversário, a srta. Cubbidge, do Número 12A da Prince of Wales' Square, não imaginava que antes que se passasse outro ano ela perderia de vista aquela forma oblonga desproporcional que era seu lar há tanto tempo. E se lhe contassem que dentro de um ano todos os vestígios dessa praça, e do dia em que seu pai foi eleito por uma esmagadora maioria para tomar parte na orientação dos destinos do império, desapareceriam por completo de suas lembranças, ela simplesmente teria dito, naquela voz afetada:

— De jeito nenhum!

Não houve nada a respeito nos jornais, as políticas do partido de seu pai não o previram, não houve indicações do fato nas conversas das festas noturnas que a srta. Cubbidge frequentou: não houve absolutamente nada para avisá-la de que um dragão repugnante, com escamas douradas que ressoavam à medida que se movia, sairia direto do auge das histórias românticas, passaria à noite (até onde sabemos) por Hammersmith e chegaria à Mansão Ardle, virando então à esquerda, o que o traria, é claro, à casa do pai da srta. Cubbidge.

Lá estava a srta. Cubbidge sentada sozinha na sacada, à noite, esperando que o pai recebesse o título de baronete. Calçava botas de passeio, um chapéu e um vestido de noite decotado, pois até há pouco um pintor estivera pintando seu retrato, e nem ela nem o pintor viram nada de anormal na estranha combinação. Ela não percebeu o troar das escamas douradas do dragão, tampouco conseguiu discernir, acima das diversas luzes de Londres, o pequeno brilho vermelho de

seus olhos. Ele ergueu de súbito a cabeça, um fulgor dourado, sobre a sacada; naquele instante não parecia um dragão fulvo, pois suas escamas reluzentes refletiam a beleza que tomava Londres apenas ao entardecer e à noite. Ela gritou, mas a nenhum cavaleiro, tampouco sabia a qual cavaleiro clamar, nem onde estariam os destruidores de dragões dos longínquos e românticos dias, que presa mais poderosa caçavam ou que guerras travavam; talvez estivessem ocupados, naquela mesma hora, armando-se para o Armagedom.

Da sacada da casa do pai na Prince of Wales' Square, a sacada pintada de verde-escuro que escurecia a cada ano, o dragão ergueu a srta. Cubbidge e estendeu suas troantes asas, e Londres ficou para trás como uma moda passageira. E a Inglaterra ficou para trás, e a fumaça de suas fábricas e o redondo mundo material que revolve veloz em torno do sol, afligido e perseguido pelo tempo, até que apareceram as eternas e antigas terras do Romance, baixas junto aos mares místicos.

Não era possível imaginar a srta. Cubbidge acariciando despreocupadamente a cabeça dourada de um dos dragões das canções com uma mão, enquanto com a outra por vezes brincava com as pérolas que lhe eram trazidas de cantos remotos do mar. Enchiam conchas abalôneas gigantescas com pérolas e as colocavam ao seu lado; traziam-lhe esmeraldas, que ela colocava a resplandecerem entre as longas madeixas de seus cabelos negros; traziam-lhe safiras alinhavadas para seu manto: todas essas coisas lhe eram feitas pelos príncipes de fábulas e pelos míticos elfos e gnomos. E em parte ela ainda vivia, em parte era uma só com o outrora e com aquelas histórias sagradas contadas pelas governantas, quando todas as crianças se comportam, chega a noite e o fogo está queimando bem, e as suaves batidinhas dos flocos de neve nos vidros das janelas são como os passos furtivos de seres terríveis em bosques antigos e encantados. Se a princípio ela sentia falta daquelas delicadas novidades, entre as quais fora criada, a antiga e suficiente canção do mar místico, que evocava coisas feéricas, primeiramente a acalmava e, depois, consolava-a. Esqueceu até mesmo aqueles anúncios de pílulas que eram tão estimados pela Inglaterra; esqueceu até mesmo dos jargões políticos, das coisas que se discute e das coisas que não se faz, e viu-se forçada a se contentar em vislumbrar velejarem os galeões dourados carregados com tesouros para Madri, as joviais bandeiras com o símbolo dos piratas, o minúsculo náutilo saindo para o mar e os navios de heróis, comerciando histórias românticas, ou de príncipes em busca de ilhas encantadas.

Não era com correntes que o dragão a mantinha lá, mas por meio de um dos feitiços de outrora. Para uma pessoa a quem os recursos da imprensa diária serviam há tanto tempo, feitiços seriam algo já saturado — dir-se-ia — e galeões, após algum tempo, e todas as coisas seriam ultrapassadas. Após algum

tempo. Mas quer os séculos passassem por ela, quer os anos, ou tempo algum, ela não sabia dizer. Se algo indicava a passagem do tempo, era o ritmo das trompas élficas, sopradas nas alturas. Se os séculos haviam passado por ela, o feitiço que a prendia também lhe dera juventude eterna e mantivera sempre acesa a lanterna ao seu lado, e salvara da deterioração o palácio de mármore em frente ao mar místico. E se tempo jamais passava por ela, seu único momento naquelas costas maravilhosas transformara-se, por assim dizer, em um cristal, que refletia milhares de cenas. Se fosse tudo um sonho, era um sonho que não conhecia amanhecer nem dissipação. A maré vagava e sussurrava mistérios e mitos, enquanto próximo àquela dama, adormecido em seu tanque de mármore, o dragão dourado sonhava: e, um pouco além da costa, tudo o que o dragão sonhava aparecia tenuamente na bruma que pairava sobre o mar. Nunca sonhava com algum cavaleiro libertador. Enquanto sonhava, era crepúsculo; porém, quando saía agilmente de seu tanque, a noite caía e a luz das estrelas cintilava nas escamas úmidas e douradas.

Lá ele e sua prisioneira derrotaram o Tempo ou jamais o encontraram; enquanto, no mundo que conhecemos, Roncesvalles era travada ou batalhas ainda por vir — não sei a que praia do Romance ele a levaria. Talvez ela tenha se tornado uma daquelas princesas sobre as quais as fábulas adoram contar, mas basta saber que lá ela vivia perto do mar: e reis reinaram, e demônios; reis retornaram e muitas cidades voltaram ao pó de origem, e lá ela ainda residia, seu palácio de mármore não desaparecera, nem o poder que se encontrava no feitiço do dragão.

E somente uma vez chegou até ela uma mensagem do mundo que conhecera antigamente. Chegou em um navio perolado do outro lado do mar místico; era de uma antiga colega de aula que ela tivera em Putney, uma simples nota, nada mais, em uma letra pequena, apurada e redonda, que dizia: “Não é apropriado que você esteja aí sozinha”.

A demanda das lágrimas da rainha

Sylvia, Rainha dos Bosques, reunira a corte em seu palácio silvestre e zombava de seus pretendentes. Cantaria para eles, dizia ela, oferecer-lhes-ia banquetes, contar-lhes-ia histórias de dias lendários, seus malabaristas dariam cambalhotas diante deles, seus exércitos os saudariam, seus bobos troçariam com eles e fariam chistes jocosos — ela só não poderia amá-los.

Esse não era o modo, diziam eles, de se tratar príncipes esplendorosos e trovadores misteriosos que ocultavam seus nomes régios; não estava de acordo com o fabulário; não havia precedente nos mitos. Ela deveria ter jogado sua luva, diziam eles, no covil de algum leão, deveria ter pedido uma vintena de cabeças venenosas das serpentes de Licantara, ou demandado a morte de qualquer dragão notável, ou lhes enviado a alguma demanda mortal; mas que ela não poderia amá-los!... Era algo sem precedentes — não havia paralelo nos anais das histórias românticas.

E então disse que, se precisavam de uma demanda, ela ofereceria sua mão àquele que primeiro a levasse às lágrimas: e a demanda seria chamada, como referência em histórias ou canções, de A Demanda das Lágrimas da Rainha, e com aquele que as obtivesse ela casaria, fosse ele somente um duque menor de terras desconhecidas nas histórias românticas.

E muito se enfureceram, pois esperavam por alguma demanda sangrenta; mas os velhos lordes camaristas disseram, enquanto murmuravam entre si em um canto distante e escuro da câmara, que a demanda era árdua e sábia, pois se ela pudesse vir a chorar, também poderia vir a amar. Conheciam-na desde a infância; ela nunca suspirara. Havia visto muitos homens, pretendentes e cortesãos, e jamais virara a cabeça após algum deles passar. Sua beleza era como

pores do sol imóveis de amargos entardeceres, quando todo o mundo está geado, uma maravilha e um regelo. Ela era como uma montanha banhada de sol, erguendo-se solitária, esplendorosa de gelo, uma resplandecência desolada e isolada ao final da tarde, em alturas distantes do conforto do mundo, sem bem desfrutar da companhia das estrelas, a perdição dos alpinistas.

Se ela pudesse chorar, diziam, poderia amar, diziam.

E ela sorriu, amável, para aqueles príncipes ardorosos e trovadores que ocultavam seus nomes régios.

Então, um por um, cada príncipe pretendente contou a história de seu amor, com mãos estendidas e ajoelhado; e por demais tristes e lamentáveis eram as histórias que, nos balcões acima, era frequente o choro de alguma donzela do palácio. E com muita graça assentia ela com a cabeça, como uma magnólia indiferente nas profundezas da noite, movendo indolente a todas as brisas sua gloriosa flor.

E quando os príncipes haviam cantado seus amores desesperados e partido com nenhum outro espólio além das próprias lágrimas, vieram ainda os trovadores desconhecidos e contaram suas histórias em canções, ocultando seus nomes graciosos.

E havia um, Ackronnion, trajando andrajos, cobertos com a poeira das estradas, e havia por debaixo dos trapos uma armadura marcada pela guerra, onde se viam mossas de golpes; quando dedilhou sua harpa e cantou sua canção, nos balcões acima choraram as donzelas e mesmo os velhos lordes camaristas choramingaram entre si, fazendo-os rir por entre as lágrimas e dizer:

— É fácil fazer gente velha chorar e levar donzelas preguiçosas a lágrimas indolentes; mas ele não fará chorar a Rainha dos Bosques.

E com graça ela assentiu, e ele foi o último. E, desconsolados, partiram os duques e príncipes e trovadores disfarçados. Porém, Ackronnion refletia ao partir.

Era Rei de Afarmah, Lool e Haf, soberano de Zeroora e da montanhosa Chang e duque dos ducados de Molong e Mlash, nenhuma delas pouco versada nas histórias românticas, desconhecidas ou negligenciadas na criação dos mitos. Refletiu enquanto partia em seu simples disfarce.

Ora, por aqueles que não se lembram da infância, por terem outras coisas para fazer, que se saiba que sob o Reino Encantado, que se situa, como todos os homens sabem, na Orla do Mundo, habita a Besta Gaudiosa — um sinônimo de júbilo.

É sabido como a cotovia no auge do voo, crianças brincando na rua, bruxas boas e joviais pais idosos foram comparados (de modo tão apropriado!) a essa mesma Besta Gaudiosa. Ela tem apenas uma “mania” (se me permitem, por um

momento, usar a expressão para ser perfeitamente claro), somente um inconveniente, que é o de em seu gáudio estragar os repolhos do Velho Que Cuida do Reino Encantado — e, claro, devorar homens.

É preciso que se compreenda ainda que, aquele que puder obter em uma vasilha as lágrimas da Besta Gaudiosa e embriagar-se com elas, poderá levar todas as pessoas a lágrimas de alegria, contanto que permaneça inspirado pela poção a cantar ou a tocar alguma música.

Ora, Ackronnion refletiu deste modo: que se pudesse obter as lágrimas da Besta Gaudiosa através de sua arte, impedindo, por meio da magia da música, que a criatura cometesse alguma violência; e se um amigo matasse a Besta Gaudiosa antes que esta parasse de chorar — pois o choro chega ao fim mesmo entre os homens — ele poderia escapar com as lágrimas, sorvê-las diante da Rainha dos Bosques e levá-la a lágrimas de alegria. Assim, procurou um homem nobre e humilde que não dava importância à beleza de Sylvia, Rainha dos Bosques, pois já encontrara para si uma donzela silvestre num verão distante. E o nome do homem era Arrath, um súdito de Ackronnion, um cavaleiro da guarda de lanceiros; juntos partiram pelos campos fabulares e chegaram ao Reino Encantado, uma terra que banhava a si própria no sol (como o sabem todos os homens) por léguas ao longo das orlas do mundo. E por uma passagem antiga e estranha chegaram à terra que procuravam, em meio aos ventos que sopravam na passagem vindos do espaço, com uma espécie de gosto metálico das estrelas errantes. Ainda assim chegaram à ventilada casa de sapê onde morava o Velho Que Cuida do Reino Encantado, que se sentava à janela da sala de estar, que se abriam para além do mundo. Deu-lhes as boas vindas em sua sala de estar estrelada, contou-lhes histórias do Espaço e, quando lhe contaram de sua perigosa demanda, o velho disse que seria um ato de caridade matar a Besta Gaudiosa, pois ele era obviamente um dos que não gostavam dos modos felizes da criatura. Então ele os conduziu para fora pela porta dos fundos, pois a porta da frente não tinha caminho, nem mesmo um degrau — o velho costumava jogar por ali a água suja, diretamente sobre o Cruzeiro do Sul — e assim chegaram ao jardim onde ficavam os repolhos e aquelas flores que só florescem no Reino Encantado, voltando sempre suas faces para o cometa, e o velho lhes apontou o caminho para o lugar que chamava de Embaixo, onde ficava o covil da Besta Gaudiosa. Fizeram então seus planos. Ackronnion iria pelos degraus com sua harpa e uma vasilha de ágata, enquanto Arrath daria a volta por um rochedo do outro lado. Então o Velho Que Cuida do Reino Encantado voltou para a sua casa ventilada, resmungando ferozmente ao passar por seus repolhos, pois não tinha amor pelos modos da Besta Gaudiosa. E cada um dos amigos seguiu por seu próprio caminho.

Nada se apercebeu deles, exceto aquele corvo agourento que há muito tempo se farta com a carne dos homens.

O vento que vinha das estrelas soprava gélido.

A princípio havia uma subida perigosa, mas logo Ackronnion alcançou os degraus largos e lisos que conduziam da orla do mundo ao covil, e naquele momento ouviu, vindas do alto dos degraus, as gargalhadas contínuas da Besta Gaudiosa.

Teve então medo de que a alegria da criatura pudesse ser insuperável, impossível de entristecer-se com a mais penosa das canções; no entanto, não retrocedeu, e subiu aos poucos a escadaria e, depositando a vasilha de ágata em um degrau, começou a tocar o cântico chamado Doloroso. Falava de coisas tristes e lamentadas que se sucederam a alegres cidades desde o início do mundo. Falava de como os deuses, as feras e os homens, há muito tempo, amaram seus belos companheiros, e em vão. Falava do anfitrião dourado das ledas esperanças, mas não de sua concretização. Falava de como o Amor desprezara a Morte, mas mencionava o riso desta. As gargalhadas contentes da Besta Gaudiosa cessaram de súbito em seu covil. A criatura levantou e sacudiu-se. Ainda estava infeliz. Ackronnion ainda cantava o cântico chamado Doloroso. A Besta Gaudiosa aproximava-se dele, pesarosa. Ackronnion, apesar do pânico que sentia, não parou de cantar. Cantou sobre a perversidade do tempo. Duas lágrimas brotaram, imensas, nos olhos da Besta Gaudiosa. Ackronnion empurrou com o pé a vasilha de ágata para uma posição adequada. Cantou sobre o outono e o fenecer. A fera chorou como choram as colinas cobertas de geada durante o degelo, e as lágrimas caíram pesadas na vasilha de ágata. Ackronnion continuou a cantar desesperadamente; falou das coisas alegres que não eram notadas, que os homens viam e não tornavam a ver, da luz do sol que reluzia despercebida em rostos agora definhados. A vasilha estava cheia. Ackronnion estava desesperado: a Besta estava tão próxima. Num momento pensou ver a boca dela salivando! — mas eram apenas as lágrimas que rolaram até os lábios da Besta. Ele sentia-se um naco de carne! A Besta estava parando de chorar! Ele cantou sobre mundos que desapontaram os deuses. E, de repente, um estrondo! E a lança forte de Arrath atingiu seu alvo, no ombro da criatura, e as lágrimas e os modos felizes da Besta Gaudiosa findaram-se para sempre.

Levaram embora com cuidado a vasilha de lágrimas, deixando o corpo da Besta Gaudiosa como uma mudança na alimentação do corvo agourento. Ao passar pela casa de sapê ventilada disseram adeus ao Velho Que Cuida do Reino Encantado que, quando soube do feito, esfregou as mãos e murmurou várias vezes:

— E foi também algo muito bom. Meus repolhos! Meus repolhos!

E pouco tempo depois Ackronnion cantou novamente no palácio silvestre da Rainha dos Bosques, tendo primeiro bebido todas as lágrimas de sua vasilha de ágata. Era uma noite de festa e toda a corte estava lá, assim como embaixadores das terras lendárias e míticas, e até mesmo alguns da Terra Cónita.

E Ackronnion cantou como nunca cantara e como nunca voltará a cantar. Ah, mas dolorosos, tão dolorosos são todos os caminhos do Homem, poucos e ardentes os seus dias, o fim sofrimento e tão vão o seu esforço: e o destino da Mulher (quem o contará?) é escrito junto ao do Homem por deuses indiferentes e descuidados, com seus rostos voltados a outras esferas.

Começou mais ou menos dessa maneira, e então foi tomado de inspiração, e não serei capaz de descrever toda a aflição na beleza de sua canção: havia muita alegria nela, misturada com tristeza — era como os caminhos do Homem, era como o nosso destino.

Soluços surgiram com sua canção, suspiros voltavam ecoantes: senescais e soldados soluçavam, e um choro distinto era vertido pelas donzelas; como chuva caíam as lágrimas, de balcão em balcão.

E ao redor da Rainha dos Bosques tudo era uma tempestade de soluços e pesar.

Mas não, ela não choraria.

O tesouro dos Gibbelins

Os Gibbelins comem, como bem se sabe, nada menos saboroso do que a carne humana. Sua torre maligna liga-se à Terra Cónnita, às terras que conhecemos, por uma ponte. Seu tesouro está além da imaginação; a avareza não daria conta dele. Os Gibbelins possuem um porão em separado para esmeraldas e um para safiras; encheram um buraco com ouro e cavam-no dali quando precisam dele. E a única utilidade que se conhece para sua riqueza absurda é atrair à despensa dos Gibbelins um abastecimento contínuo de alimentos. Sabe-se que eles, em épocas de escassez, espalham rubis por terras distantes, com uma pequena trilha deles até alguma cidade dos Homens, e, sem falta, logo suas despensas ficam novamente cheias.

Sua torre situa-se do outro lado daquele rio conhecido por Homero — ὁ ῥόος ἄχεαυόιο, como ele o chamava — que circunda o mundo. E a torre foi construída pelos antepassados glutões dos Gibbelins no ponto em que o rio é estreito e vadeável, pois lhes agradava observar os ladrões remando facilmente até seus degraus. O sustento que o solo comum não fornece as gigantes árvores de lá drenavam com as suas colossais raízes, das duas margens do rio.

Lá os Gibbelins viviam e se alimentavam ignominiosamente.

Alderic, Cavaleiro da Ordem da Cidade e da Investida, hereditário Guardião da Paz de Espírito do Rei, um homem que não fora esquecido pelos criadores de mitos, ponderou por tanto tempo sobre o tesouro dos Gibbelins que, a essa altura, já o considerava seu. Que lástima eu ter de dizer que o motivo de tão perigosa aventura, empreendida na calada da noite por um homem valoroso, foi pura avareza! Contudo, era apenas na avareza que os Gibbelins fiavam-se para manter as suas despensas cheias e, a cada cem anos, enviavam espiões até as cidades dos homens para que vissem como andava a avareza, e os espiões sempre retornavam à torre dizendo que tudo ia bem.

Poderíamos pensar que, à medida que os anos passavam e os homens encontravam terríveis fins na parede daquela torre, o número dos que acabariam na mesa dos Gibbelins seria cada vez menor: mas eles descobriram que não era esse o caso.

Alderic não foi até a torre na insensatez e frivolidade de sua juventude; antes estudou cuidadosamente por muitos anos as maneiras em que os ladrões encontravam sua perdição quando partiam em busca do tesouro que ele considerava seu. *Em todos os casos, eles haviam entrado pela porta.*

Consultou os que deram conselhos sobre essa busca; atentou a cada detalhe, pagou-lhes seus preços de bom grado e decidiu não fazer nada daquilo que aconselharam, pois o que eram os seus clientes agora? Não mais do que exemplos da arte da boa mesa e meras lembranças quase esquecidas de uma refeição; e muitos, talvez, nem isso mais.

Eram estes os requisitos para a demanda, segundo recomendavam esses homens: um cavalo, um barco, uma armadura e pelo menos três homens de armas. Alguns diziam: “Sobre a trompa na porta da torre”; outros diziam: “Não toque nela”.

Alderic decidiu assim: não iria a cavalo até a margem do rio, não o atravessaria a remo e iria sozinho, tomando o caminho da Floresta Impassável.

Como passar, poderíamos perguntar, o impassável? Era este seu plano: havia um dragão que ele conhecia e que, caso se desse crédito às preces dos camponeses, merecia morrer, não só por causa da quantidade de donzelas que matara cruelmente, mas porque ele era ruim para as plantações, devastava a terra e era a ruína do ducado.

Ora, Alderic decidiu bater-se com a criatura. Montou então em seu cavalo, armado com uma lança, e instigou-o até encontrar o dragão, e este veio de encontro ao cavaleiro soprando uma fumaça sufocante. E a ele Alderic gritou:

— Porventura um vil dragão já matou um verdadeiro cavaleiro?

E bem sabia o dragão que isso jamais se sucedera, e então abaixou a cabeça, ficando em silêncio, pois havia se fartado com sangue.

— Por conseguinte — continuou o cavaleiro —, se tu nunca mais provares do sangue de donzelas, poderás ser minha fiel montaria. Do contrário, por meio desta lança abater-se-á sobre ti tudo aquilo que os trovadores contam dos destinos da tua raça.

O dragão não abriu a sua voraz boca, nem investiu contra o cavaleiro, cuspidando fogo, pois bem sabia do destino dos que faziam tais coisas e concordou com os termos impostos, jurando ao cavaleiro tornar-se sua fiel montaria.

Foi sobre uma sela, no dorso do dragão, que mais tarde Alderic passou por cima da impassável floresta, por cima até mesmo das copas daquelas árvores imensuráveis, filhas de prodígios. Entretanto, primeiro refletiu sobre o seu plano sutil, que ia além de simplesmente evitar tudo o que havia sido feito outrora. Deu ordens a um ferreiro, e o ferreiro lhe fez uma picareta.

Ora, houve grande júbilo ao se ouvirem os rumores sobre a busca de Alderic, pois todos sabiam que ele era um homem cauteloso e criam que ele seria bem-sucedido e enriqueceria o mundo, e, nas cidades, as pessoas esfregavam as mãos ao pensar no que receberiam. Houve muita alegria entre todos os homens do país de Alderic, exceto talvez entre os usurários, que temiam ser pagos em breve. E houve júbilo também porque os homens esperavam que os Gibbelins, quando tivessem seu tesouro roubado, derrubariam sua ponte elevada, arrebutariam as correntes douradas que os prendiam ao mundo e flutuariam, eles e sua torre, de volta para a lua, de onde haviam vindo e onde era seu lugar. Havia pouco amor pelos Gibbelins, embora todos os homens invejassem seu tesouro.

Então todos celebraram, no dia em que ele montou seu dragão, como se já fosse um conquistador, e o que lhes agradou mais do que o bem que esperavam que fizesse ao mundo foi o fato de Alderic espalhar seu ouro pelo caminho ao partir, pois dizia que não teria necessidade dele caso encontrasse o tesouro dos Gibbelins, e necessitaria ainda menos se viesse a fumar na mesa deles.

Quando ouviram que ele recusara os conselhos dados pelos outros, alguns disseram que o cavaleiro estava louco, outros que era superior aos que haviam dado os conselhos, porém ninguém reconheceu o mérito de seu plano.

Alderic pensava assim: durante séculos, homens foram bem aconselhados e tomaram o caminho mais óbvio, enquanto os Gibbelins haviam se habituado a esperar que eles viessem de barco e a esperá-los à porta, sempre que as suas despensas estivessem vazias, tal como um homem à procura de narcejas em um brejo; mas o que fariam, dizia Alderic, se uma narceja pousasse na copa de uma árvore? Os homens a encontrariam lá? Indubitavelmente que nunca! De modo que Alderic decidiu atravessar o rio a nado e não entrar pela porta, mas abrir

caminho na pedra para dentro da torre. Além disso, tinha em mente trabalhar abaixo do nível do oceano, o rio (como sabia Homero) que circunda o mundo, para que, tão logo abrisse um buraco na parede, a água começasse a entrar, confundindo os Gibbelins e inundando os porões, que segundo os rumores tinham seis metros de profundidade, e lá ele mergulharia em busca de esmeraldas como um mergulhador em busca de pérolas.

E, no dia de que falo, saiu ele a galope de casa, espalhando ouro em abundância, como eu havia dito. Passou por muitos reinos, com o dragão tentando abocanhar donzelas enquanto seguiam o caminho, mas incapaz de devorá-las por causa do freio que tinha na boca, recebendo como delicada recompensa uma esporada onde tinha a carne mais macia. Chegaram assim ao sombrio precipício arbóreo da Floresta Impassável. O dragão alçou voo com um bater de asas. Muitos fazendeiros que viviam perto da orla do mundo viram-no lá no alto, onde o crepúsculo ainda se demorava, uma linha difusa e escura, que oscilava; e, tomando-o por um bando de gansos que chegavam à terra vindos do oceano, entraram em suas casas esfregando alegremente as mãos, dizendo que o inverno estava chegando e que logo teriam neve. Em pouco tempo até mesmo o crepúsculo desapareceu naquele local, e, quando pousaram na borda do mundo, já era noite e a lua brilhava. O Oceano, o rio ancestral, estreito e raso naquele ponto, corria sem fazer barulho. Quer estivessem em um banquete, quer vigiassem à porta, os Gibbelins também não faziam barulho. Alderic desmontou, tirou a armadura e, fazendo uma prece à sua dama, pôs-se a nadar com a picareta. Não se separou da espada, por temer encontrar um Gibbelin. Ao chegar do outro lado, começou a trabalhar imediatamente, e tudo ia bem com ele. Ninguém colocou a cabeça para fora de alguma janela, sendo que todas estavam iluminadas e, assim, ninguém que estivesse lá dentro poderia vê-lo no escuro. Os golpes da sua picareta eram abafados nas paredes fundas. Trabalhou durante toda a noite, não houve som algum que viesse lhe perturbar e, ao amanhecer, a última pedra cedeu e caiu para dentro, e o rio brotou em seguida. Alderic então pegou uma pedra, foi até o degrau mais baixo e lançou-a na porta; ouviu os ecos reverberarem dentro da torre, voltou correndo e mergulhou pelo buraco na parede.

Ele estava no porão das esmeraldas. Não havia luz na abóbada elevada acima dele, mas, mergulhando através de seis metros de água, sentiu o chão coberto de esmeraldas e os cofres abertos repletos das pedras. Através de um raio de luar tênue, viu que a água estava verde por causa das pedras e, tendo enchido facilmente uma sacola, voltou à superfície; e lá estavam os Gibbelins, com água pela cintura e tochas nas mãos! E, sem dizerem uma palavra, *nem mesmo sorrir*,

penduraram-no habilmente na parede externa da torre — e a história é uma daquelas que não têm um final feliz.

Como Nuth teria praticado sua arte contra os gnoles

Apesar das propagandas de firmas rivais, é provável que todos os negociantes saibam que, atualmente, ninguém no ramo encontra-se em posição semelhante à do sr. Nuth. Seu nome é pouco conhecido por aqueles que não fazem parte do círculo mágico do ramo; ele não precisa de divulgação, ele é consumado. É superior até mesmo à concorrência atual e, seja o que for que aleguem, os seus rivais sabem disso. Os seus termos são moderados: uma quantia tal quando a mercadoria for entregue, outra tanta na chantagem posterior. Ele pergunta o que lhe será mais conveniente. Pode-se confiar em suas habilidades; já vi uma sombra, em uma noite de ventania, mover-se fazendo mais barulho do que Nuth, pois Nuth é um ladrão por profissão. Sabe-se de homens que passam algum tempo em uma casa de campo e, mais tarde, enviam um negociante para conseguir por um bom preço alguma tapeçaria que viram no local, algum móvel ou um quadro. Isso é de mau gosto; porém, aqueles de trato mais requintado invariavelmente enviam Nuth uma noite ou duas após a visita. Ele tem jeito com tapeçarias: o senhor mal notaria que as bordas teriam sido cortadas. E com frequência, quando vejo alguma casa grande e nova repleta de móveis antigos e retratos de outras épocas, digo comigo mesmo: “Essas cadeiras bolorentas, esses antepassados de corpo inteiro e mognos entalhados são produto do incomparável Nuth”.

É possível que o uso que faço da palavra *incomparável* seja contestado com base no fato de que, no ramo dos roubos, o nome de Slith ocupa um lugar único e soberano — fato que não ignoro. Mas Slith é um clássico, viveu há muito

tempo e nada sabia acerca da concorrência atual; além disso, a natureza extraordinária de seu destino possivelmente lançou sobre Slith um fascínio que, aos nossos olhos, exagera os seus incontestáveis méritos.

Não pense que sou amigo de Nuth; pelo contrário: as minhas posições políticas encontram-se do lado da Propriedade. Ele não necessita de alguma palavra de minha parte, pois a sua posição é quase que única no ramo, por se encontrar entre os pouquíssimos que não precisam de divulgação.

Na época em que a minha história tem início, Nuth vivia em uma casa espaçosa, em Belgrave Square: havia feito, à sua inimitável maneira, amizade com a zeladora. O lugar servia às necessidades de Nuth e, sempre que alguém aparecia para uma vistoria do local, antes de efetuar a compra, a zeladora costumava elogiar a casa com as palavras que Nuth sugerira.

— Se não fosse pelo encanamento — dizia ela —, seria a melhor casa de Londres.

E quando se atinham a essa observação e faziam perguntas sobre o encanamento, ela respondia que o encanamento também era bom, apenas não era tão bom quanto a casa. Não viam Nuth quando examinavam os cômodos, mas Nuth estava lá.

Em uma manhã de primavera, uma senhora idosa, trajando um vestido preto impecável e um chapéu de forro vermelho, foi até essa casa e perguntou pelo sr. Nuth; com ela foi o seu filho, grande e desajeitado. A srta. Eggins, a zeladora, olhou para os dois lados da rua e, deixando-os entrar depois, fez com que esperassem na sala de estar, em meio a misteriosos móveis cobertos por lençóis. Esperaram por um longo tempo, quando então sentiram um cheiro de fumo e lá estava Nuth, parado bem próximo a eles.

— Céus — disse a senhora idosa cujo chapéu tinha um forro vermelho —, o senhor me deu um susto.

E então, pelos olhos dele, ela percebeu que aquele não era o modo de se falar com o sr. Nuth.

E por fim Nuth falou e a senhora idosa explicou, muito nervosa, que o seu filho era um rapaz promissor e que já estava no ramo, mas gostaria de se aprimorar, e ela queria que o sr. Nuth o ensinasse como ganhar a vida.

Nuth, antes de mais nada, queria ver alguma referência e, quando lhe mostraram uma escrita por um joalheiro com quem, por acaso, ele era unha e carne, o resultado foi que concordou em aceitar o jovem Tonker (pois era esse o sobrenome do rapaz promissor) e torná-lo seu aprendiz. E a senhora idosa cujo chapéu era forrado de vermelho voltou para seu pequeno chalé no interior, e todas as noites dizia ao marido:

— Tonker, precisamos trancar as janelas à noite, pois Tommy agora é um ladrão.

Não é minha intenção fornecer os detalhes do aprendizado do rapaz promissor; pois os que são do ramo já conhecem esses detalhes e os que são de outros ramos importam-se apenas com os seus próprios, enquanto que homens desocupados, sem ramo algum, não saberiam apreciar o progresso de Tommy Tonker de, a princípio, atravessar um assoalho de madeira, cheio de pequenos obstáculos, no escuro e sem fazer nenhum barulho, passando então a subir silenciosamente escadas que rangiam, abrir portas e, por último, escalar.

Basta dizer que os negócios prosperavam bastante, enquanto relatos entusiásticos do progresso de Tommy Tonker eram enviados, de tempos em tempos, à senhora idosa cujo chapéu era forrado de vermelho, com a letra laboriosa de Nuth. Nuth havia desistido muito cedo das lições de caligrafia, pois ele parecia ter algum preconceito contras as falsificações e, portanto, considerava a escrita uma perda de tempo. E então surgiu a transação com Lorde Castlenorman, em sua residência em Surrey. Nuth escolheu uma noite de sábado, pois ocorria que o sábado era observado como Sabá pela família de Lorde Castlenorman, e às onze horas a casa inteira estava em silêncio. Cinco minutos antes da meia-noite Tommy Tonker, instruído pelo sr. Nuth, que esperava do lado de fora, saiu da casa com anéis e abotoaduras no bolso. A quantidade não era das maiores, mas os joalheiros de Paris não conseguiriam igualá-la sem mandar buscar especialmente joias na África, de modo que Lorde Castlenorman teve de pegar emprestadas abotoaduras de osso.

Nem mesmo os rumores sussurravam o nome de Nuth. Se eu dissesse que isso lhe subia à cabeça, haveria aqueles que ficariam aflitos com essa afirmação, pois seus associados sustentam que o seu bom senso perspicaz não podia ser afetado pelas circunstâncias. Direi, portanto, que sua genialidade foi instigada a planejar o que nenhum ladrão já planejara. Nada menos do que assaltar a casa dos gnoles. E essa ideia aquele homem moderado revelou a Tonker durante o chá. Se Tonker não estivesse quase louco de orgulho devido à sua recente transação e se não estivesse cego de admiração por Nuth, ele teria... mas estou chorando pelo leite derramado. Tonker objetou de maneira respeitosa; disse que preferia não ir; disse que não era justo; permitiu-se discutir; e, no fim, em uma manhã ventosa de outubro, com uma ameaça no ar, ele e Nuth aproximavam-se da pavorosa floresta.

Nuth, pesando e comparando pequenas esmeraldas com pedaços comuns de pedra, averiguara o peso provável dos ornamentos domésticos que se acredita que os gnoles possuam na estreita casa elevada em que têm morado desde os tempos antigos. Decidiram roubar duas esmeraldas e carregá-las entre eles sobre

um manto; porém, se fossem pesadas demais, uma deveria ser largada imediatamente. Nuth advertiu o jovem Tonker sobre a cobiça e explicou que as esmeraldas valiam menos do que queijo até que estivessem a uma distância segura da pavorosa floresta.

Tudo havia sido planejado, e agora caminhavam em silêncio.

Não havia rastros, de homens ou de gado, na direção das trevas sinistras das árvores; nem um único caçador estivera lá à procura de elfos por mais de cem anos. Não se invadia duas vezes os vales dos gnoles. E, além das coisas que eram cometidas ali, as próprias árvores eram um aviso e não tinham o aspecto salubre das que nós mesmos plantamos.

A aldeia mais próxima ficava a algumas milhas dali, com os fundos de todas as casas voltados para a floresta e sem uma janela sequer que se abrisse naquela direção. Não falavam sobre a floresta na aldeia, e em outros lugares ela é desconhecida.

Nuth e Tommy Tonker adentraram essa floresta. Não carregavam armas de fogo. Tonker pedira uma pistola, mas Nuth dissera que o som de um tiro “faria o mundo cair sobre eles”, e não se falou mais no assunto.

Adentraram cada vez mais a floresta durante o dia inteiro. Viram o esqueleto de algum antigo caçador georgiano pregado a uma porta em um carvalho; às vezes viam uma fada fugir deles. Em uma ocasião, Tonker pisou com todo seu peso em um graveto seco e duro, o que fez com que os dois ficassem parados por vinte minutos. O pôr do sol iluminou os troncos das árvores de modo agourento, a noite caiu e, sob a luz caprichosa das estrelas, como Nuth previra, chegaram àquela casa elevada e estreita, onde os gnoles viviam tão secretamente.

Estava tudo tão silencioso ao redor daquela casa desprezada que a coragem de Tonker, que havia desaparecido, ressurgiu, mas para os sentidos experientes de Nuth tudo parecia silencioso demais; e, no céu, era constante aquela aparência que era pior do que uma sentença declarada, de modo que Nuth, como é frequentemente o caso quando os homens ficam em dúvida, teve tempo de temer pelo pior. Mesmo assim, não abandonou a empreitada, enviando o rapaz promissor com os instrumentos da profissão pela escada até o batente verde e antigo de uma janela. E, no momento em que Tonker tocou na madeira ressequida, o silêncio, que apesar de agourento era terreno, tornou-se sobrenatural como o toque de um ghoul. Tonker ouvia sua respiração ofender aquele silêncio, seu coração era como tambores ensandecidos durante um ataque noturno, e uma tira de uma de suas sandálias enroscou-se num degrau da escada, as folhas da floresta estavam mudas e a brisa da noite não soprava. E Tonker rezou para que um camundongo ou uma toupeira fizessem qualquer barulho, mas nenhuma criatura se moveu, e até Nuth estava imóvel. E naquele instante, enquanto ainda

não havia sido descoberto, o rapaz promissor tomou a decisão, que deveria ter tomado muito antes, de deixar aquelas colossais esmeraldas onde estavam e não ter mais nada a ver com a casa elevada e estreita dos gnoles, para sair dessa floresta sinistra na última hora, deixar o ramo de imediato e comprar uma casa no campo. Desceu suavemente a escada e acenou para Nuth. Mas os gnoles o haviam observado pelos buracos enganosos que fizeram nos troncos das árvores, e o silêncio deu lugar, como que por encanto, aos gritos rápidos de Tonker quando o apanharam por trás — gritos que ficaram cada vez mais rápidos, até se tornarem incoerentes. E não é bom perguntar para onde o levaram, e não direi o que fizeram com ele.

Nuth observou por um instante do canto da casa, com uma leve surpresa no rosto enquanto esfregava o queixo, pois o truque dos buracos nas árvores era novidade para ele; então se esgueirou, lépido, para fora da pavorosa floresta.

— E eles pegaram Nuth? — o senhor me pergunta, caro leitor.

— Ah, não, minha criança — (pois tal pergunta é pueril). — Ninguém pega Nuth, jamais.

Como alguém chegou, como fora previsto, à Cidade do Nunca

O menino que brincava nos terraços e jardins à vista das colinas de Surrey jamais pensou que chegaria à Cidade Derradeira, que veria os Abismais, os barbacãs e os minaretes sagrados da cidade mais poderosa de que se tinha conhecimento. Lembro-me dele agora como uma criança com um pequeno regador vermelho, andando pelos jardins em um dia de verão que iluminava as terras quentes do sul, encantado em sua imaginação com todas as histórias de aventuras por demais triviais. E o tempo todo lhe estava reservada aquela façanha admirada pelos homens.

Durante toda a infância, ao olhar em outras direções, além das colinas de Surrey, ele viu aquele precipício que, muralha sobre muralha e montanha sobre montanha, encontra-se nos confins do Mundo, e que em perpétuo crepúsculo, a sós com a Lua e o Sol, sustenta a inconcebível Cidade do Nunca. Estava destinado a caminhar por suas ruas, bem sabia a profecia. Possuía o cabresto mágico, uma corda desgastada que recebera de uma velha errante. Esse cabresto tinha o poder de prender qualquer animal cuja raça jamais tenha conhecido a servidão, como o unicórnio, o hipogrifo Pégaso, dragões e serpes; porém, era inútil com um leão, girafa, camelo ou cavalo.

Quantas vezes vimos a Cidade do Nunca, maravilha das Nações! Não quando é noite no Mundo e não podemos ver além das estrelas; não quando o sol está brilhando onde vivemos, turvando-nos a vista. Mas, quando o sol se põe em certos dias de tempestade, subitamente pesaroso ao entardecer, e aparecem aquelas escarpas esplendorosas, que quase tomamos por nuvens, num crepúsculo

sobre nós tal como se encontra eternamente acima delas, vemos então naqueles picos reluzentes aquelas abóbadas douradas voltadas para as orlas do Mundo como que a dançar dignas e serenas na luz suave do entardecer, origem do Deslumbramento. Nessa hora a Cidade do Nunca, distante e jamais visitada, contempla seu irmão, o Mundo.

Fora profetizado que ele chegaria lá. Sabiam-no quando os seixos estavam sendo criados e antes de as ilhas de coral serem entregues ao mar. E assim a profecia se cumpriu, passou à história e, por fim, ao Esquecimento, de onde a arrasto ao passar flutuando, fazendo com que um dia eu tropece nela. Os hipogrifos dançam antes do amanhecer nos ares superiores; muito antes do sol luzir em nossos gramados, voam para brilhar na luz que ainda não chegou ao Mundo, e quando a aurora desponta por detrás das colinas escarpadas, sentida pelas estrelas, eles voltam à terra, até que a luz do sol toque as copas das árvores mais altas. Os hipogrifos aterrissam com um ruflar de penas, dobrando as asas, e galopam em meio a cabriolas até chegar a alguma cidade próspera, rica e detestável, quando saltam de pronto dos campos e voam para longe dali, perseguidos pelas horríveis fumaças do local até chegarem mais uma vez aos puros ares azuis.

Aquele que em tempos idos a profecia disse que chegaria à Cidade do Nunca foi com o seu cabresto mágico, numa madrugada, até as margens do lago onde os hipogrifos aterrissavam ao amanhecer, pois a relva ali era macia e podiam muito galopar antes de chegarem a alguma cidade; e ali ele aguardou, oculto, próximo das marcas de cascos. A luz das estrelas diminuiu um pouco, deixando-as indistintas; não havia ainda outro sinal do amanhecer, quando das profundezas da noite surgiram pequenos pontos amarelados, depois quatro, cinco: eram os hipogrifos dançando e rodopiando à luz do sol. Outra manada veio se juntar à primeira, e agora já eram em doze; dançavam, suas cores refletiam no sol e desciam lentamente, dando grandes voltas. As árvores no solo despontavam contra o céu, cada galho delicado de um negrume profundo; uma estrela desapareceu de seu aglomerado, depois outra; e a aurora avançava como uma música, como uma nova canção. Patos seguiam para o lago, vindos de escuros campos de milho ainda dormentes; vozes soavam ao longe, a água foi assumindo uma determinada coloração e os hipogrifos continuavam a se banhar na luz, deleitando-se no céu; contudo, quando os pombos se agitaram em seus galhos e o primeiro passarinho alçou voo, e os pequenos mergulhões arriscaram-se a colocar as cabeças para fora dos juncos, baixaram de repente os hipogrifos, com um estrondo de penas. Ao tocarem o solo, vindos das alturas celestiais banhados com o primeiro raiar do dia, o homem, cujo destino desde outrora era chegar à Cidade do Nunca, levantou-se de um salto e capturou o último hipogrifo com o

cabresto mágico. A criatura arremetia, mas não conseguia escapar, pois os hipogrifos estão entre as raças livres e, como a magia tem poder sobre o que é mágico, o homem o montou e o hipogrifo voltou novamente às alturas de onde viera, como uma fera ferida que volta para casa. Quando retornaram às alturas, o temerário cavaleiro viu à sua esquerda, gigantesca e bela, a Cidade do Nunca a que estava destinado, e contemplou as torres de Lel e Lek, Neerib e Akathooma e as escarpas de Toldenarba reluzentes no crepúsculo como uma estátua de alabastro do Entardecer. Puxou o cabresto naquela direção, para Toldenarba e os Abismais; as asas do hipogrifo ribombavam conforme o cabresto o virava. Quem poderá contar sobre os Abismais? Seu mistério é secreto. Alguns creem que são a origem da noite e que as trevas são vertidas de dentro deles sobre o mundo ao cair da noite; outros dão a entender que conhecê-los poderá causar a destruição de nossa civilização.

O cavaleiro era observado incessantemente dos Abismais por aqueles olhos que tinham tal missão; os morcegos que lá habitavam ergueram-se das profundezas quando viram a surpresa naqueles olhos; as sentinelas nos baluartes notaram a revoada de morcegos e ergueram as lanças, prontos para a guerra. Entretanto, quando perceberam que a guerra pela qual vigiavam não estava caindo sobre eles, abaixaram as lanças e permitiram que ele entrasse, e este atravessou a passagem terrestre a toda velocidade. E eis que chegou, como previsto, à Cidade do Nunca, sobranceira sobre Toldenarba, e viu o crepúsculo tardio naqueles pináculos que não conhecem outra luz. Todas as abóbadas eram de cobre, mas os coruchéus eram de ouro. Aqui e ali se viam pequenos degraus de ônix. As ruas eram gloriosas com seu pavimento de ágata. De suas casas, os habitantes observavam por pequenas vidraças quadradas de quartzo róseo. Quando olhavam para fora, o Mundo parecia alegre ao longe. Ainda que eternamente ornada com o manto do crepúsculo, a beleza da cidade fazia jus a tamanha maravilha: exceto um ao outro, a cidade e o crepúsculo eram inigualáveis. Seus bastiões eram feitos de uma pedra desconhecida no mundo em que vivemos: extraída não se sabe de onde, porém chamada pelos gnomos de *abyx*, reflete ao crepúsculo suas glórias, em todas as cores, de modo que ninguém pode dizer onde começa uma e termina o outro, assim como o crepúsculo e a Cidade do Nunca; são os gêmeos, filhos mais belos do Deslumbramento. Lá esteve o Tempo, mas sem causar destruição, conferindo às abóbadas feitas de cobre um lindo tom verde claro e deixando intocado o resto, mesmo ele, o eversor de cidades, por qual peita eu não sei. Em Nunca, porém, choram com frequência por mudanças e finamento, lamentando catástrofes em outros mundos e por vezes construindo templos a estrelas mortas que caíam da Via Láctea em chamas, prestando-lhes adoração quando para nós há muito estão esquecidas. Possuem outros templos — quem saberá dizer a quais divindades?

E aquele que era o único dos homens destinado a chegar à Cidade do Nunca estava satisfeito em contemplá-la ao trotar pela rua de ágata, com as asas de seu hipogrifo dobradas, e ver, em ambos os lados, incontáveis maravilhas que mesmo a China desconhece. Ao se aproximar do talude mais afastado da cidade, onde habitante algum circulava, e olhar para a direção na qual nenhuma das casas estava voltada com suas janelas róseas, viu subitamente ao longe uma cidade ainda maior, que apequenava as montanhas. Quer aquela cidade tivesse sido construída sobre o crepúsculo, quer se erguesse das costas de algum outro mundo, ele não sabia dizer. Viu que ela dominava a Cidade do Nunca e empenhou-se em chegar até lá; mas a visão desse imensurável lar de colossos desconhecidos fez com que o hipogrifo entrasse em pânico, e nem o cabresto mágico, nem nada que ele fizesse conseguia fazer com que o monstro voltasse o

olhar para a gigantesca cidade. Por fim, dos arredores desertos da Cidade do Nunca, onde nenhum habitante caminhava, o cavaleiro voltou-se lentamente em direção à terra e descobriu por que todas as janelas abriam-se para esse lado: os habitantes do crepúsculo olhavam para o mundo, mas não para algo que era maior que eles. Assim, do último degrau da escadaria terrestre, passando os Abismais e a face resplandecente de Toldenarba, descendo das glórias obscurecidas da Cidade do Nunca, tingida de ouro, e deixando para trás o crepúsculo perpétuo, voava o homem em seu monstro alado: o vento, que no momento estava adormecido, saltou como um cão com a arremetida, soltou um grito e deixou-os para trás. Já era manhã no Mundo lá embaixo; a noite afastava-se, arrastando o seu manto pelo caminho, fazendo com que brumas brancas se deslocassem ao passar. O mundo estava cinzento, mas brilhava; luzes piscavam inesperadas em janelas matutinas; sobre campos turvos e úmidos pastavam as vacas, saídas de seus estábulos — e nessa hora, mais uma vez, as patas do hipogrifo tocaram o solo. E no momento em que o homem desmontou e retirou o cabresto mágico, o hipogrifo saiu voando em disparada, de volta a algum lugar de dança de sua raça.

E aquele que venceu a resplandecente Toldenarba e que, único dentre os homens, chegou à Cidade do Nunca, tem o seu nome e a sua fama entre nações. Mas ele e as pessoas daquela cidade sombria têm consciência de duas coisas que os outros homens não suspeitam: eles, de que há uma cidade mais bela do que a em que vivem; ele... de um feito que não foi realizado.

A coroação do sr. Thomas Shap

O trabalho do sr. Thomas Shap era convencer os clientes de que os produtos eram genuínos e de excelente qualidade e que, no tocante ao preço, suas tácitas vontades eram consultadas. Para realizar seu trabalho, saía bem cedo, todas as manhãs, do subúrbio em que dormia e cruzava algumas milhas até a Cidade de trem. Era esse o uso que fazia de sua vida.

No momento em que percebeu pela primeira vez (não da maneira como se lê algo em um livro, mas do modo em que o instinto revela as verdades) a bestialidade de seu trabalho, da casa onde dormia, o feitio, o aspecto e as pretensões da ocupação, e até mesmo das roupas que vestia; a partir daquele momento ele afastou os seus sonhos do trabalho, suas fantasias, ambições, tudo, na verdade, exceto aquele ponderado sr. Shap, que vestia uma sobrecasaca, comprava passagens, lidava com dinheiro e, por sua vez, podia ser lidado pelo estatístico. A parte sacerdotal do sr. Shap, a parte do poeta, jamais pegou o primeiro trem para a Cidade.

Começou deixando a imaginação voar aos poucos, passando o dia inteiro, sonhador, em campos e rios que eram banhados pelo sol com maior intensidade, no Sul. Depois passou a imaginar borboletas lá; em seguida, pessoas com vestimentas de seda e os templos que construía aos seus deuses.

Perceberam que ele estava calado, às vezes até mesmo distraído, mas não tinham do que reclamar do seu comportamento com os clientes, aos quais permanecia tão razoável quanto antes. Assim, ele passou o ano sonhando e, conforme sonhava, suas fantasias ganhavam força. Ainda lia jornais baratos no trem, ainda discutia o tópico efêmero do dia, ainda votava nas eleições... apesar

de não fazer mais essas coisas como o Shap pleno — sua alma não estava mais nelas.

Tivera um ano agradável, sua imaginação ainda lhe era uma novidade, que descobria seguidamente coisas belas para os lados em que se dirigia, para o sudeste, no limiar do crepúsculo. Como ele tinha uma mente prática e lógica, seguidamente dizia: “Por que pagar meus dois *pence* no teatro elétrico quando posso ver facilmente do lado de fora toda espécie de coisas?” O que quer que fizesse era lógico, antes de mais nada, e aqueles que o conheciam sempre falavam de Shap como “um homem sensato, são e equilibrado”.

No dia que, sem dúvida, era o mais importante de sua vida, ele foi como de costume à cidade com o primeiro trem para vender artigos razoáveis aos seus clientes, enquanto o Shap espiritual vagava por terras fantásticas. Ao deixar a estação com um ar sonhador, porém totalmente desperto, ocorreu-lhe de súbito que o verdadeiro Shap não era o que estava indo para o Trabalho vestindo roupas pretas e feias, mas o que vagava no limiar de uma selva próxima aos baluartes de uma antiga cidade oriental, que se erguia da areia e de encontro a qual o deserto se chocava com uma onda eterna. Costumava imaginar que o nome da cidade era Larkar. “Afinal, a imaginação é tão real quanto o corpo”, dizia ele, com perfeita lógica. Era uma teoria perigosa.

Percebeu, como no Trabalho, a importância e o valor do método para aquela outra vida que levava. Não deixava a imaginação ir muito longe até que conhecesse perfeitamente os arredores. Evitava em particular a selva — não tinha medo de encontrar um tigre lá (afinal, o tigre não era real), mas poderia haver coisas mais estranhas à espreita. Construiu Larkar aos poucos: baluarte a baluarte, torres para os arqueiros, portões de bronze e tudo o mais. E então um dia afirmou, corretamente, que todas as pessoas com vestimentas de seda nas ruas, seus camelos, suas mercadorias que vinham de Inkustahn e a própria cidade eram todos produtos de sua vontade — e tornou a si próprio Rei. Depois do ocorrido, sorria quando as pessoas não lhe tiravam os chapéus na rua, ao caminhar da estação até o Trabalho; porém, ele era prático o suficiente para saber que era melhor não falar sobre isso com aqueles que o conheciam somente como sr. Shap.

Agora que era Rei da cidade de Larkar e de todo o deserto a Leste e ao Norte, mandou sua imaginação ir mais longe. Reuniu os regimentos da guarda de camelos e partiu retinindo de Larkar, com sininhos de prata sob os queixos dos camelos, e chegou a outras cidades distantes naquela areia amarela, de paredes e torres alvíssimas, que se erguiam sob o sol. Passou com os seus três regimentos de seda pelos portões, com o regimento azul-claro da guarda de camelos à sua direita, o regimento verde à sua esquerda e o regimento lilás abrindo caminho.

Ao passar pelas ruas de qualquer cidade, observar os modos de seu povo e ver a maneira como a luz do sol incidia sobre as torres, proclamava-se Rei do lugar e continuava a cavalgar em sua fantasia. Passou assim de cidade em cidade e de terra em terra. Por mais perspicaz que fosse o sr. Shap, creio que ele não se apercebeu da ânsia por enaltecimento que se abate frequentemente sobre os reis. E foi assim que, quando as primeiras cidades abriram seus portões reluzentes e ele viu pessoas se prostrarem diante de seu camelo, lanceiros dando vivas ao longo de incontáveis terraços e sacerdotes surgirem para lhe prestar reverência, ele, que nunca tivera a mais ínfima autoridade no mundo que nos é familiar, tornou-se insensatamente insaciável. Soltou as rédeas da imaginação, abandonou o método e, mal se tornava rei de uma terra, já ansiava por estender suas fronteiras; adentrou assim cada vez mais o que era completamente desconhecido. A atenção que dava ao seu progresso desordenado por países que a história desconhece e por cidades tão fantásticas em seus bastiões que, embora os habitantes fossem humanos, o inimigo que temiam parecia ser algo menos ou mais que humano; o assombro com que contemplava portões e torres que até mesmo as artes não conheciam, e pessoas furtivas amontoadas em caminhos intrincados para proclamá-lo seu soberano — tudo isso começou a afetar a sua capacidade para o Trabalho. Sabia muito bem que a sua imaginação não podia governar essas belas terras se aquele outro Shap, por mais insignificante que fosse, não estivesse bem abrigado e alimentado: e abrigo e comida significavam dinheiro, e dinheiro, Trabalho. Seu erro era mais como o de algum jogador com truques engenhosos que não dá a devida atenção à ganância humana. Certo dia, sua imaginação cavalgava durante a manhã quando chegou a uma cidade deslumbrante como o nascer do sol, em cujas muralhas opalinas havia portões de ouro, tão largos que um rio passava por entre as barras, conduzindo para dentro, quando os portões eram abertos, grandes galeões com as velas içadas. Da cidade saiu dançando uma companhia, tocando instrumentos, cuja música ressoava pelas muralhas. Naquela manhã o sr. Shap, o Shap corpóreo em Londres, esqueceu-se de pegar o trem para a cidade.

Até um ano atrás ele nunca imaginara nada; não é de surpreender que agora todas essas coisas, recém-vislumbradas por sua imaginação, comessem a pregar peças com a memória de um homem tão são. Abandonou de vez a leitura dos jornais, perdeu completamente o interesse na política e se importava cada vez menos com as coisas que estavam acontecendo à sua volta. Perdeu outras vezes o trem matutino, de modo que a firma teve que conversar seriamente com ele. Mas ele tinha o seu consolo. Não eram seus Aráthrion e Argun Zeerith e todo o litoral de Oora? E enquanto a firma o repreendia, em sua imaginação ele observava os iaques em cansativas viagens, manchas vagarosas sobre as terras

nevadas que traziam tributos; e via os olhos verdes dos homens das montanhas que o olharam de modo estranho na cidade de Nith quando a adentrou pela porta do deserto. Ainda assim, sua lógica não o abandonara; sabia muito bem que seus estranhos súditos não existiam, mas tinha mais orgulho de tê-los criado com sua mente do que simplesmente de governá-los, de modo que em seu orgulho ele se sentia algo maior do que um rei, embora não ousasse pensar o que seria! Entrou no templo da cidade de Zorra e permaneceu sozinho ali por algum tempo: todos os sacerdotes ajoelharam-se diante dele quando partiu.

Ele se importava cada vez menos com as coisas com que nos importamos, com os assuntos de Shap, o negociante de Londres. Começou a menosprezar o homem com um desprezo régio.

Certo dia, sentado em Sowla, a cidade dos Thuls, entronado em uma ametista, decidiu, e foi proclamado naquele momento por todas as terras com as trombetas de prata, que seria coroado rei de todas as terras das Maravilhas.

Armaram pavilhões ao ar livre nas proximidades daquele antigo templo onde os Thuls oravam, ano após ano, por mais de um milênio. As árvores que balançavam lá exalavam odores fragrantes desconhecidos em qualquer país que está no mapa; as estrelas brilhavam intensamente para aquela famosa ocasião. Uma fonte lançava no ar, incessante, grandes quantidades de diamantes. Um silêncio profundo aguardava as trombetas douradas, a noite sagrada da coroação havia chegado. No alto daqueles degraus antigos e desgastados, que desciam para algum lugar que desconhecemos, encontrava-se o rei, com o seu manto de esmeralda e ametista, a vestimenta ancestral dos Thuls; ao seu lado estava aquela Esfinge que, nas últimas semanas, vinha aconselhando-o.

Quando soou a música das trombetas, avançaram lentamente na direção do rei, não se sabe de onde, cento e vinte arcebispos, vinte anjos e dois arcanjos com aquela extraordinária coroa, o diadema dos Thuls. Sabiam, enquanto se aproximavam dele, que promoções aguardavam a todos devido aos trabalhos daquela noite. Em silêncio, majestoso, o rei os aguardava.

No andar de baixo, os médicos conversavam durante o jantar, enquanto os guardas iam calmamente de quarto em quarto; e quando viram que o rei, naquele dormitório aconchegante de Hanwell, ainda estava regamente de pé, com o rosto resolutivo, aproximaram-se e lhe dirigiram a palavra:

— Vá para a cama — disseram eles —, caminha boa.

Ele se deitou e, em pouco tempo, estava dormindo: o grande dia terminara.

Chu-bu e Sheemish

Era o costume, no templo de Chu-bu, os sacerdotes entrarem ao entardecer das terças-feiras e entoar: “Não há nenhum outro que não Chu-bu”.

E todas as pessoas regozijavam-se e clamavam: “Não há nenhum outro que não Chu-bu”. E mel era oferecido a Chu-bu, assim como milho e banha. Dessa forma ele era enaltecido.

Chu-bu era um ídolo de certa antiguidade, como pode ser visto pela cor da madeira. Ele foi entalhado em mogno e, depois de entalhado, foi polido. Colocaram-no então sobre um pedestal de diorito com um braseiro à sua frente, para que ali se queimassem especiarias, e as bandejas douradas para a banha. Dessa forma veneravam Chu-bu.

Ele já devia estar ali há mais de cem anos quando, certo dia, os sacerdotes apareceram no templo de Chu-bu com outro ídolo e o colocaram sobre um pedestal próximo ao de Chu-bu e entoaram: — Há também Sheemish.

E todas as pessoas regozijaram-se e clamaram: “Há também Sheemish”.

Sheemish era claramente um ídolo moderno e, apesar de a madeira ser tingida de uma cor vermelha escura, podia-se ver que ele havia sido recém-entalhado. E ofereceu-se mel para Sheemish assim como para Chu-bu, além de milho e banha.

A fúria de Chu-bu foi atemporal: ficou furioso durante toda aquela noite e ainda estava furioso no dia seguinte. A situação exigia milagres imediatos. Devastar a cidade com alguma peste e matar todos os seus sacerdotes não era algo que estivesse ao alcance de seus poderes, de maneira que ele concentrou sabiamente os poderes divinos que possuía na criação de um pequeno terremoto.

“Assim”, pensou Chu-bu, “hei de reafirmar-me como o único deus e os homens cuspirão em Sheemish”.

Chu-bu desejou ardentemente e, mesmo assim, nenhum terremoto se manifestava, quando, de repente, percebeu que o odioso Sheemish também ousava a execução de um milagre. Parou de se preocupar com o terremoto e ouviu — ou devo dizer, sentiu — o que Sheemish estava pensando; pois os deuses têm ciência do que se passa na mente por meio de um sentido diferente de qualquer um dos nossos cinco. Sheemish também estava tentando criar um terremoto.

O motivo do novo deus provavelmente era o da autoafirmação. Não creio que Chu-bu compreendesse ou se importasse com o motivo; para um ídolo já inflamado pela inveja, bastava que o seu detestável rival estivesse à beira de um milagre. Chu-bu direcionou imediatamente todo o seu poder para a prevenção de um terremoto, mesmo que pequeno. Por algum tempo foi o que ocorreu no templo de Chu-bu, e nenhum terremoto foi criado.

Ser um deus e fracassar na realização de um milagre é uma sensação desesperadora; é como quando, entre os homens, tem-se vontade de soltar um espirro vigoroso e não se consegue espirrar; é como tentar nadar com botas pesadas ou se lembrar de um nome já completamente esquecido: eram todas essas as dores de Sheemish.

E na terça-feira vieram os sacerdotes e o povo, para venerar Chu-bu e oferecer-lhe banha, dizendo: “Ó Chu-bu, que tudo criou”; e os sacerdotes entoavam: “Há também Sheemish”; e Chu-bu foi humilhado e não falou por três dias.

Ora, havia pássaros sagrados no templo de Chu-bu e, quando chegou a noite do terceiro dia, foi revelado — por assim dizer — à mente de Chu-bu que havia sujeira sobre a cabeça de Sheemish.

E Chu-bu falou a Sheemish como falam os deuses, sem mover os lábios ou quebrando o silêncio, e disse:

— Há sujeira sobre a tua cabeça, ó Sheemish.

Durante toda a noite ele murmurou incessantemente “há sujeira sobre a cabeça de Sheemish”. Quando amanheceu e vozes podiam ser ouvidas ao longe, Chu-bu ficou exultante com os seres da Terra que despertavam e gritou até o sol ficar alto:

— Sujeira, sujeira, sujeira sobre a cabeça de Sheemish. — Ao meio-dia disse: — Então Sheemish queria ser um deus.

E, dessa forma, Sheemish ficou confuso.

E com a terça-feira apareceu alguém para limpar a sua cabeça com água de rosas, e ele foi novamente venerado quando entoaram “Há também Sheemish”.

Ainda assim Chu-bu permanecia satisfeito, pois dizia:

— A cabeça de Sheemish foi maculada. — E continuava: — Sua cabeça foi maculada, é o bastante.

E, certa noite, eis que também havia sujeira sobre a cabeça de Chu-bu, e o fato foi percebido por Sheemish.

Não se dá com os deuses o que se dá com os homens. Ficamos com raiva uns dos outros, mas depois nossa raiva passa. A ira dos deuses, porém, é duradoura. Chu-bu lembrava-se e Sheemish não esquecia. Falavam como não falamos, em silêncio, e seus pensamentos tampouco são como os nossos — mas ainda assim ouviam um ao outro. Não devemos julgá-los meramente por nossos padrões humanos. Falaram durante toda a noite e disseram apenas estas palavras: “Chu-bu sujo”, “Sheemish sujo”. “Chu-bu sujo”, “Sheemish sujo”, a noite inteira. A ira dos dois não se abrandou com o nascer do dia, tampouco se cansaram das acusações. E, aos poucos, Chu-bu começou a perceber que ele nada mais era do que igual a Sheemish. Todos os deuses são invejosos, mas essa igualdade com o presunçoso Sheemish, uma coisa de madeira pintada cem anos mais novo que Chu-bu, e essa adoração a Sheemish no templo do próprio Chu-bu eram particularmente amargas. Chu-bu era invejoso mesmo para um deus; e quando a terça-feira chegou mais uma vez, o terceiro dia de adoração a Sheemish, Chu-bu não pôde mais aguentar. Sentia que a sua raiva devia ser revelada a qualquer custo e voltou veementemente ao seu intuito de conseguir criar um pequeno terremoto. Os adoradores haviam recém saído do templo quando Chu-bu empregou a sua vontade na realização desse milagre. De vez em quando as suas meditações eram interrompidas por aquele dito agora já familiar, “Chu-bu sujo”, mas a determinação de Chu-bu era feroz, a tal ponto que não a cessava nem para dizer o que ansiava dizer e já havia dito novecentas vezes, e naquele instante até mesmo essas interrupções cessaram.

Elas cessaram porque Sheemish havia retornado a um projeto que nunca abandonara por completo, que era o desejo de se afirmar e exaltar em detrimento de Chu-bu através da realização de um milagre, e, uma vez que o distrito era vulcânico, ele escolhera um pequeno terremoto como o milagre que seria realizado com maior facilidade por um deus menor.

Ora, um terremoto que é orquestrado por dois deuses tem o dobro de chances de se tornar realidade do que um desejado por apenas um deus, e uma chance incalculavelmente maior do que quando dois deuses estão em caminhos opostos, assim como, para citar o caso de deuses maiores e mais antigos, quando o sol e a lua convergem na mesma direção e temos as maiores marés.

Chu-bu nada sabia da teoria das marés e estava preocupado demais com o seu milagre para notar o que Sheemish estava fazendo. E, de repente, o milagre

era algo consumado.

Foi um terremoto extremamente local, pois há outros deuses além de Chu-bu ou mesmo de Sheemish, e, como os deuses desejaram, foi apenas um terremoto muito pequeno, mas que soltou alguns monolitos em uma colunata que sustentava um dos lados do templo, derrubando uma parede inteira, e os casebres do povo daquela cidade estremeceram um pouco e algumas portas emperraram e não podiam ser abertas. Foi suficiente e, por um instante, parecia que terminara; nem Chu-bu, nem Sheemish orquestraram outros, mas colocaram em movimento uma antiga lei, mais velha que Chu-bu, a lei da gravidade que aquela colunata havia contido durante cem anos, e o templo de Chu-bu oscilou e então parou, balançou uma vez e veio ao chão, sobre as cabeças de Chu-bu e Sheemish.

Ninguém o reconstruiu, pois ninguém ousava se aproximar de deuses tão terríveis. Alguns diziam que Chu-bu realizara o milagre, mas outros que fora Sheemish, e disso se originou o cisma. Os que eram um pouco amigáveis, alarmados pela amargura das seitas rivais, buscavam um meio-termo e diziam que ambos o haviam realizado, porém ninguém suspeitou da verdade: que o ato se dera por rivalidade.

E passou-se a dizer — e as duas seitas acreditavam nisso — que aquele que tocasse em Chu-bu ou que olhasse para Sheemish morreria.

Foi assim que obtive Chu-bu, quando certa vez viajei para além das colinas de Ting. Encontrei-o em seu templo desmoronado, com as mãos e os dedos dos pés para fora dos escombros, deitado de costas, e nessa posição que o encontrei eu o mantenho até hoje, no consolo da lareira, visto que ele está menos propenso a se incomodar dessa forma. Sheemish estava quebrado, de modo que o deixei onde estava.

Há algo de desamparo em Chu-bu, com suas mãos para os céus, que às vezes eu, por compaixão, curvo-me diante dele e rezo, dizendo:

— Ó Chu-bu, vós que tudo criastes, ajudai vosso servo.

Não há muito que Chu-bu possa fazer, embora eu tenha certeza que uma vez, em um jogo de bridge, ele me enviou o ás de que eu precisava, depois de uma noite inteira sem conseguir uma carta que prestasse. O acaso poderia ter feito exatamente o mesmo por mim, mas não digo isso a Chu-bu.

A janela maravilhosa

A polícia estava pedindo para que o velho vestido com roupas de aparência oriental se retirasse, o que fez com que fosse atraída a ele e ao pacote que levava debaixo do braço a atenção do sr. Sladden, que ganhava a vida no empório dos srs. Mergin e Chater, ou seja, no estabelecimento destes.

O sr. Sladden tinha a reputação de ser o jovem mais tolo nos Negócios; uma pitada de romance — sua mera sugestão — fazia com que seus olhos se perdessem em devaneios, como se as paredes do empório fossem feitas de teias de aranha e a própria Londres fosse um mito, em vez de atender os clientes.

O simples fato de que o pedaço de papel imundo que envolvia o pacote do velho estava coberto por letras árabes foi o suficiente para dar ao sr. Sladden as ideias de um romance, e com isso seguiu o homem até que as pessoas em volta se dispersassem e o estranho parasse no meio-fio, desembrulhasse o pacote e se preparasse para vender o que estava lá dentro. Era uma pequena janela de madeira velha, com vidraças embutidas em chumbo; não tinha muito mais do que trinta centímetros de largura e menos de sessenta de comprimento. Como o sr. Sladden nunca tinha visto uma janela ser vendida na rua, perguntou quanto custava.

— O preço é tudo o que você possui — disse o velho.

— Onde o senhor a conseguiu? — perguntou o sr. Sladden, pois era uma janela estranha.

— Dei por ela tudo o que eu possuía, nas ruas de Bagdá.

— O senhor possuía muito? — perguntou o sr. Sladden.

— Eu tinha tudo o que queria — respondeu ele exceto esta janela.

— Deve ser uma boa janela — disse o jovem.

— É uma janela mágica — falou o velho.

— Só tenho dez xelins comigo, mas tenho mais quinze e *seis pence* em casa.

O velho ficou pensando por algum tempo.

— Então vinte e cinco e seis *pence* é o preço da janela.

Só quando a barganha terminou, com os dez xelins já pagos e o velho indo para receber seus quinze e seis *pence* e instalar a janela mágica no único quarto do jovem, que ocorreu ao sr. Sladden que ele não precisava de uma janela. Já estavam na porta da casa onde ele alugava um quarto, e parecia tarde demais para explicar.

O estranho exigiu privacidade para instalar a janela, de modo que o sr. Sladden ficou do lado de fora, no topo da escada que rangia. Não ouviu nenhum som de marteladas.

E, nesse instante, o estranho velho saiu do quarto com suas roupas amarelas desbotadas, barba comprida e olhar perdido em algum lugar distante.

— Está terminado — disse ele, e os dois se despediram.

E quer o velho tenha permanecido um ponto colorido anacrônico em Londres, quer tenha ido novamente para Bagdá, e que mãos escuras mantiveram em circulação os seus vinte e cinco e *seis pence*, o sr. Sladden jamais soube.

O sr. Sladden entrou no quarto de tábuas cruas em que dormia e passava todo o seu tempo livre entre a hora de fechar e a hora em que os srs. Mergin e Chater abriam. A sua sobrecasaca limpa devia ser uma constante fascinação para os penates de um quarto tão sujo. O sr. Sladden tirou-a e a dobrou com cuidado; e lá estava a janela do velho, um tanto alta na parede. Até então não houvera janela alguma naquela parede, nem qualquer ornamento, a não ser um pequeno guarda-louça; e quando o sr. Sladden colocou a sobrecasaca em um local seguro, olhou pela sua nova janela. Ela estava no lugar em que ficava o guarda-louça, que era onde guardava os utensílios para o chá: agora estavam todos na mesa. Ao olhar pela sua nova janela, o sr. Sladden viu que era o fim de uma tarde de verão; as borboletas teriam fechado as asas há algum tempo, e os morcegos ainda não estariam voando — mas isso era em Londres: as lojas estavam fechadas e as lâmpadas ainda não estavam acesas na rua.

O sr. Sladden esfregou os olhos, depois esfregou a janela, e ainda assim via um céu azul resplandecente e, lá embaixo ao longe, de maneira que som algum vinha de lá, nem a fumaça das chaminés, uma cidade medieval repleta de torres. Telhados marrons e ruas de pedras arredondadas, muralhas brancas e contrafortes e, além deles, campos verdejantes e pequenos córregos. Arqueiros estavam recostados nas torres, havia piqueiros ao longo das muralhas e, por vezes, uma carroça descia alguma rua antiga e atravessava o portão da cidade, indo para o interior; outras vezes uma carroça chegava à cidade saída das brumas

que se estendiam sobre os campos. De vez em quando pessoas colocavam as cabeças para fora de janelas de treliça, algum trovador à toa parecia cantar e ninguém parecia apressado ou preocupado com coisa alguma. Por mais aérea e vertiginosa que fosse a distância, pois o sr. Sladden parecia estar a uma altura muito maior da cidade do que qualquer gárgula de catedral, ele conseguiu discernir claramente um detalhe: as bandeiras que tremulavam em cada torre acima dos arqueiros ociosos exibiam pequenos dragões dourados sobre um campo branquíssimo.

Ouvia o barulho dos ônibus pela outra janela, os jornaleiros gritando.

O sr. Sladden tornou-se mais sonhador do que nunca no trabalho, no estabelecimento dos srs. Mergin e Chater. Mas em uma questão ele permanecia circunspecto e atento: fazia investigações contínuas e cuidadosas sobre os dragões dourados em uma bandeira branca e não falava sobre a sua janela maravilhosa com ninguém. Tomou conhecimento das bandeiras de todos os reis da Europa, começou a dedicar-se a estudar história, pedia informações em lojas versadas em heráldica, mas não encontrou um traço sequer dos pequenos dragões *ou* de um campo *argênteo*. E quando lhe pareceu que aqueles dragões dourados tremulavam apenas para ele, passou a amá-los, como um exilado em um deserto pode amar os lírios que tem em casa ou como um doente pode amar as andorinhas não podendo viver facilmente até a próxima primavera.

Assim que os srs. Mergin e Chater fechavam, o sr. Sladden costumava voltar ao quarto sujo e olhar pela janela maravilhosa até que escurecesse na cidade e a guarda, carregando lanternas, começasse a fazer rondas pelas muralhas e a noite caísse como veludo, cheia de estranhas estrelas. Certa noite, tentou obter outra pista desenhando os formatos das constelações, mas isso não o levou a lugar algum, pois elas eram diferentes das que brilhavam nos dois hemisférios.

Todos os dias, assim que acordava, ele ia primeiro até a janela maravilhosa, e lá estava a cidade, diminuta à distância, resplandecente na manhã, com os dragões dourados dançando à luz do sol e os arqueiros espreguiçando-se ou mexendo os braços no alto das torres fustigadas pelo vento. A janela não abria, de modo que ele nunca ouvia as canções que os trovadores cantavam lá embaixo, sob os balcões; tampouco conseguia ouvir os sinos nos campanários, apesar de ver, a cada hora, as gralhas serem afugentadas de suas casas. A primeira coisa que sempre fazia era passar os olhos por todas as torrinhas que se destacavam acima das muralhas para ver os pequenos dragões dourados voando em suas bandeiras. E quando os via ondulando nas dobras brancas de cada torre, contra o maravilhoso azul profundo do céu, ele se vestia satisfeito e, depois de dar mais uma olhada, saía para o trabalho com a mente em estado de glória. Os clientes dos srs. Mergin e Chater teriam dificuldade em adivinhar a exata ambição do sr.

Sladden enquanto este andava diante de seus olhos vestindo a sua sobrecasaca limpa: era a de poder ser um soldado ou um arqueiro, para poder lutar pelos pequenos dragões dourados que tremulavam em uma bandeira branca em nome de um rei desconhecido, em uma cidade inacessível. A princípio, o sr. Sladden tinha o costume de dar voltas e mais voltas na rua humilde em que morava, mas não descobriu nada assim; e em pouco tempo percebeu que, debaixo de sua janela maravilhosa, sopravam ventos completamente diferentes daqueles que sopravam do outro lado da casa.

Em agosto, as tardes começaram a ficar mais curtas: foi exatamente essa a observação que os outros empregados do empório lhe fizeram, de maneira que quase chegou a temer que suspeitassem do seu segredo; e o tempo que ele tinha para a janela maravilhosa diminuía consideravelmente, pois eram poucas as luzes das tochas lá embaixo e elas se apagavam cedo.

Numa manhã, no final de agosto, pouco antes de sair para o Trabalho, o sr. Sladden viu uma companhia de piqueiros correr pela rua de pedras arredondadas até o portão da cidade medieval — em sua imaginação, chamava-a de Cidade do Dragão Dourado, mas nunca falava sobre ela com ninguém. O que percebeu em seguida foi que os arqueiros da torre falavam muito uns com os outros e manuseavam feixes de flechas, além das aljavas que já usavam. Havia mais cabeças para fora das janelas do que de costume; uma mulher correu para fora e mandou algumas crianças para dentro; um cavaleiro desceu a rua a galope, mais piqueiros surgiram junto às muralhas e todas as gralhas estavam no ar. Nenhum trovador cantava na rua. O sr. Sladden deu uma olhada pelas torres para ver que as bandeiras estavam tremulando e todos os dragões dourados ondeavam ao vento. Então teve que sair para o Trabalho. Naquele fim de tarde, pegou um ônibus de volta para casa e subiu as escadas correndo. Nada parecia estar acontecendo na Cidade do Dragão Dourado, exceto por uma multidão na rua de pedras arredondadas que levava até o portão; os arqueiros, como de costume, pareciam estar encostados preguiçosamente nas torres, e foi quando uma bandeira branca foi arriada, com todos os seus dragões dourados. Ele a princípio não viu que todos os arqueiros estavam mortos. A multidão precipitava-se em sua direção, rumo à muralha elevada de onde ele observava; homens com uma bandeira branca repleta de dragões dourados recuavam lentamente, homens com outra bandeira os pressionavam, uma bandeira onde se via um enorme urso vermelho. Mais uma bandeira foi arriada em outra torre. Então ele entendeu: os dragões dourados estavam sendo derrotados — os seus pequenos dragões dourados. Os homens do urso estavam chegando debaixo da janela; qualquer coisa que ele jogasse daquela altura cairia com uma força terrível: atizadores da lareira, carvão, seu relógio, qualquer coisa que tivesse — ele ainda lutaria por

seus pequenos dragões dourados. Chamas surgiram em uma das torres e chegavam aos pés de um dos arqueiros encostados: ele não se mexeu. E agora o estandarte estrangeiro estava fora de vista diretamente abaixo. O sr. Sladden quebrou as vidraças da janela maravilhosa e arrancou com um atizador o chumbo que as segurava. No momento em que o vidro quebrou, ele foi capaz de ver uma bandeira repleta de dragões dourados que ainda tremulava, e, quando recuou para arremessar o atizador, chegou-lhe às narinas o odor de misteriosas especiarias, e não havia nada lá, nem mesmo a luz do dia, pois por detrás dos fragmentos da janela maravilhosa encontrava-se apenas aquele pequeno guardalouça onde ele guardava os utensílios para o chá.

E embora o sr. Sladden hoje seja mais velho e conheça mais do mundo, e tenha até um Negócio próprio, jamais foi capaz de comprar novamente uma janela como aquela, e desde então não ouviu mais rumor algum, por meio de livros ou de homens, sobre a Cidade do Dragão Dourado.

Epílogo

Aqui termina o décimo quarto Episódio do Livro das Maravilhas e o relato das Crônicas de Pequenas Aventuras na Orla do Mundo. Despeço-me de meus leitores. Mas é possível que nos encontremos novamente, pois ainda está para ser contado como os gnomos roubaram as fadas e como as fadas se vingaram deles e como até mesmo os deuses acabaram tendo seu sono perturbado com o ocorrido; como o Rei de Ool insultou os trovadores, pensando estar a salvo em meio aos seus muitos arqueiros e centenas de alabardeiros, e como os trovadores entraram secretamente à noite nas torres do rei e sob as ameias, à luz do luar, ridicularizaram-no para toda a eternidade em canções. Porém, para fazer isso, preciso primeiro retornar à Orla do Mundo. Vejam, as caravanas partem.

PARTE 2

O último livro das maravilhas

Prefácio

Estes contos são contos de paz. Aqueles que se lembram da paz e aqueles que a verão novamente podem alegrar-se ao desviar os seus olhares, mesmo que somente por um instante, de um mundo de lama, sangue e uniformes e passar algum tempo lendo sobre cidades boas demais para serem verdadeiras.

Um conto de Londres

— Vamos — disse o Sultão ao seu comedor de haxixe, naquelas terras mais longínquas que têm conhecimento de Bagdá sonhe-me agora sobre Londres.

O comedor de haxixe fez uma mesura e sentou-se de pernas cruzadas no chão sobre uma almofada púrpura, bordada com papoulas douradas, ao lado de uma tigela de marfim com haxixe e, depois de fartar-se, piscou sete vezes e falou assim:

— Ó Amigo de Deus, saiba, então, que Londres é a mais arrebatadora de todas as cidades da Terra. Suas casas são de ébano e cedro, cobertas por finas placas de cobre que a mão do Tempo vem a esverdear. Possuem terraços dourados com ametistas onde se sentam para contemplar o pôr do sol. Músicos passam despercebidos pelas ruas no crepúsculo; seus pés pisam silenciosamente nas areias brancas que cobrem as ruas e, em meio à escuridão, tocam de súbito seus saltérios e outros instrumentos de cordas. Ouvem-se murmúrios nos terraços que elogiam suas habilidades, e pulseiras lhes são atiradas como recompensa, assim como colares de ouro e pérolas.

“De fato, a cidade é bela. Há, junto às ruas arenosas, calçadas de puro alabastro, e as lanternas ao longo delas são de crisoprásio; sua luz verde brilha durante toda a noite, mas as lanternas dos terraços são de ametista.

“Enquanto os músicos descem as ruas, dançarinas vão em sua direção e dançam nas calçadas de alabastro, por diversão, não por paga. Por vezes uma janela é aberta no alto de um palácio de ébano e de lá uma grinalda é jogada para uma dançarina, ou orquídeas, que caem como chuva sobre elas.

“De fato, sonhei com muitas cidades, mas nenhuma mais bela; por muitos portões metropolitanos de mármore o haxixe me conduziu, mas Londres é o seu

segredo, o último dos portões; a tigela de marfim não tem mais nada a mostrar. E, nesse instante, os diabretes que rastejam atrás de mim, e não me deixam em paz, puxam-me pelo cotovelo e ordenam que meu espírito regresse, pois eles sabem que vi demais. ‘Não, não Londres’, dizem eles; portanto, falarei sobre alguma outra cidade, uma cidade de alguma terra menos misteriosa, e não irritarei os diabretes com coisas proibidas. Falarei de Persépolis, ou da famosa Tebas.”

Uma sombra de aborrecimento passou pelo rosto do Sultão, um olhar trovejante desconhecido do leitor, mas naquelas terras seu semblante era contemplado atentamente. E embora o seu espírito estivesse vagando por lugares distantes e tivesse os olhos turvos pelo haxixe, o contador de histórias percebeu naquele momento que o olhar significava a morte e, imediatamente, enviou o seu espírito de volta a Londres, como um homem que entra correndo em casa ao ouvir um trovão.

— E portanto — continuou ele —, na desejável cidade, em Londres, todos os camelos são do branco mais puro. Admirável é a rapidez de seus cavalos, ornados em suas cabeças com pequenos sinos de prata, a puxarem carruagens de marfim pelas ruas arenosas com insuperável leveza. Ó Amigo de Deus, se vísseis os mercadores! A glória de suas roupas ao meio-dia! São tão suntuosas quanto as borboletas que voam pelas ruas. Usam vestimentas azul-celeste e sobrecapas verdes, onde brilham imensas flores púrpuras, obra de habilidosas agulhas; os miolos das flores são de ouro, e as pétalas são púrpuras. Todos os seus chapéus são pretos — (“Não, não”, disse o Sultão) — mas possuem íris nas abas e são encimados por plumas verdes.

“Há lá um rio chamado Tâmis, aonde navios de velas violetas chegam com incenso para braseiros que perfumam as ruas, novas canções trocadas por ouro com tribos estrangeiras, prata bruta para as estátuas de seus heróis, ouro para a construção dos terraços onde se sentam as mulheres, grandes safiras para recompensar os seus poetas, os segredos de antigas cidades e terras estranhas, o conhecimento dos habitantes de ilhas distantes, esmeraldas, diamantes e os tesouros do mar. E sempre que um navio aporta e recolhe as suas velas violetas, e espalha-se por Londres a notícia de sua chegada, todos os mercadores vão até o rio para negócios, e durante todo o dia as carruagens cruzam as ruas, o som de sua passagem como um poderoso rugido, por todo o dia até o anoitecer, um rugido como...”

— Não é verdade — disse o Sultão.

— A verdade não pode ser ocultada do Amigo de Deus — respondeu o comedor de haxixe. — Enganei-me por estar inebriado pelo haxixe; pois na cidade desejável, em Londres, é tão espessa nas ruas a areia branca, que faz a

cidade reluzir, que nenhum som emerge do caminho dos cocheiros, que passam tão suaves como uma brisa do mar... — (“Isso é melhor”, disse o Sultão.) — Chegam suavemente ao porto onde se encontram as embarcações e as mercadorias vindas do mar, dentre as maravilhas mostradas pelos marinheiros, depositadas na terra ao lado dos navios elevados, e, ao entardecer, retornam de modo suave, ainda que rápido, aos seus lares.

“Ó, que o Magnânimo, o Ilustre, o Amigo de Deus pudesse ver essas coisas, os joalheiros com os seus cestos vazios, barganhando junto às naus, quando os barris de esmeraldas eram retirados dos porões. Ou que ele pudesse ver lá as fontes com bacias de prata no meio dos caminhos. Vi pequenos coruchéus sobre as casas de ébano, e eles eram de ouro; pássaros saltavam sobre telhados de cobre, de coruchéu em coruchéu dourado: aves de igual esplendor não há em todas as florestas do mundo. E sobre Londres, a cidade desejável, o céu é de um azul tão profundo que o viajante pode saber aonde chegou apenas de olhar para ele e, assim, terminar sua viagem afortunada. E por nenhuma cor do céu o calor é grande demais em Londres, pois por suas ruas um vento sopra sempre do sul, gentil, e refresca a cidade.

“Tal, de fato, é a cidade de Londres, ó Amigo de Deus, localizada do outro lado de Bagdá, longínqua, inigualável na sua beleza ou na excelência de suas ruas entre as cidades da terra ou das canções. E, ainda assim, como eu disse, seus cidadãos bem-aventurados vivem com os seus corações sempre a criar coisas belas e, da beleza de suas formosas criações, mais abundantes a cada ano, inspiram-se a criar coisas ainda mais belas.”

— E o governo deles é bom? — perguntou o Sultão.

— É excelente — respondeu o comedor de haxixe, e caiu de costas no chão.

Permaneceu deitado nessa posição, em silêncio. E quando o Sultão percebeu que ele não falaria mais naquela noite, sorriu e aplaudiu alegremente.

E houve inveja naquele palácio, nas terras além de Bagdá, de todos que viviam em Londres.

Treze à mesa

Em frente a uma ampla e antiquada lareira, enquanto a lenha queimava bem, e homens com cachimbos e copos encontravam-se reunidos diante dela sentados em grandes cadeiras confortáveis, e o tempo estava terrível lá fora e confortável do lado de dentro, levando-se em consideração a época do ano — pois era Natal — e a hora da noite, tudo conspirava para o insólito ou fantástico quando o ex-mestre dos cães de caça falou e contou a sua história.

“Certa vez também passei por uma experiência estranha. Foi na época em que eu percorria Bromley e Sydenham, no ano em que desisti deles — na verdade, era o último dia da temporada. Era inútil continuar porque não restavam mais raposas no interior, e Londres avançava sobre nós. Dos canis, era possível ver esse avanço no horizonte como um terrível exército cinzento e, a cada ano, inúmeras casas desciam sorrateiramente até os nossos vales. Nossas guaridas ficavam principalmente nas colinas, e, à medida que a cidade descia os vales, as raposas abandonavam os locais e iam embora das terras, para nunca retornar. Creio que partiam à noite e percorriam grandes distâncias. Bem, era começo de abril e não havíamos conseguido nada o dia inteiro e, na última tentativa, a derradeira da temporada, encontramos uma raposa. Ela deixou a guarida dando as costas para Londres, as estradas de ferro, as casas e o telégrafo, e escapou em direção às terras calcárias e Kent. Senti-me como num certo dia de verão, quando era criança, em que encontrei entreaberta, por felicidade, a porta de um jardim onde eu brincava, abrindo-a com um empurrão, e lá estavam diante de mim terras extensas e ondulantes campos de milho.

“Encetamos um galope constante, e os campos começaram a passar debaixo de nós, enquanto um vento forte soprava seu frescor. Saímos das terras barrentas

onde crescem as samambaias e chegamos a um vale que margeava o calcário. Enquanto descíamos, vimos a raposa subir do outro lado, como uma sombra que corta o entardecer, e mergulhar em um bosque que havia no topo. Vimos um lampejo de primulas no bosque e já estávamos do outro lado, os cães primorosamente no encalço e a raposa ainda correndo bem à frente, em linha reta. Naquele momento comecei a perceber que teríamos uma grande caçada; respirei fundo ao pensar nisso. O sabor do ar daquela tarde perfeita de primavera, que se sentia ao cavalgar, e a ideia de uma grande corrida eram como algum vinho antigo e raro. Estávamos agora voltados para outro vale, com vastos campos que desciam até ele com sebes acessíveis; lá no fundo havia um córrego de um azul brilhante que cantava e uma aldeia soltava suas fumaças, enquanto a luz do sol dançava como uma fada nas encostas opostas; e, do alto do vale, bosques envelhecidos olhavam com reprovação, mas sonhavam com a primavera. O ‘campo’ já rareava e ficara para trás, e meu único companheiro humano era James, meu velho açoitador, que tinha o instinto de um sabujo e uma animosidade pessoal contra raposas que era visível no amargor de sua voz.

“A raposa atravessava o vale num trajeto reto como a linha de um trem, e mais uma vez avançamos sem parar em meio às árvores do topo. Lembro-me de ouvir homens cantando ou gritando enquanto voltavam do trabalho para casa e, às vezes, crianças assoviarem; os sons chegavam da vila até as matas no alto do vale. Depois dessa não vimos mais nenhuma aldeia, somente vale após vale que se erguiam e desciam diante de nós, como se viajássemos por algum mar estranho e tempestuoso; e, por todo o caminho, a raposa ia à nossa frente contra o vento, como o fabuloso Holandês Voador. Não se via mais ninguém por perto, éramos apenas meu açoitador e eu; já havíamos pegado nossa segunda parrelha de cavalos quando chegamos à última guarida. Vasculhamos por duas ou três vezes aqueles vales desertos além da aldeia, então comecei a ter inspirações; sentia uma estranha certeza dentro de mim de que essa raposa continuaria em frente até morrer ou até a noite chegar e não podermos mais caçar, de modo que inverti os métodos de costume e seguíamos apenas adiante, sempre encontrando imediatamente o rastro. Creio que essa raposa era a última que restava nas terras ameaçadas pelas casas da cidade e que estava se preparando para partir dali rumo às terras elevadas, fora do alcance do homem; que se tivéssemos aparecido no dia seguinte ela não estaria lá; e que, por acaso, havíamos atravessado o seu caminho.

“A noite começara a descer sobre os vales, e os cães continuavam a perseguição, como as sombras indolentes, porém constantes, das nuvens em um dia de verão. Ouvimos um pastor chamar seu cão, vimos duas moças indo na direção de uma fazenda oculta, uma delas cantando suavemente; não havia

outros sons, mas os nossos perturbavam o descanso e a solidude de lugares que pareciam ainda não ter tomado conhecimento da invenção do vapor e da pólvora (tal como na China, dizem, em algumas das montanhas mais afastadas, ainda não se sabia que o país lutou contra o Japão).

“E agora o dia e nossos cavalos se esgotavam, e aquela raposa determinada mantinha o passo. Comecei a calcular a corrida e a imaginar onde estávamos. O último marco que eu já tinha visto alguma vez deveria ter ficado mais de cinco milhas para trás, e de lá até o ponto de partida eram pelo menos mais dez milhas. Se ao menos pudéssemos matar! E então o sol se pôs. Fiquei pensando que chances tínhamos de matar nossa raposa. Olhei no rosto de James enquanto ele cavalgava ao meu lado. Ele não parecia ter perdido a confiança, mas seu cavalo estava tão cansado quanto o meu. O crepúsculo estava bem claro, e o rastro mais forte do que nunca, as cercas eram bastante acessíveis, mas aqueles vales eram terrivelmente difíceis e se estendiam até onde a vista alcançava. Parecia que a luz duraria mais do que a raposa e os cavalos, caso o rastro se mantivesse forte e a raposa não se enfiasse em uma toca, pois do contrário a noite encerraria a caçada. Passamos muito tempo sem ver casas ou estradas, pois que apenas as encostas calcárias despontavam no crepúsculo; havia aqui e ali algumas ovelhas e arbustos, que escureciam com o fim da tarde. Em certo momento, creio que percebi, de súbito, que a luz se fora sob a escuridão. Olhei para James e ele sacudia a cabeça solenemente. De repente, em um pequeno vale arborizado, vimos destacarem-se acima dos carvalhos as empenas avermelhadas de uma estranha casa antiga; naquele instante vi a raposa à nossa frente a pouco mais de cinquenta jardas. Atravessamos um bosque e nos vimos diante da casa, mas não havia uma alameda ou mesmo um caminho que levasse até ela, tampouco marcas de rodas de carroça nos arredores. Luzes já brilhavam em algumas das janelas. Estávamos em um parque, belo por sinal, mas incrivelmente mal cuidado; espinheiros cresciam por toda parte. Já estava escuro demais para se ver a raposa, mas sabíamos que ela estava exausta, os cães estavam logo à nossa frente — assim como uma cancela de carvalho de mais de um metro. Eu não tentaria pulá-la com um cavalo descansado no início de uma caçada — aqui estava um cavalo perto do seu último suspiro. Mas que caçada! Um evento singular em uma vida, e os cães, perto de alcançarem a raposa, desaparecendo na escuridão enquanto eu hesitava. Decidi tentar. Meu cavalo ergueu-se uns vinte centímetros e acertou em cheio a cancela com o peito, fazendo com que a tora úmida de carvalho se esfarelasse — havia apodrecido com o passar dos anos. E logo estávamos em um gramado, onde no lado oposto os cães tropeçavam sobre sua raposa. A raposa, os cavalos e a luz haviam se acabado no mesmo momento,

ao final de uma carreira de vinte milhas. Fizemos um pouco de barulho, mas ninguém saiu da estranha casa antiga.

“Senti-me bastante dolorido ao caminhar até a porta da frente carregando a máscara e a escova^[1], enquanto James ia com os cães e os dois cavalos procurar algum estábulo. Toquei um sino maravilhosamente encrustado de ferrugem e, depois de muito tempo, a porta se abriu um pouco, revelando um corredor com armaduras muito antigas e um mordomo trajando as roupas mais surradas que já vi.

“Perguntei-lhe quem vivia ali. Um certo Sir Richard Arlen. Expliquei que meu cavalo não tinha condições de seguir em frente naquela noite e que gostaria de pedir a Sir Richard Arlen uma cama para o pernoite.

“ ‘Oh, ninguém jamais vem aqui, senhor’ disse o mordomo.

“Observei que eu viera.

“ ‘Não creio que seja possível, senhor’, disse ele.

“Isso me aborreceu e pedi para ver Sir Richard, e insisti até que ele apareceu. Pedi desculpas e expliquei a situação. Ele aparentava ter apenas cinquenta anos, mas um remo de uma equipe universitária na parede, com uma data do início dos anos setenta, mostrava que ele era muito mais velho; seu rosto tinha algo do olhar acanhado de um eremita. Ele lamentou não ter um quarto de que pudesse dispor para me alojar. Eu tinha certeza de que isso não era verdade, e tinha que ficar alojado ali, já que não havia outro lugar por milhas, de modo que quase insisti. Então, para meu assombro, ele se virou para o mordomo e os dois discutiram a questão em voz baixa. Por fim, achavam que podiam resolver o problema, embora o fizessem com óbvia relutância. A essa altura já eram sete horas, e Sir Richard me disse que ele jantava às sete e meia. Estava fora de questão vestir outras roupas que não as que eu já estava usando, pois meu anfitrião era mais baixo e mais encorpado. Ele me conduziu até a sala de visitas e reapareceu pouco antes das sete e meia, em um traje a rigor com colete branco. A sala de visitas era ampla e decorada com mobília antiga, porém esta encontrava-se mais em estado de deterioração do que de veneração; um tapete Aubusson balançava com vento, que parecia entrar momentaneamente na sala, onde velhas correntes de ar assombravam os cantos. As patas furtivas de ratos nunca paravam a indicar a extensão do estrago que o tempo fizera nos lambris; uma veneziana batia em algum lugar ao longe, e as velas gotejantes eram insuficientes para iluminar a sala. A melancolia sugerida por esse conjunto condizia com a primeira observação que Sir Richard me fez ao entrar na sala.

“ ‘Preciso dizer-lhe, senhor, que vivi uma vida perversa. Ah, uma vida muito perversa.’

“Tais confidências vindas de um homem muito mais velho, feitas após conhecê-lo há meia hora, são tão raras que qualquer resposta possível não surge de imediato. Respondi lentamente, ‘Ah, verdade?’ e, principalmente para evitar outra observação similar, complementei: ‘Que casa encantadora a do senhor.’”

“‘Sim’, disse ele, ‘Não saio daqui há quase quarenta anos. Desde que deixei a universidade. Somos jovens lá, o senhor sabe, e temos oportunidades; mas não pretendo de modo algum justificar-me.’ E o trinco enferrujado da porta, soltando-se despercebido, fez com que ela fosse aberta pela corrente de ar, que tornou a balançar o longo tapete e as tapeçarias nas paredes; então a corrente de ar cessou, e a porta fechou-se novamente.”

“‘Ah, Marianne’, disse ele, ‘temos um convidado esta noite. Sr. Linton. Esta é Marianne Gib.’ E tudo ficou claro para mim. ‘Louco’, disse a mim mesmo, pois ninguém havia entrado na sala.”

“Os ratos corriam incessantemente pela sala por detrás dos lambris, o vento tornou a abrir a porta e as dobras do tapete foram levantadas até nossos pés, onde pararam, pois nosso peso mantinha o tapete no lugar.”

“‘Deixe-me apresentar o Sr. Linton,’ disse o meu anfitrião. ‘Lady Mary Errinjer.’”

“A porta fechou-se mais uma vez. Fiz uma mesura educada. Mesmo que tivesse sido convidado, eu deveria agradá-lo, e, por não ter sido convidado, isso era o mínimo que eu podia fazer.”

“A mesma coisa aconteceu mais onze vezes: o barulho do vento, o balançar do tapete e os passos dos ratos, a porta inquieta e, por fim, a voz triste do meu anfitrião apresentando-me a fantasmas. Esperamos durante algum tempo enquanto eu lutava com a situação ante a conversa que fluía lentamente. E novamente a corrente de ar adentrou a sala, enquanto as velas preenchiavam-na com sombras apressadas. ‘Ah, atrasada de novo, Cicely’, disse o meu anfitrião de seu modo suave e pesaroso. ‘Sempre atrasada, Cicely.’ Então desci para jantar com aquele homem, sua mente e os doze fantasmas que a assombravam. Encontrei uma longa mesa com uma bela prataria antiga e lugares postos para catorze. O mordomo vestia agora um traje a rigor e havia poucas correntes de ar na sala de jantar, onde a cena era menos lúgubre. ‘Poderia sentar-se ao lado de Rosalind, na outra ponta?’, perguntou-me Sir Richard. ‘Ela sempre se senta à cabeceira da mesa. É a quem mais prejudiquei.’”

“‘Ficarei encantado’, respondi.”

“Eu olhava atentamente para o mordomo, mas em nenhum momento vi por qualquer expressão de seu rosto, ou por qualquer coisa que fizesse, qualquer indicação de que ele estava servindo menos de catorze pessoas de posse de suas plenas faculdades. Talvez um prato parecesse ser recusado com mais frequência”

do que aceitado, mas cada taça era igualmente enchida com champanhe. A princípio, eu não tinha muito que dizer, mas quando Sir Richard, da extremidade da mesa, perguntou ‘Está cansado, Sr. Linton?’, lembrei que devia algo ao anfitrião que foi forçado a me receber. O champanhe era excelente e, com ajuda de uma segunda taça, esforcei-me para começar uma conversa com a Srta. Helen Errold, cujo lugar fora disposto de um dos meus lados. Em pouco tempo, a conversa começou a fluir facilmente para mim; eu fazia pausas frequentes em meu monólogo, como Marco Antônio, esperando por uma resposta; por vezes, me virava e falava com a Srta. Rosalind Smith. Sir Richard, na outra ponta, continuava conversando tristemente; falava como um homem condenado diante do juiz e, ao mesmo tempo, como um juiz falaria a alguém que condenara injustamente. Minha própria mente começou a voltar-se para coisas pesadas. Bebi outra taça de champanhe, mas ainda sentia sede. Sentia como se toda a umidade do meu corpo tivesse sido soprada para longe nos morros de Kent pelo vento contra o qual cavalgamos. Contudo, eu ainda não estava falando o bastante; meu anfitrião olhava na minha direção. Fiz outra tentativa; afinal, eu tinha algo sobre o que conversar: uma carreira de vinte milhas não é algo que se vê com frequência, especialmente ao sul do Tâmis. Comecei a descrever a caçada para Rosalind Smith. Pude ver naquele momento que meu anfitrião estava satisfeito, pois o olhar triste no seu rosto vacilou por um instante, como o nevoeiro nas montanhas em um dia miserável que, atingido por uma suave brisa vinda do mar, erguer-se-ia se pudesse. O mordomo atenciosamente tornava a encher minha taça. Perguntei primeiro à senhorita se ela caçava, fiz uma pausa e comecei minha história. Contei-lhe onde encontramos a raposa, o quão rápida era e como correria sempre em frente, e como eu deixara a aldeia para trás mantendo-me na estrada, enquanto os pequenos jardins e o telégrafo, depois o rio, obstruíam o resto do campo. Contei-lhe o tipo de região que atravessamos e como parecia esplêndida na primavera, o quão misteriosos tornaram-se os vales tão logo caiu o crepúsculo, que cavalo glorioso eu montava e como ele cavalgava magnificamente.

“Minha sede era tamanha após a grande caçada que, de vez em quando, eu tinha de parar por alguns instantes, mas prossegui com a minha descrição daquela caçada famosa, pois eu havia me entusiasmado com o assunto, afinal de contas não havia ninguém para contá-la além de mim, salvo por meu velho açoitador, e ‘o velho camarada a essa altura já estava bêbado’, pensei. Descrevi em detalhes para a senhorita o local exato naquela perseguição em que percebi claramente que aquela seria a maior caçada da história de Kent. Às vezes, me esquecia dos incidentes, como é possível acontecer a alguém em uma carreira de vinte milhas, e nessas ocasiões eu tinha de preencher as lacunas com invenções.

Estava contente por conseguir fazer o jantar prosseguir bem com a minha conversa, além de a senhorita com quem eu conversava ser extremamente bonita: não digo de um modo físico, mas havia pequenos contornos vagos na cadeira ao meu lado que sugeriam que a Srta. Rosalind Smith possuía uma figura singularmente graciosa quando era viva. E comecei a perceber que aquilo que eu, a princípio, havia tomado por fumaça de velas gotejantes e uma toalha de mesa que balançava com a corrente de ar era, na verdade, um grupo muitíssimo animado que ouvia — e com interesse — a minha história daquela que era, de longe, a maior caçada que o mundo já presenciara: de fato, contei-lhes que eu iria além, prevendo que jamais na história do mundo haveria novamente semelhante caçada. Minha garganta, infelizmente, estava terrivelmente seca.

“Pareceu-me, então, que elas queriam saber mais sobre meu cavalo. Eu havia esquecido que chegara ali a cavalo, mas tudo voltou quando me lembraram; elas pareciam tão encantadoras inclinando-se sobre a mesa, atentas ao que eu dizia, que lhes disse tudo que queriam saber. Tudo corria agradavelmente; se ao menos Sir Richard se alegrasse... De vez em quando eu ouvia sua voz pesarosa — essas pessoas eram agradabilíssimas, caso ele resolvesse tratá-las da maneira correta. Eu podia compreender que ele se arrependesse do passado, mas o início da década de setenta parecia ter ocorrido há séculos, e eu estava certo de que ele não compreendia estas damas, que não eram vingativas como ele parecia supor. Eu queria lhe mostrar como elas eram de fato alegres, então contei uma piada e todas riram, e depois fiz um pouco de troça com elas, especialmente com Rosalind, e de modo algum alguém ficou ressentido. E ainda assim Sir Richard permanecia sentado com aquele olhar infeliz, como alguém que parara de chorar por ser em vão e por não ter consolo nem mesmo nas lágrimas.

“Já estávamos ali há bastante tempo e muitas das velas haviam se apagado, porém havia luz suficiente. Eu estava feliz por ter um público para minha proeza e, estando contente, decidi que Sir Richard também deveria ficar. Contei mais piadas, e elas ainda riam jovialmente; algumas das piadas talvez fossem um pouco grosseiras, mas sem más intenções. E então... não pretendo me justificar, mas eu tivera um dia mais árduo do que já tivera antes e, sem perceber, devia estar completamente exausto; o champanhe me encontrou nesse estado, e a quantidade que em qualquer outro momento teria sido inofensiva deve ter tomado conta de mim por estar esgotado. De qualquer forma, fui longe demais e fiz alguma piada — não tenho a menor ideia sobre o quê — que pareceu ofendê-las subitamente. Senti na mesma hora certa agitação no ar; ergui a cabeça e vi que todas haviam se levantado da mesa e iam em direção à porta. Não tive tempo de abri-la, mas ela foi escancarada pelo vento; eu mal podia ver o que Sir Richard estava fazendo, pois só restavam duas velas acesas: creio que as outras

se apagaram quando as damas levantaram-se subitamente. Levantei-me de um salto para pedir desculpas, para assegurá-las... e então, naquele instante, a exaustão tomou conta de mim como tomara conta de meu cavalo na última sebe; agarrei-me à mesa, mas acabei por puxar a toalha e caí. A queda, a escuridão do assoalho e a fadiga acumulada do dia dominaram-me por completo.

“O sol brilhava sobre campos resplandecentes e pela janela de um quarto, milhares de pássaros cantavam para a primavera e lá estava eu, em uma antiga cama de dossel em um quarto estranhamente decorado, completamente vestido e calçando botas longas enlameadas; alguém havia retirado minhas esporas e só. Por um momento, não consegui compreender, então me lembrei de minha vilania e da necessidade premente de um abjeto pedido de desculpas a Sir Richard. Puxei um cordão de campainha bordado até o mordomo aparecer; ele entrou no quarto perfeitamente animado e com roupas indescritivelmente surradas. Perguntei-lhe se Sir Richard já levantara e ele respondeu que meu anfitrião acabara de descer e, para meu espanto, disse-me que era meio-dia. Pedi para ser levado imediatamente até a presença de Sir Richard.

“Ele estava em sua sala de fumar. ‘Bom dia’, disse ele alegremente no momento em que entrei. Fui direto ao assunto. ‘Receio ter insultado algumas das damas que estavam em sua casa...’, comecei.

“ ‘De fato insultou’, disse ele, ‘De fato insultou’. E, de repente, começou a chorar e pegou a minha mão. ‘Como posso lhe agradecer?’, perguntou ele. ‘Éramos treze à mesa há trinta anos e jamais ousei insultá-las porque eu havia prejudicado a todas, e agora o senhor o fez e sei que elas nunca mais tornarão a jantar aqui.’ E ele continuou a segurar minha mão por um longo tempo, então a apertou e sacudiu de um modo que me pareceu significar ‘adeus’, e com isso retirei minha mão e parti. Encontrei James nos estábulos com os cães e perguntei como havia passado a noite e ele, que é um homem de pouquíssimas palavras, disse que não conseguia lembrar-se muito bem; peguei minhas esporas com o mordomo e montei no meu cavalo. Lentamente nos afastamos daquela estranha casa antiga e, nesse passo, tomamos o caminho de casa, pois os cães tinham as patas feridas, embora estivessem felizes, e os cavalos ainda estavam cansados. E quando lembramos que a temporada de caça terminara, voltamos nossas atenções para a primavera e pensamos nas coisas novas que tentam substituir as velhas. Naquele mesmo ano, ouvi, e tenho ouvido desde então, falarem de bailes e jantares mais alegres na residência de Sir Richard Arlen.”

1. A cabeça (“máscara”) e a cauda (“escova”) da raposa, que costumavam ser cortadas do corpo após a caçada. (N. do T.)

A cidade na Charneca de Mallington

Além do velho pastor de Lingwold, cujos hábitos o tornam pouco confiável, sou provavelmente a única pessoa que já viu a cidade na Charneca de Mallington.

Certo ano, eu havia decidido passar um tempo fora de Londres, em parte por causa da feiura das mercadorias nas lojas, em parte por causa das invasões desenfreadas de grupos alemães e talvez também em parte porque alguns dos papagaios de estimação na rua onde eu morava aprenderam a imitar apitos de táxis. Mas a razão principal era porque, nos últimos tempos, eu sentia em Londres uma saudade irracional de grandes florestas e lugares desabitados, ao mesmo tempo em que a simples ideia de pequenos vales abaixo de bosques repletos de samambaias e dedaleiras era um tormento para mim, e a cada verão em Londres a saudade aumentava, até o ponto em que estava se tornando intolerável. Assim, peguei uma bengala e uma mochila e comecei a andar para o norte, começando em Tetherington e dormindo em estalagens, onde se podia comer sal de verdade, o garçom falava inglês e onde a pessoa tinha um nome em vez de um número. E embora a toalha de mesa pudesse estar suja, as janelas se abriam, de modo que o ar era puro; e era também onde se tinha a excelente companhia de fazendeiros e homens do campo, que não podiam ser completamente vulgares, pois não tinham o dinheiro para serem, mesmo que quisessem. No início, a novidade era encantadora, então, certo dia, numa estranha e antiga estalagem no caminho de Uthering, passando Lingwold, ouvi pela primeira vez o rumor sobre a cidade que, diziam, ficava na Charneca de Mailington. Dois fazendeiros que estavam na estalagem falavam sobre ela de maneira bastante casual entre goles de cerveja. “Dizem que o povo estranho vive lá em Mallington, na cidade deles”, disse um fazendeiro. “Parecem que estão

viajando”, disse o outro. Chegaram mais pessoas, e o rumor se espalhou. E tais são as contradições de nossos pequenos gostos e desgostos e de todos os caprichos que nos movem que eu, que viera tão longe para evitar cidades, comecei a sentir de repente uma imensa saudade das multidões e das grandes colmeias humanas, e no mesmo instante decidi, naquela clara manhã de domingo, ir até Mallington e lá procurar pela cidade de que os rumores falavam de maneira tão estranha.

A Charneca de Mallington, por tudo que disseram sobre ela, estava longe de ser um lugar onde algo poderia ser encontrado através de uma busca. Era uma imensa charneca elevada, erma, desolada e sem nenhuma trilha. Parecia um local desabitado, pelo que disseram. Os normandos, quando chegaram, chamaram-na de Mal Lieu e, mais tarde, de Mallintown, e assim o nome foi modificado para Mallington. Porém, o que pode uma cidade ter a ver com um lugar de tamanha desolação eu não sei. E antes disso alguns dizem que os saxões chamavam-na de Baplas, que acredito ser uma corruptela de Bad Place (Lugar Ruim).

Mais do que o simples rumor de uma bela cidade, toda de mármore branco e com um ar estrangeiro na Charneca de Mallington, mais do que isso não consegui saber. Nenhum dos fazendeiros a vira pessoalmente, “apenas meio que ouviram sobre ela”, e minhas perguntas, em vez de estimularem a conversa, sempre a interrompiam bruscamente. Não tive mais sorte na estrada para Mallington até a terça-feira, quando já estava bem perto do local. Eu estava caminhando há dois dias desde que saíra da estalagem onde ouvi o rumor, e agora podia ver a grande colina íngreme como um promontório no qual se encontrava Mallington, erguendo-se contra o horizonte: a colina era coberta de grama, onde cresceria qualquer coisa, mas na Charneca de Mallington só há urzes. Ela está marcada apenas como Charneca no mapa: como ninguém vai lá, não se preocupam em lhe dar um nome. Foi lá, onde a colina desolada ficou à vista pela primeira vez, à margem da estrada enquanto eu perguntava a alguns fazendeiros pelo caminho a respeito da cidade de mármore, que me indicaram (creio que em parte como sinal de escárnio) o velho pastor de Lingwold. Ele aparentemente surgia às vezes nos limites da Charneca de Mallington, depois de seguir ovelhas que se desgarravam, afastando-se de Lingwold, e pelo visto voltava dessas excursões gritando ao passar pelas aldeias, vociferando sobre uma cidade de mármore branco e minaretes de topos dourados. Ao ouvirem minhas perguntas sobre essa cidade, os fazendeiros riram e me indicaram o pastor de Lingwold. Eles me deram um aviso bem intencionado quando parti: o velho não era confiável.

No final daquela tarde, vi os telhados de sapê de Lingwold, abrigados à sombra daquela imensa colina que, tal como Atlas, erguia aquelas milhas de

charneca na direção dos ventos e do céu.

Em Lingwold sabiam menos sobre a cidade do que em outros lugares, mas sabiam do paradeiro do homem que eu procurava, apesar de parecerem ter um pouco de vergonha dele. Havia uma estalagem em Lingwold onde pude me abrigar e de onde, pela manhã, equipado com minhas compras, parti para encontrar o pastor. E lá estava ele nos limites da Charneca de Mallington, imóvel, olhando estupidamente para suas ovelhas; as mãos tremiam incessantemente, e os olhos tinham um aspecto turvo, mas estava bastante sóbrio, e nesse ponto os habitantes de Lingwold haviam sido injustos com ele.

Perguntei-lhe de pronto sobre a cidade e ele respondeu que nunca tinha ouvido falar de tal lugar. Eu disse: “Vamos, vamos, você precisa se recompor”. Ele me olhou irritado; mas quando me viu tirar do meio de minhas compras uma garrafa de uísque e um copo grande, tornou-se mais amigável. Enquanto servia o uísque, perguntei sobre a cidade de mármore na Charneca de Mallington, mas ele parecia sinceramente não saber nada a respeito dela. A quantidade de uísque que bebeu era incrível, mas eu raramente demonstro surpresa e, mais uma vez, perguntei-lhe o caminho para a cidade maravilhosa. Sua mão agora estava mais firme e seus olhos mais inteligentes, e disse que ouvira algo sobre uma cidade assim, porém sua memória estava evidentemente confusa e ele ainda não conseguia me dar informações úteis. Acabei por lhe dar outro copo, que ele bebeu como o primeiro, sem água, e tornou-se um homem diferente quase que de imediato. O tremor das mãos parou por completo, o olhar tornou-se tão vivo quanto o de um jovem, ele respondia as perguntas de bom grado, com franqueza e, o que era ainda mais importante para mim, sua memória ficou alerta e nítida até para os mais ínfimos detalhes. Não preciso mencionar a gratidão do homem por mim, pois não fingirei que comprei a garrafa de uísque que o velho pastor tanto apreciou sem pensar que fosse um pouco para meu benefício. Ainda assim, era agradável pensar que foi por minha causa que ele havia se recomposto, firmado a mão trêmula e desanuviado a mente, recuperando a memória e o respeito próprio. Falou comigo de maneira clara, não arrastando mais as palavras. Ele vira a cidade pela primeira vez em uma noite de luar, quando se perdera em meio à neblina na grande charneca; andou por muito tempo ao léu em meio à neblina e, quando esta levantou, avistou a cidade à luz do luar. Não levava comida consigo, mas felizmente havia levado um cantil. Jamais houve cidade semelhante, nem mesmo em livros. Viajantes falavam às vezes de Veneza vista do mar — talvez existisse tal lugar, talvez não — mas, existindo ou não, não era nada comparado à cidade na Charneca de Mallington. Homens que liam livros, centenas de livros, haviam falado com ele quando era mais jovem, mas jamais puderam falar a respeito de qualquer cidade como essa. Ora, o lugar era

todo de mármore, estradas, muralhas e palácios, todos de puro mármore branco, e o topo dos coruchéus altos e alongados era inteiramente de ouro. E era uma gente estranha a da cidade, mesmo para estrangeiros. E havia camelos... mas eu o interrompi, pois pensava que podia julgar por mim mesmo se tal lugar existia e, caso não existisse, eu estava desperdiçando meu tempo, assim como um quartilho de bom uísque. Logo, fiz com que falasse sobre o caminho e, depois de mais rodeios do que eu precisava e de mais conversa a respeito da cidade, ele apontou para uma minúscula trilha de terra negra bem ao lado de onde estávamos, um pequeno caminho tortuoso que mal se podia ver.

Eu disse que a charneca não possuía trilhas; homem ou cão certamente não pisavam ali, e ela parecia ter menos a ver com os caminhos dos homens do que qualquer outro local deserto que já vi; porém, a trilha que o velho pastor me mostrara, se é que era uma, não era mais do que a trilha de uma lebre, chamada pelo velho de caminho élfico, seja lá o que quisesse dizer com aquilo. Antes de deixá-lo, ele insistiu em me dar o cantil, que continha um rum forte e estranho. O uísque, em algumas pessoas, desperta melancolia, em outras, alegria — com ele era obviamente generosidade, e insistiu até que aceitei o rum, embora eu não pretendesse bebê-lo. Era solitário lá em cima, disse ele, fazia muito frio e a cidade era difícil de encontrar, por se situar em um vale, e eu poderia precisar do rum, e ele só vira a cidade de mármore em dias em que carregava o cantil consigo: parecia considerar aquele cantil de ferro enferrujado como uma espécie de mascote, e acabei aceitando-o.

Segui a trilha indistinta de terra negra por entre as urzes até chegar à grande pedra cinzenta que se erguia contra o horizonte, onde a trilha se dividia em duas, e peguei a da esquerda, como o velho me dissera para fazer. Eu sabia por outra pedra que vi à distância que eu não me perdera, nem o velho mentira.

Eu esperava vislumbrar os muros da cidade antes que acabasse a luz do entardecer naquele lugar desolado, quando de repente vi uma longa parede de brancura, com pináculos que despontavam aqui e ali, flutuando silenciosa e inexorável na minha direção como um segredo, e soube que era aquela coisa maligna, a neblina. O sol, apesar de já estar baixo, brilhava em cada ramo de urze, os musgos verdes e escarlates também brilhavam na luz; parecia incrível que em três minutos todas as cores sumiriam e nada restaria ao redor além de uma escuridão cinzenta. Eu já não tinha mais esperança de encontrar a cidade naquele dia, uma vez que seria fácil perder uma trilha até mais larga do que a minha. Escolhi rapidamente como leito um denso amontoado de urzes, enrolei-me numa capa impermeável, deitei e me acomodei. E então caiu a neblina, surgindo primeiro como cortinas rendadas sendo cuidadosamente puxadas, e depois como venezianas acinzentadas sendo fechadas; ela obscureceu o

horizonte ao norte, depois a leste e a oeste; tornou branco todo o céu e ocultou a charneca. A neblina desceu sobre a região como uma metrópole, porém completamente silenciosa, silenciosa e branca como uma lápide.

E então fiquei feliz por ter aquele rum forte e estranho, ou o que quer que houvesse no cantil que o pastor me dera, pois parecia que a neblina não levantaria até a noite, a qual seria fria, temia eu. Assim, quase esvaziei o cantil; e, mais cedo do que eu esperava, adormeci, pois na primeira noite ao ar livre, via de regra, não se dorme de imediato, já que se fica acordado durante algum tempo por causa dos ventos e dos sons desconhecidos dos seres que vagam à noite e que gritam uns aos outros ao longe, com vozes estranhas e indistintas; sentimos falta delas quando voltamos para casa. Contudo, não ouvi nenhum desses sons em meio à neblina naquele entardecer.

Então, quando acordei, percebi que a neblina havia sumido e que o sol estava recém desaparecendo atrás da charneca, e soube que eu não havia dormido tanto quando imaginara. Decidi seguir em frente enquanto pudesse, pois achava que não estava muito longe da cidade.

Prossegui ao longo da trilha tortuosa, enquanto resquícius da neblina baixavam e preenchiam os vales, mas se dissipavam de imediato, de modo que eu podia ver por onde andava. O crepúsculo desapareceu conforme eu ia em frente, uma estrela surgiu e eu já não conseguia mais ver a trilha. Não havia como continuar naquela noite; porém, antes de me deitar para dormir, decidi dar uma olhada sobre a borda de um vale extenso na charneca que eu vira perto dali. Assim, saí da trilha e caminhei algumas centenas de jardas e, quando cheguei até a borda, o vale estava repleto de uma neblina completamente branca, logo abaixo de mim. Outra estrela apareceu, seguida de um vento gelado, e com o vento a neblina se abriu como uma cortina. Lá estava a cidade.

Nada do que o pastor disse era falso ou sequer exagerado. O pobre homem havia dito a mais pura verdade: não há no mundo cidade como aquela. O que ele chamara de coruchéus alongados eram minaretes, mas as pequenas abóbadas no topo eram claramente de ouro puro, como ele dissera. Lá estavam os terraços de mármore que ele descrevera e os palácios alvíssimos, cobertos de entalhes, e centenas de minaretes. A cidade era obviamente do Oriente e, entretanto, onde deveria haver crescentes nas abóbadas dos minaretes havia sóis dourados com raios, para onde quer que se olhasse havia coisas que obscureciam a origem do lugar. Desci até lá e, passando por um postigo de ouro em uma muralha baixa de mármore branco, entrei na cidade. As urzes iam até os limites da cidade e açoitavam a muralha de mármore sempre que o vento soprava nelas. Luzes começaram a piscar em janelas elevadas de vidro azulado enquanto eu caminhava pela rua branca; belas lanternas de cobre eram acesas e penduradas

de sacadas por correntes prateadas; de portas entreabertas, vinha o som de vozes cantando, então vi os homens. Seus rostos eram mais cinzentos do que negros e vestiam belos mantos de seda colorida, com bainhas bordadas a ouro e algumas a cobre, e por vezes, a passos lentos pelas ruas de mármore, com cestas douradas penduradas nos flancos, vi os camelos de que o velho pastor falara.

As pessoas tinham fisionomias cordiais, porém, embora evidentemente fossem gentis com estranhos, eu não conseguia falar com elas por desconhecê-lhes a língua, tampouco os sons das sílabas que usavam se pareciam com qualquer língua que eu já ouvira: soavam mais como uma lamúria.

Quando eu tentava perguntar a eles, por meio de sinais, de onde vieram com sua cidade, apenas apontavam para a lua, que estava brilhante e cheia e iluminava intensamente aquelas ruas de mármore, fazendo com que a cidade dançasse na luz. Então, saindo suavemente pelas janelas, começaram a aparecer aos poucos nos terraços homens com instrumentos de corda. Eram instrumentos estranhos com grandes bojos de madeira, tocados suavemente e de maneira muito agradável, e as vozes exóticas dos homens cantavam junto às melodias hinos fúnebres extraordinários pelas dores de sua terra natal, onde quer que fosse. Ao longe, no centro da cidade, outros também cantavam, e o som do canto chegava até mim onde quer que eu andasse, baixo o suficiente para não perturbar meus pensamentos, porém direcionando gentilmente minha mente a coisas agradáveis. Estreitos arcos entalhados de mármore, quase tão delicados quanto rendas, cortavam e recortavam os caminhos onde quer que eu passasse. Não havia sinal daquela pressa de que se gabam as cidades tolas, nada repelente ou sórdido pelo que eu podia ver. Eu a via como uma cidade de beleza e canções. Imaginava como haviam viajado com todo aquele mármore, como o haviam depositado na Charneca de Mallington, de onde vieram e quais eram seus recursos, e decidi realizar uma investigação minuciosa na manhã seguinte, pois o velho pastor não havia incomodado a própria cabeça pensando em como a cidade chegara até ali — ele apenas observou que a cidade estava lá (e, é claro, ninguém acreditou nele, embora em parte fosse culpa sua devido aos seus hábitos desregrados). Porém, à noite, pouco se vê, e eu caminhara o dia inteiro, de modo que resolvi encontrar um lugar para descansar. No momento em que pensava se deveria pedir abrigo àqueles homens de mantos de seda por meio de sinais ou se deveria dormir do lado de fora das muralhas e entrar novamente pela manhã, cheguei a uma imensa arcada em uma das casas de mármore com duas cortinas negras, bordadas a ouro na parte inferior, que pendiam da estrutura. Na superfície da arcada, estavam entalhadas, aparentemente em muitas línguas, as palavras: “Aqui descansam os forasteiros”. A frase era repetida em grego, latim e espanhol, e havia também escritos na língua que se vê nas paredes dos grandes

templos do Egito, árabe e o que eu imaginava ser assírio e uma ou duas línguas que eu nunca vira. Entrei passando pelas cortinas e me vi em um átrio de mármore quadriculado, com braseiros dourados onde queimavam incensos para o sono, pendurados em correntes que saíam do teto; perto das paredes em redor havia colchões confortáveis no chão, cobertos por panos e sedas. Deviam ser dez horas e eu estava cansado. Lá fora, a música ainda preenchia suavemente as ruas; um homem colocara uma lanterna no chão de mármore, cinco ou seis sentaram-se ao redor dele e ele começou a contar-lhes sonoramente uma história. Do lado de dentro, alguns já dormiam nas camas; no centro do amplo átrio, sob os braseiros, uma mulher de vestes azuis cantava com brandura — ela não se movia, mas continuou a cantar; jamais ouvi uma canção que acalmasse tanto. Deitei-me em um dos colchões próximo à parede, que era repleta de mosaicos, puxei sobre mim as cobertas trabalhadas de beleza estrangeira e, quase que imediatamente, meus pensamentos pareciam fazer parte da canção cantada pela mulher no centro do átrio sob os braseiros dourados que pendiam do teto elevado; a canção transformou os pensamentos em sonhos e, assim, adormeci.

Com a chegada de um vento leve, fui acordado por um ramo de urzes que açoitava meu rosto incessantemente. Era manhã na Charneca de Mallington e a cidade desaparecera por completo.

Por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer

No Salão da Antiga Companhia de Leiteiros, em volta da grande lareira situada no fundo, enquanto as lenhas do inverno queimam e os veículos estão guardados, eles contam hoje, como seus avós contaram antes deles, por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer.

Quando o amanhecer espreita sobre os topos das colinas, perscruta por entre os troncos das árvores criando sombras maravilhosas, toca as extremidades das colunas de fumaça que sobem de cabanas que despertam nos vales e desponta num fulgor dourado sobre os campos de Kent, quando, vindo de lá, chega lentamente aos muros de Londres e embrenha-se timidamente naquelas ruas sombrias, o leiteiro o percebe e estremece.

Um homem pode ser um Aprendiz Ativo de Leiteiro, pode saber o que é bórax e como misturá-lo, mas não é por isso que a história lhe é contada. Há somente cinco homens que contam essa história, cinco homens designados pelo Mestre da Companhia, que se encarrega de preencher cada cargo à medida que se torna vago, e se não for por um deles, não se ouve a história por ninguém e assim jamais poderá ficar sabendo por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer.

É o costume de um desses cinco homens, de barbas grisalhas, leiteiros desde a infância, esfregar as mãos perto do fogo enquanto as grandes toras de lenha queimam e acomodar-se em sua cadeira, talvez para bebericar alguma bebida que não seja leite, então olhar em volta para certificar-se de que não há entre os presentes alguém a quem não seria adequado contar a história, olhando cada um

dos rostos e vendo somente os homens da Antiga Companhia, indagando silenciosamente com os olhos os outros quatro, caso algum deles esteja lá e, recebendo a permissão desses, tossir e contar a história. Um grande silêncio cai sobre o Salão da Antiga Companhia, algo acerca da forma do teto e das vigas faz com que a história seja levada até o outro lado do salão, de maneira que o mais jovem pode ouvi-la mesmo longe do fogo e toma conhecimento dela, e sonha com o dia em que talvez seja ele a contar por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer.

A história não é contada como se conta um fato casual, nem é comentada de boca em boca, pois é contada somente em volta daquela grande lareira e quando a ocasião, a quietude do lugar, o mérito do vinho e o proveito de tudo isso parecem justificá-la na opinião dos cinco homens responsáveis: então um deles a conta, como eu disse, sem ser apresentado por algum mestre de cerimônias, mas como se a história saísse direto do calor do fogo, diante do qual suas mãos nodosas estariam; não era algo aprendido mecanicamente, mas algo contado de maneira diferente por cada contador, e diferente de acordo com seu estado de espírito, porém nenhum deles jamais ousou alterar os pontos principais — não há ninguém tão indigno na Companhia de Leiteiros. A Companhia dos Empoadores de Rostos sabia dessa história e a invejava, assim como a Valorosa Companhia dos Barbeiros de Queixo e a Companhia dos Suiceiros. Mas nenhuma delas ouviu a história no Salão dos Leiteiros, por cujas paredes nenhum rumor do segredo passa; e embora as outras tenham inventado suas próprias histórias, são escarnecidas pela Antiguidade.

Essa história madura já possuía uma idade venerável quando os leiteiros ainda usavam chapéus de castor, sua origem ainda era misteriosa quando gabões brancos estavam em voga, e os homens se perguntavam, quando os Stuarts ainda estavam no trono (e somente a Antiga Companhia sabia a resposta), por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer. Por inveja da reputação dessa história é que a Companhia dos Empoadores de Rostos inventou a história que também conta em determinadas noites, a de “Por que o cão late quando ouve os passos do padeiro”; e porque todos provavelmente conhecem essa história, a Companhia dos Empoadores de Rostos ousa considerá-la famosa. Ela, no entanto, carece de mistério e não é antiga, não é reforçada por alusões clássicas, não possui uma tradição secreta, é de conhecimento de todos que se importam com uma história casual e compartilha com “As Guerras dos Elfos”, o conto do Açougueiro e “A História do Unicórnio e a Rosa”, que é a história da Companhia dos Cocheiros, sua óbvia inferioridade.

Porém, ao contrário de todas essas histórias tão novas e de tantas outras surgidas nos últimos dois séculos, a história que os leiteiros contam é sabiamente

passada adiante aos sussurros, tão cheia de citações dos escritores mais profundos, tão cheia de alusões ocultas, tão profundamente marcada por toda a sabedoria dos homens e instrutiva pelas experiências de todas as épocas, que aqueles que a escutam no Salão dos Leiteiros, enquanto interpretam alusão após alusão e localizam citações obscuras, perdem a curiosidade e se esquecem de perguntar por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer.

Você também, leitor, não se renda à curiosidade. Pense em como ela é a perdição de muitos. Você, para satisfazê-la, acabaria com o mistério do Salão dos Leiteiros e prejudicaria a Antiga Companhia de Leiteiros? Se o mundo inteiro a conhecesse e ela se tornasse algo banal, eles contariam essa história mais do que já a contaram nos últimos quatrocentos anos? Pelo contrário, um silêncio se abateria sobre o salão, tal como um pesar universal pela antiga história e pelas antigas noites de inverno. E embora a curiosidade pudesse ser considerada apropriada, ainda assim este não é o lugar apropriado, nem a ocasião apropriada, para a História. Pois o lugar apropriado é apenas o Salão dos Leiteiros, e a ocasião apropriada apenas quando a lenha queima bem e quando o vinho é bebido profusamente. Então, quando as velas estivessem ardendo nas longas fileiras à meia-luz, até a escuridão e o mistério que repousam no fundo do salão, e você fizesse parte da Companhia e eu fosse um dos cinco, então eu levantaria do meu lugar junto à lareira e lhe contaria, com todos os ornamentos acumulados com o passar das eras, aquela história que é a herança dos leiteiros. E as velas derreteriam, ficando cada vez menores, até se liquefazerem em seus suportes; correntes de ar soprariam cada vez mais fortes da extremidade escurecida do salão, até que as sombras viriam no encalço delas, e eu ainda teria sua atenção com aquela estimada história, não por causa de qualquer habilidade de minha parte, mas simplesmente devido ao fascínio e às épocas de onde ela veio. Uma a uma as velas tremeluzeriam e apagariam e, quando tudo estivesse acabado, à luz das centelhas ominosas, quando o rosto de cada leiteiro encarasse temeroso seu companheiro, você saberia, como agora não pode sabê-lo, por que o leiteiro estremece quando percebe a chegada do amanhecer.

A velha sinistra vestida de preto

A velha sinistra vestida de preto desceu correndo a rua dos açougueiros.

Na mesma hora, janelas foram abertas no alto daquelas empenas decrépitas; cabeças saíram para fora: era ela. Então vozes ansiosas começaram a se erguer, chamando vizinhos de janela em janela ou do outro lado da rua, nas casas em frente. Por que ela estava lá, com seus cequins, contas e o velho vestido preto? Por que ela saía de sua temível casa? Que negócios tenebrosos ia resolver com tanta pressa?

As pessoas observavam a figura magra e ágil da mulher e o vento naquele vestido preto, e em pouco tempo ela já havia cruzado a rua de pedras arredondadas e passado sob o portão alto da cidade. Entrou de imediato à direita, não podendo mais ser vista das casas. Todos então correram até as portas, e pequenos grupos foram formados na calçada; lá discutiram a questão, os mais velhos sendo os primeiros a falar. Nada disseram sobre o que viram, pois não havia dúvida de que era ela; falaram do futuro, e somente do futuro.

Qual seria o famigerado resultado dos negócios da velha? O que a atraía para fora de sua temível casa? Que plano brilhante, porém perverso, sua mente arquitetava? Acima de tudo, que mal vindouro essa aparição pressagiava? Assim, de início havia apenas perguntas. E então os velhos de barbas grisalhas falaram, cada um a um pequeno grupo; eles já a tinham visto sair antes, conheciam-na desde a juventude e haviam notado as coisas ruins que se seguiram às aparições da mulher: os pequenos grupos ouviam atentamente as vozes baixas e severas dos homens. Ninguém fazia perguntas nem tentava adivinhar quais seriam os negócios abomináveis da velha, apenas escutavam os velhos sábios que tinham conhecimento das coisas que ocorreram e que contavam aos mais jovens sobre as desgraças de outrora.

Ninguém sabia quantas vezes ela saía de sua pavorosa casa, mas os mais velhos relataram todas as vezes de que se lembravam, o caminho que ela tomara em cada ocasião e a desgraça que se seguira à sua aparição; e dois conseguiam se lembrar do terremoto que houve na rua dos tosquiadores.

Assim, havia muitas histórias de outrora, contadas na calçada perto das antigas portas verdes, na esquina da rua de pedras arredondadas, e a experiência que os idosos compraram com seus cabelos brancos pode ter saído barata para os jovens. Contudo, apesar de toda sua experiência, apenas isto estava claro: que nunca antes a mulher fizera a mesma coisa abominável por duas vezes e que a mesma calamidade nunca se seguiu por duas vezes às suas aparições. Portanto, parecia que os meios para se descobrir o que estava prest a se suceder eram poucos e duvidosos, e uma sensação agourenta de desânimo abateu-se sobre a rua dos açougueiros. E em meio ao desânimo surgiram receios pelo pior. O único consolo que tiveram quando deram voz aos seus medos foi o de que a desgraça que se seguira à aparição da velha jamais havia sido antecipada. Alguém temia que, com sua magia, ela pretendesse mover a lua, e ele teria amaldiçoado a maré alta da costa vizinha, sabendo que tanto quanto a lua atrai o mar, o mar deve atrair a lua, esperando por meio desse artifício ludibriar os feitiços da velha. Outro teria pegado barras de ferro e as teria prendido pela rua, lembrando do terremoto que ocorrera na rua dos tosquiadores. Outro teria reverenciado os deuses do lar, os pequenos ídolos de rostos felinos sentados sobre a lareira, deuses aos quais a magia não era algo incomum, e, depois de tê-los honrado adequadamente e pago seus tributos, teria levado o caso até o conhecimento dos deuses. Seu plano teve a aprovação de muitos, mas ainda assim acabou rejeitado, pois outros correram para dentro e também trouxeram seus deuses para serem honrados, até haver uma multidão de deuses sentados na calçada. E as pessoas os teriam honrado e levado o caso até os deuses, mas por último apareceu um homem gordo, carregando cuidadosamente debaixo de um braço reverencioso

seus próprios dois deuses de rostos caninos, embora ele soubesse muito bem, como o devem saber todos os homens, que eles estavam notoriamente em guerra com os pequenos ídolos de rostos felinos. E ainda que as animosidades naturais da fé tivessem se acalmado com a crise, apareceu nos rostos felinos um olhar de fúria que ninguém ousou negligenciar, e todos perceberam que, se permanecessem ali por mais tempo, a inveja dos deuses seria inflamada ao seu redor; dessa forma, cada homem levou apressadamente seus ídolos para casa, deixando o homem gordo a insistir que os deuses de rostos caninos deviam ser honrados.

Então preparativos voltaram a ser elaborados e vozes se inflamaram em debate, e novos perigos foram temidos e novos planos foram feitos.

No fim, porém, não se protegeram do perigo, pois não sabiam o que seria, mas escreveram num pergaminho um aviso para que todos pudessem saber: “A velha sinistra vestida de preto desceu correndo a rua dos açougueiros”.

O pássaro do olho indócil

Homens e mulheres observadores, que conhecem bem a Bond Street, entenderão o quanto fiquei espantado em uma joalheria ao perceber que ninguém ali me olhava furtivamente. Além disso, quando peguei um pequeno cristal entalhado para examinar, nenhum vendedor aproximou-se de mim. Caminhei por toda a loja, e ainda assim ninguém me seguiu.

Deduzindo a partir do episódio que havia ocorrido alguma extraordinária revolução no ramo das joias, fui com minha curiosidade atiçada até um velho estranho, meio demônio e meio homem, que possui uma loja de ídolos numa viela da Cidade e que me mantinha informado sobre os acontecimentos na Orla do Mundo. E com uma pitada de incenso pagão, que usa como rapé, ele me deu rapidamente esta extraordinária informação: de que o sr. Neepey Thang, o filho de Thangobrind, havia retornado da Orla do Mundo e estava em Londres naquele exato momento.

A informação pode não parecer extraordinária para os que não sabem de onde vêm as joias; mas quando eu disser que o único ladrão que qualquer joalheiro de West End emprega desde a lastimável condenação do famoso Thangobrind é esse mesmo Neepey Thang, e que em matéria de leveza de dedos e ligeireza de pés descalços não há ninguém melhor nem em Paris, compreenderão por que os joalheiros da Bond Street já não se importavam com o que acontecia aos seus velhos estoques.

Naquele verão, havia em Londres diamantes enormes e algumas safiras consideráveis. Em certos reinos fabulosos no Oriente, estranhos soberanos deram pela falta em seus turbantes das relíquias de antigas guerras, e aqui e ali

guardas das joias das coroas, que não ouviram os pés descalços de Thang, foram interrogados e morreram lentamente.

E os joalheiros ofereceram um jantar modesto a Thang no Hotel Great Magnificent; as janelas não eram abertas há cinco anos, e havia vinho a um guinéu a garrafa, que não se tinha como diferenciar de champanhe, e charutos por meia coroa com rótulos de Havana. De modo geral, foi uma noite esplêndida para Thang.

Porém, preciso contar sobre algo muito mais triste do que um jantar em um hotel. O público exige joias e joias precisam ser obtidas. Preciso contar sobre a última viagem de Neepy Thang.

Naquele ano, as esmeraldas estavam na moda. Um homem chamado Green havia atravessado recentemente o Canal em uma bicicleta, e os joalheiros disseram que uma pedra verde seria particularmente apropriada para celebrar o evento, e recomendaram esmeraldas.

Ora, um certo agiota de Cheapside, que recém se tornara um nobre, dividiu seus ganhos em três partes iguais: uma para a compra do pariato, da casa de campo e do parque e dos vinte mil faisões, que são absolutamente essenciais, e uma para a manutenção da posição; a terceira ele depositou no exterior, em parte para ludibriar os impostos nacionais e em parte porque lhe parecia que os dias do Pariato eram poucos e que a qualquer momento ele poderia ser obrigado a recomeçar em outro lugar. Na manutenção da posição ele incluiu as joias para a esposa, e assim sucedeu que Lorde Castlenorman fez uma encomenda a dois renomados joalheiros da Bond Street, chamados srs. Grosvenor e Campbell, no valor de cem mil libras por algumas esmeraldas confiáveis.

As esmeraldas em estoque, no entanto, eram em sua maioria pequenas e gastas pela exposição na loja, de modo que Neepy Thang teve de partir imediatamente antes que se completasse uma semana de sua estada em Londres. Resumirei seu plano em poucas palavras. Quase ninguém tinha conhecimento dele, pois onde a chantagem é o modo pelo qual os negócios são feitos, quanto menos credores, melhor (o que, de certa forma, aplica-se sempre).

Nas praias dos mares perigosos de Shiroora Shan cresce apenas uma árvore, de modo que em seus galhos, de todos os lugares do mundo, o Pássaro do Olho Indócil precisa fazer seu ninho. Neepy Thang obtivera a informação, que de fato era verdadeira, de que, se o pássaro migrasse para o Reino Encantado antes que os três ovos fossem chocados, eles sem dúvida se transformariam em esmeraldas, ao passo que seria um mau negócio se fossem chocados primeiro.

Quando mencionou esses ovos aos srs. Grosvenor e Campbell, eles disseram: “Esses mesmos”; eram homens de poucas palavras, pois o inglês não era sua língua materna.

Assim, Neepey Thang partiu. Comprou o bilhete púrpura na Victoria Station. Seguiu para Herne Hill, Bromley e Bickley e passou por St. Mary Cray. Em Eynsford desembarcou e, pegando um caminho ao longo de um vale sinuoso, seguiu em direção às colinas. E no topo de uma colina em um pequeno bosque, onde já não existiam anêmonas há muito tempo e o perfume de hortelã e tomilho vinha de fora junto com Thang, encontrou mais uma vez o caminho familiar, ancestral e maravilhosamente belo, que leva à Orla do Mundo. Pouco lhe diziam as memórias sagradas daquele caminho, que são uma coisa só com o segredo da terra, pois ele estava a serviço, e pouco me diriam se um dia eu viesse a colocá-las no papel. Basta dizer que seguiu aquele caminho, afastando-se cada vez mais dos campos do nosso conhecimento, murmurando para si mesmo durante todo o trajeto: “E se os ovos chocarem e for um mau negócio?” O fascínio que se encontra constantemente sobre aquelas terras isoladas, situadas atrás das colinas calcárias de Kent, aumentava à medida que prosseguia a viagem. Cada vez mais exóticas eram as coisas que ele via ao longo do caminho do Fim do Mundo. Muitos crepúsculos caíram sobre aquela viagem com todos os seus mistérios, muitas estrelas cintilaram; muitas manhãs surgiram fulgurantes ao tinir de trompas argêntas, até que os postos avançados dos elfos do Reino Encantado foram avistados e os cumes resplandecentes das três montanhas do Reino Encantado anunciavam o fim da viagem. E assim, com passos dolorosos (pois as costas do mundo são cobertas por imensos cristais), ele chegou aos mares perigosos de Shiroora Shan e os viu transformar em cascalho os restos de estrelas caídas, viu-os e ouviu o barulho que faziam, aqueles mares sem navios que entre a terra e os lares das fadas erguem-se sob um vento descomunal que não é nenhum dos nossos quatro. E lá, na escuridão da praia cinzenta, pois a escuridão vinha descendo do céu como se tivesse algum propósito maligno, erguia-se solitária aquela árvore nodosa e caduca. Não era um bom lugar para se estar depois de escurecer, e a noite caiu com inúmeras estrelas, enquanto feras que espreitavam no escuro gulavam^[1] Neepey Thang.

E ali, num galho mais baixo ao seu alcance, viu claramente o Pássaro do Olho Indócil sentado no ninho que lhe dá a fama. O rosto da ave estava voltado para aquelas três montanhas inescrutáveis ao longe, do outro lado dos mares perigosos, cujos vales ocultos pertencem ao Reino Encantado. Embora ainda não fosse outono nos campos do nosso conhecimento, aqui se aproximava o solstício de inverno, o momento em que Thang sabia que os ovos chocariam. Teria ele calculado mal e chegado um minuto atrasado? Porém, o pássaro naquele mesmo instante estava prestes a migrar, agitava as asas e seu olhar estava voltado para o Reino Encantado. Thang tinha esperança e murmurou uma prece àqueles deuses pagãos, cujo rancor e vingança ele tinha razão em temer. Aparentemente era tarde demais ou a prece havia sido fraca demais para aplacá-los, pois na mesma hora o solstício de inverno chegou de um golpe e os ovos foram chocados no estrondo de Shiroora Shan antes que o pássaro partisse com seu olho indócil e, de fato, era um mau negócio para Neepy Thang. Não tenho coragem de contar-lhe mais.

— Olhem — disse Lorde Castlenorman algumas semanas mais tarde para os srs. Grosvenor e Campbell —, vocês estão demorando demais com essas esmeraldas.

O conto do imenso porteiro

Há coisas que são conhecidas apenas pelo imenso porteiro de Tong Tong Tarrup, que resmunga lembranças para si mesmo sentado na entrada do pequeno bastião.

Ele se lembra da guerra ocorrida nos salões dos gnomos e como certa vez as fadas vieram em busca das opalas que existem em Tong Tong Tarrup; do caminho tomado pelos gigantes nos campos abaixo, enquanto observava da entrada: ele se lembra de demandas que ainda são um prodígio para os deuses. Quem vive naquelas casas congeladas na elevada borda desprotegida do mundo nem mesmo ele me contou, e ele é considerado falador. Entre os elfos, os únicos seres vivos que já foram vistos movendo-se naquela terrível altitude, onde extraem turquesas do penhasco mais alto da Terra, seu nome é sinônimo de loquacidade, com a qual zombam dos que falam demais.

Sua história favorita, se você oferecer-lhe a erva — a droga que mais aprecia e pela qual oferecerá seus serviços aos elfos contra os goblins, ou vice-versa, caso os goblins tragam-lhe mais —, sua história favorita, com o corpo amortecido pela droga e mentalmente estimulado, fala de uma demanda empreendida há muito tempo atrás por nada mais vendável do que a canção de uma velha.

Imagine-o contando a história. Um velho, magro e barbado, e quase monstruosamente imenso, que se refestelava na entrada de uma cidade situada em um penhasco com talvez dez milhas de altura; as casas, em sua maioria voltadas para o leste, iluminadas pelo sol e a lua e pelas constelações que conhecemos, exceto por uma casa no pináculo, que dava para a Orla do Mundo e era iluminada pela luz tênue daqueles espaços extraterrenos, onde um longo entardecer ofusca as estrelas; nenhuma rua na cidade, somente inúmeras

escadarias irregulares. Entrego minha pequena oferenda de erva, e um longo dedo indicador a aperta de imediato contra um polegar manchado e ávido — tudo isso se encontra em primeiro plano. Ao fundo, o mistério daquelas casas silenciosas cujos moradores são desconhecidos, que serviços o imenso guardião prestava-lhes e que pagamento recebia em troca, e se ele era mortal.

Imagine-o na entrada dessa incrível cidade, depois de engolir em silêncio minha erva, espreguiçar seu corpanzil e, recostando-se, começar a falar.

Aparentemente, numa manhã clara há cem anos, um visitante vindo do mundo escalou o caminho até Tong Tong Tarrup. Ele já havia passado pela neve e colocado o pé em um degrau da escadaria que desce por entre as rochas desde Tong Tong Tarrup, em direção à terra, quando o imenso porteiro o avistou. Subia aqueles degraus acessíveis com tamanha dificuldade que o homem grisalho de vigia teve bastante tempo para se perguntar se o estranho lhe trouxera ou não a erva, a droga que dá sentido às estrelas e parece explicar o crepúsculo. E no fim não havia sinal de erva, e o forasteiro não tinha nada melhor para oferecer àquele homem grisalho do que sua própria história.

Aparentemente o nome do forasteiro era Gerald Jones e sempre vivera em Londres, mas certa vez, na infância, tinha ido até uma charneca no norte. Havia sido há tanto tempo que ele não se lembrava de como chegara lá, apenas que de uma maneira ou outra andou sozinho pela charneca e que todas as magriças estavam em flor. Não havia nada à vista além de magriças, urzes e samambaias, mas bem ao longe, próximo ao pôr do sol, sobre colinas indistintas, havia pequenos pedaços de terra que lembravam os campos dos homens. Ao entardecer, uma neblina desceu e encobriu as colinas, mas ele continuou a andar pela charneca. E então chegou até o vale, um vale diminuto no meio da charneca, cujas encostas eram incrivelmente escarpadas. Deitou-se no chão e olhou para o vale por entre as raízes das magriças. E lá embaixo, a uma grande distância dele, em um jardim ao lado de uma cabana, sentava-se uma velha numa cadeira de madeira, com malvas-rosas ao redor, maiores do que ela, e a mulher cantava ao entardecer. A música agradou o homem e ele lembrou-se dela mais tarde em Londres, e, sempre que ela lhe vinha à mente, pensava nos entardeceres — do tipo que não se vê em Londres — e ouvia abelhões apressados e um vento suave a soprar sobre a charneca, e com isso se esquecia do barulho do tráfego. E sempre que ouvia falar sobre o Tempo, ansiava sobretudo por essa canção. Posteriormente ele foi mais uma vez até aquela charneca no norte e encontrou o diminuto vale, mas não havia velha no jardim e nenhuma canção era cantada. E ou Jones era incomodado pela canção que a velha cantara, num entardecer de verão vinte anos antes e que continuava diariamente a ficar para trás, ou então pelo trabalho cansativo que tinha em Londres, pois trabalhava para uma grande firma que era completamente inútil; e ele envelheceu precocemente, como ocorre com os homens nas cidades. E por fim, quando a melancolia causava-lhe apenas arrependimento e a inutilidade de seu trabalho aumentava com o passar do tempo, decidiu consultar um mago. Foi então até um mago e contou-lhe sobre

seus problemas, especialmente como ouvira a canção — “e agora”, disse ele, “ela não está em nenhum lugar do mundo”.

“É claro que ela não está no mundo”, disse o mago, “mas você pode encontrá-la facilmente além da Orla do Mundo”. E o mago contou ao homem que ele estava sofrendo com a passagem do Tempo e recomendou-lhe passar um dia na Orla do Mundo. Jones perguntou a que parte da Orla do Mundo deveria ir, e o mago respondeu que ouvira falar bem de Tong Tong Tarrup; então Jones pagou-lhe em opalas, como é o costume, e partiu imediatamente em sua jornada. Os caminhos até aquela cidade são tortuosos: pegou o bilhete na Victoria Station, que eles só dão se lhe conhecerem; deixou para trás Bleth; atravessou as Colinas de Neol-Hungar e chegou ao Desfiladeiro de Poy. Todos esses lugares situam-se naquela parte do mundo que pertence aos campos do nosso conhecimento, mas além do Desfiladeiro de Poy, naquelas planícies habituais que tanto lembram Sussex, encontra-se pela primeira vez o improvável. Uma linha de colinas cinzentas e comuns, as Colinas de Sneg, pode ser vista dos limites da planície, a partir do Desfiladeiro de Poy; é ali que o incrível tem início, a princípio com pouca frequência, mas cada vez mais recorrente conforme se avança pelas colinas. Por exemplo, certa vez, ao descer as Planícies de Poy, a primeira coisa que vi foi um pastor humilde que cuidava de um rebanho de ovelhas comum. Observei-os durante algum tempo e nada aconteceu, quando, sem uma palavra sequer, uma das ovelhas aproximou-se do pastor, pegou emprestado seu cachimbo e começou a fumá-lo — um incidente que me impressionou por sua improbabilidade; mas nas Colinas de Sneg encontrei um político honesto. Jones atravessou as planícies e as Colinas de Sneg, encontrando primeiro coisas improváveis, depois incríveis, até chegar ao longo aclive que, para além das colinas, conduz à Orla do Mundo, onde, como se conta em todos os guias de viagem, tudo pode acontecer. Ao pé dessa encosta era possível ver coisas que concebivelmente poderiam ocorrer no mundo que conhecemos, mas elas logo desapareciam, e o viajante via apenas bestas fabulosas, pastando em meio a flores tão assombrosas quanto elas, e rochas distorcidas de tal maneira que suas formas possuíam claramente um significado, pois eram por demais alarmantes para serem acidentais. Até mesmo as árvores eram espantosamente incomuns: havia muito que se dizer sobre elas, que se curvavam umas sobre as outras sempre que falavam, adotavam atitudes grotescas e olhavam de soslaio. Jones viu dois abetos brigando. O efeito dessas cenas em seus nervos foi bastante intenso; contudo, continuou subindo e por fim alegrou-se ao ver uma prímula, a única coisa familiar que vira durante horas, mas ela assobiou e afastou-se aos saltos. Viu os unicórnios em seu vale secreto. Logo a noite tomou

conta do céu de maneira sinistra, e não só as estrelas brilhavam, mas também luas menores e maiores, e ele ouviu o chocalhar dos dragões na escuridão.

Ao amanhecer, apareceu sobre ele, entre penhascos assombrosos, a cidade de Tong Tong Tarrup, com suas escadarias congeladas iluminadas, formando um minúsculo grupo de casas que subiam em direção ao céu. Encontrava-se agora na montanha escarpada: a neblina levantava-se lentamente e revelava, conforme ia se afastando, coisas cada vez mais espantosas. Antes que a neblina desaparecesse por completo, escutou bem próximo, no que pensou que fosse apenas uma montanha sem vegetação, o som de um galope pesado sobre a relva. Havia chegado ao planalto dos centauros. E de pronto os avistou na neblina: ali estavam, produtos das fábulas, cinco enormes centauros. Se ele tivesse parado por causa de qualquer assombro, não teria chegado tão longe; atravessou o planalto e aproximou-se dos centauros. Nunca foi costume dos centauros prestar atenção nos homens; batiam com as patas no solo e gritavam uns para os outros em grego, porém não lhe dirigiram a palavra. Entretanto, quando partiu, eles se viraram e olharam-no fixamente; e quando atravessou o planalto e continuou em frente, os cinco foram a trote largo até os limites de seu verde território; pois acima do elevado planalto verde dos centauros há apenas montanhas nuas, e o último verdor visto pelo alpinista que viaja até Tong Tong Tarrup é a grama pisada pelos centauros. Jones chegou aos campos de neve que cobrem a montanha como uma capa, acima da qual seu pico permanece limpo, e continuou a subir. Os centauros o observavam com espanto crescente.

Nem mesmo as bestas fabulosas encontravam-se agora ao seu redor, nem estranhas árvores diabólicas — nada além da neve e do desfiladeiro incólume, sobre o qual estava Tong Tong Tarrup. Escalou o dia inteiro e à noite já estava acima da linha da neve; em pouco tempo ele chegou à escadaria entalhada na rocha e ficou à vista daquele homem grisalho, o imenso porteiro de Tong Tong Tarrup, sentado a resmungar lembranças para si mesmo e esperando em vão receber do forasteiro um pouco de erva.

Ao que parece, tão logo chegou à entrada do bastião, cansado como estava, o forasteiro exigiu de imediato acomodações que tivessem uma boa vista para a Orla do Mundo. Mas o imenso porteiro, aquele homem grisalho, desapontado por causa de sua erva, exigiu a história do forasteiro, para acrescentá-la às suas lembranças antes de lhe mostrar o caminho. E essa é a história, se é que o imenso porteiro me falou a verdade e sua memória continua a mesma. E quando a história terminou de ser contada, o homem grisalho se levantou e, balançando suas chaves musicais, atravessou várias portas e muitas escadarias, levando o forasteiro à casa mais elevada, o teto mais alto do mundo, e na sala de estar lhe mostrou uma janela. Ali o forasteiro sentou-se numa cadeira e olhou pela janela

por sobre a Orla do Mundo. A janela estava fechada, e em seus vidros cintilantes o crepúsculo da Orla do Mundo resplandecia e dançava, em parte como uma lamparina de vaga-lumes e em parte como o mar; chegava em ondas, repleto de luas maravilhosas. Mas o viajante não tinha o olhar voltado para aquelas maravilhosas luas. Pois do abismo crescia, enraizada em constelações distantes, uma fileira de malvas-rosas, e entre elas um pequeno jardim verde estremecia e oscilava, tal como imagens oscilam na água; mais acima, flutuavam no crepúsculo magriças em flor, tantas que deixavam o crepúsculo púrpura; o pequeno jardim verde, no centro, pendia dali. E tanto o jardim abaixo como as magriças que o cercavam pareciam oscilar e ser levados por uma canção. Pois o crepúsculo transbordava com uma canção que soava e ressoava pelas orlas do Mundo, e o jardim verde e as magriças pareciam tremeluzir e ondular no compasso da canção, enquanto uma velha cantava lá embaixo, no jardim. Um abelhão veio voando do outro lado da Orla do Mundo. E a canção, que quebrava nas costas do Mundo e fazia as estrelas dançarem, era a mesma que ele ouvira a velha cantar há muito tempo no fundo do vale no meio da charneca do norte.

Porém, aquele homem grisalho, o imenso porteiro, não deixaria o forasteiro ficar, pois ele não lhe trouxera erva e, impacientemente, empurrou-o para ir embora, ele mesmo não se preocupando em olhar pela janela mais afastada do Mundo, pois as terras vitimadas pelo Tempo e os lugares que o Tempo desconhece são a mesma coisa para esse homem grisalho, e a erva que ele ingere causa um impacto mais profundo em sua mente do que qualquer coisa que possam lhe mostrar, tanto no Mundo que conhecemos como além da Orla. E, protestando amargamente, o viajante deu a volta e desceu novamente para o Mundo.

• • •

Acostumado como estou ao incrível, por conhecer a Orla do Mundo, essa história parece-me problemática. Ainda assim, é possível que a devastação causada pelo Tempo seja meramente local e que, fora do alcance dessa destruição, antigas canções ainda sejam cantadas por aqueles que achamos estarem mortos. Tento crer que assim é. Contudo, quanto mais investigo a história que o imenso porteiro me contou na cidade de Tong Tong Tarrup, mais plausível a teoria alternativa me parece: a de que aquele homem grisalho é um mentiroso.

O Bureau d'Échange de Maux

Penso com frequência no Bureau d'Échange de Maux e no velho extraordinariamente maligno que trabalhava lá. O lugar ficava em uma ruela de Paris, com uma entrada feita de três vigas de madeira marrom, a superior formando com as outras a letra grega *pi*, a fachada pintada de verde — era uma construção muito menor e mais estreita que as vizinhas e infinitamente mais estranha, mas atraente. E sobre a entrada, naquela antiga viga marrom, lia-se em letras amarelas desbotadas “Bureau Universel d'Échanges de Maux”.

Entrei na mesma hora e abordei o homem desinteressado que estava sentado em um banco ao lado do balcão. Perguntei o propósito daquele maravilhoso estabelecimento, que artigos maléficos ele trocava, assim como muitas outras coisas que eu queria saber, pois a curiosidade me guiava; não fosse assim, eu teria saído imediatamente daquela loja, pois havia algo de muito maligno na aparência daquele homem gordo, nas suas bochechas caídas e no olhar pecaminoso, que alguém diria que ele fizera negócios com o Inferno e saíra-se bem por pura perversidade.

Tal homem era o meu anfitrião; mas o mal que havia nele encontrava-se sobretudo nos olhos, que permaneciam tão parados, tão apáticos, que seria possível jurar que ele estava drogado ou morto; estavam imóveis como lagartixas numa parede quando, de repente, dardejaram, e toda sua ardileza despertou e foi revelada naquele que pouco antes parecia ser apenas um simples e sonolento velho maldoso. E era este o objetivo e o negócio daquela loja peculiar, o Bureau Universel d'Échange de Maux: pagavam-se vinte francos, que o velho adiantou-se para receber de mim, para se ter acesso ao escritório e, assim, ao direito de trocar qualquer mal ou infortúnio com qualquer pessoa no

local por algum mal ou infortúnio com o qual se “pudesse arcar”, como disse o velho.

Havia quatro ou cinco homens nos cantos sujos daquele recinto de teto baixo, que gesticulavam e murmuravam em duplas, como homens barganhando, e por vezes entravam outros, e os olhos do flácido proprietário do estabelecimento saltavam na direção desses assim que entravam. Ele parecia saber de imediato para o que vinham e as necessidades peculiares de cada um, e depois voltava à sonolência, recebendo seus vinte francos com uma mão quase inanimada e mordendo a moeda como que numa completa desatenção.

“Alguns dos meus clientes”, disse-me ele. O ramo dessa loja extraordinária me causou tamanho espanto que comecei a conversar com o velho, por mais repulsivo que ele fosse, e por meio de sua garrulice descobri estes fatos. Ele falava num inglês perfeito, apesar de sua pronúncia ser um tanto arrastada e pesada; parecia não ter dificuldade com língua alguma. Estava naquele ramo há muitos anos, mas não dizia quantos, e era bem mais velho do que aparentava. Todos os tipos de pessoas faziam negócios em sua loja. Não se importava com o que elas trocavam umas com as outras, salvo que precisavam ser males; ele não estava autorizado a realizar nenhum outro tipo de transação.

Não havia mal, ele me contou, que não fosse negociável ali; nenhum mal que o velho conhecia já fora levado embora de sua loja em desespero. Talvez fosse preciso esperar e voltar no dia seguinte, e no seguinte e no depois deste, pagando vinte francos a cada vez, mas o velho tinha os endereços de todos os seus clientes e ardilosamente sabia das necessidades de cada um, e em pouco tempo as duas pessoas certas se encontravam e trocavam ansiosas seus artigos. “Artigos” era a terrível palavra do velho, dita com um estalar grotesco de lábios pesados, pois tinha orgulho do seu negócio e, para ele, males eram mercadorias.

Em dez minutos, aprendi muito com ele muito sobre a natureza humana, mais do que eu havia aprendido com qualquer outro homem. Aprendi com ele que um homem considera seu próprio mal como a pior coisa que existe ou existirá, e que um mal perturba as mentes de todos os homens de tal forma que eles sempre procuram por extremos naquela loja sinistra. Uma mulher que não tinha filhos fez a troca com uma criatura empobrecida e meio enlouquecida que tinha doze. Em certa ocasião, um homem trocara sabedoria por insensatez.

— Por que raios ele fez isso? — perguntei.

— Não é da minha conta — respondeu o velho da sua maneira indolente.

Ele simplesmente pegava seus vinte francos com cada pessoa e ratificava o acordo na saleta no fundo da loja, onde os clientes negociavam. Ao que parece, o homem que abrira mão da sabedoria havia saído da loja na ponta dos pés e com uma expressão feliz, embora tola, estampada no rosto, enquanto que o outro foi

embora pensativo, com uma expressão carregada e perplexa. A impressão é de que quase sempre se trocavam males opostos.

No entanto, o que mais me intrigou em todas as minhas conversas com aquele homem pesado, aquilo que ainda me intriga, é que ninguém que tenha feito negócio naquela loja jamais retornou. Um homem podia ir até ali dia após dia, durante muitas semanas, mas, uma vez feito o negócio, ele nunca voltava; foi o que o velho me contou, mas quando perguntei por que, ele apenas resmungou que não sabia.

Foi para descobrir o motivo dessa atitude estranha, e por nenhuma outra razão, que decidi fazer algum negócio mais cedo ou mais tarde na saleta no fundo daquela misteriosa loja. Eu pretendia trocar um mal bastante trivial por algum mal igualmente leve, buscar um benefício tão insignificante a ponto de não dar ao Destino um motivo para apertar suas garras, por assim dizer; pois eu tinha uma desconfiança profunda a respeito dessas barganhas, sabendo que até hoje o homem nunca tirara proveito do maravilhoso e que quanto mais milagroso parecer seu benefício, com maior certeza e firmeza os deuses ou as bruxas o pegarão. Dentro de alguns dias eu voltaria para a Inglaterra e estava começando a temer ficar enjoado: esse medo de enjoo marítimo, não a enfermidade em si, mas apenas o medo dela, foi o que decidi trocar por um mal convenientemente pequeno. Eu não sabia com quem estava tratando, quem na verdade administrava a firma (nunca se sabe quando se está fazendo compras), mas decidi que nem judeu, nem o Diabo, podiam fazer muita coisa com uma barganha tão pequena como aquela.

Contei ao velho o que eu pretendia, e ele escarneceu da insignificância do meu artigo, tentando me persuadir a fazer alguma barganha mais sombria, mas ele não conseguiu me desviar do meu propósito. E então me contou histórias, com um ar um tanto jactante, dos grandes negócios, das grandes barganhas que lhe passaram pelas mãos. Certa vez, um homem entrara correndo na loja para tentar trocar a morte; ele havia engolido veneno por acidente e só tinha doze horas de vida. Aquele velho sinistro foi capaz de atendê-lo. Havia um cliente disposto a trocar o artigo.

— Mas o que ele deu em troca da morte? — perguntei.

— Vida — respondeu com uma risada furtiva o velho sombrio.

— Deve ter sido uma vida horrível — comentei.

— Não era da minha conta — disse o proprietário, sacudindo preguiçosamente um punhado de moedas de vinte francos enquanto falava.

Observei transações estranhas naquela loja nos dias seguintes, a troca de artigos singulares, e ouvi estranhos murmúrios nos cantos entre pessoas que se

levantavam e passavam para a saleta nos fundos, enquanto o velho ia atrás para fazer a ratificação.

Paguei meus vinte francos duas vezes por dia durante uma semana, observando a vida com suas grandes e pequenas necessidades, de manhã e de tarde, disposta diante de mim em toda sua extraordinária variedade.

E, um dia, encontrei um homem tranquilo que tinha apenas uma necessidade ínfima e parecia ter justamente o mal que eu queria. Ele sempre teve medo de que o elevador quebrasse. Eu conhecia o suficiente sobre hidráulica para não ter medo de coisas tão tolas como aquela, mas não cabia a mim curar o medo ridículo do homem. Foram necessárias pouquíssimas palavras para convencê-lo que o meu mal lhe era o ideal; ele nunca atravessou o mar e eu, por outro lado, podia sempre subir as escadas, além de sentir na época, como muitos devem ter sentido naquela loja, que um medo tão absurdo jamais me incomodaria. No entanto, às vezes é quase como se fosse a maldição de minha vida. Depois que nós dois assinamos o pergaminho na saleta estreita e o velho assinou e ratificou (o que custou cinquenta francos a cada um), voltei para o hotel e lá vi a máquina mortal no porão. Perguntaram se eu subiria pelo elevador; por força do hábito arrisquei a fazê-lo, e acabei segurando o fôlego e cerrando os punhos durante todo o trajeto. Nada me fará tentar tal jornada novamente. Preferiria subir até meu quarto num balão. E por quê? Porque se acontecer algo a um balão, ainda se tem uma chance: ele pode se abrir como um paraquedas depois de estourar, pode ficar preso numa árvore — centenas de coisas podem acontecer; mas se o elevador cair no poço, não há escapatória. Quanto ao enjoo marítimo, nunca mais o sentirei; não sei dizer por que, mas sei que será assim.

E no dia seguinte saí para ir até a loja em que fiz a barganha memorável, onde ninguém voltava depois de ter feito ali algum negócio. Mesmo vendado eu conseguiria achar o caminho para o quarteirão antiquado por onde passa uma rua simples que leva, ao se entrar numa viela no final dela, a um beco sem saída, onde fica a exótica loja. Uma loja com colunas, caneladas e pintadas de vermelho, fica de um lado, enquanto a outra loja vizinha é de um joalheiro de classe baixa, que tem pequenos broches de prata na vitrine. Em meio a uma companhia tão incongruente ficava a loja com as vigas, de paredes pintadas de verde.

Dentro de meia hora eu estava no beco sem saída que visitara duas vezes por dia na última semana. Encontrei a loja com as colunas mal pintadas e o joalheiro que vendia broches, mas não havia sinal da casa verde com três vigas.

Fora colocada abaixo, dirá você, ainda que da noite para o dia. Essa jamais poderá ser a resposta do mistério, pois a casa das colunas caneladas de gesso

pintado e a loja do joalheiro de classe baixa com seus broches de prata (eu podia identificar todos, um por um) estavam lado a lado.

Uma história de terra e mar

Está escrito no primeiro Livro das Maravilhas como o Capitão Shard, do terrível navio pirata *Desperate Lark*, afastou-se da vida ativa depois de saquear a cidade costeira de Bombasharna; e como, renunciando à pirataria em favor dos mais jovens, com as bênçãos do Atlântico Norte e Sul, instalou-se com uma rainha capturada em sua ilha flutuante.

Às vezes afundava um navio em nome dos velhos tempos, mas deixara de frequentar as rotas comerciais; e os mercadores amedrontados agora temiam outros homens.

Não foi a idade que fez com que abandonasse sua romântica profissão; nem a indignidade de suas tradições, nem alguma ferida a bala, nem tampouco a bebida, mas sim a inexorável necessidade e a *force majeure*. Cinco armadas estavam atrás dele. Como ele escapou delas um dia no Mediterrâneo, como enfrentou os árabes, como uma bordada dos canhões de um navio foi ouvida pela primeira e última vez a 23° de latitude norte e 4° de longitude leste, junto com outras coisas desconhecidas dos Almirantados, é o que passarei a contar agora.

Ele teve seus momentos de diversão; sim, Shard, capitão pirata, e todos os seus homens tinham pérolas nos brincos. E agora a frota inglesa estava atrás dele a todo pano ao longo da costa da Espanha com um vento norte de popa bastante favorável. Não conseguiam ganhar muito terreno contra o arrojado navio de Shard, o terrível navio *Desperate Lark*; contudo, estavam mais perto do que ele gostaria e interferiam nos seus assuntos.

Fazia um dia e uma noite que o estavam perseguindo, quando, ao largo do Cabo de São Vicente, por volta das seis da manhã, Shard deu aquele passo que decidiu seu afastamento da vida ativa: virou em direção ao Mediterrâneo. Se

tivesse seguido para o sul pela costa africana, é duvidoso que tivesse conseguido tirar proveito da pirataria, em face à interferência da Inglaterra, Rússia, França, Dinamarca e Espanha; porém, ao virar para o Mediterrâneo, deu o que podemos chamar de o penúltimo passo de sua vida, que para ele significava estabelecer-se. Havia três cursos de ação inventados por Shard em sua juventude, sobre os quais ponderava durante o dia e remoía à noite, consolos de todos os seus perigos; secretos inclusive para seus homens, três meios com os quais esperava escapar de qualquer perigo que pudesse encontrar no mar. Um deles era a ilha flutuante sobre a qual se conta no Livro das Maravilhas; outro era tão fantástico que podemos duvidar se mesmo a brilhante audácia de Shard poderia torná-lo praticável, pelo menos ele nunca o tentou pelo que se sabe naquela taverna perto do mar onde consigo minhas informações; e o terceiro ele decidiu colocar em prática ao virar naquela manhã para o Mediterrâneo. É verdade que, apesar do passo dado, ele poderia ter continuado a praticar a pirataria um pouco mais tarde, quando os mares voltaram a ficar calmos, mas aquele penúltimo passo era como aquela pequena casa de campo em que o homem de negócios coloca o olho; como algum investimento cômodo reservado para a velhice, há determinados cursos finais nas vidas dos homens que, depois de tomados, não os deixam retornar aos seus negócios.

Virou, então, para o Mediterrâneo, com a frota inglesa no seu encalço, para assombro de seus homens.

— Que loucura é essa? — sussurrou Bill, o contramestre, ao único ouvido do Velho Frank, com a frota francesa esperando no Golfo de Leão e os espanhóis ao longo do caminho entre a Sardenha e Túnis — pois eles conheciam as rotas dos espanhóis. Montaram uma delegação para ir falar com o Capitão Shard, todos sóbrios e vestindo suas melhores roupas; disseram que o Mediterrâneo era uma armadilha, e a única coisa que ele respondeu foi que o vento norte continuaria. E a tripulação disse que estavam condenados.

De modo que entraram no Mediterrâneo e a frota inglesa apareceu e fechou o Estreito de Gibraltar. E Shard continuou bordejando ao longo da costa marroquina, com uma dúzia de fragatas atrás dele. E o vento norte ficou mais forte. E o capitão não falou com a tripulação até o anoitecer, quando então reuniu todos, com exceção do timoneiro, e pediu educadamente que descessem com ele até o porão. Ali lhes mostrou seis imensos eixos de aço e uma dúzia de enormes rodas de ferro que ninguém havia visto antes; e contou à tripulação como, sem que o mundo soubesse, a quilha do navio havia sido especialmente adaptada para esses mesmos eixos e rodas, e como pretendia logo navegar novamente para o vasto Atlântico, ainda que não através do estreito. E quando ouviram o nome do Atlântico, os homens se alegraram, pois o consideravam um mar seguro.

A noite caiu e o Capitão Shard mandou chamar um mergulhador. Com o mar agitado, o trabalho do mergulhador era difícil, mas à meia-noite as coisas estavam prontas, para satisfação de Shard; e o mergulhador disse que de todos os trabalhos que já fizera... mas, por não encontrar uma comparação adequada e precisar de uma bebida, calou-se e caiu no sono em seguida, e seus camaradas o carregaram até sua rede. Durante todo o dia seguinte a perseguição continuou, com os ingleses bem à vista, pois Shard perdera tempo durante a noite com suas rodas e eixos, e o perigo de encontrar os espanhóis aumentava a cada hora. Quando anoiteceu, cada minuto parecia perigoso, porém seguiram bordejando para o leste, onde sabiam que os espanhóis deviam estar.

E finalmente avistaram suas gáveas bem à frente, e ainda assim Shard seguiu adiante. Foi por pouco, mas a noite avançava, e a Union Jack que içaram ajudou Shard com os espanhóis durante os últimos minutos ansiosos, embora parecesse enfurecer os ingleses. Mas, como disse Shard, “não há como agradar todo mundo”, e então o crepúsculo tornou-se escuridão.

— Tudo a estibordo — ordenou o Capitão Shard.

O vento norte, que havia aumentado durante todo o dia, soprava agora como um vendaval. Não sei a que parte do litoral se dirigia Shard, mas ele sabia, pois as costas do mundo eram para ele o que Margate é para alguns de nós.

Em um lugar onde o deserto, impregnado de mistério e de morte, do coração da África, emerge sobre o mar, não menos grandioso, não menos terrível, avistaram a terra muito próxima, quase nas trevas. Shard mandou todos os homens para a parte de trás do navio e também todo o lastro; e logo o *Desperate Lark*, com a proa um pouco acima da linha da água, fazendo dezoito nós a favor do vento, bateu na praia arenosa e estremeceu, adernou um pouco e se endireitou, e seguiu lentamente para o interior da África.

Os homens teriam dado três vivas, mas após o primeiro Shard os silenciou e, assumindo ele mesmo o timão, proferiu um pequeno discurso, enquanto as largas rodas rolavam lentamente sobre a areia africana, mal fazendo cinco nós no vendaval. Os perigos do mar, disse ele, foram muito exagerados. Barcos navegam no mar há centenas de anos, e no mar se tinha conhecimento do que fazer, mas em terra é diferente. Estavam em terra agora e não se esqueceriam disso. No mar era possível fazer quanto barulho se quisesse sem causar nenhum mal, mas em terra tudo podia acontecer. Um dos perigos da terra firme que ele citou como exemplo era o de enforcamento. Para cada cem homens enforcados em terra, disse ele, não mais do que vinte seriam enforcados no mar. Os homens dormiriam junto aos canhões. Não iriam longe esta noite, pois o risco de naufragar à noite era outro perigo peculiar à terra, enquanto que no mar era possível navegar do pôr do sol ao amanhecer. Entretanto, era essencial sair da

vista do mar, pois se alguém soubesse onde estavam, mandariam a cavalaria atrás deles. E ele havia mandado de volta Smerdrak (um jovem tenente pirata) para cobrir os rastros no ponto em que saíram do mar. E os homens concordaram veementemente, ainda que não ousassem comemorar, e pouco depois Smerdrak veio correndo e eles lhe jogaram uma corda pela popa. Depois de fazerem quinze nós baixaram a âncora, e o Capitão Shard reuniu os homens ao seu redor e, permanecendo junto à roda da proa, sob as grandes e nítidas estrelas argelinas, explicou seu sistema de condução. Não havia muito que ser dito; com considerável engenhosidade, ele havia separado e adaptado a parte da quilha que sustentava o eixo dianteiro, e podia movê-la por meio de correntes que eram controladas pelo timão de terra, de modo que o par dianteiro de rodas podia girar à vontade, mesmo que só um pouco, e mais tarde descobriram que em cem jardas podiam desviar o navio do curso apenas quatro jardas. Mas que os capitães de encouraçados luxuosos, ou mesmo os proprietários de iates, não critiquem tão severamente um homem que não era desta época e que não conhecia as invenções modernas; é necessário lembrar também que Shard não estava mais no mar. Seu modo de conduzir o navio pode ter sido desajeitado, mas ele fez o melhor que pôde.

Quando o uso e as limitações do seu timão de terra ficaram claros para os homens, Shard ordenou que todos fossem dormir, exceto os que estavam de vigia. Muito antes de amanhecer ele os acordou, e, ao primeiro raio de luz, colocaram o navio em movimento, de modo que quando aquelas duas frotas, que estavam tão seguras de ter cercado Shard, formaram um grande crescente na costa argelina, não havia rastro do *Desperate Lark* no mar ou em terra; e as bandeiras do navio do Almirante irromperam em enérgicas pragas em inglês.

A ventania continuou por três dias e, com Shard usando mais vela durante o dia, passavam rapidamente sobre as areias a pouco menos de dez nós, ainda que com os avisos de águas turbulentas à frente (que era como o vigia chamava as rochas, as pequenas colinas ou a superfície acidentada, antes de se adaptar ao novo ambiente) a velocidade caísse bastante. Aqueles eram longos dias de verão, e Shard, que enquanto o vento continuava favorável estava ansioso em deixar para trás os rumores de sua própria aparição, navegava por dezenove horas por dia, recolhendo-se às dez da noite e tornando a içar velas às três da madrugada, quando a alvorada começava a despontar.

Naqueles três dias ele fez quinhentas milhas; então o vento abrandou-se em uma brisa, embora ainda soprasse do norte, e durante uma semana não fizeram mais do que dois nós por hora. Foi quando os homens começaram a resmungar. A princípio, a sorte favorecera Shard claramente, pois ela o lançara a dez nós através das únicas áreas povoadas, passando diante de multidões que haviam

decidido não fugir, enquanto a cavalaria estava ausente em algum ataque local. Quanto aos fugitivos, eles desapareceram tão logo Shard apontou para eles seu canhão, ainda que não ousasse disparar tão perto da costa; pois por mais que escarnecesse da inteligência do Almirantado inglês e espanhol por não suspeitarem de sua manobra, a única possível, segundo ele, naquelas circunstâncias, ainda assim ele sabia que o canhão possuía um som óbvio que revelaria seu segredo às mentes mais fracas. A sorte certamente o havia ajudado e, quando deixou de fazê-lo, ele lidou com a situação como podia. Por exemplo, enquanto o vento se manteve favorável ele não perdeu nenhuma oportunidade de se reabastecer; se atravessava uma aldeia, apoderava-se dos porcos e aves domésticas; e sempre que passava por algum lugar onde havia água enchia os reservatórios até a borda. E agora, que só podia fazer dois nós, navegava a noite inteira com um homem portando uma lanterna diante de si; assim, naquela semana, fez cerca de quatrocentas milhas, enquanto outro homem teria ancorado à noite e perdido cinco ou seis das vinte e quatro horas. Os homens, no entanto, resmungavam. “Ele acha que o vento durará para sempre?”, diziam. E Shard apenas fumava. Estava claro que pensava, e com afinco.

— Mas no que ele está pensando? — perguntou Bill a Jack Mau.

E este respondeu:

— Ele pode pensar o quanto quiser, mas pensar não vai nos tirar do Saara se esse vento diminuir.

Ao fim daquela semana Shard foi até sua sala de cartas náuticas e traçou um novo curso para o navio um pouco para o leste e em direção a terras cultivadas. E um dia, perto do entardecer, avistaram uma aldeia, e o crepúsculo baixou e o vento acalmou completamente. Então os resmungos dos homens aumentaram, tornando-se pragas e beirando o motim. “Onde estavam agora?”, perguntavam, e “Estavam sendo tratados como homens de bem?”

Shard os acalmou perguntando o que desejavam fazer, e quando ninguém apresentou um plano melhor do que ir até os aldeões e dizer que haviam sido desviados de seu curso por uma tempestade, Shard lhes revelou seu plano.

Há muito tempo ele ouvira como usavam bois para puxar carroças na África; os bois eram numerosos nessas partes onde quer que houvesse terras cultivadas, e por essa razão, quando o vento começou a diminuir, traçara o curso para a aldeia: naquela noite, assim que escurecesse, levariam cinquenta parelhas de bois; à meia-noite todos deveriam estar presos à proa e depois partiriam a galope.

Um plano tão refinado como aquele espantou os homens, que se desculparam pela falta de fé em Shard, apertando-lhe a mão um por um e cuspidando nelas em sinal de boa vontade.

A incursão daquela noite fora muito bem-sucedida; mas, por mais engenhoso que Shard fosse em terra, e um mestre no mar, é preciso que se admita que a falta de experiência nesse tipo de navegação fez com que cometesse um erro, pequeno, é verdade, e um que um pouco de prática teria evitado completamente: os bois não podiam galopar. Shard os amaldiçoou, ameaçou-os com sua pistola, disse que ficariam sem comida, mas tudo em vão: naquela noite, e enquanto puxaram o terrível navio *Desperate Lark*, fizeram não mais que um nó por hora. Os fracassos de Shard, como tudo que lhe acontecia, foram usados como pedras na edificação de seu futuro sucesso: ele foi imediatamente para a sala de cartas náuticas e refez todos os cálculos.

A questão do ritmo dos bois fez com que fosse impossível evitar uma perseguição. Portanto, Shard revogou sua ordem ao tenente de cobrir os rastros na areia, e o *Desperate Lark* prosseguiu com dificuldade em seu novo curso pelo Sahara, confiando em seus canhões.

A aldeia não era grande, e as poucas pessoas que foram avistadas à popa na manhã seguinte desapareceram depois do primeiro tiro do canhão daquele lado. A princípio Shard fez com que os bois usassem freios de ferro grosseiros e resistentes, outro de seus erros. “Pois se eles fugirem”, ele havia dito, “podemos também ser arrastados diante de um vendaval, e não há como dizer onde pararíamos.” Mas, depois de um ou dois dias, descobriu que os freios não eram bons e, como o homem prático que era, corrigiu imediatamente o erro.

E agora a tripulação, pegando bandolins e clarinetes, cantava o dia inteiro canções animadas e dava vivas ao Capitão Shard. Todos estavam alegres, exceto o próprio capitão, cujo rosto parecia mal-humorado e perplexo; somente ele esperava ter mais notícias daqueles aldeões. E a cada dia os bois bebiam toda a água disponível, e ele era o único a temer que não conseguiriam mais água, e esse é um medo bem desagradável quando seu barco está parado no deserto. Continuaram assim por mais de uma semana, fazendo dez nós por dia, e a música e a cantoria davam nos nervos do capitão, mas ele não ousava contar aos homens qual era o problema. E então um dia os bois beberam a última gota de água. O Tenente Smerdrak se apresentou e relatou o fato.

— Dê-lhes rum — disse Shard, e amaldiçoou os bois. — O que é bom para mim — disse ele — deve ser bom o bastante para eles — e jurou que beberiam rum.

— Sim, sim, senhor — respondeu o jovem tenente pirata.

Shard não deveria ser julgado pelas ordens que deu naquele dia. Durante quase duas semanas ele havia observado o destino funesto que se aproximava dele lentamente; a disciplina o isolava de qualquer um que poderia ter compartilhado de seu temor e o discutido; e durante todo esse tempo ele tivera

de conduzir o navio, o que mesmo no mar é uma árdua responsabilidade. Essas coisas haviam atormentado a calma daquele juízo imperturbável que outrora aturdira cinco armadas. Assim, amaldiçoou os bois e ordenou que lhes dessem rum, e Smerdrak dissera “Sim, sim, senhor” e fora para baixo.

Perto do pôr do sol, Shard encontrava-se de pé no tombadilho, pensando na morte; não morreria de sede; o motim viria primeiro, pensava. Os bois recusaram o rum pela última vez e os homens começavam a olhar o Capitão Shard de um modo muito agourento, sem murmurar, mas cada homem o observava de soslaio como se houvesse apenas um pensamento entre eles que não precisava de palavras. Uma vintena de gansos, como uma longa letra “V”, cruzou o céu do entardecer, inclinando os pescoços e descendo sinuosamente em direção a algum lugar do horizonte. O Capitão Shard se precipitou até a sala de cartas náuticas e de pronto os homens surgiram na porta, com o Velho Frank à frente parecendo desconfortável e retorcendo o gorro nas mãos.

— O que é? — perguntou Shard como se nada estivesse errado.

Então o Velho Frank disse o que tinha ido dizer:

— Queremos saber o que pretende fazer.

E os homens concordaram severamente.

— Conseguir água para os bois — falou o Capitão Shard —, já que os malditos não querem rum. E as bestas preguiçosas terão que trabalhar para isso. Levantar âncora!

E ao ouvirem a palavra “água”, seus rostos foram tomados por uma expressão como a de um vagante que de repente pensa no lar.

— Água! — repetiram eles.

— E por que não? — perguntou o Capitão Shard. E nenhum deles jamais soube que, se não fosse por aqueles gansos, que inclinaram os pescoços e desceram sinuosamente de repente, não teriam encontrado água naquela noite nem em nenhuma outra, e o Saara os teria apanhado como apanhara tantos antes e apanhará muitos mais. Durante toda aquela noite seguiram o novo curso: ao amanhecer encontraram um oásis e os bois beberam.

E aqui, neste acre verde com palmeiras e a nascente, cercados por milhares de milhas de deserto e resistente à passagem do tempo, aqui decidiram permanecer: pois aqueles que ficaram por um tempo sem água em algum dos desertos africanos passaram a ter por aquele simples líquido tamanha estima que você, leitor, dificilmente poderia dar crédito. Aqui cada homem escolheu um lugar onde construiria sua cabana e se instalaria, e talvez se casaria, e quem sabe até esquecesse o mar. Quando terminou de encher os reservatórios e barris, o Capitão Shard ordenou peremptoriamente que levantassem âncora. Houve muito descontentamento, inclusive alguns resmungos mas, quando um homem salva

duas vezes as vidas de seus companheiros apenas pela rapidez de sua mente, eles passam a ter um respeito pelo seu juízo que não é abalado por coisas insignificantes. É preciso lembrar que, no caso da diminuição do vento, e novamente quando ficaram sem água, os homens não souberam o que fazer; o mesmo se deu com Shard na última ocasião, mas eles não sabiam disso. Shard tinha consciência de tudo isso e escolheu esse momento para consolidar a reputação que tinha entre os homens daquele terrível navio explicando-lhes seus motivos, que geralmente mantinha em segredo. O oásis, explicou ele, deve ser um porto de escala para todos os viajantes por centenas de milhas: quantos homens se viam reunidos em qualquer parte do mundo em que houvesse uma gota de uísque! E a água aqui era mais rara do que o uísque em países decentes e, tal era a peculiaridade dos árabes, ainda mais preciosa. Outra coisa lhes frisou: os árabes eram um povo singularmente inquisitivo e, se encontrassem um navio no deserto, provavelmente fariam sobre ele; e por existirem no mundo línguas maliciosas, nunca interpretariam corretamente suas diferenças com as frotas inglesa e espanhola, e simplesmente tomariam o partido do mais forte contra o mais fraco.

E os homens suspiraram, e cantaram a canção do cabrestante, levantaram âncora, prenderam os bois e partiram fazendo seu nó constante, que nada podia aumentar. Pode parecer estranho que, com todas as velas recolhidas na calmaria e os bois descansando, eles tivessem baixado a âncora. Mas o costume não é facilmente esquecido e persiste por mais tempo do que seu uso. Pergunte-se quantos costumes inúteis nós mesmos preservamos: por exemplo, as abas nas botas de caça, embora não as usemos mais, ou os laços de nossos sapatos de gala, que não amarram ou desamarram. Os homens diziam que se sentiam mais seguros dessa forma e não se falou mais nisso.

Shard traçou um curso a sul por oeste e fizeram dez nós naquele dia, no seguinte fizeram sete ou oito e Shard teve que arribar, pois pretendia parar aqui. Levavam a bordo muitos suprimentos de forragem para os bois, para os homens havia um porco ou dois, uma grande quantidade de aves domésticas, vários sacos de biscoitos e noventa e oito bois (pois dois já haviam sido comidos), e estavam a apenas vinte milhas da água. Ficariam ali, disse o capitão, até que as pessoas esquecessem-se de seus passados; alguém inventaria algo ou alguma coisa surgiria para desviar a atenção deles e dos navios que ele havia afundado. Esquecera que havia homens que eram bem pagos para lembrar.

A meio caminho do oásis ele estabeleceu um pequeno depósito onde enterrou seus barris de água. Assim que um barril era esvaziado, enviava meia dúzia de homens para rolá-lo em turnos até o depósito. Faziam isso à noite, mantendo-se ocultos durante o dia, e na noite seguinte continuavam até o oásis, enchiam o

barril e o rolavam de volta. Assim, a apenas dez milhas de distância, ele logo tinha uma reserva de água, desconhecida do nativo mais sedento da África, com a qual podia reabastecer seus reservatórios à vontade. Permitiu que os homens cantassem e até mesmo acendessem fogueiras, dentro do bom senso. Aquelas foram noites alegres enquanto durou o rum; algumas vezes viam gazelas que os observavam com curiosidade; outras, um leão passava por perto e o som de seu rugido aumentava a sensação de segurança que tinham no navio; ao seu redor, uniforme e imenso, estendia-se o Saara.

— Isso é melhor do que uma prisão inglesa — dizia o Capitão Shard.

E, contudo, a calma permanecia; nem mesmo a areia sussurrava à noite com o vento. Quando o rum acabou e parecia que haveria problemas, Shard os lembrou de como a bebida lhes fora de pouco uso quando era tudo que tinham e os bois não queriam nem olhar para ela.

E passavam os dias em cantoria, às vezes dançando, e as noites em volta de uma fogueira cautelosa em uma depressão na areia, com apenas um homem de vigia, enquanto contavam histórias do mar. Era um alívio após as árduas vigias e dormindo junto aos canhões, um repouso para os nervos e olhos cansados; e todos concordavam, por mais que sentissem falta do rum, que o melhor lugar para um navio como o deles era em terra firme.

Isso ocorreu a 23° de latitude norte e 4° de longitude leste, onde, como eu disse, uma bordada de um navio foi ouvida pela primeira e última vez. Aconteceu desta forma.

Haviam permanecido ali por várias semanas e comido talvez dez ou doze bois, e durante todo esse tempo não houve um único sopro de vento e não haviam visto ninguém. Mas uma manhã, por volta da segunda badalada, quando a tripulação tomava o café da manhã, o vigia anunciou a chegada de uma cavalaria a bombordo. Shard, que já havia cercado o navio com estacas afiadas, ordenou aos homens que subissem a bordo; o jovem corneteiro, que se vangloriava de ter aprendido os costumes de terra firme, tocou “Preparem-se para receber a cavalaria”. Shard mandou alguns homens com piques às portinholas mais baixas, mais dois com mosquetes para o topo do mastro e o resto aos canhões; trocou por balas o “biscainho” ou “metralha” com que carregava os canhões em caso de surpresa, esvaziou o convés, recolheu as escadas e, antes que a cavalaria estivesse ao alcance, estava tudo pronto para recebê-la. Os bois já estavam presos para o caso de Shard precisar manobrar o navio a qualquer momento.

Quando avistaram pela primeira vez a cavalaria, esta ia a trote, mas agora avançava a meio-galope. Árabes vestidos de branco montados em bons cavalos. Shard estimou que havia duzentos ou trezentos deles. Quando chegaram a

seiscentas jardas do navio, Shard abriu fogo com um dos canhões; havia medido a distância, mas nunca havia praticado por medo de ser ouvido do oásis; o tiro passou alto. O seguinte foi curto e ricocheteou sobre a cabeça dos árabes. Shard agora tinha o alcance certo e, quando os dez canhões remanescentes de seu costado foram colocados na mesma elevação do segundo canhão, os árabes haviam chegado ao ponto onde havia caído o último tiro. A bordada da artilharia atingiu os cavalos, principalmente por baixo, e ricocheteou entre eles; uma bala de canhão atingiu uma rocha junto às patas dos cavalos, fazendo-a em pedaços e lançando pelos ares os fragmentos contra os árabes com o peculiar guincho de objetos liberados por projéteis de seu estado imóvel e inofensivo, e a bala de canhão continuou com eles com um grande estrépito; somente com esse disparo três homens foram mortos.

— Muito satisfatório — disse Shard, esfregando o queixo. — Carreguem com metralha — acrescentou bruscamente.

A bordada de artilharia não deteve os árabes, nem sequer lhes diminuiu a velocidade; mas eles se amontoaram como que buscando companhia naquele momento de perigo, o que não deveriam ter feito. Estavam agora a quatrocentas jardas, trezentas e cinquenta; e então os mosquetes começaram a abrir fogo, pois os dois homens de vigia tinham trinta mosquetes carregados, além de algumas pistolas, que estavam apoiados contra a grade da gávea e começaram a disparar um por um. Cada tiro teve efeito, mas os árabes continuavam avançando. Agora galopavam. Levava-se algum tempo para carregar os canhões naqueles dias. Trezentas jardas, duzentas e cinquenta, homens caindo pelo caminho, duzentas jardas. O Velho Frank, apesar de sua única orelha, tinha olhos terríveis; agora eram as pistolas, pois haviam disparado todos os mosquetes. Cento e cinquenta jardas. Shard havia marcado cada cinquenta jardas com pequenas pedras brancas. O Velho Frank e Jack Mau, no alto da gávea, ficaram apreensivos quando viram que os árabes haviam chegado àquela pequena pedra branca — os dois erraram seus tiros.

— Tudo pronto? — perguntou o Capitão Shard.

— Sim, sim, senhor — respondeu Smerdrak.

— Certo — disse o Capitão Shard, erguendo um dedo.

Centos e cinquenta jardas é uma péssima distância para ser atingido pela metralha (ou “caixa”, como chamamos agora): os artilheiros dificilmente erram e a carga tem tempo de se espalhar. Mais tarde, Shard estimou que só com aquela bordada havia acertado trinta árabes e o mesmo número de cavalos.

Havia aproximadamente duzentos deles ainda em seus cavalos, mas a bordada de metralha os transtornara, e quando rodearam o navio não tinham certeza do que fazer. Levavam nas mãos espadas e cimitarras, ainda que a

maioria tivesse mosquetes longos e estranhos presos às costas; alguns pegaram as armas de fogo e começaram a disparar freneticamente. Não podiam alcançar os homens de Shard com suas espadas. Se aquela bordada não os tivesse atingido, poderiam ter saltado dos cavalos para o navio e o tomado à força devido ao seu maior número; mas teriam que ter sido mais firmes, e bordada colocou tudo a perder. A melhor opção teria sido concentrar todos os seus esforços para incendiar o navio, mas não tentaram isso. Parte deles se espalhou ao redor do navio, brandindo suas espadas e procurando em vão por uma entrada fácil. Talvez esperassem encontrar uma porta, não eram um povo navegador; mas seus líderes estavam evidentemente decididos a afugentar os bois, não imaginando que o *Desperate Lark* possuísse outros meios de viagem. E isso conseguiram fazer, até certo ponto. Afugentaram trinta, cortando os tirantes, outros vinte eles mataram ali mesmo com suas cimitarras, embora o canhão de proa os tenha atingido duas vezes enquanto realizavam seu intento, e dez mais foram mortos desgraçadamente por esse canhão de Shard. Antes que pudessem disparar uma terceira vez da proa, os árabes galoparam para longe, voltando-se para atirar nos bois com os mosquetes e matando outros três, e o que preocupava Shard mais do que a perda dos bois era o modo como se moviam, afastando-se a galope no exato momento em que o canhão de proa estava pronto, e passando pela amura de bombordo, onde a bordada não podia alcançá-los, o que, para ele, demonstrava mais conhecimento de canhões do que poderiam ter aprendido naquela luminosa manhã. O que aconteceria, pensava Shard, se trouxessem grandes canhões contra o *Desperate Lark*? E só de pensar nisso maldisse o Destino. Porém, os homens comemoraram quando os árabes se afastaram. Shard só tinha mais vinte e dois bois, quando cerca de uma vintena de árabes desmontou, enquanto o resto continuava em retirada, levando os cavalos. Os que desmontaram se posicionaram atrás de algumas rochas, a duzentas jardas pela amura de bombordo, e começaram a atirar nos bois. Shard, que tinha um número suficiente deles para manobrar o navio com certo esforço, virou a embarcação alguns pontos para estibordo, de modo a lançar uma bordada nas rochas. Mas a metralha era inútil nesse caso, uma vez que o único modo de atingir um árabe era acertando com bala uma das rochas que os protegiam, o que não era fácil de fazer, exceto por acaso; e, cada vez que manobrava o navio, os árabes mudavam de posição. A situação se prolongou durante todo o dia, enquanto os árabes a cavalo permaneciam fora de alcance, observando o que Shard fazia. E os bois continuavam a minguar, tamanha era a pontaria dos árabes, até que restaram somente dez e o navio não podia mais ser manobrado. Mas então todos partiram a cavalo.

Os piratas ficaram encantados; calcularam que, de um jeito ou de outro, haviam derrubado uma centena de árabes, e a bordo só um homem havia sido ferido: Jack Mau fora acertado no pulso, provavelmente por uma bala destinada aos homens nos canhões, pois os árabes estavam atirando alto. Haviam capturado um cavalo, e sobre os cadáveres dos árabes haviam encontrado armas exóticas e um tipo interessante de tabaco. Estava anoitecendo e eles falavam sobre o combate, faziam piadas sobre seus tiros mais certos, fumavam seu novo tabaco e cantavam; de modo geral, foi a noite mais alegre que tiveram. Mas Shard, sozinho no tombadilho, andava preocupado de um lado para o outro, ponderando. Havia deitado a mão ferida de Jack Mau e lhe dado um gancho do depósito, pois o capitão faz as vezes de médico nessas ocasiões, e Shard, precavido para a maioria das coisas, guardava cerca de meia dúzia de membros polidos e, é claro, um cutelo. Jack Mau foi para baixo praguejando e disse que se deitaria um pouco; a tripulação fumava e cantava na areia; Shard permaneceu sozinho. Um pensamento lhe perturbava: o que os árabes fariam? Não pareciam ser homens de partir por nada. E, nos recônditos de sua mente, o pensamento era apenas sobre canhões e mais canhões. Argumentava consigo mesmo que eles não podiam arrastá-los pela areia, que o *Desperate Lark* não valia o esforço, que haviam desistido. Contudo, sabia em seu coração que era isso que fariam. Sabia que havia cidades fortificadas na África, e quanto ao seu navio valer o esforço, sabia que para aqueles homens derrotados a única opção que restara era a de vingança, e se o *Desperate Lark* viera pela areia, por que não canhões? Sabia que o navio jamais poderia resistir a canhões e a cavalaria; talvez uma semana, duas, até mesmo três: que diferença fazia quando tempo levaria? E os homens cantavam:

*Levamos daqui o butim,
Io-ho-hô,
Uma gota de rum para ti e outra para mim,
E o mundo tão redondo quanto a letra O,
E o mar que flui ao seu redor*

Shard foi tomado de melancolia.

Ao pôr do sol, o Tenente Smerdrak subiu para receber ordens. Shard mandou que cavassem uma trincheira ao longo do bombordo do navio. Os homens queriam cantar e resmungavam por ter que cavar, sobretudo porque Shard jamais mencionou seu medo dos canhões, mas ele colocou os dedos nas suas pistolas e, no fim, teve o que queria. Ninguém a bordo sabia atirar como o Capitão Shard. É o que geralmente ocorre com capitães de navios piratas, cuja posição é difícil de

ser mantida. A disciplina é essencial para os que têm direito de hastear a bandeira da caveira e dos ossos cruzados, e Shard era o homem para fazer com que fosse cumprida. As estrelas já haviam aparecido quando terminaram de cavar a trincheira, para satisfação do capitão; e os homens que seriam protegidos por ela quando o pior acontecesse praguejaram o tempo todo enquanto cavavam. E quando terminaram, clamaram um banquete com alguns dos bois mortos, e isso Shard deixou que fizessem. E pela primeira vez acenderam uma imensa fogueira, queimando os abundantes arbustos; pensavam que os árabes não ousariam voltar, e Shard sabia que se esconder agora era inútil. Regalaram-se e cantaram a noite inteira, enquanto Shard permanecia sentado na sala de cartas náuticas fazendo planos.

Quando a manhã chegou prepararam o cúter, como chamavam o cavalo capturado, e designaram sua tripulação. Como só havia dois homens que sabiam cavalgar, estes se tornaram a tripulação do cúter. Os dois eram Dick Espanhol e Bill, o contramestre.

As ordens de Shard eram de se revezarem no controle do cúter e patrulharem durante todo o dia a umas cinco milhas ao nordeste, mas que retornassem à noite. E equiparam o cavalo com uma bandeira na frente da sela, de modo que pudessem sinalizar, e levavam uma âncora atrás por medo de que ele fugisse.

Assim que Dick Espanhol partiu, Shard enviou alguns homens ao depósito para que rolassem de volta todos os barris que estavam enterrados na areia, com ordens para vigiar o cúter o tempo todo e, no caso de algum sinal dele, voltar o mais rápido que pudessem.

Enterraram os árabes naquele dia, removendo seus cantis e quaisquer provisões que tivessem, e naquela noite levaram todos os barris para dentro do navio, e nada aconteceu durante dias. Na verdade, ocorreu um evento de extraordinária importância: um dia o vento se intensificou, mas como ia direto para o sul e o oásis encontrava-se ao norte de onde estavam e além deste poderiam encontrar uma trilha de camelos, Shard decidiu permanecer onde estava. Se acreditasse que o vento duraria, Shard teria içado as velas, mas diminuiu ao entardecer como sabia que aconteceria e, de qualquer forma, não era o vento que queria. E mais dias se passaram, duas semanas sem uma brisa. Os bois mortos não bastariam e tiveram que matar mais três; agora só restavam sete.

Os homens nunca haviam ficado tanto tempo sem rum. E o Capitão Shard havia dobrado a vigia, além de fazer com que mais dois homens dormissem junto aos canhões. Haviam se cansado dos seus jogos simples e da maioria das canções; e suas histórias, que nunca eram verdadeiras, já não eram mais novas. E então, um dia, a monotonia do deserto se abateu sobre eles.

Há algo de fascinante no Saara: um dia ali é encantador, uma semana agradável, uma quinzena uma questão de opinião, mas os dias tornavam-se meses. Os homens eram perfeitamente educados, mas o contramestre queria saber quando Shard pretendia ir adiante. Era uma pergunta irracional para se fazer ao capitão de qualquer navio em uma calmaria num deserto, mas Shard disse que traçaria um curso e lhe avisaria em um ou dois dias. E um ou dois dias passaram em meio à monotonia do Saara, que em monotonia não tem seu igual em qualquer parte do mundo. Grandes pântanos não podem igualá-lo, nem pradarias relvadas, nem o mar; somente o Saara permanece inalterado pelas estações, sem que se altere sua superfície, sem flores para murchar ou florescer, ano após ano ele permanece imutável por centenas e centenas de milhas. E o contramestre voltou e, tirando o gorro, perguntou ao Capitão Shard se ele poderia fazer a gentileza de lhes contar sobre o novo curso. Shard respondeu que ele pretendia ficar ali até terem comido mais três bois, uma vez que só podiam levar três no porão; agora restavam apenas seis.

— Mas e se não houver vento? — perguntou o contramestre.

E, naquele momento, a brisa mais suave do norte agitou uma mecha do cabelo do contramestre, que permanecia de pé com o gorro na mão.

— Não fale sobre o vento *comigo* — disse o Capitão Shard, e Bill ficou um pouco assustado, pois a mãe de Shard havia sido uma cigana.

Mas era apenas uma brisa perdida, um truque do Saara. E outra semana se passou e eles comeram mais dois bois.

Agora obedeciam ao Capitão Shard com ostentação, mas seus semblantes eram sinistros. Bill voltou novamente e Shard lhe respondeu em romani.

As coisas estavam nesse pé quando, numa manhã quente do Saara, o cúter fez sinal. O vigia avisou Shard, que leu a mensagem: “Cavalaria à popa”, dizia, e um pouco depois: “com canhões”.

— Ah — disse o Capitão Shard.

Shard tinha um raio de esperança: as bandeiras no cúter tremulavam. Pela primeira vez em cinco semanas uma brisa suave soprava do norte, tão suave que mal se notava. Dick Espanhol retornou e ancorou seu cavalo a estibordo, enquanto a cavalaria aproximava-se lentamente a bombordo.

Só os avistaram com a chegada da tarde, e o tempo todo soprava aquela brisa suave.

— Um nó — disse Shard ao meio-dia. — Dois nós — disse ele na sexta badalada, e a velocidade continuou aumentando enquanto os árabes se aproximavam a trote. Às cinco horas, os homens do terrível navio *Desperate Lark* podiam avistar doze canhões antiquados de longo alcance sobre carroças de

rodas baixas, puxadas por cavalos, e o que pareciam ser canhões mais leves nos lombos dos camelos. O vento agora soprava um pouco mais forte.

— Devemos içar as velas, senhor? — perguntou Bill.

— Ainda não — respondeu Shard.

Às seis horas, os árabes estavam prestes a ficar ao alcance dos canhões quando se detiveram. Seguiu-se cerca de uma hora de inquietação, mas os árabes não se aproximavam. Evidentemente pretendiam esperar que escurecesse para posicionar os seus canhões. Provavelmente tinham a intenção de escavar um parapeito, de onde poderiam disparar sem perigo contra o navio.

— Podíamos fazer três nós — disse Shard, em parte para si mesmo, enquanto caminhava de um lado para o outro no tombadilho com passos curtos e muito rápidos. E então o sol de pôs e ouviram os árabes rezando, e os homens de Shard praguejaram a plenos pulmões para mostrar que eram tão bons quanto eles.

Os árabes não se aproximaram mais, esperando pela noite. Não sabiam o quanto Shard também ansiava por ela, que suspirava rangendo os dentes, e teria inclusive rezado se não tivesse medo de que com isso o céu se lembrasse dele e de seus homens.

Chegou a noite e as estrelas surgiram.

— Içar velas — ordenou Shard.

Os homens correram aos seus postos, já estavam fartos daquele lugar isolado e silencioso. Subiram os bois a bordo e desfraldaram as velas maiores; e como um amante vindo de além-mar, com o qual muito se sonhou e muito se esperou, como um amigo perdido reencontrado após muitos anos, o vento norte chegou às velas dos piratas. E antes que Shard pudesse evitar, um estrondo de vivas em inglês foi lançado na direção dos perplexos árabes.

Partiram a três nós, e em pouco tempo poderiam ter feito quatro, mas Shard não queria se arriscar à noite. O vento manteve-se favorável durante toda a noite e, fazendo três nós por hora das dez às quatro, já haviam desaparecido há muito da vista dos árabes quando a manhã chegou. E então Shard içou mais velas e fizeram quatro nós, e na oitava baladada estavam fazendo quatro nós e meio. Os ânimos daqueles homens volúveis foram levantados consideravelmente e a disciplina tornou-se perfeita. Enquanto houvesse vento nas velas e água nos reservatórios, o Capitão Shard se sentiria a salvo pelo menos de um motim. Grandes homens só podem ser derrotados quando sua sorte está no mínimo. Se não depuseram Shard quando seus planos estavam abertos a críticas e ele próprio mal sabia o que fazer, era improvável que pudessem fazê-lo agora; e independente do que pensemos sobre seu passado e seu modo de vida, é inegável que Shard estava entre os grandes homens do mundo.

De sua derrota nas mãos dos árabes não estava tão seguro. Era inútil tentar cobrir seus rastros ainda que tivesse tempo; a cavalaria árabe poderia tê-los apanhado em qualquer parte. E ele temia seus camelos com aqueles canhões a bordo; tinha ouvido que podiam fazer sete nós e manter essa velocidade durante a maior parte do dia, e se um único tiro acertasse o mastro principal... e, deixando de lado medos inúteis, Shard consultou a carta náutica para saber quando os árabes provavelmente os alcançariam. Disse aos seus homens que o vento continuaria favorável por uma semana e, cigano ou não, certamente sabia tanto sobre o vento quanto um marinheiro precisa saber.

Sozinho na sala de cartas náuticas, resolveu o seguinte: considerando duas horas de sobra para a surpresa, encontrar os rastros e o atraso na partida, digamos três horas se os canhões estivessem montados nos parapeitos, então os árabes atacariam às sete. Supondo que os camelos andem doze horas por dia a sete nós, fariam oitenta e quatro nós por dia, enquanto que Shard, fazendo três nós das dez às quatro, e quatro nós no resto do tempo, fazia noventa e estava ganhando a dianteira. Mas quando chegasse a hora, não arriscaria mais de dois nós à noite enquanto o inimigo não estivesse à vista, pois acertadamente considerava perigoso fazer mais que isso enquanto se navegava de noite em terra firme, de modo que ele também fazia oitenta e quatro nós por dia. Foi uma bela corrida. Não me preocupei em conferir se Shard exagerou nos seus números ou se subestimou o ritmo dos camelos, mas, qualquer que fosse o caso, os árabes diminuíram ligeiramente sua vantagem, pois no quarto dia Dick Espanhol, a cinco nós à popa montado no que chamavam de cúter, avistou os camelos ao longe e fez sinal para Shard. Haviam deixado a cavalaria para trás, como Shard supôs que fariam. O vento continuava favorável, tinham ainda dois bois e sempre poderiam comer o “cúter”, e tinham uma boa provisão de água, ainda que não abundante. Mas o aparecimento dos árabes foi um golpe para Shard, pois lhe mostrava que não havia como escapar deles; e, acima de tudo, temia os canhões. Minimizou a importância do fato para seus homens: disse-lhes que acabariam com o grupo em menos de meia hora de combate; contudo, temia que, assim que os canhões chegassem, fosse apenas uma questão de tempo antes que lhe cortassem o cordame ou danificassem o leme.

Em uma coisa, e muito boa, o *Desperate Lark* conseguiu ter vantagem sobre os árabes: a escuridão caiu pouco antes de poderem avistar o navio, e agora Shard usava a lanterna dianteira, como não se atrevera a fazer na primeira noite em que os árabes se aproximaram, e com a ajuda dela conseguiram fazer três nós. Os árabes acamparam ao anoitecer e o *Desperate Lark* se distanciou vinte nós. Mas no entardecer seguinte tornaram a aparecer, e dessa vez avistaram as velas do *Desperate Lark*.

No sexto dia estavam próximos. No sétimo, muito mais próximos. E então Shard divisou pela amura uma linha de vegetação: o Rio Níger.

Quer soubesse que, por umas mil milhas, o rio seguia seu curso através da selva, quer sequer soubesse que o rio estava lá; quais eram os seus planos ou se vivia cada dia como um homem cujas horas estão contadas, jamais contou aos homens. Tampouco posso acrescentar algo a respeito com base no que escuto de marinheiros bêbados em uma certa taverna que conheço. Seu rosto estava impassível, sua boca fechada, e manteve seu navio no curso. Ao anoitecer chegaram ao ponto onde começavam as árvores, e os árabes acamparam e aguardaram a dez nós à popa; o vento diminuía um pouco.

Ali Shard ancorou, um pouco antes do pôr do sol, e desembarcou de imediato. A princípio explorou um pouco a selva a pé. Então mandou chamar Dick Espanhol. Haviam içado o cúter a bordo há alguns dias, quando viram que não ele podia mais prosseguir. Shard não sabia cavalgar, mas mandou chamar Dick Espanhol e lhe disse que devia levá-lo como passageiro. Assim, Dick Espanhol o colocou na frente da sela, “diante do mastro”, como Shard a chamava, pois ainda carregavam um mastro na parte da frente da sela, e em seguida partiram a galope.

— Tempo borrascoso — disse Shard, mas continuava a inspecionar a selva enquanto avançava; e, para resumir, encontrou um lugar onde a espessura da selva era bem menor e por onde o *Desperate Lark* poderia passar, mas precisavam cortar vinte árvores. Shard marcou pessoalmente as árvores, mandou Dick Espanhol de volta para vigiar os árabes e colocou toda a tripulação para derrubar aquelas vinte árvores. O risco era imenso: o *Desperate Lark* estava vazio, com um inimigo a não mais que dez nós à popa, mas era um momento de medidas drásticas, e Shard arriscou-se a ficar sem seu navio no coração da África com a esperança de que seria recompensado escapando definitivamente.

Os homens trabalharam a noite toda naquelas vinte árvores; os que não tinham machados tiveram que se conformar com sovelas, e depois revezavam com os que tinham.

Shard era infatigável; ia de árvore em árvore, mostrando exatamente de que modo cada uma deveria cair e o que deveria ser feito com elas depois de derrubadas. Algumas tiveram que ser cortadas porque os galhos ficariam no caminho dos mastros, outras porque seus troncos ficariam no caminho das rodas; no caso destas últimas, as cepas precisavam ser aplanadas e diminuídas com serras, e talvez um pedaço do tronco serrado e rolado para longe. Esse era o trabalho mais difícil. E eram todas grandes árvores; por outro lado, se fossem pequenas, seriam muito mais numerosas e não poderiam ter seguido adiante nem

cem jardas sem ter que cortar algumas delas. E Shard calculou fazer tudo isso caso houvesse tempo.

Chegaram os primeiros brilhos da manhã e parecia que nunca terminariam. E por fim amanheceu e só restava uma árvore de pé; a parte mais difícil havia sido feita durante a noite, e uma espécie de ímpeto final terminara tudo, com exceção daquela árvore imensa. Então o cúter avisou que os árabes estavam em movimento. Haviam rezado ao alvorecer e agora tinham levantado acampamento. Shard mandou imediatamente todos os homens para o navio, exceto dez, que deixou para cuidarem da árvore; tinham que percorrer um caminho considerável, e os árabes já estavam se movendo há dez minutos quando chegaram lá. Shard levou o cúter a bordo, o que consumiu cinco minutos, içou a vela sem ajuda, o que levou outros cinco minutos, e lentamente se pôs a caminho.

O vento ainda estava diminuindo e, quando o *Desperate Lark* chegou ao limite da selva através da qual Shard traçara seu curso, os árabes estavam a não mais que cinco nós de distância. Shard havia navegado para leste por meia milha, o que devia ter feito durante a noite para estar preparado, mas ele não podia dispor de tempo para pensar ou de homens, que estavam ocupados em cortar aquelas vinte árvores. Então Shard entrou na selva e os árabes estavam logo atrás. Apressaram-se quando viram o *Desperate Lark* adentrar a mata.

— Estamos fazendo dez nós — disse Shard, enquanto observava os homens do convés. O *Desperate Lark* não fazia mais do que um nó e meio, pois o vento era fraco com o abrigo das árvores. Todavia, tudo correu bem durante algum tempo. A árvore grande acabara de ser derrubada, um pouco à frente, e os dez homens estavam serrando o tronco em pedaços.

Então Shard avistou um galho que não havia marcado na carta náutica e que estava prestes a atingir o topo do mastro principal. Ancorou imediatamente e mandou um homem lá para cima, que serrou metade do galho e fez o resto com uma pistola; e agora os árabes estavam a apenas três nós à popa. Durante um quarto de milha, Shard os conduziu através da selva até chegarem aos dez homens e àquela nefasta árvore grande; contudo, era preciso tirar outro pé de uma das extremidades da cepa, pois as rodas tinham que passar por cima dela. Shard enviou todos os homens para a cepa, e foi quando os árabes chegaram ao alcance de tiro. Porém, precisavam desembulhar seu canhão. E antes que o tivessem montado, Shard já estava longe. Se tivessem feito uma investida as coisas poderiam ter sido diferentes. Quando viram o *Desperate Lark* navegando novamente, os árabes avançaram trezentas jardas e ali montaram dois canhões. Shard os vigiava junto ao canhão de popa, mas não pretendia atirar. Os piratas já haviam se distanciado seiscentas jardas antes que os árabes pudessem disparar e,

como dispararam cedo demais, os dois canhões erraram o alvo. Shard e os homens avistaram claramente água a apenas dez braças adiante. Shard então carregou o canhão de popa com metralha em vez de balas, e naquele mesmo instante os árabes investiram com seus camelos; vinham a galope através da selva, brandindo longas lanças. Shard deixou a condução para Smerdrak e permaneceu junto ao canhão de popa. Os árabes estavam a menos de cinquenta jardas, mas Shard não disparou; tinha ao seu lado, na popa, a maioria de seus homens armados com mosquetes. Aquelas lanças sobre os camelos eram completamente diferentes das espadas nas mãos dos cavaleiros: podiam alcançar os homens no convés. Os piratas podiam ver as horríveis rebarbas nas pontas das lanças; elas estavam quase em seus rostos quando Shard disparou. E naquele mesmo momento o *Desperate Lark*, com a quilha seca e rachada pelo sol no ar, assomou sobre a margem mais alta do Níger e tombou para frente como um mergulhador. O canhão foi disparado por entre as copas das árvores, uma onda passou sobre as amuras e invadiu a popa, o *Desperate Lark* balançou e se endireitou: estava de volta ao seu elemento.

Os piratas olhavam para o convés molhado e suas roupas encharcadas.

— Água — disseram meio perplexos.

Os árabes seguiram avançando mais um pouco pela selva, mas quando viram que teriam que enfrentar uma bordada em vez de somente um canhão de popa, e ao perceberem que um navio flutuando era menos vulnerável à cavalaria do que em terra firme, abandonaram seus planos de vingança e se consolaram com um texto de seu livro sagrado, que conta como em outros tempos e em outros lugares nossos inimigos sofrerão conforme nossos desejos.

Por mil milhas, com a corrente do Níger e a ajuda de ventos ocasionais, o *Desperate Lark* seguiu em direção ao mar. A princípio, o curso do rio se voltava um pouco para o leste, depois para o sul, até se chegar a Akassa e ao mar aberto.

Não contarei como pegaram peixes e patos, atacaram uma aldeia aqui e ali e chegaram por fim a Akassa, pois já contei bastante sobre o Capitão Shard. Imagine-os aproximando-se cada vez mais do mar — homens terríveis, todos eles, e ainda assim sentindo algo semelhante ao que sentimos por nosso rei, nosso país ou nosso lar, sentimento que queimava dentro deles não menos ardentemente do que em nós os nossos: e o sentiam pelo mar. Imagine-os aproximando-se do mar até aparecerem aves marinhas e sentirem brisas do alto-mar, todos cantando novamente canções que não haviam cantado durante semanas. Imagine-os finalmente navegando de novo no salgado Atlântico.

Já contei bastante sobre o Capitão Shard e temo fatigá-lo, caro leitor, se disser algo mais sobre um homem tão cruel. Eu também, no alto de minha torre, sozinho, estou cansado.

E, no entanto, é conveniente que tal história seja contada. Uma viagem ao sul, quase em linha reta, das proximidades de Argel até Akassa, em um navio que chamaríamos apenas de iate. Que seja um estímulo aos mais jovens.

Garantia ao leitor

Desde que escrevi para seu benefício, caro leitor, esta longa história que ouvi em uma taverna perto do mar, viajei pela Argélia e Tunísia, assim como pelo Deserto. Muito do que vi nesses países parece colocar em dúvida a história que o marinheiro me contou. Para começar, o Deserto fica a centenas de milhas da costa e há mais montanhas a se atravessar do que se pode supor, em particular as montanhas do Atlas. É bem possível que Shard possa ter atravessado por El Cantara, seguindo a centenária rota dos camelos; ou pode ter passado por Argel e Bou Saada, através do desfiladeiro de El Finita Dem, ainda que seja um caminho bem difícil para os camelos (que dirá bois arrastando um navio), razão pela qual os árabes o chamam de Finita Dem: o Caminho de Sangue.

Não teria me atrevido a publicar esta história se o marinheiro estivesse sóbrio quando a contou para mim, por medo de enganá-lo, caro leitor. Mas esse jamais foi o caso com ele, como tive cuidado de assegurar: *in vino veritas* é um provérbio confiável, e nunca tive motivo para duvidar de sua palavra — a não ser que o provérbio minta.

Se ficar provado que ele me enganou, deixe estar; mas se o enganado vier a ser você, caro leitor, há certas coisas que sei a respeito dele, os mexericos vulgares daquela antiga taverna, cujas janelas de vidro de garrafa dão para o mar, que contarei imediatamente a todos os juízes que conheço, e será uma bela corrida para ver qual deles o enforcará primeiro.

Enquanto isso, caro leitor, acredite na história, na garantia de que, caso você tenha sido passado para trás, o assunto acabará nas mãos do carrasco.

O saque de Loma

Ao retornarem carregando o saque de Loma, os quatro homens altos olhavam apreensivos para a direita; não ousavam olhar para a esquerda, pois o precipício que havia nessa direção e que os acompanhara por tanto tempo descia vertiginosamente até um aglomerado de nuvens, e apenas seus medos poderiam dizer até onde continuava a partir dali.

Atrás deles, a fumaça subia de Loma, uma cidade em ruínas, todos os seus defensores mortos; não restara ninguém para persegui-los, porém seus instintos indígenas lhes diziam que nem tudo estava bem. Andavam há três dias naquele caminho estreito: a montanha lisa, incrível, acima deles, e o precipício tão liso quanto ela, estendendo-se para baixo. Estava frio nas montanhas. À noite, um córrego ou um vento na escuridão do abismo abaixo deles seguia como que sussurrando; o silêncio de todo o resto começava a deixá-los nervosos — o urro de um inimigo lhes daria forças; começaram a desejar que o perigoso caminho fosse mais largo e que não tivessem saqueado Loma.

Se o caminho fosse mais largo, de fato teriam saqueado Loma com maior dificuldade, pois os habitantes teriam fortificado a cidade se não fosse por aquele passo de dez léguas terrivelmente estreito, que tornava segura a cidade cercada pelo desfiladeiro. E, por fim, um índio disse: “Venham, vamos saqueá-la”. Gargalharam de maneira sombria nas tendas. Somente as águias, disseram, já haviam avistado a cidade, seu tesouro de esmeraldas e seus deuses de ouro. E alguém disse que chegaria até lá, ao que responderam: “Somente as águias”.

Esse alguém foi Rosto Risonho, que reuniu trinta bravos e os conduziu até Loma com seus machados de guerra e arcos; agora só restavam quatro, mas levavam o saque de Loma sobre uma mula. Levavam quatro deuses de ouro, cem esmeraldas, cinquenta e um rubis, um grande gongo de prata, duas barras de malaquita com alças de ametista para incenso usado em festas religiosas, quatro taças de trinta centímetros de altura, cada uma esculpida de um cristal de quartzo rosa, uma pequena caixa esculpida de dois diamantes e (sem que soubessem) uma maldição escrita por um sacerdote. Ela foi escrita em um pergaminho, numa língua desconhecida, e colocada entre os objetos saqueados por uma mão moribunda.

A terceira noite aproximava-se dos dois extremos daquele terrível caminho estreito; caía sobre ele do topo da montanha e subia ao seu encontro vinda do abismo, a terceira noite desde que Loma queimara e eles saíram da cidade. Mais três dias de caminhada deveriam levá-los triunfantes de volta ao lar, mas seus instintos lhes diziam que nem tudo estava bem. Nós, que nos sentamos em casa e fechamos as cortinas e as venezianas assim que escurece, que nos reunimos em volta da lareira quando o vento sopra forte, que rezamos em períodos regulares e em templos familiares, pouco sabemos do aspecto demoníaco da noite quando ela está repleta de maldições de falsos deuses enfurecidos. Esta era uma dessas noites. Embora nas alturas as nuvens velosas estivessem imóveis, o vento soprava pesaroso no abismo, gemendo enquanto soprava, a princípio triste e cheio de pesar, mas quando o dia afastou-se daquele caminho tenebroso, uma clara ameaça tomou conta de sua voz, que ficava rapidamente cada vez mais alta, quando surgiu a noite com um longo uivo. Sombras cobriam constantemente as estrelas, e então uma neblina baixou de pronto, como se houvesse algo a ser feito de imediato e completamente ocultado — como, a bem da verdade, havia.

No frio daquela neblina, os quatro homens altos oraram para seus totens, as extravagantes figuras de madeira que se encontravam muito longe dali, observando as agradáveis tendas; a essa hora a luz do fogo estaria dançando em seus rostos, enquanto aos seus ouvidos chegariam prazerosas histórias de guerra. Interromperam a marcha no passo e oraram, esperando por qualquer sinal. Pois o

totem de um homem pode ter a forma de uma lontra, e um homem pode orar, e se o seu totem for aplacável e estiver zelando por esse homem, é possível ouvir imediatamente um som como o feito pelas lontras, embora possa ser uma pedra caindo em cima de outra; e o barulho é um sinal. Os quatro totens que se encontram tão longe dali tinham a forma de um coelho, um urso, uma garça e um lagarto. Esperaram, e não surgiu nenhum sinal. Apesar de todos os barulhos do vento no abismo, nenhum era como o som das patas do coelho, ou como o rosnado do urso, nem como o grito da garça ou o roçar do lagarto nos juncos.

O vento parecia estar dizendo alguma coisa, que era repetida incessantemente, e que era algo maligno. Oraram mais uma vez para seus totens, e não surgiu nenhum sinal. Souberam então que havia algum poder naquela noite que estava prevalecendo contra os agradáveis entalhes nos mastros de madeira pintados, com a luz do fogo em seus rostos, tão longe dali. Agora estava claro que o vento dizia alguma coisa, alguma coisa muito terrível em uma língua que eles desconheciam. Escutavam, mas não sabiam dizer o que ele falava. Pelos seus rostos, ninguém poderia ter dito o quanto os quatro homens altos ansiavam pelas tendas, ansiavam pela fogueira do acampamento, pelas histórias de guerra e pelos bondosos totens que escutavam e sorriam no crepúsculo. Ninguém poderia ter visto o quão bem eles sabiam que esta não era uma noite comum ou uma neblina benéfica.

Por fim, quando não tiveram resposta nem sinal de seus totens, tiraram do saco aqueles deuses de ouro dos quais Loma só abriu mão em chamas e quando todos os homens da cidade morreram. As estátuas tinham imensos olhos de rubis e línguas de esmeralda. Colocaram os ídolos de pernas cruzadas com suas línguas de esmeralda no chão do passo da montanha; e depois de se afastarem algumas jardas decentes, como pareciam que deviam ser os encontros entre deuses e homens, prostraram-se e oraram, em sua dificuldade desesperadora naquela noite úmida e agourenta, aos deuses que haviam ofendido, pois parecia que havia alguma vingança em ação naqueles picos e que eles dificilmente escapariam dela, como bem sabia o vento. E os deuses riram, todos os quatro, e agitaram as línguas de esmeralda; os índios os viram, apesar de a noite ter caído e a neblina baixado. Os quatro homens altos levantaram-se de pronto e teriam deixado os deuses ali no passo, mas temiam que algum caçador de sua tribo pudesse encontrá-los um dia e dizer que Rosto Risonho “fugiu e deixou para trás os deuses de ouro”, e depois de vender o ouro ele voltaria com o lucro para as tendas e seria maior que Rosto Risonho e seus três companheiros. Também teriam lançado os deuses para longe, no abismo, com seus olhos e línguas de esmeralda, mas sabiam que já haviam ofendido demais os deuses de Loma e receavam que já havia vingança suficiente à espera deles nas montanhas. De

modo que guardaram os deuses no saco no dorso da mula apavorada, o saco que levava a maldição sobre a qual nada sabiam, e assim seguiram em frente naquela noite ameaçadora. Arrastaram-se até a meia-noite e não dormiriam; o aspecto da noite tornou-se cada vez mais sinistro, o vento mais cheio de significado, e a mula sabia e tremia, e parecia que o vento também sabia, assim como os instintos daqueles quatro homens altos, embora não soubessem explicar, por mais que tentassem.

E embora as índias tenham esperado por muito tempo onde o passo terminava nos limites das montanhas, próximo do local onde se encontram as tendas na planície, as tendas, os totens e as fogueiras, e apesar de vigiarem de dia e por muitas noites darem gritos conhecidos, ainda assim jamais viram aqueles quatro homens altos saírem das montanhas, mesmo tendo rezado para seus totens nos mastros pintados; porém, a maldição naquela letra mística, que levavam no saco sem saber, foi cumprida naquele passo isolado, a seis léguas das ruínas de Loma, e ninguém pode nos dizer o que era.

Um conto do Equador

Aquele que é Sultão em regiões tão longínquas no Oriente que seus domínios são tidos como fabulosos na Babilônia, cujo nome é hoje é sinônimo de distância nas ruas de Bagdá, que viajantes barbados invocam nos portões para conseguir pessoas para ouvirem suas histórias enquanto sobe a fumaça do tabaco, os dados são sacudidos e as tavernas brilham; mesmo ele, naquela mesma cidade, emitiu uma ordem e disse:

— Que sejam trazidos aqui todos os meus eruditos, para que diante de mim possam alegrar-me o coração com erudição.

Homens correram e clarins soaram, de modo que se apresentaram diante do Sultão todos os seus eruditos. E viu-se que em erudição muitos estavam em falta. Mas entre os que foram capazes de dizer algo aceitável, e que para sempre seria chamado de O Afortunado, um disse que ao Sul do Mundo havia uma Terra — disse e foi coroado com lótus — onde era verão durante nossos dias de inverno e onde era inverno no verão.

E quando o Sultão daquelas terras longínquas tomou conhecimento de que o Criador de Tudo produzira um esquema para seu imenso deleite, seu contentamento foi imensurável. De pronto pronunciou-se e disse — e esta é a essência do que falou — que sobre aquela linha de divisa ou limite, que dividia o Norte do Sul, um palácio fosse construído, onde nos pátios setentrionais seria verão, enquanto que nos meridionais seria inverno; assim ele poderia ir de pátio em pátio conforme sua disposição, desfrutando o verão durante as manhãs e passando as tardes entre a neve. De modo que os poetas do Sultão foram chamados e ordenados a falar sobre aquela cidade, prevendo seu esplendor distante ao Sul e em tempos vindouros; e alguns se mostraram inspirados. E

dentre os que se mostraram inspirados e foram coroados com flores, nenhum ganhou mais facilmente o sorriso do Sultão (do qual dependem longos dias) do que aquele que, prevendo a cidade, falou sobre ela desta forma:

— Em sete anos e sete dias, ó Arrimo dos Céus, vossos construtores o erguerão, vosso palácio que não se encontra nem no Norte nem no Sul, onde nem o inverno, nem o verão são senhores absolutos das horas. Branco o vislumbro, vasto como uma cidade, belíssimo como uma mulher, maravilha do Mundo, de muitas janelas, de onde vossas princesas admiram o crepúsculo; sim, contemplo a magnificência dos terraços de ouro e escuto um roçar nas longas galerias abaixo e o arrulhar dos pombos nos beirais esculpidos. Ó Arrimo dos Céus, pudera que tal cidade tão bela tivesse sido construída por vossos ancestrais, os filhos do sol, de modo que todos os homens fossem capazes de vislumbrá-la hoje, e não apenas os poetas, cuja visão a situa no distante Sul e em tempos vindouros.

“Ó Rei dos Anos, ele situar-se-á no centro da linha que divide igualmente o Norte do Sul e que separa as estações como que com um biombo. No lado setentrional, quando for verão no Norte, vossos guardas em trajes de seda caminharão sobre deslumbrantes muralhas, enquanto vossos lanceiros, vestidos com peles, vigiam o Sul. Contudo, ao meio-dia do dia do meio do ano, vosso camarista descerá de seu lugar elevado para ir até o pátio central, e homens com trompas descerão atrás dele, e ele soltará um grande grito ao meio-dia, e os homens com trompas as soarão, e os lanceiros vestidos com peles marcharão para o Norte e vossa guarda em trajes de seda tomará o lugar daqueles no Sul, e o verão deixará o Norte e irá para o Sul, e todas as andorinhas levantarão voo e irão ao seu encalço. E somente em vossos pátios internos não haverá mudança, pois se situarão exatamente ao longo daquela linha que separa as estações e divide o Norte do Sul, e vossos extensos jardins situar-se-ão abaixo deles.

“E em vossos jardins será sempre primavera, pois ela situa-se sempre às margens do verão, e o outono também sempre tingirá vossos jardins, pois ele sempre fulgura nas proximidades do inverno, e esses jardins existirão sem serem tocados pelo inverno e pelo verão. Haverá também pomares em vosso jardim, com todo o peso do outono em seus galhos e todas as flores da primavera.

“Sim, contemplo esse palácio, pois vejo coisas vindouras; vejo a muralha branca resplandecendo no fulgor do solstício de verão, e os lagartos refestelados ao sol, e os homens dormindo ao meio-dia, e as borboletas esvoaçando, e pássaros de plumagem radiante caçando mariposas maravilhosas; ao longe a floresta e as grandes orquídeas magníficas, e insetos iridescentes dançando em volta da luz. Vejo a muralha do outro lado; a neve cobriu as ameias, os sinelos orlando-as como barbas congeladas, um vento veloz, vindo de lugares desolados

e bradando aos campos gelados enquanto soprava, lançou montes de neve acima dos contrafortes; aqueles que olham pelas janelas daquele lado de vosso palácio veem os gansos selvagens e todas as aves de inverno voando baixo, passando céleres em bandos açoitados pelo vento cruel, e as nuvens acima deles são negras, pois lá é o solstício de inverno, enquanto que em vossos outros pátios as fontes tilintam, pingando sobre o mármore aquecido pelo fogo do sol de verão.

“Tal palácio será o vosso, ó Rei dos Anos, e seu nome será Erlathdronion, Maravilha do Mundo; e em vossa sabedoria ordenará que vossos arquitetos comecem imediatamente a construção, para que todos possam ver o que por enquanto só os poetas veem, e para que a profecia seja cumprida.”

E quando o poeta calou-se, falou o Sultão, e disse, como todos os homens ouviram inclinando as cabeças:

— Não será necessário que meus construtores construam esse palácio, Erlathdronion, Maravilha do Mundo, pois, ao ouvir-te, já desfrutamos daqueles prazeres.

E o poeta retirou-se da frente da Presença e sonhou com algo novo.

Uma escapada por um triz

Era nos subterrâneos.

As paredes gotejavam naquela caverna úmida abaixo de Belgrave Square. Mas o que isso importava ao mago? Ele precisava de sigilo, não de um ambiente seco. Ali ponderava sobre o curso dos acontecimentos, moldava destinos e preparava poções mágicas.

Nos últimos anos, a serenidade de suas ponderações era perturbada pelo barulho dos ônibus motorizados, ao mesmo tempo em que chegava aos seus ouvidos aguçados o estrondo estremeedor do trem no túnel, que corria sob a Sloane Street; e quando ouvia a respeito do mundo acima, sua opinião não era das mais favoráveis.

Concluiu, certa noite, enquanto fumava seu cachimbo maligno, nas profundezas da câmara úmida, que Londres já existira por muito tempo, abusara das oportunidades que tivera — em suma, fora longe demais com sua civilização. Assim, ele decidiu destruí-la.

Então fez um sinal para seu acólito do fundo da caverna musgosa e disse:

— Traga-me o coração do sapo que vive na Arábia e perto das montanhas de Betânia.

O acólito retirou-se pela porta oculta, deixando aquele velho sinistro com seu pavoroso cachimbo, e quem pode saber para onde ele foi se não o povo cigano, ou por qual caminho retornou; porém, um ano depois ele encontrava-se mais uma vez na caverna, entrando sorrateiramente pelo alçapão enquanto o velho fumava, e trouxe consigo uma coisa carnuda que apodrecia em um porta-joias de ouro puro.

— O que é isso? — grasnou o velho.

— É o coração do sapo que vivia na Arábia, perto das montanhas de Betânia — disse o acólito.

O velho colocou os dedos curvos em volta do porta-joias e abençoou o acólito com sua voz áspera, erguendo a mão que parecia uma garra; o ônibus passava ribombando na superfície numa viagem interminável; ao longe, o trem sacudia a Sloane Street.

— Venha — disse o mago —, é chegada a hora.

E deixaram naquele instante a caverna musgosa, o acólito carregando caldeirão, atiçador de ouro e todos os ingredientes necessários, e saíram para o ar livre. O velho tinha uma aparência esplêndida com suas vestimentas de seda.

O destino era os arredores de Londres; o velho ia pisando firme na frente e o acólito corria atrás, e só no modo de andar do velho já havia algo de mágico, mesmo sem considerar as vestimentas maravilhosas, o caldeirão e a varinha, o acólito apressado e o pequeno atiçador de ouro.

Alguns meninos fizeram zombarias, até atraírem a atenção do velho. Assim prosseguiu por Londres essa estranha procissão de dois, rápida demais para que pudesse ser seguida. As coisas pareciam piores ali em cima do que aparentavam da caverna, e quanto mais seguiam adiante no caminho em direção aos arredores de Londres, pior a cidade ficava.

— É chegada a hora — concluiu o velho —, sem dúvida alguma.

Chegaram por fim aos limites de Londres e a uma pequena colina que lançava um olhar triste para a cidade. O lugar era tão miserável que o acólito ansiava pela caverna, por mais úmida que fosse e repleta das terríveis palavras ditas pelo velho enquanto dormia.

Subiram a colina e botaram o caldeirão no chão, colocando nele os ingredientes necessários, acenderam um fogo com ervas que não são vendidas por nenhum boticário nem cultivadas por jardineiros decentes, e mexiam o caldeirão com o atiçador de ouro. O mago afastou-se um pouco murmurando, então voltou ao caldeirão e, estando tudo pronto, abriu de súbito o porta-joias e deixou a coisa carnuda cair para ser fervida.

O velho então entoou feitiços e jogou os braços para o alto; quando os vapores lhe chegaram à mente, proferiu palavras iradas que até aquele momento desconheceria e mencionou runas terríveis (o acólito gritou); ali ele amaldiçoou Londres, da neblina aos barreiros, do zênite ao abismo; ônibus, fábrica, loja, parlamento, pessoas.

— Que todos pereçam — proferiu ele —, e Londres desapareça, linhas de bondes, tijolos e calçadas, os que há muito usurparam os campos, que todos desapareçam e as lebres selvagens retornem, as amoras e as rosas silvestres.

Desapareçam — continuou o velho —, desapareçam agora, desapareçam completamente.

No silêncio momentâneo, o velho tossiu e aguardou, com olhos ansiosos; e o longo zumbido de Londres zumbia como sempre zumbira, desde que as primeiras cabanas de juncos foram erguidas às margens do rio, por vezes mudando de tom, mas sempre zumbindo, mais alto agora do que antigamente, mas zumbindo dia e noite, embora a voz esteja estridente por causa da idade; então continuou a zumbir.

E o velho virou-se para o acólito, que tremia, e disse em um tom terrível enquanto se deixava cair:

— VOCÊ NÃO ME TROUXE O CORAÇÃO DO SAPO QUE VIVE NA ARÁBIA E PERTO DAS MONTANHAS DE BETÂNIA!

A torre de vigia

Durante um mês de abril em Provença, sentei-me em uma pequena colina que ficava acima de uma antiga cidade que até então godos e vândalos abstiveram-se de “modernizar”.

Havia na colina um antigo castelo com uma torre de vigia e um poço com degraus estreitos, que ainda tinha água.

A torre de vigia, com janelas abandonadas que se abriam para o sul, ficava voltada para um extenso vale tomado pelo agradável crepúsculo e por barulhos de seres noturnos: dela se via as fogueiras de viajantes reluzindo nas colinas, e além delas a longa floresta escurecida por pinheiros, uma estrela surgindo e a escuridão caindo lentamente sobre o Var.

Sentado ali, escutando o coaxar das rãs, ouvindo com clareza vozes distintas, porém completamente transmutadas pelo anoitecer, observando as janelas na cidadezinha brilharem uma a uma e vendo o crepúsculo transformar-se solenemente em noite, parei de pensar em diversas coisas que parecem importantes durante o dia e, no lugar delas, o anoitecer colocou estranhas visões.

Um vento suave começou a soprar, sussurrando em volta da colina; esfriou, e eu estava prestes a descer a colina quando ouvi uma voz atrás de mim dizendo “Cuidado, cuidado”.

A voz parecia tanto fazer parte da noite que não me virei de imediato; era como as vozes que escutamos dormindo e pensamos vir dos sonhos. E a palavra era repetida num tom monótono, em francês.

Quando me virei, vi um velho segurando um chifre. Tinha uma barba branca extraordinariamente longa e continuava a dizer, “Cuidado, cuidado”. Era evidente que ele acabara de sair da torre ao lado da qual se encontrava, embora

eu não tenha escutado passos. Caso um homem tivesse chegado sorrateiramente perto de mim, àquela hora e num lugar tão isolado, sem dúvida eu teria sido pego de surpresa, mas vi quase que no mesmo instante que ele era um espírito, e com o chifre rústico, a longa barba branca e aquele andar silencioso, parecia ser tão natural daquela época e lugar que lhe dirigi a palavra como alguém cujo companheiro de viagem pergunta se você se importaria de abrir a janela.

Perguntei-lhe com o que eu deveria ter cuidado.

— Com o que uma cidade deveria ter cuidado — respondeu ele — se não com os sarracenos?

— Sarracenos?

— Sim, sarracenos, sarracenos — disse o velho brandindo o chifre.

— E quem é você? — perguntei.

— Eu? Eu sou o espírito da torre.

Quando perguntei como ele obtivera um aspecto tão humano e era tão diferente da torre material ao seu lado, ele me disse que as vidas de todos os vigias que já empunharam o chifre na torre formavam o espírito dela.

— São necessárias cem vidas — disse ele. — Ultimamente ninguém empunha o chifre e os homens a negligenciam. Quando as muralhas estão em más condições, os sarracenos vêm: sempre foi assim.

— Os sarracenos não vêm atualmente — retruquei eu.

Mas ele não olhava na minha direção, observando alguma coisa sem prestar atenção em mim.

— Eles descerão aquelas colinas — falou ele, apontando para o sul —, saindo da floresta ao cair da noite, e soprarei meu chifre. O povo virá mais uma vez da cidade até a torre; mas as seteiras estão em péssimas condições.

— Agora não ouvimos mais sobre os sarracenos — salientei.

— Ouvirem sobre os sarracenos! — gritou o espírito ancião. — Ouvirem sobre os sarracenos! Eles se esgueiram daquela floresta em uma noite, com seus longos mantos brancos que vestem, e eu sopro meu chifre. Essa é a primeira coisa que se ouve sobre os sarracenos.

— O que quero dizer — expliquei — é que eles nunca vêm. Eles não podem vir e os homens temem outras coisas. — Achei que o antigo espírito poderia descansar se soubesse que os sarracenos não podiam mais vir.

Mas ele disse:

— Não há nada a se temer no mundo além dos sarracenos. Nada mais importa. Como podem os homens temer outras coisas?

Então expliquei, para que ele pudesse descansar, e disse-lhe como toda a Europa, e em particular a França, possuía terríveis máquinas de guerra, tanto na terra como no mar; e como os sarracenos não possuíam essas terríveis máquinas,

no mar ou na terra, de modo que não poderiam cruzar o Mediterrâneo ou escapar da destruição nas costas mesmo que chegassem até lá. Mencionei as ferrovias europeias, que podiam deslocar exércitos dia e noite mais rápido do que cavalos podiam galopar. E depois de explicar tudo o melhor que pude, ele respondeu:

— Com o tempo todas essas coisas desaparecerão, e ainda assim existirão os sarracenos.

E então eu falei:

— Não há um sarraceno na França ou na Espanha há mais de quatrocentos anos.

— Os sarracenos! Você não conhece a astúcia deles. Esse foi sempre o modo de agir dos sarracenos. Deixam de vir por algum tempo, sim, por um longo tempo, e então um dia eles chegam.

E voltando o olhar para o sul, mas sem poder ver nitidamente por causa da neblina que se adensava, voltou silenciosamente para a torre e subiu os degraus quebrados.

O segredo do mar

Em uma velha taverna mal iluminada que conheço há muitas histórias sobre o mar. Mas foi preciso o vinho de Gorgondy, que obtive numa barganha particular com os gnomos, para que a história pela qual esperei a maior parte do ano me fosse revelada certa noite.

Eu conhecia o meu homem e escutava suas histórias, sentado em meio à profusão de pragas que lançava; ofereci-lhe rum, uísque e bebidas misturadas, mas a história que eu buscava não dava as caras, então como último recurso fui até as Montanhas Huthneth e lá barganhei a noite toda com os chefes dos gnomos.

Quando voltei à velha taverna e entrei no aposento de teto baixo, trazendo comigo o tesouro dos gnomos em uma garrafa de ferro batido, meu homem ainda não havia chegado. Os marinheiros riram da minha velha garrafa de ferro, mas me sentei e esperei; se eu a tivesse aberto ali eles teriam chorado e cantado. Eu estava disposto a esperar, pois sabia que meu homem tinha a história, que era das que provocavam profundamente a incredulidade dos incrédulos.

Ele chegou e me cumprimentou, sentou-se e pediu conhaque. Era um homem difícil de desviar dos seus propósitos e, abrindo a minha garrafa de ferro, tentei dissuadi-lo do conhaque por medo de que, quando a bebida tocasse-lhe a garganta, ele se recusasse a largá-la por qualquer outra. Ele ergueu a cabeça e disse coisas graves e terríveis sobre qualquer homem que ousasse falar algo contra o conhaque.

Jurei que não havia dito nada contra o conhaque, mas acrescentei que geralmente era dado às crianças, enquanto que o Gorgondy era bebido apenas por homens de tamanha depravação que eles haviam abandonado os pecados

porque todos os vícios costumeiros passaram a parecer triviais. Quando ele me perguntou se o Gorgondy era um vinho ruim, respondi que era tão ruim que, se um homem o bebericasse, com esse único gole a danação seria certa. Então ele me perguntou o que eu tinha na garrafa de ferro, e respondi que era Gorgondy; ele então pediu aos gritos o maior copo que havia naquela velha taverna mal iluminada, levantou-se e sacudiu o punho para mim quando o trouxeram, e praguejou, e me disse para encher o copo com o vinho que obtive naquela noite amarga da tesouraria dos gnomos.

Enquanto bebia, ele me disse que encontrara homens que falaram coisas contra o vinho e que haviam mencionado o Céu; e que, portanto, ele não iria para lá — não, não ele. E que uma vez ele havia mandado um deles para o Inferno, mas quando ele próprio chegasse lá expulsaria o outro, pois não precisava de frouxos.

Com o segundo copo ele ficou pensativo, porém não disse nada a respeito da história que conhecia, e temi que ela jamais seria ouvida. Mas quando o terceiro copo daquele espantoso vinho desceu queimando sua garganta, e justificou a perversidade dos gnomos, sua relutância secou como uma folha no fogo e ele botou para fora o segredo.

Eu já sabia há muito tempo que os navios possuem uma vontade ou jeito próprio, e até mesmo suspeitava que, quando os marinheiros morrem ou abandonam seus navios no mar, uma embarcação abandonada, deixada por conta própria, pode ir atrás dos próprios objetivos; mas jamais sonhei à noite, ou imaginei durante o dia, que os navios tivessem um deus que venerassem, ou que escapassem para um templo no mar.

Durante o quarto copo do vinho que os gnomos fermentaram de maneira tão maldosa, mas sabiamente mantiveram longe dos homens, até a barganha que realizei com os anciões durante toda aquela noite de outono, o marinheiro me contou a história. Não a conto como ele me contou, por causa das pragas que soltava; tampouco é por delicadeza que me abstenho de escrever essas imprecisões literalmente, mas simplesmente porque o horror que causavam em mim na ocasião ainda me perturba sempre que as coloco no papel, e continuo a tremer até que as tenha apagado. Portanto, conto a história com minhas próprias palavras que, se possuem uma certa decência que não se encontrava na boca daquele marinheiro, infelizmente não recendem, como as dele recendiam, a rum, sangue e mar.

Você consideraria um navio algo inanimado como uma mesa, tão inanimado quanto pedaços de ferro, tecido e madeira. Isso é porque você vive apenas em terra firme, nunca viu o mar e bebe leite. O leite é uma bebida mais maldita do que a água.

Com o capitão, com o homem no leme e com a tripulação, um navio não tem uma boa oportunidade para mostrar alguma vontade própria.

Só há um momento na história dos navios, que levam tripulações a bordo, em que agem de livre e espontânea vontade. Esse momento surge quando toda a tripulação está bêbada. Assim que o último homem desaba bêbado no convés, o navio vê-se livre deles e imediatamente escapa. A embarcação segue sem demora em um novo curso, do qual não se desvia sequer uma jarda em cem milhas.

Foi assim que aconteceu uma noite com o *Sea-Fancy*. Bill Smiles estava lá em pessoa e pode confirmar. Bill Smiles nunca contou esta história antes por temer que alguém o chamasse de mentiroso. Ninguém gostaria menos de ser enforcado do que Bill Smiles, mas ele não deixará que o chamem de mentiroso. Conto a história como a ouvi, com relevâncias e irrelevâncias, ainda que em palavras mais decentes; e como não duvidei da veracidade dela antes, não o faço agora; os outros podem fazer como bem entenderem.

Não é sempre que uma tripulação inteira fica bêbada. A tripulação do *Sea-Fancy* não era mais bêbada do que as outras. Eis como aconteceu.

O capitão estava sempre bêbado. Certo dia, a cisma de que algumas aranhas estavam tramando algo contra ele, ou um sangramento repentino que teve nos dois ouvidos, fez com que pensasse que beber podia fazer mal à saúde. No dia seguinte, comprometeu-se a parar de beber. Permaneceu sóbrio por toda a manhã e toda a tarde, mas ao entardecer viu um marinheiro tomando um copo de cerveja e foi tomado por um acesso de loucura, e disse coisas que pareceram ruins para até para Bill Smiles. E, na manhã seguinte, fez com que todos assumissem o compromisso.

Durante dois dias ninguém teve uma gota sequer para beber, a menos que se considere a água, e na terceira manhã o capitão estava bastante bêbado. Era razoável, então, que todos pudessem tomar um copo ou dois, com exceção do homem no leme; e, por volta do entardecer, o homem no leme não podia aguentar, e parece que tomou seu copo como todos os outros, pois o navio vacilou um pouco em seu curso e fez um círculo ou dois. Então, de repente, partiu em direção ao sul por leste a todo pano até a meia-noite, sem jamais alterar o curso. E à meia-noite o navio chegou aos amplos pátios úmidos do Templo no Mar.

As pessoas que acham que o sr. Smiles está bêbado geralmente cometem um grande erro. E as pessoas não são as únicas que cometeram esse erro. Uma vez um navio o cometeu, e vários navios com ele. É um erro achar que o sr. Smiles está bêbado só porque não consegue se mover.

Bill Smiles lembra-se claramente da meia-noite, do luar e do Templo no Mar, e todos os navios abandonados do mundo estavam lá, as velhas embarcações que foram deixadas de lado. As figuras de proa acenavam com as cabeças umas para as outras e piscavam para a imagem. A imagem era uma mulher de mármore branco sobre um pedestal no pátio externo do Templo do Mar: ela era obviamente o amor de todos os navios sem homens, ou a deusa a quem faziam suas preces pagãs. E enquanto Bill Smiles as observava, os lábios das figuras de proa se moviam; todas começaram a orar. Porém, seus lábios fecharam-se de súbito com um estalo quando viram que havia homens no *Sea-Fancy*. Todos os navios começaram a se aglomerar e acenar sem parar para ver se todos estavam bêbados, e foi quando cometeram o erro acerca do velho Bill Smiles, ainda que ele não pudesse se mover. Prefeririam abrir mão dos tesouros dos golfos a deixar que os homens ouvissem as preces que faziam ou descobrissem o amor que sentiam pela deusa. É o segredo profundo do mar.

O marinheiro hesitou. E, em minha ânsia para ouvir que coisa lírica ou blasfema aquelas figuras de proa disseram em oração ao luar da meia-noite no mar para a mulher de mármore que era uma deusa para os navios, empurrei para o marinheiro mais do meu vinho Gorgondy que os gnomos tão maldosamente fermentaram.

Eu nunca deveria ter feito isso; mas lá estava ele, sentado em silêncio enquanto o segredo era quase meu. Aceitou de mau humor e bebeu um copo; e, com os outros copos que havia tomado, acabou sendo vítima da vilania dos gnomos, que fermentaram esse vinho desmedido com a pior das intenções. O corpo do marinheiro curvou-se lentamente para frente, e então desabou sobre a mesa, com o rosto de lado, onde se via estampado um sorriso perverso, e, depois de dizer claramente uma única palavra, “Inferno”, silenciou-se para sempre com o segredo que levava do mar.

Como Splash-Goo chegou à Terra do Desejo de Ninguém

Em uma cabana de colmo de tamanho descomunal, tão grande que poderíamos considerá-la um palácio, mas apenas uma cabana pelo estilo de construção, das madeiras usadas e da natureza de seu interior, ali vivia Splash-Goo.

Splash-Goo era um dos filhos dos gigantes, cujo progenitor era Uph. E a linhagem de Uph vinha diminuindo nos últimos quinhentos anos, a ponto de os gigantes agora não passarem de quatro metros e meio de altura; mas Uph comia elefantes que pegava com as próprias mãos.

Ora, nos cumes das montanhas acima da casa de Splash-Goo, pois Splash-Goo vivia na planície, morava o anão cujo nome era Lrippity-Kang.

E o anão costumava caminhar ao entardecer pelas beiradas dos cumes das montanhas, de uma ponta a outra; era atarracado, além de feio e peludo, e estava sempre à vista de Splash-Goo.

O gigante suportou durante muitas semanas aquela visão, mas acabou ficando incomodado com aquela presença (como ficam os homens com coisas pequenas), sem conseguir dormir à noite e perdendo o gosto por porcos. E por fim chegou o dia, que qualquer um teria previsto, em que Splash-Goo colocou um porrete no ombro e subiu para procurar pelo anão.

E o anão, apesar de um pouco atarracado, era mais largo do que se possa sonhar, além de qualquer medida humana, e mais forte do que se possa imaginar; havia naquele pequeno corpo a força em sua essência, como uma centelha no centro de uma pederneira. Mas para Splash-Goo ele era apenas deformado,

barbado e atarracado, uma criatura que ousava desafiar todas as leis naturais ao ser mais largo do que alto.

Quando *Plash-Goo* chegou à montanha, largou o *chimahalk* (era assim que chamava seu porrete favorito), para que o anão não o desafiasse com movimentos ágeis; e com as mãos prontas para agarrá-lo avançou na direção de *Lrippity-Kang*, que interrompeu sua caminhada pela montanha sem dizer uma palavra e girou o hediondo corpo largo para enfrentar *Plash-Goo*.

Nos recônditos de sua mente *Plash-Goo* já se via agarrando o anão com uma mão imensa e arremessando-o, com sua barba e sua largura detestável, no precipício que descia daquele mesmo lugar até a Terra do Desejo de Ninguém. Contudo, o Destino tinha outros planos. Pois o anão rechaçou com seus braços curtos o aperto daquelas mãos monstruosas e, esquivando-se gradualmente dos enormes membros, conseguiu chegar até o corpo do gigante, onde, com sua astúcia de anão, foi capaz de agarrá-lo; e virando *Plash-Goo*, como uma aranha faz com alguma mosca grande, até que o colocasse em uma posição adequada, de repente levantou o gigante acima de sua cabeça. Na beira daquele precipício, cujo fundo ficava oculto pela distância, começou a girar sua gigantesca vítima ao redor da cabeça, primeiro lentamente e logo cada vez mais rápido; e finalmente, quando *Plash-Goo* encontrava-se como que flutuando em torno do odioso corpo do anão e a não menos odiosa barba ondeava ao vento, *Lrippity-Kang* o soltou. *Plash-Goo* foi lançado pela beirada para longe, na direção do Espaço, como uma pedra; e, logo, começou a cair. Passou-se muito tempo antes que acreditasse e percebesse que era realmente ele que estava caindo da montanha, pois não associamos a nós mesmos tais destinos. Porém, depois de ter caído por algum tempo, olhou para baixo, onde não se podia ver nada, e então *começou* a vislumbrar campos minúsculos, e foi nesse momento que seu otimismo desapareceu; até que mais tarde, quando os campos ficavam cada vez mais verdes e maiores, compreendeu que a terra que estava cada vez mais perto era, de fato, a mesma a que tinha destinado o anão.

Por fim a viu inequivocamente perto, com suas sinistras casas e caminhos formidáveis e seus campos verdes reluzindo na luz do entardecer. Sua capa ondeava ao vento em farrapos.

E assim chegou *Plash-Goo* à Terra do Desejo de Ninguém.

O gambito dos três marinheiros

Alguns anos atrás, sentado na velha taverna em Over numa tarde de primavera, eu esperava, como era meu costume, que algo estranho acontecesse.

Nesse ponto nem sempre me desapontava, pois as curiosas vidraças embutidas em chumbo daquela taverna, que davam para o mar, deixavam entrar na sala de teto baixo uma luz tão misteriosa, particularmente ao entardecer, que de alguma forma parecia afetar os eventos que ocorriam lá dentro. Seja como for, vi coisas estranhas naquela taverna e ouvi coisas ainda mais estranhas serem contadas.

E, enquanto eu estava sentado, entraram na taverna três marinheiros recém-chegados do mar, como disseram, e com peles queimadas pelo sol em uma longa viagem para o Sul; um deles levava um tabuleiro e peças de xadrez debaixo do braço e eles reclamavam que não conseguiam encontrar alguém que soubesse jogar xadrez. Este era o ano em que o Torneio seria na Inglaterra. E um homenzinho misterioso, que estava em uma mesa no canto da sala bebendo água com açúcar, perguntou aos marinheiros por que eles queriam jogar xadrez; responderam que jogariam com qualquer um por uma libra. Abriram então o estojo com as peças, um conjunto barato e feio, e o homem recusou-se a jogar com peças tão grosseiras, ao que os marinheiros sugeriram que talvez ele pudesse encontrar melhores; e, no fim, ele acabou indo até seus alojamentos, que ficam próximos, trouxe suas próprias peças e eles acabaram sentando-se para jogar a uma libra de cada lado. Era um jogo de consulta da parte dos marinheiros, que disseram que os três deveriam jogar.

Bem, o homenzinho misterioso era na verdade Stavlokratz.

É claro que ele era paupérrimo, e o soberano significava mais para ele do que para os marinheiros, mas ele não parecia muito interessado em jogar, foram os marinheiros que insistiram; ele havia usado a má qualidade das peças dos marinheiros como desculpa para não ter que jogar, mas os marinheiros a rejeitaram, e então lhes contou quem de fato era; no entanto, os marinheiros nunca tinham ouvido falar de Stavlokratz.

Bem, nada mais foi dito depois disso. Stavlokratz não disse mais nada, ou porque não queria se gabar, ou porque ficou ofendido por eles não saberem quem ele era. E eu não vi razão alguma para informar os marinheiros a respeito dele; se ele ficasse com a libra dos marinheiros, a culpa seria só deles, e minha admiração ilimitada por sua genialidade fez com que eu sentisse que ele merecia o que quer que viesse parar em suas mãos. Ele não havia pedido para jogar, eles tinham definido o prêmio; ele os preveniu e deu-lhes o primeiro lance; Stavlokratz não era nem um pouco injusto.

Eu jamais vira Stavlokratz antes, mas eu havia repassado quase todos os seus jogos do Campeonato Mundial nos últimos três ou quatro anos; ele era sempre o modelo escolhido pelos estudantes, é claro. Apenas jovens enxadristas podem estimar o meu prazer por vê-lo jogar em primeira mão.

Bem, os marinheiros tinham o costume de baixar as cabeças quase até o nível da mesa e cochicharem entre si antes de cada lance, mas cochichavam tão baixo que não era possível ouvir o que planejavam.

Perderam três peões quase que de imediato, depois um cavalo e logo em seguida um bispo; estavam jogando, na verdade, o famoso Gambito dos Três Marinheiros.

Stavlokratz jogava com a confiança natural que diziam ser comum nele, quando de repente, por volta do décimo terceiro lance, vi que ele parecia surpreso; inclinou-se para frente e olhou para o tabuleiro, depois para os marinheiros, mas não descobriu nada pelos seus rostos inexpressivos; olhou de novo para o tabuleiro.

Depois disso, ele começou a fazer seus lances com maior deliberação; os marinheiros perderam mais dois peões, Stavlokratz até então não perdera nenhuma peça. Ele olhou para mim de maneira quase impaciente, pensei, como se fosse acontecer algo que ele gostaria que eu não estivesse lá para ver. A princípio pensei que ele estava com receio de ficar com a libra dos marinheiros, até que me ocorreu que ele poderia perder o jogo; vi essa possibilidade em seu rosto, não no tabuleiro, pois o jogo se tornara quase incompreensível para mim. Não posso descrever minha perplexidade naquela hora. E, alguns lances depois, Stavlokratz abandonou o jogo.

Os marinheiros não demonstraram mais alegria do que se tivessem vencido algum jogo com cartas oleosas, jogando entre eles mesmos.

Stavlokratz lhes perguntou onde tinham aprendido aquela abertura. “A gente meio que pensou nela”, disse um deles. “Apareceu assim na cabeça da gente”, disse outro. Ele perguntou sobre os portos em que tinham parado. Evidentemente estava pensando, assim como eu, que eles tinham aprendido aquele gambito extraordinário, talvez em alguma antiga dependência da Espanha, com algum jovem mestre enxadrista cuja fama ainda não chegara à Europa. Estava ansioso para descobrir quem seria esse homem, pois nenhum de nós imaginava que aqueles marinheiros tinham inventado o movimento, como não imaginaria qualquer um que os visse. Porém, ele não obteve nenhuma informação.

Stavlokratz não podia dar-se ao luxo de perder uma libra. Ele propôs enfrentá-los novamente pelo mesmo valor. Os marinheiros começaram a arrumar as peças brancas. Stavlokratz observou que era sua vez de fazer o primeiro lance. Os marinheiros concordaram e continuaram a arrumar as peças brancas e sentaram com elas diante de si, esperando que Stavlokratz fizesse o lance. Foi um incidente trivial, mas revelou a Stavlokratz e a mim mesmo que nenhum daqueles homens sabia que as brancas sempre começam o jogo.

Stavlokratz começou com sua própria abertura, concluindo, é claro, que como nunca ouviram falar de Stavlokratz, eles não a conheceriam; e, provavelmente com uma boa esperança de recuperar a sua libra, ele jogou a quinta variação com seu astuto sétimo lance, ou pelo menos era o que pretendia, mas ela transformou-se numa variação desconhecida pelos estudantes de Stavlokratz.

Durante o jogo observei atentamente os marinheiros, e tive certeza, como só um observador atento pode ter, que o que estava sentado à esquerda, Jim Bunion, sequer conhecia os movimentos.

Depois de chegar a essa conclusão, prestei atenção somente nos outros dois, Adam Bailey e Bill Sloggs, tentando descobrir quem seria o cérebro; e por muito tempo não consegui. E então ouvi Adam Bailey murmurar seis palavras, as únicas que ouvi durante todo o jogo, de todas as suas confabulações: “Não, aquela com cabeça de bicho”. E percebi que Adam Bailey não tinha ideia de como usar o cavalo, embora, é claro, ele pudesse estar explicando algo para Bill Sloggs, mas não parecia ser esse o caso; logo, restava Bill Sloggs. Depois disso, fiquei observando Bill Sloggs com certo fascínio; ele não aparentava ser mais inteligente do que os outros, embora talvez fosse mais enérgico. O pobre Stavlokratz foi derrotado mais uma vez.

Bem, no fim acabei pagando por Stavlokratz, e tentei jogar uma partida somente com Bill Sloggs, o que ele recusou, pois deviam ser os três ou nenhum.

Voltei então com Stavlokratz para os alojamentos. Ele, muito cordial, concedeu-me uma partida: obviamente ela não durou muito, mas tenho mais orgulho de ter sido derrotado por Stavlokratz do que de qualquer outra partida que já venci. Acabamos conversando durante uma hora sobre os marinheiros, e nenhum de nós sabia o que pensar a respeito deles. Contei-lhe o que eu havia percebido a respeito de Jim Bunion e Adam Bailey, e ele concordou comigo que Bill Sloggs era o responsável, apesar de não ter teoria alguma sobre como ele aprendera aquele gambito ou aquela variação da abertura do próprio Stavlokratz.

Eu tinha o endereço dos marinheiros, que era aquela taverna tanto quanto qualquer outro lugar, e eles ficaram lá a noite inteira. Com o cair da noite retornei à taverna, e ainda encontrei lá os três marinheiros. Ofereci duas libras a Bill Sloggs por uma partida somente com ele, que se recusou a aceitar, mas acabou jogando comigo por uma bebida. E foi quando descobri que ele não ouvira falar da captura em passant e acreditava que o fato de colocar o rei em xeque o impedia de rocar, e que não sabia que um jogador pode ter duas ou mais damas no tabuleiro ao mesmo tempo se promover seus peões, ou que um peão pode tornar-se um cavalo; e ele cometeu tantos erros comuns quanto possíveis em uma partida curta, a qual venci. Achei que a essa altura eu descobriria o segredo, mas os seus companheiros, que permaneceram sentados num canto durante a partida, de cara fechada, vieram até nós e interferiram. Aparentemente, um deles jogar sozinho era uma violação do pacto que tinham; de qualquer forma, pareciam furiosos. Assim, saí da taverna e voltei no dia seguinte, e no outro e no dia depois deste, e via com frequência os marinheiros, mas nenhum se encontrava disposto a conversar. Consegui que Stavlokratz ficasse longe dali, e eles não arranjavam ninguém para jogar xadrez a uma libra, e eu não jogaria com eles a não ser que me contassem o segredo.

Então, certa noite, encontrei Jim Bunion bêbado, mas não tanto quanto ele gostaria, pois as duas libras já haviam sido gastas; e lhe paguei um copo de uísque, ou do que se passava por uísque naquela taverna em Over, e ele me contou o segredo de imediato. Também paguei alguns copos de uísque para os outros, para mantê-los calados, e mais tarde eles devem ter ido embora, mas Jim Bunion permaneceu comigo em uma mesa pequena, inclinando-se sobre ela e falando baixo, bem na frente do meu rosto, com seu hálito o tempo inteiro cheirando ao que se passava por uísque.

O vento soprava lá fora, como costuma fazer nas noites de tempo ruim de novembro, chegando como um lamento do sul, que é para onde dava a taverna com todas as janelas, de modo que eu era o único que conseguia ouvir a voz de Jim Bunion enquanto ele revelava o segredo.

Haviam navegado por anos, ele me contou, com Bill Snyth; e, na última viagem para casa, Bill Snyth morrerá. Sepultaram-no no mar, logo depois da linha do Equador, e seus companheiros dividiram seu equipamento, sendo que esses três ficaram com o cristal que só eles sabiam que ele possuía, conseguido por Bill numa noite em Cuba. Eles jogavam xadrez com o cristal.

E ele continuou a me contar sobre aquela noite em Cuba, quando Bill comprou o cristal de um estranho, sobre como algumas pessoas acham que já viram grandes tempestades, mas que se presenciassem a que caía sobre Cuba enquanto Bill comprava o cristal, perceberiam que não tinham a menor ideia do que é um trovão. Mas nesse momento o interrompi, infelizmente, talvez, pois isso quebrou sua linha de raciocínio sobre a história e fez com que divagasse durante algum tempo, amaldiçoando outras pessoas e falando sobre outras terras, China, Porto Said e Espanha: mas acabei fazendo com que voltasse para Cuba. Perguntei como podiam jogar xadrez com um cristal, e ele disse que olhava para o tabuleiro e depois para o cristal, e lá estava no cristal a mesma partida do tabuleiro, com todas estranhas pecinhas com a mesma aparência, ainda que menores, cabeças de cavalo e sabe-se lá o que mais; e assim que o oponente fazia um lance, o mesmo era reproduzido no cristal, seguido então pelo seu próprio lance, e era necessário somente repeti-lo no tabuleiro. Se o lance visto no cristal não fosse feito, as coisas ficavam complicadas no objeto, com todas as peças misturadas e movendo-se rapidamente, com semblantes carregados e repetindo o mesmo lance incessantemente, ao que o cristal tornava-se cada vez mais embaçado; nessa hora era melhor desviar o olhar do cristal, ou depois se sonharia com aquelas imagens, as sórdidas pecinhas apareceriam e o amaldiçoariam no sonho, mexendo-se a noite inteira em movimentos tortuosos.

Naquela hora pensei que, por mais bêbado que estivesse, ele não estava me contando a verdade, e prometi apresentá-lo a pessoas que jogavam xadrez a vida inteira, de modo que ele e os amigos poderiam conseguir uma libra sempre que quisessem, e prometi também não revelar seu segredo a Stavlokratz, se me contasse toda a verdade; e mantive essa promessa por muito tempo depois que os três marinheiros contaram o segredo. Disse-lhe sem rodeios que eu não acreditava no cristal. Bem, Jim Bunion debruçou-se ainda mais para frente sobre a mesa e jurou que vira o homem de quem Bill comprara o cristal e que era alguém a quem tudo era possível. Para começar, seu cabelo era abominavelmente escuro, suas feições eram inconfundíveis mesmo lá no Sul e podia jogar xadrez de olhos fechados, sendo capaz na ocasião derrotar qualquer um em Cuba. Mas havia ainda mais, havia a barganha que esse homem fizera com Bill, que mostrava quem ele era. Ele vendeu o cristal pela alma de Bill Snyth.

Jim Bunion, debruçado sobre a mesa com seu hálito no meu rosto, balançou a cabeça várias vezes e ficou em silêncio.

Foi então que comecei a lhe fazer perguntas. Jogaram xadrez em um lugar tão distante como Cuba? Ele respondeu que todos jogaram. Era concebível que algum homem fizesse semelhante barganha como a feita por Snyth? O truque não era famoso? Não estava em centenas de livros? E, mesmo que não pudesse ler livros, não teria ele ouvido de marinheiros que essa é a artimanha mais comum do Diabo para conseguir as almas de pessoas tolas?

Jim Bunion havia se encostado novamente na cadeira, sorrindo em silêncio com as minhas perguntas, mas, quando mencionei pessoas tolas, ele voltou a se debruçar, aproximou o rosto do meu e me perguntou várias vezes se eu havia chamado Bill Snyth de tolo. Ao que parece, esses três marinheiros tinham Bill Snyth em grande conta, e Jim Bunion ficou furioso por ouvir algo ser dito contra ele. Apressei-me a dizer que a barganha parecia tola, embora, é claro, não o fosse o homem que a fez; pois o marinheiro estava quase ameaçador, o que não é de espantar, já que o uísque daquela taverna escura enlouqueceria uma freira.

Quando eu disse que a barganha parecia tola, ele tornou a sorrir, e então bateu com o punho na mesa e disse que ninguém jamais havia passado Bill Snyth para trás, e que aquela havia sido a pior barganha que o Diabo já fizera, que, de tudo que ele já lera ou ouvira sobre o Diabo, ele jamais havia sido tão enganado quanto na noite em que encontrou Bill Snyth na estalagem durante a tempestade em Cuba, pois Bill Snyth já possuía a alma mais maldita do mar; Bill era um bom parceiro, mas sua alma já estava bem condenada, de modo que ele adquiriu o cristal por nada.

Sim, ele estava lá e viu tudo por si só, Bill Snyth na estalagem espanhola e as velas acesas, o Diabo surgindo e saindo da chuva, e então a barganha selada entre aquelas duas velhas mãos, o Diabo saindo para a tempestade que rugia e Bill Snyth sentado, rindo para si mesmo entre os estrondos dos trovões.

Contudo, eu tinha mais perguntas a fazer e interrompi sua reminiscência. Por que todos os três jogavam juntos? E um olhar de algo como medo tomou conta do rosto de Jim Bunion, e a princípio ele não queria falar. Mas acabou me dizendo o que acontecia; não haviam pagado pelo cristal, já que o pegaram como sua parte do equipamento de Bill Snyth. Se tivessem pagado por ele ou dado algo em troca para Bill Snyth estaria tudo bem, mas agora não podiam fazê-lo porque Bill estava morto, e não tinham certeza se a antiga barganha podia ser invalidada. E o Inferno deve ser um lugar grande e solitário, e ir para lá sozinho deve ser ruim; por isso os três concordaram que permaneceriam juntos e usariam os três o cristal ou não usariam de modo algum, a não ser que um morresse, e então os dois restantes o usariam e o que havia morrido esperaria por eles. E o

último dos três a morrer levaria o cristal consigo, ou talvez o cristal o levasse até lá. Não achavam, diziam, que eram o tipo de homens para o Céu, e ele esperava que estivessem errados a esse respeito, mas não gostavam da noção de se ficar sozinho no Inferno, se o destino tivesse que ser o Inferno. Isso não era problema para Bill Snyth, ele não tinha medo de nada. Jim Bunion conhecera talvez cinco homens que não tinham medo da morte, mas Bill Snyth não tinha medo do Inferno. Ele morreu com um sorriso no rosto como uma criança adormecida; foi a bebida que matou o pobre Bill Snyth.

Foi por isso que derrotei Bill Sloggs; Sloggs estava com cristal enquanto jogava, mas não o usaria; esses marinheiros pareciam temer a solidão como algumas pessoas temem ferir-se. Ele era o único dos três que sabia jogar xadrez, pois teve que aprender para poder responder a perguntas e manter a farsa, mas aprendera mal, como descobri. Nunca vi o cristal, eles jamais o mostravam a quem quer que fosse; mas Jim Bunion contou-me naquela noite que ele tinha mais ou menos o tamanho que a extremidade mais larga de um ovo de galinha teria se fosse redondo. E então ele adormeceu.

Havia muitas outras perguntas que eu gostaria de lhe fazer, mas não consegui acordá-lo. Cheguei a puxar a mesa e ele caiu no chão, mas continuou a dormir, e a taverna inteira estava escura, com apenas uma vela acesa; e foi quando notei pela primeira vez que os outros dois marinheiros haviam partido, já que não restava mais ninguém no local além de Jim Bunion, eu e o taverneiro sinistro daquele curioso estabelecimento, e ele também estava dormindo.

Quando vi que seria impossível acordar o marinheiro, saí pela noite afora. No dia seguinte, Jim Bunion não queria mais falar sobre o assunto; e quando fui ter com Stavlokratz, encontrei-o já colocando no papel sua teoria sobre os marinheiros, que foi aceita por enxadristas, de que um deles aprendera com alguém o curioso gambito e que os outros dois aprenderam entre eles todas as aberturas defensivas, assim como os aspectos gerais do jogo. Quem os teria ensinado ninguém sabia dizer, apesar das perguntas feitas posteriormente ao longo do Pacífico Sul.

Não soube de mais nenhum detalhe por qualquer um dos três marinheiros, que estavam sempre bêbados demais para falar ou não tão bêbados para serem comunicativos. Ao que parece, peguei Jim Bunion em um momento propício. Mas mantive minha promessa; fui eu que lhes apresentei ao Torneio, onde puseram em xeque muitas reputações estabelecidas. E assim continuaram durante meses, jamais perdendo uma partida e sempre jogando por uma libra. Eu costumava segui-los onde quer que fosse simplesmente para vê-los jogar. Eram mais maravilhosos do que o próprio Stavlokratz quando era jovem.

Porém, começaram a tomar algumas liberdades, como entregar a rainha jogando contra enxadristas de primeira classe. Por fim, um dia, quando os três estavam bêbados, enfrentaram o melhor enxadrista da Inglaterra com apenas uma fileira de peões. Venceram a partida, claro. Mas a esfera partiu-se em pedaços. Jamais senti um fedor tão intenso em toda minha vida.

Os três marinheiros aceitaram isso de maneira bastante estoica. Foram empregados em navios diferentes e voltaram mais uma vez para o mar, e o mundo do xadrez perdeu de vista, imagino que para sempre, os enxadristas mais notáveis que já conhecera, que teriam estragado completamente o jogo.

Como Ali chegou à Terra Negra

Shooshan, o barbeiro, foi até Shep, o fazedor de dentes, para discutir a situação da Inglaterra. Concordaram que era hora de chamar Ali.

Assim, naquela noite Shooshan saiu tarde da pequena loja próxima a Fleet Street e voltou para sua casa nos limites de Londres e enviou de imediato a mensagem que trouxe Ali.

E Ali veio, a maior parte do trajeto a pé, da terra da Pérsia, e levou um ano para chegar; porém, quando chegou, foi bem recebido.

E Shep contou a Ali qual era o problema com a Inglaterra, e Shooshan jurou que de fato era assim, e Ali, olhando pela janela da pequena loja próxima a Fleet Street, contemplou as ruas de Londres e abençoou distintamente o Rei Salomão e seu selo.

Ao ouvirem os nomes do Rei Salomão e de seu selo, Shep e Shooshan perguntaram, como mal haviam ousado antes, se Ali o tinha consigo. Ali bateu de leve num pequeno embrulho de seda que retirou de seu traje interno. O selo estava ali.

Ora, de acordo com os movimentos e cursos das estrelas, e a influência sobre eles de espíritos da Terra e de demônios, esta era foi chamada corretamente por alguns de A Segunda Era da Ignorância. Mas Ali sabia. E pela observação noturna, por sete noites em Bagdá, do caminho de certas estrelas, descobriu onde habitava Aquele de Quem Necessitavam.

Guiados por Ali, os três partiram em direção às Midlands. E devido à reverência que era manifesta nos rostos de Shep e Shooshan pela pessoa de Ali, alguns sabiam o que Ali carregava, enquanto outros diziam que eram as tábuas

da Lei, outros que era o nome de Deus, e outros que ele devia levar muito dinheiro consigo. Assim passaram por Slod e Apton.

E, por fim, chegaram à cidade que Ali procurava, aquele lugar sobre o qual vira as tímidas estrelas moverem-se e saírem de suas órbitas, preocupadas. Na verdade, quando chegaram não havia estrelas, embora fosse meia-noite. E Ali disse que aquele era o local designado. Em haréns na Pérsia, ao entardecer, quando circulam as histórias, ainda se conta como Ali, Shep e Shooshan chegaram à Terra Negra.

Quando amanheceu, eles olharam para a região e viram como era sem dúvida o local designado, como Ali dissera; pois a terra havia sido retirada de escavações, queimada e depositada em montes, e havia muitas fábricas, que se debruçavam sobre a cidade e pareciam regozijar. E, em uma só voz, Shep e Shooshan louvaram Ali.

E Ali disse que os grandes do lugar precisavam ser reunidos, e com esse propósito Shep e Shooshan entraram na cidade e lá falaram habilmente. Pois disseram que Ali, em sua sabedoria, havia idealizado, por assim dizer, uma patente e uma inovação, que seriam de grande benefício para a Inglaterra. E quando ouviram que ele nada queria por sua inovação, salvo beneficiar a humanidade, consentiram em falar com Ali e ver sua inovação. E eles se apresentaram e encontraram Ali.

E Ali lhes falou, dizendo:

— Ó senhores deste lugar; no livro que todos os homens conhecem está escrito como um pescador, ao jogar sua rede no mar, recolheu uma garrafa de latão e, quando tirou a rolha da garrafa, um terrível gênio de aspecto horrível saiu do interior, como se fosse fumaça, chegando a escurecer o céu, à vista do que o pescador...

E os grandes daquele lugar disseram:

— Já ouvimos a história.

E Ali respondeu:

— O que se sucedeu àquele gênio após ter sido lançado de modo seguro de volta ao mar não é propriamente comentado por ninguém, à exceção daqueles que empreendem o estudo de demônios, e os que comentam não o fazem com certeza absoluta; entretanto, o fato de que a rolha que levava o selo inefável, e o leva ainda hoje, separou-se da garrafa está entre as coisas que os homens podem saber.

E, quando houve dúvida entre os grandes, Ali exibiu o embrulho e removeu uma a uma aquelas várias sedas, até que o selo se fez visível; e alguns dentre eles sabiam que aquele era o selo, e outros não.

E olharam curiosos para o selo e prestaram atenção em Ali, que disse:

— E depois de ouvir como o mal é o caso da Inglaterra, sobre como a fumaça escureceu o país e em alguns lugares (como dizem os homens) a grama é negra, e como mesmo agora suas fábricas multiplicam-se e a pressa e o barulho tornaram-se tamanhos que os homens não têm mais tempo para canções, vim a pedido de meu bom amigo Shooshan, barbeiro de Londres, e de Shep, um fazedor de dentes, consertar as coisas para vocês.

E eles disseram:

— Mas onde está a sua patente e a sua inovação?

— Não tenho aqui a rolha e nela, como homens de bem sabem, o selo inefável? Ora, tomei conhecimento na Pérsia de como seus trens, que criam a pressa e impelem os homens de um lugar para o outro, e suas fábricas e escavações, e todas as coisas que são malignas, são todas causadas e realizadas pelo Vapor.

— Não é assim? — perguntou Shooshan.

— Assim o é — respondeu Shep.

— Agora está claro — prosseguiu Ali — que o principal demônio que atormenta a Inglaterra e que causou todo esse mal, que arrebanha os homens em cidades e não os deixa descansar, é o demônio Vapor.

E aos que ouviam, Ali continuou dizendo assim:

— Ó senhores deste lugar, que seja feita uma garrafa de aço resistente, pois não tenho garrafa alguma com minha rolha, e, feito isso, que todas as fábricas, trens, escavações e todas as coisas malignas que de alguma maneira podem ser feitas por meio do vapor sejam paradas por sete dias, e os homens que delas cuidam fiquem livres, enquanto a garrafa de aço para minha rolha eu deixarei aberta em um local apropriado. Ora, aquele demônio principal, o Vapor, não encontrando fábricas nas quais entrar, nem trens, sirenes ou escavações preparadas para ele, e sendo curioso e acostumado a recipientes de aço, por certo entrará uma noite na garrafa que vocês farão para minha rolha, e saltarei de onde estiver escondido com minha rolha e o aprisionarei com o selo inefável, que é o selo do Rei Salomão, e o entregarei a vocês, para que possam lançá-lo ao mar.

E os grandes responderam a Ali, dizendo:

— Mas o que ganharemos se perdermos nossa prosperidade e deixarmos de ser ricos?

E Ali disse:

— Quando tivermos lançado esse demônio ao mar, retornarão as florestas, samambaias e todas as coisas e seres belos que o mundo já teve, as pequenas lebres saltadoras serão vistas aos pulos, haverá novamente música nas colinas e, ao crepúsculo, calma e quietude, e, após o crepúsculo, estrelas.

E disse Shooshan:

— Em verdade, haverá dança novamente.

— Sim — disse Shep —, haverá a dança do interior.

Mas os grandes falaram, dizendo e negando Ali:

— Não faremos semelhante garrafa para sua rolha nem pararemos nossas saudáveis fábricas ou nossos bons trens, nem deixaremos de escavar, nem faremos qualquer coisa que deseje, pois interferir com o vapor afetaria as bases da prosperidade que você vê de modo tão abundante ao nosso redor.

Dessa forma, dispensaram naquele instante Ali daquele lugar onde a terra havia sido arrancada e queimada, retirada de escavações, e onde fábricas ardiam a noite inteira com um fulgor demoníaco; e dispensaram com ele Shooshan, o barbeiro, e Shep, o fazedor de dentes. De modo que, uma semana depois, Ali partiu de Calais em sua longa caminhada de volta à Pérsia.

E tudo isso se deu há trinta anos, e Shep agora está velho e Shooshan está ainda mais velho, e muitas bocas morderam com os dentes de Shep (pois ele era dado a pegá-los de volta sempre que seus clientes morriam), e escreveram mais uma vez a Ali, na terra da Pérsia, com estas palavras:

— Ó, Ali. O demônio em verdade gerou outro demônio, aquele espírito chamado Gasolina. E o jovem demônio está crescendo, aumentando cada vez

mais seu vigor, está com dez anos e tornando-se como seu pai. Venha, portanto, e ajude-nos com o selo inefável. Pois não há ninguém como Ali.

E Ali volta-se para onde seus escravos espalham pétalas de rosa e deixa a carta cair; traga profundamente de seu narguilé uma baforada da fumaça perfumada, que desce até os pulmões, solta-a e sorri e, apoiando-se no outro cotovelo, fala confortavelmente:

— E deve um homem ir duas vezes em auxílio de um cão?

E com essas palavras deixa de pensar na Inglaterra, ponderando mais uma vez os inescrutáveis caminhos de Deus.

O clube dos exilados

Eu estava em uma recepção e alguma coisa dita por alguém fez com que eu começasse a falar sobre um tema que exerce sobre mim um grande fascínio, o tema de antigas religiões e deuses esquecidos. A verdade (pois todas as religiões possuem parte dela), a sabedoria e a beleza das religiões de países para onde viajo não possuem o mesmo apelo para mim; pois é possível notar nelas apenas a tirania, a intolerância e a servidão abjeta que impõem ao pensamento; porém, quando uma dinastia é destronada nos céus e é esquecida e rejeitada pelos homens, é possível vislumbrar, com um olhar já não mais deslumbrado com tal poder, algo de grande saudosismo nas faces de deuses caídos suplicando para serem lembrados, algo de uma beleza capaz de levar às lágrimas, como um longo crepúsculo de verão que desaparece lentamente após algum dia memorável na história das guerras deste mundo. Por exemplo, entre o que Zeus foi e a história parcialmente lembrada que ele é hoje há um espaço tão vasto que não há reviravolta conhecida pelo homem por meio da qual possamos medir o tamanho de sua queda. E o mesmo se dá com muitos outros deuses, diante dos quais as eras outrora tremiam e o século XX trata como contos de fada. A firmeza demandada por semelhante queda certamente é mais do que humana.

Eu estava dizendo coisas dessa espécie e, por ser um tema que muito me agrada, é possível que tenha falado alto demais. Por certo eu não sabia que atrás de mim encontrava-se ninguém menos que o ex-rei de Eritivaria, as trinta ilhas do Oriente, do contrário eu teria moderado a voz e me afastado um pouco para lhe dar mais espaço. Não fiquei sabendo de sua presença até que seu seguidor, um que partira em exílio com seu rei e ainda andava à volta deste, disse-me que seu mestre desejava me conhecer; e assim, para minha surpresa, fui apresentado,

apesar de nenhum dos dois saber meu nome. E foi assim que acabei convidado pelo ex-rei para jantar em seu clube.

Na ocasião, a única explicação que eu tinha para seu interesse em me conhecer era a de que ele provavelmente viu alguma semelhança entre a sua própria condição de exilado e os infelizes destinos dos deuses sobre os quais eu falara enquanto ignorava sua presença; mas agora sei que não era em si mesmo que ele pensava quando me convidou para jantar naquele clube.

O clube teria sido a construção mais imponente de qualquer rua de Londres, mas naquela obscura quadra da cidade onde foi construída ela parecia excessivamente enorme. Erguendo-se acima daquelas casas grotescas e construída naquele estilo grego que chamamos de georgiano, havia nela algo de olimpiano. Para meu anfitrião, uma rua deselegante não teria importância alguma, visto que em sua juventude, onde quer que fosse, o lugar tornava-se elegante no momento em que lá chegava: palavras como East End poderiam não ter sentido algum para ele.

Quem quer que tenha construído aquela casa possuía uma imensa riqueza e não se importava com o que estivesse em voga, talvez até mesmo o desprezasse. Enquanto eu olhava as magníficas janelas superiores decoradas com grandes cortinas, indistintas no entardecer, nas quais enormes sombras dançavam, meu anfitrião atraiu minha atenção na porta, de modo que entrei e encontrei pela segunda vez o ex-rei de Eritivaria.

Uma escadaria de mármore raro à nossa frente levava para o andar superior. Ele me conduziu por uma porta lateral e descemos uma escadaria, chegando a um salão de festas de grande suntuosidade. Havia uma longa mesa no centro do salão, posta para umas vinte pessoas, e notei a peculiaridade de que em vez de cadeiras havia tronos para todas, exceto para mim, que era o único convidado e que recebera uma cadeira comum. Meu anfitrião me explicou, quando todos se sentaram, que cada um pertencente ao clube era por direito um rei.

Na verdade, ele me contou, ninguém tinha permissão de fazer parte do clube até que sua reivindicação a um reino, feita por escrito, fosse examinada e permitida por aqueles encarregados dessas questões. Os caprichos de um populacho ou o desgoverno do próprio candidato nunca eram levados em consideração pelos investigadores, para quem nada valia além de hereditariedade e descendência legítima de reis — tudo mais era ignorado. Sentados à mesa estavam aqueles que outrora governaram pessoalmente, outros que reivindicavam descendência legítima de reis que o mundo esqueceu, os reinos reivindicados por alguns já haviam mudado de nome. Hatzgurh, o reino da montanha, é considerado quase mítico.

Poucas vezes vi tamanho esplendor como o daquele longo salão abaixo do nível da rua. Durante o dia ele era sem dúvida um pouco sombrio, como o são todos os porões, mas à noite, com seus grandes lustres de cristal e com o brilho das relíquias de família que foram exiladas, o salão superava o esplendor de palácios que só têm um rei. Chegaram a Londres de súbito, a maioria daqueles reis, ou seus pais antes deles, ou seus ancestrais; alguns partiram de seus reinos à noite, em um trenó leve, fustigando os cavalos, ou a galope com a proximidade da manhã; alguns deixaram suas capitais empreendendo caminhadas penosas por estradas, sob disfarces, porém muitos, ao partir, tiveram tempo apanhar alguma coisa insignificante e sem valor nos mercados — pelos velhos tempos, como diziam, mas também, pensei, com um olho no futuro. E ali brilhavam esses tesouros, naquela longa mesa no salão de festas do porão daquele estranho clube. Já era muito simplesmente vê-los, mas ouvir as histórias de cada um que seus proprietários contavam era como regressar em pensamento às épocas épicas, na fronteira romântica das fábulas e dos fatos, onde os heróis da história lutavam com os deuses dos mitos. Os famosos cavalos de prata de Gilgianza estavam lá, subindo sua montanha escarpada, feito que realizaram por meios milagrosos antes da época dos godos. Não era uma peça de prata muito grande, mas a habilidade com que foi criada superava a das abelhas.

Um imperador amarelo trouxera do Oriente uma peça daquela incomparável porcelana que tornara sua dinastia famosa, embora todos seus feitos tenham sido esquecidos; tinha a tonalidade exata da púrpura certa.

E havia uma pequena estatueta de ouro de um dragão roubando um diamante de uma dama: o dragão levava o diamante nas garras, grandes e da mais alta qualidade. Existiu um reino cujas constituição e história eram fundamentadas completamente na lenda, na qual seus reis baseavam inteiramente o direito ao cetro, de um dragão que roubou um diamante de uma dama. Quando o último rei deixou o país, depois que seu general favorito usou uma formação peculiar sob o fogo da artilharia, trouxe consigo a pequena imagem ancestral que não mais provava que ele era um rei do lado de fora daquele clube singular.

Havia as duas taças de ametista do rei de turbante de Foo, uma que ele mesmo bebia e outra que oferecia aos seus inimigos: não era possível dizer qual era qual a olho nu.

Todas essas coisas mostrou-me o ex-rei de Eritivaria, contando-me uma história maravilhosa sobre cada uma; não trouxera nada seu, com exceção da mascote que costumava se sentar em cima do radiador do seu automóvel favorito.

Não descrevi um décimo do esplendor daquela mesa; eu tinha a intenção de voltar lá e examinar cada peça de louça e tomar notas sobre sua história. Se eu

soubesse que essa seria a última vez que desejaria entrar naquele clube, eu teria olhado os tesouros com mais atenção, mas nesse momento, enquanto o vinho circulava e os exilados começavam a falar, desviei meu olhar da mesa e escutei estranhas histórias sobre seus antigos cargos.

Alguém que já teve dias melhores geralmente possui uma história medíocre para contar, algo desprezível e trivial que causou seu infortúnio, mas os que jantavam naquele porão haviam em sua maioria caído como carvalhos em noites de tempestades incomuns, haviam caído com grandeza e abalado nações. Os que não haviam sido eles próprios reis, mas reivindicavam o cetro através de um ancestral exilado, tinham histórias para contar de desastres ainda maiores, e cujas dinastias aparentemente tiveram seus destinos abrandados pela história, como musgo que cresce sobre um carvalho caído há muito tempo. Não havia invejas ali como há tão seguidamente entre reis, as rivalidades devem ter cessado com a perda de suas armadas e exércitos e não mostravam ressentimento contra aqueles que os haviam expulsado, um deles chegando a falar do erro de seu Primeiro Ministro que fez com que perdesse o trono como “providencial dádiva de falta de tato do pobre Friedrich”.

Confabulavam sobre muitas coisas, o palavrório que todos nós temos que saber quando aprendemos história, e eu poderia ter escutado muitas histórias maravilhosas, muitos enfoques diferentes sobre guerras misteriosas, se não tivesse usado uma expressão infeliz. A expressão foi “lá em cima”.

O ex-rei de Eritivaria, depois de ter me mostrado as relíquias de família incomparáveis que mencionei, além de muitas outras, perguntou-me com hospitalidade se havia algo mais que eu gostaria de ver; ele tinha em mente as louças dos armários, as espadas de outros príncipes curiosamente gravadas, joias históricas, selos lendários, porém eu, que tivera um vislumbre da maravilhosa escadaria, cuja balaustrada acreditava ser de ouro maciço, e imaginava por que, em uma casa tão majestosa, optaram por jantar no porão, mencionei a expressão “lá em cima”. Um silêncio profundo caiu sobre todos ali presentes, o silêncio que seria dirigido à leviandade em uma catedral.

— Lá em cima! — disse ele, perdendo o fôlego. — Não podemos ir lá em cima.

Percebi que o que eu dissera havia sido inapropriado. Tentei me desculpar, mas não sabia como.

— É claro — murmurei os membros não podem levar convidados lá em cima.

— Membros! — disse ele para mim. — Não somos os membros!

Havia tamanha repreensão em sua voz que eu nada mais disse; olhei para ele em dúvida, e meus lábios talvez tenham se movido e eu possa ter perguntado

“Quem são vocês?”. A atitude deles me causara uma grande surpresa.

— Somos os garçons — respondeu ele.

Não havia como eu ter conhecimento disso: finalmente havia aqui uma ignorância honesta da qual eu não precisava ter vergonha, já que a própria opulência da mesa negava aquela afirmação.

— Então quem são os membros? — perguntei.

O silêncio causado por essa pergunta foi tamanho, de um espanto tão genuíno, que me ocorreu subitamente um pensamento tresloucado, um pensamento estranho, fantástico e terrível. Agarrei o pulso de meu anfitrião e baixei a voz.

— Eles também são exilados? — perguntei.

Por duas vezes ele assentiu com a cabeça enquanto me olhava no rosto.

Deixei rapidamente aquele clube, para jamais vê-lo novamente, mal me detendo para dizer adeus àqueles reis servis, e, no momento em que eu saía pela porta, uma grande janela se abriu no alto da casa e um raio saltou lá de dentro e matou um cão.

As três piadas infernais

Esta é a história que aquele homem desolado me contou na estrada isolada da Highland em um entardecer de outono, com o inverno chegando e os veados bramindo.

O crepúsculo entristecedor, a montanha já negra, a terrível melancolia das vozes dos veados, o pesaroso rosto sem amigos do homem — tudo parecia fazer parte de alguma peça de imensa tristeza encenada naquele vale por um deus proscrito, uma peça solitária da qual as colinas eram parte e ele o único ator.

Ficamos nos observando por muito tempo enquanto nos aproximávamos em meio à solidão daquele lugar ermo. Então, quando nos encontramos, ele falou.

— Irei lhe contar uma coisa que fará você morrer de rir. Não vou mais guardar comigo. Mas, primeiro, preciso lhe contar como a consegui.

Não apresento a história nas palavras do homem, com todas as suas interjeições aflitas e a angústia de suas desvairadas recriminações a si mesmo, pois eu não transmitiria desnecessariamente aos meus leitores aquela atmosfera de pesar que permeava tudo que ele dizia e que parecia acompanhá-lo onde quer que fosse.

Ao que parece, ele foi membro de um clube — que ele chamava de clube de West End —, um negócio respeitável, mas de pouca importância, provavelmente na Cidade: os membros eram corretores, principalmente de seguro contra incêndios, mas também havia corretores de seguros de vida e de automóveis — era, na verdade, um clube de importunos.

Aparentemente, uma noite alguns deles, esquecendo por um momento suas enciclopédias e pneus que não furavam, conversavam em voz alta numa mesa de carteados, depois do jogo, sobre suas virtudes pessoais, e um homem franzino

com bigodes encerados, que detestava o gosto do vinho, jactava-se com entusiasmo sobre sua abstinência. Foi então que o homem que contou esta história desoladora, instigado pela jactância dos outros, inclinou-se um pouco para frente sobre a baeta verde e revelou, à luz das duas velas que derretiam, sem dúvida com certo acanhamento, sua própria virtude extraordinária. Para ele, uma mulher era tão feia quanto outra.

E os gabadores silenciados se levantaram e foram embora, deixando-o totalmente sozinho, como ele supunha, com sua virtude inigualável. Porém, ele não estava sozinho pois, depois que os outros haviam partido, um membro se levantou de uma poltrona oculta em um canto escuro da sala e caminhou até ele, um homem cuja ocupação ele não conhecia e somente agora suspeita qual seja.

— O senhor possui uma excelente virtude — comentou o estranho.

— Não tenho o menor uso para ela — respondeu meu pobre amigo.

— Então sem dúvida o senhor a venderia barato.

Alguma coisa nos modos ou na aparência do homem fez com que o desolado contador desta triste história sentisse sua própria inferioridade, o que provavelmente fez com que se sentisse bastante acanhado, de modo que sua mente se rebaixou tal como faz um oriental com o corpo na presença de um superior, ou talvez ele estivesse sonolento, ou simplesmente um pouco embriagado. Qualquer que fosse a razão, ele apenas resmungou “Ah, sim”, em vez de contradizer observação tão insana. E o estranho o conduziu para a sala onde ficava o telefone.

— Creio que o senhor verá que minha firma oferecerá um bom preço pela sua virtude — disse ele; e, sem muita pressa, começou a cortar o cabo do telefone e do receptor.

Deixaram o velho garçom que cuidava do clube arrastando os pés na outra sala, arrumando-a para a noite.

— O que o senhor está fazendo? — perguntou meu amigo.

— Por aqui — indicou o estranho. Seguiram por uma passagem em direção ao fundo do clube, e lá o estranho inclinou-se para fora de uma janela e amarrou os cabos cortados ao para-raios. Meu amigo não tem dúvidas quanto a isso: uma larga tira de cobre, que descia do telhado até a terra.

— Inferno — disse o estranho aproximando a boca do telefone; fez-se silêncio por alguns instantes, enquanto ele colocava o ouvido no aparelho, com o corpo para fora da janela. Meu amigo ouviu então sua pobre virtude ser repetida diversas vezes, assim como palavras como Sim e Não.

— Eles oferecem ao senhor três piadas — prosseguiu o estranho —, que farão todos que as escutem simplesmente morrerem de rir.

Acredito que meu amigo estava relutante em ter qualquer parte no assunto, queria apenas ir para casa; ele disse que não queria piada alguma.

— Eles têm sua virtude em alta conta — disse o homem. E com isso, por mais estranho que pareça, meu amigo titubeou pois, logicamente, se tinham a mercadoria em alta conta, deveriam pagar um preço mais elevado.

— Ah, está bem — disse ele.

O extraordinário documento que o corretor tirou do bolso dizia mais ou menos isto:

“Eu ... em consideração às três novas piadas recebidas do sr. Montagu-Montague, doravante a ser chamado corretor, serem afiançadas conforme por ele declaradas e descritas, alieno-lhe, cedo, ab-rogo e renuncio a todos os reconhecimentos, emolumentos, gratificações ou recompensas a mim devidos Aqui ou Alhures por conta da seguinte virtude, a saber e em outras palavras ... que, para mim, todas as mulheres são igualmente feias.” As últimas nove palavras foram acrescentadas a tinta pelo sr. Montagu-Montague.

Meu pobre amigo assinou prontamente.

— Eis as piadas — falou o corretor.

Elas estavam escritas em letras grossas em três papeletes.

— Não parecem muito engraçadas — disse o outro depois de lê-las.

— O senhor é imune — respondeu o sr. Montagu-Montague mas qualquer outra pessoa que as ouça simplesmente morrerá de rir: isso nós garantimos.

Uma firma norte-americana havia comprado, a preço de papel usado, cem mil exemplares de *O Dicionário de Eletricidade*, escrito quando a eletricidade era nova — e havia ficado claro que mesmo naquela época o autor não havia compreendido muito bem o tema; a firma havia pagado dez mil libras a um respeitável jornal inglês (de fato, nenhum menos que o Briton) pelo uso de seu nome, e obter pedidos para *O Dicionário Briton de Eletricidade* era o trabalho do meu infeliz amigo. Ao que parece ele era bom nisso. Aparentemente, ele sabia ao olhar para um homem, ou para seu jardim, se deveria recomendar o livro como “uma obra absolutamente atualizada, o melhor produto de seu tipo no mundo da ciência moderna” ou como “ao mesmo tempo singular e imperfeita, uma obra para se comprar e guardar como tributo àqueles velhos tempos que não voltam mais”. De modo que ele continuou com esse trabalho singular, ainda que costumeiro, deixando de lado a lembrança daquela noite como uma ocasião em que ele se “excedeu um pouco”, como dizem nos círculos onde uma pá não é chamada nem de pá, nem de implemento agrícola, jamais sendo sequer mencionada por ser demasiado vulgar.

Então, certa noite, colocou o paletó do seu traje de gala e encontrou as três piadas no bolso. Talvez tenha sido um choque. Ao que parece, ele pensou

bastante a respeito na ocasião, e o resultado foi que ofereceu um jantar no clube para vinte dos membros. O jantar não faria mal algum, pensou — talvez até pudesse ajudar nos negócios e, se a piada fosse bem recebida, ele seria considerado espirituoso, e ainda teria duas piadas na manga.

Quem ele convidou e como transcorreu o jantar eu não sei, pois ele começou a falar rapidamente e chegou logo ao ponto, como um galho que se aproxima de uma catarata e, de súbito, segue cada vez mais rápido. O jantar foi devidamente servido, o porto circulava, os vinte homens fumavam, dois garçons atendiam os membros, quando, depois de ler cuidadosamente a melhor das piadas, meu amigo a contou aos convidados. Eles riram. Um homem inalou acidentalmente a fumaça do charuto e se engasgou; os dois garçons ouviram por acaso e sufocavam o riso com as mãos; um homem, ele próprio um contador de piadas, tentava obviamente não rir, mas suas veias inchavam perigosamente enquanto tentava segurar o riso, e no fim acabou rindo também. A piada fora bem-sucedida, o que fez com que meu amigo sorrisse; ele queria dizer algumas coisas depreciativas para o homem à sua direita, mas os risos não paravam e os garçons não ficavam em silêncio. Ele esperou, e esperou, pensativo; os risos continuavam retumbando, distintamente cada vez mais altos agora, e os garçons riam com tanto estardalhaço quanto os outros. A balbúrdia já durava três ou quatro minutos, quando algo horrível subitamente lhe ocorreu: *eram risadas forçadas!* Como pôde ser levado a contar uma piada tão tola? Ele via esse absurdo como uma revelação; e quanto mais pensava nisso enquanto essas pessoas riam dele, inclusive os garçons, mais ele sentia que jamais conseguiria erguer novamente a cabeça na presença de seus irmãos importunos. E os risos continuavam a retumbar e a sufocar. Meu amigo ficou furioso. Não havia sentido em ter um amigo, pensou, se uma piada tola não pudesse ser tolerada; e ele ainda os havia alimentado. Sentiu então que não tinha amigo algum, e sua raiva desapareceu, sendo substituída por uma imensa infelicidade; levantou-se em silêncio, retirou-se da sala sem ser notado e foi embora do clube. Pobre homem, na manhã seguinte ele mal tinha ânimo para olhar os jornais, mas não era preciso fazê-lo, pois naquele dia havia letras garrafais, usadas como se fossem de tamanho normal, e as palavras das manchetes olhavam para os leitores; e as manchetes diziam: “Vinte e Dois Mortos em Um Clube”.

Sim, naquele instante ele compreendeu: as risadas não haviam parado, alguns provavelmente tiveram as artérias rompidas, alguns devem ter sufocado, outros sucumbido à náusea, outros devem ter sido levados por ataques cardíacos misericordiosos — e eram seus amigos, afinal de contas, e nenhum escapara, nem mesmo os garçons. Foi aquela piada infernal.

Decidiu sem demora o que fazer, e ele se lembra nitidamente, como um pesadelo, da ida até a Victoria Station, do trem até o navio para Dover e de embarcar disfarçado no navio; e no navio, sorrindo amigáveis, quase obsequiosos, dois policiais que desejavam falar por um momento com o sr. Watkyn-Jones. Era esse o seu nome.

Em um vagão de terceira classe, algemado entre seus captores, tentando por vezes alguma conversa forçada, ele retornou à Victoria para ser julgado por homicídio no Tribunal de Bow.

No julgamento, ele foi defendido por um jovem advogado de considerável habilidade, que aceitara o caso para melhorar sua reputação forense. E foi defendido com competência. Não é exagero dizer que o discurso da defesa mostrou ser comum, e até mesmo natural e de direito, oferecer um jantar para vinte homens e ir embora sem dizer sequer uma palavra, deixando todos, incluindo os garçons, mortos. Foi essa a impressão deixada para os jurados. E o sr. Watkyn-Jones sentiu-se praticamente livre, com todas as vantagens de sua terrível experiência e com suas duas piadas intactas. Contudo, os advogados ainda estão testando o novo procedimento que permite que um prisioneiro forneça provas. Eles não gostam de deixar de usar tal procedimento por medo de pensarem que eles não o conhecem, e um advogado que não está a par das leis mais recentes logo é considerado desatualizado e pode ter os honorários reduzidos até cinquenta mil libras por ano. E, portanto, apesar de sempre comprometer seus clientes, não gostam de negligenciar o procedimento.

O sr. Watkyn-Jones foi colocado no banco das testemunhas. Lá ele contou a pura verdade, e não pareceu grande coisa depois das palavras belas e fervorosas proferidas pelo advogado de defesa. Homens e mulheres choraram quando as ouviram. Eles não choraram quando ouviram Watkyn-Jones. Alguns abafaram o riso. Já não mais parecia ser algo natural e de direito deixar os convidados todos mortos e fugir para o interior. Onde estaria a Justiça, perguntavam, se qualquer um pudesse fazer isso? E, depois de contada a história, o juiz lhe perguntou, um tanto jocoso, se ele seria capaz de também fazê-lo morrer de rir. E qual era a piada? Pois em um lugar tão sério quanto um Tribunal de Justiça nenhum efeito fatal precisa ser temido. E, hesitante, o prisioneiro tirou do bolso os três papeletes, e percebeu pela primeira vez que aquele em que a primeira e melhor piada havia sido escrita estava completamente em branco. Mas ele lembrava-se dela, claramente. E contou a piada de memória para o Tribunal.

— Certa vez um irlandês, depois de seu patrão lhe pedir para comprar o jornal da manhã, respondeu do seu jeito espirituoso: “Or’essa, pode deixar que lhe trago amanhã”.

Nenhuma piada soa tão bem quando é contada pela segunda vez, ela parece perder algo de sua essência, mas Watkyn-Jones não estava preparado para o silêncio opressor com que a piada foi recebida; ninguém sorria; e ela matara vinte e dois homens. A piada era ruim, diabolicamente ruim; o advogado de defesa franziu a testa, e um meirinho procurava em uma sacolinha algo que o juiz queria. E nesse momento, como que chegando de longe, sem que o quisesse, veio à cabeça do prisioneiro, assentando-se para não mais sair, este velho provérbio ruim: “Perdido por um, perdido por cem”. O júri parecia estar prestes a se retirar.

— Tenho outra piada — disse Watkyn-Jones, e leu na mesma hora o segundo papelete.

Ele observou o papel com curiosidade, para ver se ficaria em branco, ocupando a mente com uma coisa tão insignificante, como homens em grande aflição fazem com frequência, e as palavras sumiram quase que de imediato, arrancadas rapidamente como que por uma mão, e ele viu que o papel diante de si estava em branco como o primeiro. E dessa vez estavam rindo juiz, júri, promotor, público e os homens taciturnos que o observavam de todos os lados. Não havia dúvida quanto a essa piada.

Ele não ficou lá para ver o desfecho, e deixou o tribunal com os olhos fixos no chão, incapaz de lançar um olhar à direita ou à esquerda. E desde então ele tem vagado, evitando portos e andando por lugares ermos. Estava há dois anos pelas estradas da Highland, geralmente com fome, sempre sem amigos, sempre mudando de região, vagando sozinho com sua piada mortal.

Ocasionalmente, ele entra em estalagens, impelido pelo frio e pela fome, e escuta homens contarem piadas e até mesmo desafiá-lo; mas ele se senta desolado e em silêncio, com receio de que sua única arma acabe lhe escapando e a última piada espalhe o luto em uma centena de casebres. Sua barba cresceu e ficou grisalha, com limo e ervas presos a ela, de modo que ninguém, creio eu, nem mesmo a polícia, o reconheceria agora como aquele vendedor asseado que vendia *O Dicionário Briton de Eletricidade* em uma terra bem diferente.

Ele hesitou, a história estava contada, e seu lábio tremeu como se fosse dizer algo mais, e acredito que ele pretendia revelar ali mesmo sua piada mortal, naquela estrada da Highland, e partir com seus três papeletes em branco, talvez para a cela de uma prisão, somando mais um homicídio aos seus crimes, mas, por fim, inofensivo aos homens. Assim, afastei-me depressa, e só pude ouvi-lo resmungando tristemente atrás de mim, parado naquele lugar, curvado e arruinado, sozinho no crepúsculo, talvez a contar incessantemente aquela última piada infernal.

PARTE 3

Extras

Zaccarath

“Venham”, convocou o rei da sagrada Zaccarath, “para que nossos profetas profetizem diante de nós”.

Ao longe, via-se a joia luminosa que era aquele santo palácio, maravilha dos nômades da planície. Ali estava o rei, com todos os nobres e reis menores que lhe rendiam vassalagem e suas rainhas cobertas de joias. Quem poderia descrever o esplendor em meio ao qual estavam, ou falar das luzes e das esmeraldas que as refletiam? Quem ousaria comentar sobre a perigosa beleza daquele tesouro de rainhas, ou sobre o brilho de seus bustos ajaezados?... Lá podia ser visto um colar de pérolas rubras, que o mais sonhador dos artesãos jamais imaginaria.

Quem falaria daqueles candelabros de ametista onde as tochas, embebidas em raros óleos da Bhitinia, ardiam esparzindo seu aroma sem igual? Bastaria dizer que quando a aurora surgia parecia pálida em contraste, rústica e rígida e inteiramente despida de sua glória, de sorte que se escondia envergonhada por entre as nuvens.

“Venham”, convocou novamente o rei, “para que nossos profetas profetizem”.

Então os arautos avançaram por entre as fileiras de guerreiros cobertos de seda, os quais, ungidos e perfumados, jaziam sob suas capas de veludo, envoltos por uma brisa suave, vinda dos leques abanados pelos escravos. Mesmo suas lanças aceradas eram incrustadas de joias.

E através das fileiras os arautos avançaram a passos miúdos e se aproximaram dos profetas, vestidos de cinza e negro, e trouxeram um deles e o colocaram diante do rei. E o rei olhou-o e disse:

“Profetiza diante de nós”.

E o profeta suspendeu a cabeça de modo que sua barba se destacou de suas vestes cinzentas, e os leques dos escravos fizeram com que a mesma ondulasse no ar. E o profeta falou ao rei, e assim falou:

“Ai de ti, oh rei, e ai de Zaccarath! Ai de ti e de tuas mulheres, pois sua ruína será rápida e certa! Já nos céus os deuses evitam teu deus particular, pois conhecem sua sentença e o que sobre ele foi escrito, e veem como o esquecimento se ergue contra ele, feito uma névoa densa. Provocaste a fúria de teus súditos, os moradores das montanhas. A tua maldade atrairá sobre ti os zeedianos, assim como os raios solares da primavera costumam causar avalanches. E cairão sobre Zaccarath como as avalanches despencam sobre as choças do vale”.

E como as rainhas muito cochichavam entre si, o profeta simplesmente alteou a voz, dizendo também:

“Ai destas paredes e das obras cinzeladas que nelas há! O caçador reconhecerá os velhos acampamentos pelos resquícios das antigas fogueiras, mas jamais alguém será capaz de saber onde um dia esteve Zaccarath!”

Alguns guerreiros que se achavam reclinados voltaram suas cabeças para olhar o profeta quando este se calou. E no teto, os ecos de sua voz reverberavam ainda por entre as vigas de cedro.

“Não é esplêndido?”, exclamou o rei. E muitos dentre os presentes bateram palmas, testemunhando sua admiração. Então o profeta foi conduzido ao seu lugar num canto distante do grandioso palácio, e durante um momento os músicos fizeram soar suas trompas recurvadas, enquanto os tambores troavam por detrás deles, ocultos nas sombras. Os músicos estavam sentados com as pernas cruzadas sobre o piso, soprando suas trompas imensas sob a luminosidade das tochas; mas os tambores ressoaram cada vez mais céleres na escuridão, e então os músicos se levantaram e se aproximaram, suavemente, do rei. E mais e mais fortemente rebatiam os tambores na obscuridade, e mais e mais se acercavam os músicos com suas trompas, para que o ritmo dos tambores não encobrisse o som de seus instrumentos antes que estes alcançassem o rei.

Uma cena incrível teve lugar quando as ruidosas trompas se detiveram diante do rei, e quando os tambores, ocultos pelas sombras, trovejaram como a voz furiosa de Deus. As rainhas moviam as cabeças no compasso da música, enquanto suas tiaras faiscavam como estrelas cadentes tombando do céu. E os guerreiros erguiam suas cabeças e ao erguê-las sacudiam aquelas plumas vistosas, pertencentes àqueles pássaros dourados que os caçadores encurralam próximo à região dos lagos de Lidia, dos quais conseguem matar no máximo seis

ao longo de toda sua existência e com os quais são confeccionados os penachos que decoram os capacetes dos guerreiros quando Zaccarath encontra-se em festa.

Então o rei bradou, e os guerreiros puseram-se a cantar rememorando antigos poemas de batalha. E conforme cantavam o som dos tambores diminuía e os músicos recuavam, e o eco dos tambores se fazia cada vez mais débil enquanto retrocediam, e enfim cessou completamente e os músicos deixaram de soprar suas trompas fantásticas. E então toda assembleia aplaudiu novamente, e em seguida as rainhas pediram ao rei que mandasse chamar outro profeta. E os arautos trouxeram um menestrel e colocaram-no diante do rei, e o menestrel trazia com ele uma harpa. E pôs-se a acariciar as cordas da harpa e, quando houve silêncio, cantou a iniquidade do rei. E predisse a revolta dos zeedianos, e a queda e a desapareição de Zaccarath, e o avanço implacável do deserto, e as brincadeiras dos filhotes de leão ali mesmo, onde se erguiam as dependências do palácio.

“Sobre o que ele está cantando?”, perguntou uma rainha para outra.

“Ele canta a imortalidade de Zaccarath”, respondeu-lhe esta.

E quando o menestrel se calou todos os presentes aplaudiram-no com negligência e então o rei fez um sinal com a cabeça, e o menestrel se afastou.

E assim todos os profetas profetizaram diante deles, e quando todos os menestréis haviam cantado todos os nobres se levantaram e passaram para outras câmaras, abandonando o salão de festas ao pálido e solitário amanhecer. E sozinhos ficaram os deuses de feições leoninas esculpidos nos frisos. Em silêncio ficaram, os braços pétreos cruzados. E as sombras bailavam sobre suas faces como pensamentos estranhos conforme as tochas oscilavam e o triste crepúsculo da alvorada atravessava os campos. E as cores dos candelabros tornavam-se mais tênues. E enquanto o som do último alaúde morria, os pássaros cantavam lá fora.

Nunca se viu maior esplendor, nem jamais houve tão famoso palácio. Quando as rainhas se retiraram passando por sob as cortinas das portas com suas tiaras, pareceu como se todas as estrelas abandonassem seus lugares e marchassem juntas para o Ocidente, fugindo ao fulgor da aurora.

Encontrei um dia desses uma pedra que sem dúvida pertenceu a Zaccarath. Tinha oito centímetros de diâmetro por três de espessura. Só me foi possível encontrá-la porque um de seus lados aflorou do solo. Imagino que, em todo mundo, existam no máximo três iguais a ela.

Bethmoora

Há um suave frescor nas noites de Londres, como se uma brisa extraviada tivesse perdido suas companheiras de ronda nas terras altas de Kent e adentrado furtivamente o povoado. Os pavimentos estão úmidos e brilhantes. Em nossos ouvidos, que a esta hora tardia tornam-se muito agudos, golpeia o som de algum passo distante. O ruído dos passos torna-se mais e mais forte, enchendo toda a noite.

E uma figura envolta em negro passa ao largo, dirigindo suas pisadas para a obscuridade. Um que vem do baile se dirige para casa. Em algum lugar, um salão cerrou suas portas; o baile terminou.

Suas luzes amarelentas se apagaram, seus músicos se calaram, seus bailarinos foram-se com o ar da noite, e o Tempo já disse a seu respeito: “Que finde e seja encerrado, e posto entre as coisas que guardo”.

As sombras principiam a se afastar de seus numerosos locais de comunhão. Os gatos furtivos, não menos silenciosamente que as sombras fracas e mortas, regressam para casa. Destarte, inclusive em Londres temos nossos tênues presságios da chegada do amanhecer, ante os quais as aves e as feras e as estrelas clamam através dos campos ilimitados. Em qual determinado momento não sei, mas percebo que a noite foi irremediavelmente destronada.

Repentinamente a cansada palidez das lâmpadas revela que as ruas estão silenciosas e soturnamente tranquilas, não porque haja alguma força particular na noite, mas sim porque os homens ainda não se ergueram do sono para desafiá-la.

Observo guardas abatidos e desalinhados nos portais dos palacetes, os quais ainda portam armaduras antigas — mesmo sabendo que os reinos da monarquia

que guardam encolheram para uma só província, que nenhum inimigo se preocuparia em invadir.

E já se manifesta, pelo aspecto das luzes que vêm da rua, vergonhosamente dependentes da noite, que os picos das montanhas inglesas já viram o amanhecer, que os cimos de Dover se erguem brancos na manhã, e que a névoa marinha se levantou e esparrama-se toda terra adentro.

E agora chegaram vários homens com um cavalo e estão molhando as ruas. Vejam! A noite morreu.

Que lembranças, que fantasias enchem-nos a mente! Uma noite mais foi colhida pelas hostis garras do Tempo. Um milhão de coisas artificiais encobertas, durante um momento, pelo mistério; como mendigos vestidos de púrpura sentados sobre tronos terríveis. Quatro milhões de pessoas dormindo, possivelmente sonhando. Em que mundos penetraram? Com quem se encontram? Sem dúvida meus pensamentos estão longe daqui, com Bethmoora em sua solidão, cujas portas se esbatem abertas.

Para diante e para trás oscilam e rangem estas portas, lamentando-se com o vento, mas ninguém mais as ouve. São de cobre verde, muito bonitas, mas ninguém as contempla mais. O vento do deserto deposita areia em suas frinchas e nenhum vigia vem aliviá-las. Nenhum guarda perambula pelas alamedas de Bethmoora, nenhum inimigo as ataca. Não há luzes em suas casas, nem passos em suas ruas. Ergue-se ali, morta e solitária, do outro lado das Colinas de Hap. Gostaria de contemplar Bethmoora uma vez mais, porém não me atrevo.

Faz muitos anos, segundo me contaram, que Bethmoora foi abandonada. Sua devastação é comentada nas tavernas onde se reúnem os marinheiros, e alguns viajantes falaram-me dela. Eu tinha esperanças de contemplar Bethmoora outra vez mais. Faz muitos anos — dizem — que a safra foi colhida dos vinhedos que conheci, onde agora tudo está deserto. Era um dia radiante e o povo da cidade dançava pelos vinhedos, enquanto aqui e ali alguém tocava o kalipac. Os arbustos cor de púrpura estavam em flor, e a neve brilhava sobre as Colinas de Hap.

Do outro lado das portas de cobre, as uvas eram esmagadas em tinas para fazer o syrabub. Havia sido uma boa safra. Nos pequenos jardins ao redor do deserto os homens golpeavam o tambang e o tittibuk, e tocavam melodiosamente o zootibar. Ali tudo era regozijo, canções e dança, porque a safra fora colhida e, portanto, haveria suficiente syrabub para os meses de inverno, e muito mais sobrando para trocar por turquesas e esmeraldas com os comerciantes que desciam de Oxuhahn.

Deste modo, celebraram todo o dia a colheita da estreita faixa de terra cultivável que se encontra entre Bethmoora e o deserto, o qual se junta com o

céu ao sul. E quando o calor do dia começou a diminuir e o sol se aproximou das neves das Colinas de Hap, ainda pairava claramente a nota do zootibar sobre os jardins, e as brilhantes vestes dos bailarinos ainda se enroscavam entre as flores.

Durante todo o dia, três homens em mulas tinham sido vistos cruzando a face das Colinas de Hap. Para diante e para trás se moviam enquanto a trilha serpeava para baixo, e mais para baixo. Três pequenas manchas negras contra a neve. Foram vistos pela primeira vez muito cedo pela manhã, lá em cima, perto do pico de Peol Jagganoth e pareciam vir saindo de Uthar Vehi. O dia todo eles prosseguiram. E no ocaso, justamente antes das luzes saírem e as cores mudarem, apareceram diante das portas de cobre de Bethmoora. Portavam estacas, como as que trazem os mensageiros destas terras e pareceram sombriamente ataviados quando os dançarinos, com seus vestidos verde e lilás, rodearam-nos. Aqueles europeus que estavam presentes e ouviram a mensagem entregue não conheciam a linguagem, e somente captaram o nome Uthar Vehi.

Mas a mensagem foi breve, e passou rapidamente de boca em boca, e quase no mesmo instante o povo incendiou seus vinhedos e começou a fugir de Bethmoora, dirigindo-se em sua maioria para o norte, ainda que alguns fossem para o leste. Precipitaram-se para fora de suas belas casas brancas e saíram em torrentes pelas portas de cobre. A vibração do tambang e do tittibuk subitamente cessou assim como a nota do zootibar, e o insistente kalica se deteve um momento depois. Os três estranhos viajantes regressaram, imediatamente ao ser entregue sua mensagem, pelo mesmo caminho pelo qual haviam vindo. Era à hora em que uma luz já teria aparecido em alguma elevada torre e, janelas após janelas, teria derramado no crepúsculo sua luz, que atemoriza os leões, e as portas de cobre seriam fechadas. Porém nenhuma luz assomava das janelas naquela noite, nem o fez desde então, e aquelas portas de cobre foram deixadas abertas e nunca mais fecharam. O ruído crepitante do fogo rubro se elevava dos vinhedos e o som de pés se evadindo suavemente. Não houve gritos, nem qualquer outro som, só a rápida e determinada fuga. Fugiram tão veloz e tranquilamente quanto um rebanho de gado que escapa ao ver repentinamente um homem. Era como se algo temido por gerações houvesse sobrevindo, do qual só podiam escapar através de uma retirada imediata, que não deixava tempo para indecisão. O medo também se apossou dos europeus, que igualmente fugiram.

Qual o teor da mensagem? Eu nunca soube.

Muitos acreditam que era uma mensagem de Thuba Mlee, o misterioso imperador daquelas terras, jamais visto por homem algum, informando que Bethmoora devia ser desalojada. Outros dizem que a mensagem era uma advertência dos deuses, mas se eram deuses amigáveis ou deuses perversos, não sabem dizer. E outros sustentam ainda que a peste havia assolado uma linha de

idades em Uthar Vehi, seguindo o curso do vento sudoeste que por muitas semanas vinha soprando entre elas, até Bethmoora. Alguns dizem que a terrível enfermidade gnousar afetava os três viajantes, e que inclusive suas mulas encontravam-se empapadas dela, e supõem que a fome havia-os conduzido à cidade. Sem dúvida, não sugerem melhor razão para um crime tão terrível.

Mas a maioria acredita que foi uma mensagem do próprio deserto, que é dono de toda a terra até o sul, ditado com seu peculiar bramido àqueles três homens que conheciam sua voz, homens que estiveram nas desoladas areias, sem tendas durante a noite, que estiveram dia após dia sem água, homens que estiveram ali onde o deserto murmura e que chegaram a conhecer suas necessidades e sua malevolência. Dizem que o deserto tinha necessidade de Bethmoora, que desejava andar em suas formosas ruas e enviar a seus templos e suas casas os seus ventos de tormenta, carregados de areia. Porque odiava, com seu antigo e maligno coração, os sons e a visão do homem, e desejava ver Bethmoora silenciosa e imperturbável, guardada para o estranho amor que agora sussurra entre suas portas.

Se soubesse qual foi a mensagem que os três homens montados em mulas levaram e entregaram nos portais de cobre, creio que iria e contemplaria Bethmoora uma vez mais. Pois aqui em Londres me sobrevêm grandes desejos de ver uma vez mais aquela branca e bonita cidade. Contudo não me atrevo, pois não sei quais perigos terei de enfrentar. Acaso deveria eu arriscar-me à fúria dos terríveis e desconhecidos deuses, ou a alguma enfermidade lenta e inominável, ou à maldição do deserto, ou à tortura em alguma pequena habitação privada do imperador Thuba Mleen, ou então a algo que os três viajantes não revelaram — quiçá ainda mais terrível?

Caronte

Caronte se inclinou para diante e remou. Todas as coisas eram uma só com seu cansaço. Para ele não era coisa de anos ou de séculos, mas sim de ilimitados fluxos de tempo, e um antigo pesar e uma dor nos braços que se haviam convertido em parte de um esquema criado pelos deuses — e num pedaço da Eternidade.

Se os deuses tivessem mandado sequer um vento contrário, isso teria dividido todo o tempo em sua memória em dois fragmentos iguais. Tão gastas resultavam sempre as coisas onde ele estava que se alguma luminosidade se demorava entre os mortos, no rosto de alguma rainha como Cleópatra, seus olhos não poderiam percebê-la.

Era estranho que atualmente os mortos estivessem chegando em tal quantidade. Chegavam aos milhares, quando costumavam chegar aos cinquenta, no máximo. Mas não eram a obrigação nem o desejo de Caronte considerar a razão desses assuntos em sua alma grisalha. Caronte se inclinava para diante e remava.

Então ninguém veio por um tempo. Não era usual que os deuses não mandassem alguém da terra por todo aquele espaço de tempo. Mas os deuses sabem o que fazem.

Então um homem chegou sozinho, e uma pequena sombra assentou-se estremecendo na praia solitária, e o grande bote zarpou. Um só passageiro; os deuses sabiam o que faziam. E um Caronte grande e cansado remou e remou junto ao pequeno, silencioso e trêmulo espírito. E o ruído do rio era como um poderoso suspiro lançado pela Aflição, no início, entre suas irmãs, e que não pode morrer como os ecos da dor humana que se apagam nas colinas terrestres,

mas que é tão antigo quanto o tempo e aquela dor nos braços de Caronte. Então, cruzando o gasto e tranquilo rio, o bote se materializou na costa de Dis e a pequena sombra, ainda estremeando, pôs os pés em terra. E Caronte volteou o bote para fatigado dirigir-se ao mundo, mas a pequena sombra falou — havia sido um homem:

“Sou o último”, disse.

Nunca antes alguém havia visto Caronte sorrir; nunca antes haviam-no visto chorar.

De como o inimigo chegou a Thlunrana

Desde há muito tempo havia sido profetizado e previsto na Antiguidade que o inimigo chegaria a Thlunrana. E era conhecido o desfecho de sua destruição e a porta pela qual ele entraria, ainda que ninguém tivesse profetizado quem seria o inimigo, exceto que se trataria de um dos deuses que viviam entre os homens. Enquanto isso, Thlunrana, esse lamaçal secreto, essa catedral maior da magia, era o terror do vale no qual estava assentada e de todas as terras que o circundavam.

Suas janelas eram tão estreitas e altas, e tão estranhas quando iluminadas pela noite, que pareciam contemplar o povo com um diabólico olhar de soslaio, como se guardassem algum segredo na escuridão. Quem eram os magos e seus delegados e o grande feiticeiro chefe daquele furtivo lugar ninguém sabia, pois seguiam encobertos com capas, capuchos e mantos totalmente negros. Ainda que sua destruição estivesse próxima e o inimigo da profecia devesse chegar naquela mesma noite através da porta aberta do Sul, que chamavam de “A Porta da Perdição”, todavia a rochosa estrutura de Thlunrana permanecia misteriosa, venerável, terrível, obscura e espantosamente coroada por seu funesto destino. Não era frequente que alguém se atrevesse a vagar de noite pelas cercanias de Thlunrana, quando o lamento dos magos invocando não se sabe quem se erguia debilmente das câmaras inferiores, assustando os morcegos à deriva; mas na última noite chegou o homem da cabana com teto de palha negra junto aos cinco zimbros, já que queria ver Thlunrana uma vez mais antes que o inimigo, que ainda que vivesse entre os homens era divino, viesse contra ela e a destruísse. Ascendeu ao sombrio vale com audácia, mas seus temores foram aumentando; seu valor sustentava-o ainda, mesmo que começasse a fraquejar. Entrou pela

porta do sul, que chamam “A Porta da Perdição”. Chegou a um escuro vestíbulo e, subindo uma escadaria de mármore, passou a ver o que restava de Thlunrana. Afastou uma cortina de linho negro e entrou em uma câmara, mais tenebrosa que qualquer outra que se possa imaginar, onde ondulavam muitas outras cortinas.

Em outra câmara sombria, vislumbrada através de uma arcada, uns magos com círios acesos praticavam sua magia e pronunciavam conjuros em voz baixa. Todas as ratazanas do lugar haviam desaparecido, fugindo guinchando escadaria abaixo. O homem da cabana com teto de palha escura atravessou esta segunda câmara: os magos não o encararam nem cessaram de sussurrar. Deixou para trás as pesadas cortinas, também de linho negro, e entrou em uma câmara de mármore negro onde nada se movia. Unicamente um círio ardia naquela terceira câmara; não havia janelas. Sobre o solo polido, ao pé da lisa parede, erguia-se um cortinado de seda com os panos corridos: era o santo dos santos daquele sinistro lugar, seu mistério mais recôndito. De um e de outro lado havia enigmáticas figuras agachadas, homens ou mulheres, ou estátuas cobertas, ou bestas amestradas para ficar caladas. E quando a horrível quietude daquele lugar era maior do que podia suportar, o homem da cabana com teto de palha negra junto aos cinco zimbros dirigiu-se ao cortinado de seda e, descerrando com determinação uma das cortinas, contemplou o mistério oculto e riu. E a profecia cumpriu-se, e Thlunrana nunca mais foi o terror do vale, pois os magos abandonaram suas terríficas salas e fugiram a campo aberto, lamentando-se e dando-se golpes ao peito, pois o riso era o inimigo que, segundo estava predestinado, viria contra Thlunrana pela porta do sul, conhecida como “A Porta da Perdição” — o qual, mesmo habitando entre os homens, trata-se na verdade de um dos deuses...

O furacão

Encontrava-me certa noite sozinho na grande colina, contemplando uma lúgubre e tétrica cidade.

Durante todo o dia havia perturbado o céu sagrado com sua fumarada e agora bramava à distância, e encarava-me colérica com seus fornos e com as janelas iluminadas de suas fábricas. Prontamente tive consciência de que não era o único inimigo da cidade, porque percebi a forma colossal do Furacão que vinha até mim mexendo ocioso com as flores ao passar; quando estava próximo, deteve-se e dirigiu a palavra ao Terremoto, que como um chifre, ainda que imenso, havia assomado por uma greta aberta na terra.

“Velho amigo”, disse o Furacão, “lembras quando assolávamos as nações e conduzíamos os rebanhos do mar para outras pastagens?”

“Sim”, respondeu o Terremoto sonolento. “Sim, sim”.

“Velho amigo”, disse o Furacão, “há cidades por toda parte. Sobre tua cabeça, enquanto dormias, não hesitaram em construí-la por um só instante. Meus quatro filhos, os Ventos, sufocam com suas fumaradas, os vales estão vazios de flores e, desde que viajamos juntos pela última vez, derrubaram os mais formosos bosques”.

O Terremoto ficou ali reclinado com o nariz apontando para a cidade, pestanejando à sua luz, enquanto o Furacão postava-se em pé a seu lado, apontando-a com cólera. “Vem”, disse o Furacão, “volvamos a nos pôr a caminho e as destruamos, para que os formosos bosques possam voltar e também suas furtivas criaturas. Tu atacarás as cidades sem descanso e porás o povo em fuga, e eu o ferirei no descampado e varrerei sua profanação através do

mar. Virás comigo e o farás, para a glória da Natureza? Desolarás o mundo novamente, como o fizemos, tu e eu, antes que viesse o Homem?”

“Sim”, disse o Terremoto. “Sim.” E novamente enfiou-se na greta, de cabeça, afundando como um pato até os baixios do abismo.

Quando o Furacão se distanciou às arrancadas, pus-me em pé tranquilamente e parti. Mas a essa mesma hora, na noite seguinte, voltei cauteloso ao mesmo lugar. Ali encontrei apenas a enorme forma grisalha do Furacão, com a cabeça entre as mãos, chorando; porque o Terremoto dorme longa e pesadamente nas profundezas — e não desperta.

O redemoinho

Uma vez, ao dirigir-me à costa do mar imenso, encontrei-me com o Redemoinho, que jazia com a boca para baixo sobre a areia e estendia seus membros enormes ao sol. Perguntei: “Quem és?” E ele respondeu:

“Chamo-me Nooz Wana, o Traganavios, e venho do Estreito de Pondar Obed, onde tenho o costume de agitar os mares. Ali dei caça ao Leviatã com minhas mãos quando ele era jovem e forte; ele deslizava por entre meus dedos e fugia entre os bosques de algas que crescem sob as tormentas, no crepúsculo que reina no fundo do mar; mas por fim o prendi, e o domestiquei. Costumo ficar no fundo do oceano, a meio caminho entre cada despenhadeiro, e monto guarda no Estreito para evitar a passagem dos navios que tentam chegar aos Mares Longínquos; e toda vez que as brancas velas dos navios vêm inchadas dobrando a esquina da escarpa nos espaços iluminados pelo sol do Estreito, apoiando-me firme no fundo do oceano, com os joelhos algo flexionados, seguro as águas do estreito com ambas as mãos e faço-as a girar em torno da minha cabeça. Porém o navio vem deslizando, os marinheiros cantando sob suas cobertas as canções das ilhas e levando o rumor de suas cidades para os mares solitários; até que vêm a mim, e logo me oponho ao seu curso com meus giros e caem presas das águas que eu faço volutear por sobre minha cabeça. Então atraio as águas do Estreito para mim, e para baixo, cada vez mais próximo de meus terríveis pés, e com meus ouvidos escuto por sobre o bramido de minhas águas o clamor final do navio; porque um pouco antes que os atraia para o fundo do oceano e os esmague com meus pés destruidores, os navios lançam um último clamor e com ele partem as vidas dos marinheiros, e se desprende a alma do navio. E no último clamor dos navios estão as canções que os marinheiros cantam, suas esperanças

e todos os seus amores, a cantiga do vento entre seus mastros e madeiros quando se erguiam nos bosques muito tempo atrás, o sussurro da chuva que os fazia crescer e a alma do pinheiro ou do cedro elevado. Tudo isso traz um navio no clamor que emite ao fim. E nesse momento sentiria piedade do navio se pudesse; mas sente piedade o homem, que sentado comodamente junto ao fogo narra contos no inverno; não é permitido ter piedade quem faz o trabalho dos deuses; e, assim, quando o atraio em círculos em torno de meus ombros até minha cintura e dali, com seus mastros inclinados, para meus joelhos e mais, e mais baixo ainda, até que as velas do mastro principal rocem contra meus calcanhares, eu, Nooz Wana, o Traganavios, levanto os pés e esmago seus madeiros, que voltam outra vez à superfície do Estreito como destroços e as lembranças que os marinheiros guardavam de amores amenos a flutuar para sempre por sobre os mares bravios.

“Uma vez a cada cem anos, e por um dia somente, descanso na costa e bronzeio meus membros ao sol sobre a areia; desse modo os navios podem atravessar o estreito desprovido de guarda e encontrar as Ilhas Afortunadas. E as Ilhas Afortunadas acham-se entre os sorrisos dos ensolarados Mares Longínquos; ali os marinheiros podem contentar-se e não desesperar com nada; e, se desejam algo, logo o possuem.

“Ali não chega o Tempo com suas horas famintas; nem tampouco os males dos deuses ou dos homens. Estas são as ilhas em que as almas dos marinheiros descansam todas as noites de percorrer os mares e onde voltam a ter a visão de distantes colinas íntimas com seus bosques sobre os campos iluminados pelo sol; também podem ali falar com as almas de outrora. Porém perto da aurora os sonhos gorjeiam e levantam voo e, dando a volta três vezes em torno das Ilhas Afortunadas, lançam-se outra vez ao encontro do mundo dos homens; atrás deles vão as almas dos marinheiros como, ao cair do sol, com lentos movimentos das asas majestosas, a garça segue o voo das gralhas legionárias; mas as almas regressam para encontrar corpos que pela manhã despertam dispostos a suportar as fadigas do dia. Estas são as Ilhas Afortunadas às quais poucos chegaram, salvo como sombras errantes na noite, e só por breves instantes.

“Mas não me demoro cá mais que o tempo necessário para recobrar o vigor e a fereza, e ao pôr do sol, quando meus braços voltam a ter força e sinto nos pés que posso plantá-los outra vez com firmeza no fundo do oceano, volto a me encarregar das águas do Estreito e novamente monto guarda na passagem para os Mares Longínquos por mais cem anos. Porque os deuses são zelosos e temem que sejam muitos os homens que cheguem às Ilhas Afortunadas — e ali encontrem contentamento. Pois os deuses não se contentam”.

O passeio até Lingham

“Espalhou-se a crença”, disse Jorkens, “de que não sou capaz de contar uma história sem antes tomar algum tipo de bebida. Não tenho nem a mais remota ideia de como se propalaram tais mentiras. Uma história passou-me pela mente esta tarde, se é que se pode chamar de história uma experiência real. É um pouco fora do comum, e, se quiser escutá-la, contarei. Porém quero reafirmar que não preciso de nenhuma bebida para contá-la”.

“Sei disso”, respondi.

“A única coisa que peço”, prosseguiu Jorkens, “é que, se vier a contá-la para outros, faça-o de forma que acreditem nela. Houve pessoas, não muitas, mas ainda assim houve pessoas que tomaram por pura invenção todas as histórias que venho contando a você. Uma inclusive comparou-me a Münchhausen, favoravelmente, admito, mas, enfim, comparou-me a ele. Foi desagradável para mim e desagradável para o editor dele. Tudo depende da forma que se contam as histórias; todas elas são verídicas; mas você contou-as de uma forma que, por alguma razão, suscitou dúvidas. Seja mais cuidadoso no futuro, sim?”

“Sim”, respondi. “Tomarei nota de tudo”.

E assim começou a história:

“Sim, sem sombra de dúvida é uma história fora do comum. Inequivocamente. Porém, imagino que justamente por esse motivo acreditará. Afinal, qualquer pessoa que conte uma história que haja experimentado deverá relatar inclusive os mais monótonos e vulgares eventos se quiser alcançar crédito; imaginemos, por exemplo, o relatório de uma viagem de bonde, indo de Penge até a estação Victoria. Espero que não cheguemos a tanto”.

“Não, não”, disse eu.

“Muito bem”, replicou Jorkens.

Outro grupo de sócios sentou-se então próximo a nós, e Jorkens disse:

“Posso recordar como se fosse ontem: um caminho no leste da Inglaterra, ladeado de álamos. Devia ter o comprimento de umas três milhas, sendo flanqueado em toda a sua extensão por luminosas fileiras de álamos; atravessava um terreno pantanoso. Os pântanos haviam sido drenados, mas restavam alguns charcos, onde ao longo das margens agitavam-se os penachos dos juncos, como se formassem um exército que tivesse lutado, com escasso êxito, contra o homem; disperso, porém não totalmente aniquilado. Mas não se haviam contentado apenas com drenar os pântanos — começavam a cortar também os álamos. Era o que estavam fazendo na primeira vez que vi o caminho, com suas duas fileiras de álamos qual penachos verdes prateados, e devo dizer que cortavam-nos com extremo cuidado. Abatiam-nos sobre o caminho, pois dessa maneira era mais fácil carregá-los depois, e não valia a pena preocupar-se com a circulação que podiam interferir: em qualquer caso podiam vê-la chegar umas três milhas antes, em ambos os sentidos, se chegasse alguma; e eu jamais vi nenhuma, com exceção da que virá na continuação do que vou contar-lhes.

“Bem: estavam cortando um álamo que deveria cair entre outros dois, sem que se entrelaçassem suas ramas, e havia o espaço exato para fazê-lo. E fizeram-no com tanto cuidado que não tocaram nem uma única folha: veio abaixo entre as outras duas árvores com um imenso ruído, e as folhas que estavam próximas se agitaram quando passou a seu lado, exalando seu último suspiro. Fizeram-no com tanto esmero que fui até onde estavam e elogiei seu método. Qualquer um teria feito o mesmo; mas alguns não se propõem a demonstrar alegria pelos que caíram, ao menos não abertamente. Porém nem sempre param para pensar, e demorei talvez uns cinco minutos para começar a me envergonhar daquele meu grito de triunfo, que ainda ressoava pelo caminho condenado.

“Foi a última árvore que derrubaram naquele dia e logo regresssei, passeando solitário, para a aldeia de Lingham, o mais próximo habitáculo humano, a umas três milhas dos pântanos. A trêmula luz do entardecer começava a dar em cheio nos álamos. Os lenhadores se foram em sentido contrário com suas carretas e suas árvores derrubadas; suas ruidosas e nítidas vozes, e seus gritos aos cavalos, logo se desvaneceram e deixaram de se fazer ouvir. E na sequência fiquei sozinho em meio a um silêncio unicamente interrompido por meus passos e pelo ligeiro ruído que às vezes parecia sussurrar às minhas costas, que tomei pelo murmúrio do vento nas copas dos álamos — ainda que não soprasse vento algum.

“Não havia percorrido nem uma milha quando tive uma sensação, sem base em indício algum, um sentimento intenso, cada vez mais forte nos últimos dez

minutos, o qual de mera suspeita se converteu em intuitiva certeza absoluta: estavam-me seguindo furtivamente. Voltei-me e não vi nada. O que pude ver, parcialmente oculto por uma pequena curva do caminho, e que depois vi com toda clareza... contudo, não dei crédito ao que estava acontecendo. Depois disso, quanto mais aumentava minha sensação de que estava sendo seguido, menos me atrevia a voltar a cabeça. E nenhum dos tipos humanos que tratava de imaginar atrás de mim parecia adequado a meus temores. Não havia avançado nem um quarto de milha; apenas tinha percorrido outras quatrocentas jardas quando... perdoem-me, estou tremendamente sedento. Jamais tive uma experiência como essa, e quando a recordo, inclusive agora, minha garganta fica ressequida e apenas posso balbuciar. Duvido que algum de vocês tenha passado por algo parecido.

“Estou seguro de que não”, disse eu, fazendo sinal para o garçom, pois não havia a menor dúvida de que algum traço na memória de Jorkens muito o emocionava. Quando se recuperou, a primeira coisa que fez foi agradecer-me, como bom camarada que era, e depois prosseguiu com sua história:

“Ainda não havia percorrido quatrocentas jardas quando tive a espantosa certeza de que, fosse o que fosse que me estava seguindo, não podia ser humano. O sobressalto que isto me produziu foi talvez pior que quando notei pela primeira vez que me seguiam. Já não me cabia a menor dúvida de que me perseguiram; podia escutar seus compassados passos. Mas não eram humanos. E, acreditem, lançando um olhar para os campos vazios, planos, pouco profundos e pantanosos, tive a sensação — que deve fatalmente ocorrer quando se está completamente sozinho — de que, se havia algo ali que atentasse contra a humanidade, eu era o único sobre o qual recairia sua ira. E quanto mais as coisas eram obscurecidas pela apagada iluminação da tarde, e eram envoltas em negro mistério, mais se apoderava de mim aquela sensação. Creio que posso dizer que resisti muito bem, dado aqueles passos que me seguiam soarem cada vez mais fortes. Só que eu não me atrevia a voltar a cabeça. Quando soube que me seguiam senti medo, admito-o francamente; mas ainda mais me assustei quando compreendi que não se tratava de algo humano. Entretanto, resisti com certa determinação a deixar-me levar por meus temores, com exceção do que sentia acerca de voltar a cabeça. Não foi, contudo, a lembrança de algo que contei que fez minha garganta secar.

Jorkens se deteve e bebeu outro longo trago: de fato, esvaziou o copo.

“Um tremendo terror”, prosseguiu, “estava-me no entanto reservado: um explosivo temor que tanto me transtornou que quase caí no caminho, e que às vezes volta a apoderar-se de mim, estremecendo-me e atormentando sorrateiro minhas noites. Nós, acreditem, estamos tão orgulhosos do reino animal, e nos

preocupamos tanto com ele, que qualquer ataque de fora nos desconcerta e nos deixa boquiabertos. Isso me ocorre ao perceber que, fosse o que fosse o que me seguia, desde já não era um animal. Escutava o ruído de seus passos, e um certo sussurro prolongado, mas jamais o ouvi respirar. Já era hora de voltar a cabeça — mas no entanto não me atrevia. Aquelas pisadas vigorosas não tinham nada da suavidade própria da carne. Não se tratava de garras, nem sequer de penugem. E agora estavam tão próximas que, se fossem produzidas por algum animal, deveria escutar sua respiração. Em semelhantes ocasiões nos deixamos guiar por noções espirituais, pela intuição, sentimentos íntimos; chamem-nos como quiserem. Eles me diziam que o que me seguia não era um dos nossos, nada débil ou mortal... que tampouco isso era!

“Aqueles momentos em que me decidia a olhar para trás, enquanto seguia caminhando com a mesma firmeza, foram os mais espantosos de toda a minha vida. Não podia voltar a cabeça. Então estaquei e voltei todo o corpo. Não sei por que o fiz. Talvez a audácia do movimento me proporcionasse um certo autodomínio que me livraria do pânico, o qual seria meu fim. Se corresse, podia ser morto pelas costas. Girei em torno para a direita por duas vezes, e então vi o que me seguia.

“Já lhes contei como havia jubilado com a queda dos álamos. Lembrei-me da árvore junto à qual havia estado, e cujo corte tinha observado por casualidade. Em seguida a reconheci. Encontrava-se no meio do caminho. Uma raiz, à qual se aferravam vários torrões de terra, desafiava-me naquele passeio até Lingham. Não julguem, pela calma com que conto agora, que então estivesse tranquilo. Dizer que não estava com os nervos completamente em frangalhos seria simplesmente uma mentira. Uma coisa apenas seguia obsedando minha vacilante mente: não devia correr. Recordava antigos relatos de homens perseguidos por leões, e minha mente era capaz de crer neles e atuar segundo seus preceitos. Nunca correr; era a última amostra de sabedoria que restava ao meu pobre juízo.

“Desde então tratei de apertar o passo — imperceptivelmente. Não sei se consegui: a árvore estava terrivelmente perto. Não voltei a olhar para trás, mas sabia que estava ali pelo ruído de seus horríveis passos, acercando-se requebrante como um enorme caranguejo, e sabia pelo sussurro das folhas que as ramas se dobravam para trás, como se corresse atrás de mim. Mas não corri.

“E as outras árvores pareciam estar me observando. Não havia nelas esse ar de reserva próprio das coisas inanimadas, se na realidade o são; e muito menos o respeito devido a um homem. Estava terrivelmente sozinho diante da cólera de todos aqueles álamos; e a verdade é que eu não havia cortado nem um único deles.

“Minhas pernas não estavam demasiado débeis para correr; poderia tê-lo feito. Foi unicamente meu bom juízo que me reteve, o último vestígio de sensatez que me restava. Sabia que, se corresse, estaria indefenso diante da colossal perseguição da árvore. Era evidente, considerando razoavelmente, enquanto se está aqui sentado, que qualquer coisa que persiga, seja lá o que for, jamais irá permitir que escape sua presa; e que, quanto mais ela tratar de escapar, mais tenderá a excitar o predador. Além disso, havia as outras árvores: não sabia o que podiam fazer. Até então simplesmente tinham estado observando, porém me encontrava ali tão terrivelmente só, com nada humano à vista, que era melhor continuar tranquilamente como se nada acontecesse, e aproveitar ao máximo essa arrogância — suponho que assim devo chamá-la — que nossa atitude revela diante das coisas inanimadas. Enquanto a tarde se obscurecia, as garças começaram a ulular ruidosamente sobre o estriado deserto que se estendia ao meu redor. E, em minha espantosa situação, poderia ter sentido algum tipo de alívio naquelas diminutas vozes do reino animal; só que, de uma maneira ou de outra, não podia estar muito seguro de que lado estariam. E o grasnido das garças é um ruído muito molesto quando não se pode estar certo de que seja amistoso: todo o ar geme com ele. Nada nele atenuava a perseguição da árvore, como poderia esperar se alguns aliados do reino animal tivessem se reunido para me ajudar. As gralhas voavam completamente despreocupadas, e a perseguição prosseguia. Por causa de meu terror, comecei a esquecer que pertencia ao gênero humano. Unicamente recordava que era um animal. Tinha uma angustiosa esperança de que, enquanto as gralhas cruzassem o ar e os berros das garças sulcassem a atmosfera, esses espantosos álamos que me observavam e esse terror que me perseguia estariam em sua posição correta. Contudo, o grito das garças parecia unicamente somar-se à solidão, e as gralhas pareciam apenas auxiliar a escuridão circundante; nada lograva dissuadir os álamos de sua terrível usurpação. Só restavam-me miseráveis subterfúgios: coxear como se estivesse esgotado, mas dando, no entanto, um passo mais longo ou mais rápido com uma perna que com a outra. Umas vezes mais longo, outras mais rápido, alternadamente; testando qual enganava melhor. Mas essas pobres palhaçadas não eram muito úteis; pois qualquer um que siga alguém sem fazer ruído é provável que calcule seu passo a partir da separação entre ele e sua presa, assim como pela observação de seu caminhar, e que ajuste o seu em consequência. De maneira que, ainda que aumentasse imediatamente minha vantagem, pronto voltava a intensificar-se o sussurro do ar nas ramas, e esse ruído de passos que escuto pelas noites cada vez que tenho pesadelos, um ruído que reconheceria instantaneamente, mesmo que encoberto por qualquer outro.

“Três milhas não parece muito: é uma distância não muito maior que daqui até Kensington. Mas conheci um homem que foi perseguido em menos distância por um único leão, o qual jurou que o trajeto pareceu-lhe mais longo que qualquer outro que tivesse percorrido antes, ou dez deles. E era só um leão, que respirava e tinha sangue nas veias como ele; talvez supusesse sua morte, mas seria uma morte como a que chega a milhares de pessoas. E ali estava eu, aterrorizado por uma experiência alheia ao humano, uma coisa contra a qual nenhum homem estivera jamais preso, uma coisa contra a qual nunca imaginei que algum dia teria de enfrentar. E, não obstante, não corri.

“Uma mudança pareceu enfim invadir a solidão. Não foi apenas pelo fato das luzes de Lingham começarem a brilhar; nem pela fumaça das chaminés, essas bandeiras que o homem desfralda no ar; nem pelo calor das casas, que podia chegar até mim; era por certa sensação de um maior alcance de calor, um certo ardor que sentimos diante da presença humana. E não era só isso que eu sentia: os álamos do caminho já não me observavam com o excitado interesse com que, fazia apenas um momento, pareciam esperar minha morte.

“E como faziam notar esse interesse?”, perguntou Terbut, que nunca deixava de interromper Jorkens.

“Se você tivesse estudado os álamos durante anos e anos”, disse Jorkens, “ou se os tivesse observado como eu os observei durante aquele passeio, quando vastos intervalos de tempo pareciam condensar-se em uma só experiência espantosa, também teria sido capaz de notar que era observado por eles. Raras vezes voltei a notar desde então, e nunca mais o suficiente para estar completamente seguro; mas na ocasião foi inconfundível, uma certa tensão forçada em cada folha, as ramas como dedos distendidos de um espectro, silvando para a aldeia; não cabia uma possível confusão. Logo as folhas voltaram a ser agitadas como na trêmula atmosfera vespertina, as ramas já não pareciam ameaçar ninguém, e nada advertia ou insinuava ou se esperava das árvores; se é que posso utilizar uma palavra tão suave quanto ‘esperar’ para me referir à sua tensa expectativa. E o que era melhor: tinha a esperança — quase já não podia reclamá-la mais — de que meu espantoso perseguidor pouco a pouco ficava para trás. E quando me aproximei das janelas a esperança aumentou. Sua suave luz, em parte reflexo da tarde, em parte devida aos faróis já acesos, parecia afastar a influência de cismas. Então escutei o ladrar de um cão, e imediatamente depois o saudável matraquear de uma carruagem saindo do estábulo. Dificilmente pode-se avaliar a influência desses ruídos sobre qualquer tipo de caráter. Em seguida soube que ali não havia sido operada nenhuma mudança. Compreendi que naquele lugar ainda se ostentava a supremacia do reino animal. Então ouvi, sem deixar lugar para dúvidas, uma certa vacilação nas pisadas que

me seguiam. E não obstante prossegui em minha laboriosa caminhada no ritmo já costumeiro, fosse qual fosse. E então comecei a ouvir gansos e patos, e cavalos de corrida e de vez em quando um garoto que gritava com eles, e cães que perseguiam-nos, e compreendi que havia retornado aos domínios do reino animal. E, se não fosse por esse terrível golpear que ainda ouvia às minhas costas, ainda que debilitado, quase poderia resignar-me a ser cético com relação à árvore. Sim, Terbut, tão facilmente quanto você pode ser (pois Jorkens viu que seu amigo estava a ponto de dizer algo), sentado aí, todo confortável.

(Terbut nada disse.)

“Quando enfim cheguei à aldeia, os passos eram quase imperceptíveis, e contudo ainda me seguiam. Só meus temores podiam intentar adivinhar até onde se aventuraria a vingativa árvore a penetrar em Lingham para enfrentar a arrogante supremacia, e inclusive a incredulidade, de nossa espécie. Apressei-me, sem chegar a correr, até alcançar uma pousada provida de uma sólida porta. Por um momento me detive e observei a porta, o telhado e a fachada, para convencer-me de que a árvore não poderia derrubá-los facilmente. E quando me convenci de que realmente se tratava do refúgio que estivera buscando, introduzi-me ali como um coelho em sua toca.

“A valorosa presença de ânimo que mantive frente o álamo veio abaixo como uma toalha caída quando me sentei, ou antes me estendi sobre um banco de tábua ao lado de uma mesa, parte da qual ocupei. O povo se aproximou e começou a fazer-me perguntas. Mas eu não podia falar. Três ou quatro trabalhadores que se encontravam ali com suas canecas de cerveja, e o proprietário do “A Jarra de Ale”, me rodearam. Não pude falar nada.

“Foram muito amáveis comigo. E quando vi que havia recuperado de novo a fala, disse-lhes que tinha sofrido um ataque. Não disse do que, já que poderia me escapar algo para o qual o uísque não seria conveniente — e minha vida dependia de um trago. Ofereceram-me um. Pensei em contar todo o acontecido. Deram-me uma dose de uísque. Sensivelmente bebi. Então deram outra. Acreditem, ambas as doses não surtiram em mim qualquer efeito. Nem o mais leve efeito. Queria outra, mas considerava que antes devia assegurar-me de uma coisa. Não haveria ali fora alguém ou algo, me esperando? Não me atrevia a perguntá-lo sem rodeios.

“Bendita aldeia”, disse, levantando a cabeça de sobre a mesa. “E preciosas árvores”.

“Aqui não temos árvores”, replicou um dos homens.

“Como não têm árvores?”, exclamei. “Pois aposto cinco xelins que sim”.

“Não”, disse, e manteve-se firme. Nem sequer quis apostar.

“Acreditei notar algo como um...” Não me atrevi a utilizar a palavra ‘álamo’, de maneira que em seu lugar disse ‘uma árvore’.

“Aí mesmo, do outro lado da porta”, completei.

“Não, aqui não há árvores”, repetiu o homem.

“Aposto dez xelins”, respondi.

“Ele aceitou a proposta.

“Certo, chefe. Saia e dê uma olhada”, disse o homem.

“Já imaginam vocês que eu não pensava em sair por aquela porta. De modos que retruquei: ‘Não, você mesmo decidirá. Não posso dar crédito à sua memória como posso dar à minha, porém se você sair e der uma olhada, e me disser se há ou não árvores, será suficiente para mim’.

“Ele sorriu, certamente pensando que eu já estava um pouco bêbado. Ah, Deus, imagino o que teria pensado se tivesse lhe contado toda a verdade!

“Bem, regressou com uma notícia que me fez estremecer por inteiro: eu havia perdido meus dez xelins. Depois disso, paguei a aposta e tomei meu terceiro copo de uísque, que não me havia atrevido a tomar antes de saber como estavam as coisas. E aquele terceiro trago conseguiu. Venceu minha aflição, venceu minha fadiga e meu terror, e a espantosa suspeita, que em parte atormentava minha razão, de que a inquestionável supremacia que a vida animal crê haver estabelecido talvez tivesse sido desbaratada. Venceu-me completamente e caí num sono profundo, ali mesmo, na mesa.

“Despertei no dia seguinte, ao meio-dia, enormemente recuperado, sobre um leito escada acima onde aquela boa gente do campo havia-me trasladado. Olhei para fora, por sobre as telhas avermelhadas: lá embaixo havia um pátio, entre paredes de ladrilhos vermelhos, com aves domésticas e uma cabra amarrada, e uma mulher saiu para dar-lhes de comer; à distância me vinham os velhos ruídos da fazenda, contra os quais o tempo nada pode fazer. Deleitei-me com todos esses barulhos próprios da supremacia animal, e, à luz daquela clara manhã, senti uma segurança que de algum modo me dizia que minha espantosa experiência estava, enfim, superada.

“É claro, vocês podem dizer que tudo isso foi um sonho. Porém não nos recordamos de um sonho assim, durante tantos anos. Não, aquele espantoso álamo tinha algo contra o gênero humano, e com motivo suficiente, eu admito... não quero nem pensar no que teria feito comigo se tivesse corrido dele!”

E Jorkens deixou de pensar naquilo, fazendo um sinal com a mão para o garçom — ia afogar suas lembranças.

A loucura de Andelsprutz

Visitei pela primeira vez a cidade de Andelsprutz em uma tarde de primavera. O dia estava tomado pelo sol quando me acerquei dela, vindo pela campina, e por toda aquela manhã estivera pensando: “O sol brilhará sobre os muros quando vir pela primeira vez a bela cidade conquistada que tem nutrido meus sonhos.” Logo vi erguerem-se dos campos suas muralhas e por detrás delas os campanários. Entrei por uma das portas e vi as moradias e as ruas, e então um grande pesar invadiu-me. Pois cada cidade tem seu ambiente e costumes, pelos quais se distinguem como um homem se diferencia de outro, com um único olhar. Há cidades repletas de felicidade e cidades cheias de prazer, e também cidades inundadas pela melancolia. Há cidades que erguem suas faces altivas para o céu, e cidades que humilham o rosto por terra; umas há que parecem contemplar o passado e outras, o futuro; algumas observam atentamente quando passamos, outras ignoram nossa passagem. Algumas amam as cidades suas vizinhas, outras amam as planícies e os vales. Algumas cidades oferecem-se nuas ao vento, outras se envolvem em capas purpúreas, outras em capas pardacentas, e outras se vestem de branco. Algumas contam a ancestral história de sua infância, da qual outras preferem guardar segredo; umas cidades cantam, algumas assoviam, outras se enraivecem ou têm o coração partido, e cada uma delas nos recebe do seu modo particular.

Eu dissera a mim mesmo: “Andelsprutz me parecerá arrogante em sua beleza”; e dissera também: “A verei chorar por sua conquista.” Dissera também: “Cantar-me-á canções”, e “será silenciosa”, “estará vestida como para uma festa”, e “estará nua, porém esplêndida”.

Mas as janelas das casas de Andelsprutz fitavam espantadas as planícies, feito os olhos de um alucinado. À sua hora soaram os sinos amargos e sonambúlicos; alguns estavam desafinados, rachados outros; as telhas dos campanários encontravam-se recobertas de musgo. Ao entardecer nenhum rumor prazenteiro ergueu-se das ruas. Quando as lâmpadas se acenderam em suas casas, nenhum místico halozinho escapou para as sombras; notava-se apenas que havia luz.

Andelsprutz não possui aspectos nem costumes próprios. Quando caiu a noite e as cortinas vedaram todas as janelas, percebi o que não havia percebido à luz do dia. Soube então que Andelsprutz estava morta.

Vi num café um homem ruivo que bebia cerveja, e perguntei:

“Por que está quase morta a cidade de Andelsprutz, e a alma lhe fugiu?”

Ele disse: “As cidades não têm alma, e não há qualquer vida em seus calçamentos”.

Eu respondi: “Senhor, disseste a mais pura verdade”.

Fiz a um outro homem a mesma pergunta, e ele me devolveu a mesma resposta. Agradei sua cortesia. Vi depois um homem de compleição mais sutil, de cabelos negros e profundos sulcos nas faces, pelos quais, deduzi, muitas lágrimas haviam corrido. Perguntei-lhe:

“Por que Andelsprutz está morta? Quando foi que perdeu sua alma?”

Ele respondeu: “Esta cidade esperou tempo demais. Durante trinta anos estendeu seus braços para a terra de Akla, a Mãe Akla, da qual havia sido roubada. Todas as noites esperava e suspirava e estendia os braços para a Mãe. À meia-noite, uma vez por ano, no aniversário do dia fatídico, Akla enviava emissários secretos que decoravam com uma guirlanda os muros de Andelsprutz. Não podiam fazer mais do que isso. E nessa noite, uma vez a cada ano, eu costumava chorar, pois chorar era o costume da cidade na qual me criei. Porque todas as noites, enquanto as outras cidades dormiam, Andelsprutz sentava-se aqui e meditava e esperava, até que trinta guirlandas cingiram suas muralhas e os exércitos de Akla ainda não podiam vir.

“Mas depois de esperar tanto tempo, na noite em que os fiéis emissários haviam trazido a última das trinta guirlandas, Andelsprutz enlouqueceu. Os sinos tocaram seu espantoso clamor, que partia das torres, os cavalos relincharam nas ruas, todos os cães uivaram, despertando os estoicos conquistadores, os quais se revolveram em suas camas para em seguida caírem no sono novamente. Então eu vi levantar-se a enorme forma sombria e cinzenta de Andelsprutz, cujos cabelos revoltos estavam coroados pelos fantasmas das catedrais, e abandonar a cidade. E a grande forma sombria que era a alma de Andelsprutz partiu gemendo na direção dos montes, e para lá a segui eu, pois não havia sido ela minha nutriz?”

Sim, parti sozinho para as colinas, e durante três dias, envolto em minha capa, dormi em suas nevoentas solidões. Nada tinha para comer, e para beber apenas a água das nascentes. Pelo dia não havia alma viva a meu lado, e não ouvia nada, nada além do ruído do vento e do estrondo das torrentes na montanha. Mas durante três noites ouvi em torno, acima da montanha, os ecos de uma grande cidade; vi resplandecerem por vezes sobre os cimos as luzes dos vitrais de uma alta catedral, e de quando em quando o facho oscilante de alguma patrulha refugiada em sua fortaleza. E divisei a gigantesca e nebulosa silhueta da alma de Andelsprutz assentada, encoberta por suas aéreas catedrais, a qual falava consigo mesma, os olhos fixos no vazio na mais desvairada contemplação, murmurando algo a respeito de antigas guerras. E sua confusa algaravia daquelas noites sobre a montanha era a voz do tráfego, e depois a voz dos sinos das igrejas, e então a voz das trombetas, mas quase sempre era apenas a voz atormentada da guerra; e era tudo a mais absoluta incoerência, pois ela estava completamente louca.

“Na terceira noite chorou copiosamente, mas permaneci ali, contemplando a alma de minha cidade natal. Ela ainda estava lá, olhando para o nada, e delirando; mas agora sua voz tinha um timbre mais doce. Havia nela mais harmonia no toque dos sinos, e às vezes parecia soar uma canção. Passava da meia-noite noite e a chuva ainda chorava sobre mim, e ainda as solidões da montanha eram preenchidas pelos gemidos da pobre cidade louca. E vieram as horas da madrugada, as horas frias que sufocam e matam os doentes.

“Subitamente percebi grandes formas que se moviam por entre a chuva, e ouvi o eco de vozes que não eram da minha cidade nem de nenhuma cidade que eu tenha conhecido. E distingui pouco a pouco, se bem que confusamente, as almas de um variado concurso de cidades que se inclinavam sobre Andelsprutz e a confortavam; e as torrentes da montanha rugiram naquela noite com as vozes de cidades silenciadas há muitos e muitos séculos. Porque ali estava a alma de Camelot, que abandonara Usk havia tanto tempo; e estava também Troia, cingida por suas torres, maldizendo ainda o rosto belo de Helena; Babilônia e Persépolis lá estavam, e a face barbada de Nínive, com sua cabeça de touro; e Atenas, que lamentava por seus deuses imortais.

“E as almas das cidades mortas falaram naquela noite sobre a montanha, falaram com minha cidade e a consolaram, até que ela deixou de pensar em guerra e seus olhos deixaram de fixar o vazio; contudo, ocultou o rosto entre as mãos e chorou docemente por algum tempo. Ergueu-se por fim, e caminhando pausadamente, com a cabeça inclinada, amparada por Troia e Cartago, partiu dolorida para o oriente; e pó de suas ruas redemoinhava às suas costas, um pó spectral que não se tornava em lodo apesar da chuva. E assim partiram as almas

das cidades, e sumiram do monte, e as vozes antigas se desvaneceram na distância.

“Desde então minha cidade está morta; mas conversei certa vez com um viajante, o qual me contou que em alguma parte, em meio a um grande deserto, encontram-se reunidas as almas de todas as cidades mortas. Disse haver-se perdido em um lugar onde não havia água, e que havia escutado suas vozes soarem através da noite”.

Eu então disse: “Uma vez estive sem água no deserto e ouvi que uma cidade falava comigo; mas não sei dizer se realmente falava ou não, pois naquele dia ouvi muitas coisas terríveis, das quais apenas algumas se revelaram verdadeiras”.

E o homem de cabelos negros respondeu: “Acredito que possa ser verdade, apesar de não saber de onde provém. Um pastor encontrou-me no sopé da montanha, desfalecido de fome e frio, e trouxe-me para cá; quando cheguei, Andelsprutz, como agora, já estava morta”.

Onde sobem e baixam as marés

Sonhei que tinha praticado uma ação horrível, tão horrível que me foi negada uma sepultura tanto em terra quanto no mar, e nem sequer o Inferno se abria para mim. Aguardei algumas horas com esta certeza. Então meus amigos vieram, e secretamente me mataram, e seguindo o antigo rito e por entre grandes braseiros acesos, me libertaram.

Isto se deu em Londres, e furtivamente, no silêncio da noite, levaram-me ao longo de ruas cinzentas e por entre miseráveis casebres até o rio. E o rio e o fluxo do mar boiavam por entre os grandes blocos de lodo, e ambos eram negros e reluziam refletindo o brilho das luzes. Uma súbita surpresa brotou em seus olhos quando meus amigos se aproximaram com suas tochas acesas. E eu via tudo, morto e rígido, pois minha alma ainda estava presa aos meus ossos, pois para ela não havia Inferno, pois me fora negada uma sepultura cristã.

Levaram-me por uma escadaria coberta de musgo escorregadio e viscoso, e assim fui descido pouco a pouco à terrível catacumba. Ali, no território das coisas esquecidas, escavaram uma fossa tenebrosa. Depois disso me depositaram na tumba, e de repente lançaram suas tochas no rio. E assim que a água extinguiu o fulgor das chamas, estas vieram, pálidas e ínfimas, sobrenadar com a maré; e quando o vigor da calamidade já se encontrava amortecido, percebi que a gigantesca aurora se aproximava; meus amigos cobriram os rostos com máscaras, e a solene procissão se dispersou. Meus amigos fugitivos desapareceram sem uma única palavra.

Então retornou à catacumba e enterrou-o completamente, exceto por meu rosto. Ali jazia solitário, entre as coisas indesejadas, em meio às coisas amontoadas que a maré não levava adiante, junto das coisas inúteis e perdidas,

naquele piso ordinário que não era de pedra nem terra. Nada sentia, pois fora assassinado; mas a percepção e o pensamento permaneciam-me na alma amaldiçoada. A aurora desabrochava, e em meus olhos mortos penetravam como por mortas janelas, por trás das quais havia fardos ao invés de olhos humanos. E tanta angústia senti ao olhar para aquelas coisas abandonadas que desejei chorar, mas não pude, não pude porque estava morto.

Soube então o que jamais soubera: que por muitos anos aquele rebanho de casas desoladas também queria ter chorado... mas, por estarem mortas, continuavam mudas. E soube que todas as coisas esquecidas teriam chorado, se tivessem olhos e vida. E eu também procurei chorar, mas já não havia lágrimas em meus olhos secos. E soube que o rio poderia ter sido bondoso conosco, poderia nos ter acariciado e cantado para nós, mas que preferia correr e sonhar com seus barcos maravilhosos.

Enfim a maré fez o que o rio se recusara a fazer, encobrendo-me, e minha alma encontrou repouso na água esverdeada, e se alegrou, e imaginou que finalmente ganhara a sepultura marinha. Mas com o refluxo a água se foi, e novamente me vi na masmorra insensível, junto das coisas indesejadas, agora espalhadas, e com a paisagem das casas arruinadas, e com a certeza de que estávamos todos mortos.

Na enegrecida parede que havia ao fundo, encoberto de algas, despojo do mar, havia obscuros túneis e secretas e tortuosas galerias que estavam ocultas ou obstruídas. Delas surgiram furtivas ratazanas para roer-me a carcaça, e minha alma se alegrou acreditando que por fim se veria livre dos malditos ossos aos quais haviam negado um túmulo. Mas então as ratazanas se afastaram e cochicharam entre si por algum tempo. Não mais voltaram. Quando percebi que até mesmo as ratazanas me desprezavam, tentei novamente chorar.

Então a maré veio outra vez, e inundou o desolado calabouço, e ocultou as arruinadas casas, acariciando as coisas esquecidas, e minha alma repousou por um instante na sepultura do mar. E depois disso a maré novamente partiu.

E sobre meu cadáver subiu e desceu a maré por muitos e muitos anos. Mas fui um dia encontrado pelo Conselho do Condado, e recebi uma sepultura decente. Era a primeira sepultura na qual dormia. Contudo meus amigos retornaram, e exumaram meus restos mortais, e me levaram outra vez à tétrica cova na catacumba.

E de novo fui encontrado e meus ossos foram sepultados, mas sempre, sempre ao fim do funeral surgia um daqueles homens terríveis, o qual, nem bem a noite caía, desenterrava-me e arrastava-me novamente para a profunda masmorra.

• • •

Finalmente o último daqueles homens odiosos morreu, o último daqueles homens que realizaram comigo a profana cerimônia. Ouvi quando sua alma passava pelo rio, sob o brilho do pôr do sol. E novamente esperei.

Poucas semanas depois fui encontrado outra vez, e outra vez me tiraram daquele local onde não encontrava repouso, e me deram uma cova em território sagrado, onde minha alma esperava alcançar o descanso.

Mas então vieram homens encapuzados e com archotes acesos para me levar à catacumba de novo, pois a cerimônia tornara-se um rito tradicional. E todas as coisas abandonadas naquela masmorra zombaram de mim, gargalhando dentro de seus corações silenciosos quando me viram voltar, porque sabiam, sabiam que eu havia partido dali. E lembrem-se de que eu não podia nem mesmo chorar.

E passavam os anos fugindo para o mar, onde passam as negras barcas, e as enormes centúrias desprezadas perdendo-se com a maré, e ali permanecia eu sem qualquer motivo para esperanças e sem me atrever a tê-las sem motivo por temer a cólera e a inveja das coisas que não mais podiam navegar.

Certa vez se desencadeou uma forte borrasca que atingiu Londres vinda dos mares do sul; e veio retorcendo rio acima, empurrada pelo vento furioso do Leste. E era bem mais poderosa que as espantosas marés, e passou a grandes saltos por sobre a masmorra esquecida.

E todas as tristes coisas desprezadas se alegraram e se misturaram a coisas que estavam acima delas, e pulularam outra vez entre os barcos senhoriais que oscilavam rio abaixo. E resgatou meus ossos de sua horrível morada para nunca mais voltar, esperava eu, a sofrer a zombaria das marés. E com a ressaca desceu o rio, e dobrou para o sul, e voltou para o lugar de onde viera. E repartiu meus ossos pelas ilhas e pelas praias de estranhos e alegres continentes. E por um momento, enquanto meus ossos estiveram separados, minha alma acreditou-se quase livre.

E então, sob o comando da lua, o assíduo fluxo da maré se levantou e desfez o trabalho do refluxo, e recolheu meus ossos das enseadas e das ilhas ensolaradas, e rebuscou cada um deles através das costas dos continentes, e fluiu em direção ao norte até chegar à embocadura do Tâmis, e subindo pelo rio encontrou a odiada masmorra e lá deixou cair meus ossos, todos, todos eles; e o limo encobriu alguns e outros ficaram à mostra, pois o limo não se preocupa com as coisas abandonadas.

E veio o refluxo, e vi os olhos mortos das coisas e a inveja das outras coisas esquecidas que a tempestade não havia movido.

E transcorreram mais alguns séculos entre o fluxo e o refluxo e a solidão das coisas esquecidas. E ali continuava eu, na indiferente masmorra, jamais completamente enterrado e jamais completamente liberto, e ansiava pela quente carícia da terra ou pelo doce regaço do mar.

Às vezes os homens encontravam meus ossos e enterravam-nos, mas a tradição jamais morria, e eu sempre voltava à catacumba pelas mãos dos sucessores de meus amigos. Por fim os barcos deixaram de passar e as luzes se apagaram; as achas de madeira já não flutuavam rio abaixo, sendo substituídas por troncos de árvores derrubadas pelos ventos, naturais em sua simplicidade.

Finalmente percebi que por toda parte se espalhava o mato e que não havia um lugar onde o musgo não crescesse, nas paredes, nos muros, nos telhados das casas mortas. Certo dia, um ramo de cardo silvestre passou rio abaixo.

Por alguns anos observei atentamente aqueles sinais, até que me convenci de que Londres desaparecia. Então perdi de uma vez por todas a esperança, e às margens do rio reinava a ira e o despeito das coisas perdidas, pois nada mais se atrevia a ter esperanças no interior da catacumba abandonada. Pouco a pouco as casas desmoronaram, até que as pobres coisas mortas que jamais haviam tido vida encontraram uma sepultura entre as plantas e o musgo.

E foram cobertas por vides espinhosas, e sobre os diques que haviam sido silos e armazéns brotou a rosa silvestre. Então eu soube que a Natureza havia triunfado e que Londres tinha desaparecido.

O último ser humano de Londres veio à beira do rio, envolto numa velha capa, a qual era uma daquelas que meus amigos usavam, e analisou detidamente o calabouço para se certificar de que eu estava quieto ali; partiu e não tornei a vê-lo: desapareceu, assim como Londres.

Poucos dias depois do último homem haver partido as aves invadiram Londres, todas as aves que cantavam. Quando me viram, olharam-me com receio, afastaram-se um pouco e conversaram entre si.

“Foi apenas contra o ser humano que ele pecou”, disseram. “Não nos cabe julgá-lo”.

“Sejamos bondosas com ele”, decidiram então.

Então se acercaram e passaram a cantar. Era a hora do amanhecer, e às margens do rio, e no céu, e nos monturos que um dia haviam sido ruas, cantavam centenas de pássaros. A medida em que o dia se adiantava, aumentavam em número; seu canto conjunto fendia os ares, acima de minha cabeça, até que se reuniram milhares deles cantando, e então milhões, e logo nada mais podia ser visto além de suas asas batendo, e a luz do sol batendo nelas, e nesgas, fragmentos do azul do céu. E, quando não se podia ouvir outra coisa em Londres além do canto alvoroçado das aves, minha alma se desprende de meus ossos no

fundo escuro do calabouço e usou o canto dos pássaros como escada, como uma escada até o céu.

E parecia que por entre as asas dos pássaros formava-se uma trilha que subia e subia cada vez mais, a qual terminava num portal estreito que me conduziria ao Paraíso. E então eu soube por um sinal que a masmorra pútrida não podia mais me prender, porque percebi que estava chorando.

Nesse instante abri os olhos em meu leito, em uma casa de Londres, e lá fora, à luz radiante da manhã, trinavam alguns tordos. E ainda havia lágrimas em meu rosto, pois a nossa contenção é debilitada devido ao sonho. Levantei-me e abri a janela de par em par, e estendendo minhas mãos para o jardim bendisse os pássaros, cujo canto havia-me arrancado aos turbulentos e espantosos séculos de meu sono.

O triste corpo

“Por que não danças e te divertes conosco?”, perguntaram a um certo corpo. E o corpo confessou sua tristeza, dizendo: “Encontro-me ligado a uma alma feroz e violenta, a qual é sobremaneira tirânica e não me dá descanso, deixando-me fora dos divertimentos banais e obrigando-me a trabalhar em sua obra detestável, impedindo-me de praticar as mínimas ações que agradariam as pessoas que amo, pois só pensa em satisfazer a posteridade quando, tendo enfim acabado comigo, houver me entregado aos vermes. Costuma, no entanto, fazer absurdas exigências de afeto aos que me cercam, sendo demasiado orgulhosa para apreciar quando recebe menos do que pede, e assim aqueles que em outras circunstâncias me amariam passam a me odiar”. E dito isto, pôs-se a chorar.

Mas responderam-lhe: “Corpo sensível algum se preocupa com sua alma. Uma alma é coisa ínfima, e não deve jamais governar um corpo. Precisas beber e fumar muito, até que ela pare de afligir-te”.

Contudo o corpo nada fazia além de chorar e dizer: “A minha é uma alma terrível. Conseguí afastá-la um pouco com a bebida, mas ela sempre volta. Sempre!”

E o corpo partiu buscando repouso, pois estava entorpecido pela bebida.

Entretanto, quando o sono finalmente se aproximava, o corpo ergueu os olhos e, postada junto à janela, viu uma nebulosa chama de luz que olhava para fora.

“Vem”, disse a alma tirana, “e olha para a rua”.

“Preciso dormir”, respondeu o corpo.

“Mas a rua é algo belo”, disse a alma com veemência. “Cem pessoas estão nela, sonhando”.

“Estou doente por falta de descanso”, respondeu o corpo.

“Isso não importa”, respondeu a alma. “Como tu há milhões neste mundo, e muitos outros milhões que ainda virão. Os sonhos das pessoas atravessam os campos... cruzam mares e montanhas de maravilha, guiados por suas almas pelas sendas intrincadas... chegam a templos dourados que ressoam com milhares de campainhas... escalam ruas inclinadas, iluminadas por lanternas de papel, onde as portas são verdes e pequeninas... conhecem passagens que levam às câmaras dos feiticeiros e a castelos encantados... sabem a magia que atrai os sonhos e como alcançar os pavimentos ocultos além das montanhas de marfim. Quando olham para um lado, contemplam os campos de sua juventude; do outro, estendem-se as planícies radiantes do futuro. Anda, levanta daí, levanta e escreve sobre aquilo que as pessoas sonham”.

“E que recompensa haverá para mim”, quis saber o corpo, “se fizer o que me pede?”

“Não haverá recompensa alguma”, disse a alma.

“Então vou dormir”, retrucou o corpo.

Mas a alma começou a cantarolar uma canção tristonha que outrora um jovem cantara ao passar por uma terra fabulosa, onde um castelo de ouro guardado por sentinelas ferozes separava-o de sua mulher, a qual ainda não passava de uma criança. E o jovem sabia através de profecias que guerras sangrentas e sequer iniciadas em longínquas e desconhecidas montanhas haveriam de atravessar o castelo com suas nuvens de pó e sua sede de sangue antes que voltasse àquela cidade. E o jovem cantava ao passar pelos portais do castelo, e estavam mortos, sua mulher e ele, havia mais de cem anos.

“Não consigo dormir com essa canção abominável”, gritou o corpo para a alma.

“Então faz o que mandei”, replicou a alma. E o cansado corpo pegou novamente da pena.

Em seguida a alma disse alegremente, enquanto olhava pela janela:

“Há ali uma montanha que se ergue escarpada sobre Londres, em parte de cristal e em parte de neblina. A ela vão os sonhadores quando o bulício do dia se acaba. A princípio podem apenas conjecturar a causa do ruído; mas antes da meia-noite tudo para, hesita e lá se vai a maré minguante com todos os seus naufrágios. Então os sonhadores se levantam e escalam a montanha fulgurante, e em seu cume encontram os galeões do devaneio. Dali navegam, uns vão ao oriente, outros ao ocidente, uns para o passado e outros para o futuro, pois os galeões navegam por sobre os anos como por sobre os mares; mas quase todos dirigem suas proas para o passado e para as velhas alegrias, porque para lá são atraídos os suspiros dos homens e os navios navegam a favor do vento, assim

como os mercadores descem as costas africanas levados pelos perenes ventos alísios. Posso ver os navios levantando âncora após âncora; entre eles brilham as estrelas; os navios deslizam, fugindo da noite; suas proas partem resplandecendo rumo ao crepúsculo da memória, e a noite é logo deixada para trás, uma nuvem negra que pende minguada, debilmente salpicada de estrelas, como o porto de uma terra baixa vista à distância com as luzes de seus faróis”.

Um após outro, a alma postada junto à janela relatou os sonhos. Contou de selvas tropicais vistas por homens cuja sorte impedia que deixassem Londres, e que nunca poderiam deixá-la; selvas que de súbito tornavam-se maravilhosas, pelo simples canto de uma ave que cruzava os ares, voando para lugares desconhecidos e entoando desconhecidos cantos. Divisou anciões que bailavam ligeiros ao som dos pífanos élficos, encantadoras danças acompanhadas por virgens quiméricas, a noite toda, sobre montanhas imaginárias à luz da lua; ouviu ao longe a música de primaveras reluzentes; viu a beleza das flores de macieira caídas ao acaso havia mais de trinta anos; escutou antigas vozes, velhas lágrimas que retornavam, brilhando; a própria Lenda estava assentada, envolta num manto e coroada sobre as cadeias montanhosas do sul, e a alma a reconheceu.

Um a um relatou os sonhos de todos que dormiam naquela rua. Às vezes se detinha para animar o corpo, que trabalhava mal e pesadamente. Seus esbatidos dedos escreviam tão rápido quanto podiam, mas a alma não se importava com isso. E assim transcorreu a noite, até que a alma ouviu tilintar através das nuvens orientais as sonoras pisadas da aurora.

“Olha”, disse a alma, “aí vem a alvorada, que os sonhadores temem. As velas luminosas dos galeões insubmergíveis passam a empalidecer; os marinheiros que os dirigem voltam ao mito e à fábula; a maré do bulício cotidiano volta a subir, ocultando seus frágeis naufrágios, e vem com suas ondas tumultuosas dar à praia. Os raios do sol flamejam nos golfos ocultos a leste do mundo; os deuses já o veem do palácio crepuscular que ergueram sobre o amanhecer; esquentam as mãos em suas chamas, que fluem em arcos dourados antes de tocar a Terra; lá estão todos os deuses reunidos, os deuses que foram e os que ainda serão; sentam-se ali pela manhã, cantando e procurando entusiasmar os homens.”

“Estou enregelado e alquebrado pela falta de sono”, replicou o corpo.

“Terá séculos para dormir”, respondeu a alma, “mas agora não, pois acabo de avistar profundas pradarias com flores de cor púrpura chamejando, altivas e estranhas, acima do firmamento brilhante; rebanhos de puros e alvos unicórnios que pastam alegres, e um rio que corre e nele um galeão reluzente, todo de ouro, que vai de uma terra ignorada para uma ilha não mapeada, com a missão de levar

uma canção do filho do Rei dos Cumes à Rainha das Enseadas. Eu cantarei essa canção, e tu te encarregarás de escrevê-la”.

“Trabalhei anos a fio para ti”, disse o corpo. “Dá-me agora ao menos algum tempo de descanso, pois estou exausto”.

“Então vá”, respondeu a alma contrariada. “Vai, descansa. Estou farta de ti”.

Elevou-se e partiu, não sabemos para onde. Quanto ao corpo enterraram-no, e na meia-noite seguinte os fantasmas dos mortos vieram de suas tumbas, para felicitá-lo.

“Aqui és livre, como já deves saber”, disseram-lhe eles.

“Enfim posso descansar”, pensou consigo o corpo.

Os Mendigos

Eu estava descendo a rua Piccadilly^[1] não há muito tempo, pensando em rimas infantis e lamentando o velho romance.

Quando eu vi os lojistas a caminhar por aí em seus sobretudos pretos e seus pretos chapéus, pensei no velho verso das coletâneas infantis: “Os mercadores de Londres, eles vestem escarlate”.

As ruas estavam tão desromantizadas, melancólicas. Nada poderia ser feito por elas, eu pensei — nada. E então meus pensamentos foram interrompidos por cães ladrantes. Todos os cães na rua pareciam estar latindo — todo tipo de cão, não apenas os pequeninos, mas também os grandões. Eles estavam encarando o leste, o caminho por onde eu vinha. Então, eu me virei para olhar e tive esta visão, na Piccadilly, do lado oposto das casas, assim que você passa o ponto de táxi.

Homens altos e curvados estavam vindo rua abaixo envoltos em capas maravilhosas. Todos tinham um amarelo doentio na pele e cabelos escuros, e a maioria deles ostentava estranhas barbas. Eles vinham vagorosamente, e eles caminhavam com cajados, e suas mãos se estendiam pedindo esmolas.

Todos os mendigos vieram à cidade.

Eu lhes teria dado um dobrão de ouro gravado com as torres de Castela, mas eu não tinha tal moeda. Eles não pareciam pessoas a quem fosse cabível oferecer a mesma moeda que se usaria para pagar o táxi (Ó palavra maravilhosa, malfeita, certamente a senha de alguma ordem maligna em algum lugar). Alguns deles vestiam capas púrpuras^[2] com largas bordas verdes, e a borda verde era uma faixa estreita em alguns, e alguns vestiam capas de um velho e desbotado vermelho, e alguns vestiam capas violetas, e nenhum vestia preto. E eles

mendigaram graciosamente, assim como deuses possivelmente mendigam por almas.

Eu fiquei perto de um poste de luz, e eles surgiram para ele, e um se lhe dirigiu, chamando o poste de luz de irmão, e disse, “Ó poste de luz, nosso irmão do escuro, há muitos naufrágios ao teu redor nas marés da noite? Não durmas, irmão, não durmas. Houve muitos naufrágios, e não foram por ti.”

Isso foi estranho: eu não havia pensado na majestade da lâmpada de rua e sua longa vigília sobre os homens à deriva. Mas ela não passava despercebida a esses estranhos de capa.

E então um deles murmurou para a rua: “Estás cansada, rua? Por algum tempo ainda eles vão subir e descer, e manter-te coberta com piche e tijolos de madeira. Sê paciente, rua. Logo o terremoto vem.”

“Quem são vocês?” as pessoas disseram. “E de onde vocês vieram?”

“Quem pode dizer o que somos,” eles responderam, “ou de onde nós viemos?”

E um deles voltou-se para as casas manchadas de fumaça, dizendo, “Abençoadas sejam as casas, porque homens sonham dentro delas.”

Então eu percebi o que eu nunca havia pensado, que todas estas fitantes casas não eram semelhantes, mas diferentes umas das outras, porque elas sustinham diferentes sonhos.

E um outro se voltou para uma árvore que ficava em pé próxima ao cercado do Green Park^[3], dizendo, “Fique tranquila, árvore, pois os campos voltarão uma vez mais.”

E ao mesmo tempo a feia fumaça ia para cima, a fumaça que havia sufocado o Romance e empretecido os pássaros. Isto, eu pensei, eles não podem louvar nem abençoar. E, quando eles a viram, levantaram suas mãos em direção a ela, para as milhares de chaminés, dizendo, “Observa a fumaça. As antigas florestas de carvão, que dormiram tanto tempo nas trevas, e ainda assim permanecem, agora estão dançando e voltando para o sol. Não te esqueças da Terra, ó nossa irmã, e nós te desejamos a felicidade do sol.”

Havia chovido, e uma correnteza desmotivada caía de uma sarjeta suja. Ela viera de montes de lixo, asquerosos e esquecidos; havia juntado por seu caminho coisas que estavam abandonadas e que foram para sombrios esgotos desconhecidos do homem e do sol. Foi esta taciturna corrente, tanto quanto todas as outras causas, que me fizeram dizer, em meu coração, que a cidade era vil, que a Beleza estava morta nela, e o Romance fugiu.

Até esta coisa eles abençoaram. E um deles, que usava uma capa púrpura com larga borda verde, disse, “Irmã, mantém a esperança, pois tu com certeza chegarás, por fim, ao deleitável Mar, e encontrarás os pesados, enormes, e

viajados navios, e regozijar-te-ás por ilhas que conhecem o dourado sol.” Assim, eles abençoaram a sarjeta, e eu não senti ânimo para caçoar.

E os transeuntes que iam, em suas capas inconvenientes e seus disformes, monstruosos, brilhantes chapéus, também os abençoavam os mendigos. E um deles disse a um desses cidadãos escuros: “Ó próprio gêmeo da Noite, contigo estão manchas brancas no pulso e pescoço como as dispersas estrelas da Noite. Como temerosamente tu escondes com o preto teus ocultos, indecifráveis desejos. Eles são pensamentos profundos em ti que não se alegram com a cor, que eles dizem ‘Não’ para o roxo, e, ao amável verde, ‘vá embora’. Tu tens selvagens fantasias que precisam ser domadas com o preto, e terríveis imaginações que devem assim ser escondidas. Tem a tua alma sonhos dos anjos, e das muralhas do mundo das fadas que tu guardaste tão inteiramente, por temor ao ofuscamento de olhos atônitos? Assim Deus escondeu o diamante fundo em milhas de barro.

“A maravilha de ti não é danificada pelo júbilo.

“Olhe, tu és muito secreto.

“Sê maravilhoso. Sê cheio de mistério.”

Silenciosamente, o homem de sobretudo preto passou. E eu vim a entender, quando o mendigo púrpuro havia falado, que o cidadão escuro tinha provavelmente traficado com a Índia, que em seu coração havia ambições estranhas e mudas; que sua mudez foi fundada pelo rito solene nas raízes da tradição antiga; que isto talvez seja superado, um dia, por um estímulo na rua ou por alguém cantando uma canção, e que quando este vendedor tiver falado, fendas no mundo poderiam vir e as pessoas espiariam, de cima, o abismo.

Então, se voltando para o Green Park, onde ainda não era primavera, os mendigos estenderam as mãos e, olhando para a grama congelada e para as árvores ainda sem brotos, eles, cantando todos juntos, profetizaram os narcisos.

Um ônibus motorizado veio rua abaixo, quase atropelando alguns dos cães que ainda latiam ferozmente. Ele foi soando a sua buzina ruidosamente.

E então a visão se foi.

O Sonho do Rei Karna-Vootra

O rei Karna-Vootra, sentado em seu trono de onde dominava tudo, disse:

“Na noite passada eu vi claramente a majestosa Vava-Nyria. Apesar de estar parcialmente encoberta por grandes nuvens que continuamente giravam em torno dela, seu rosto estava descoberto e resplandecia ao luar.

“E disse-lhe:

“Passeia comigo pelos grandes lagos da formosa e cheia de jardins Istrakhan, onde flutuam lírios que produzem deliciosos sonhos; ou, baixando as cortinas de orquídeas suspensas, vem comigo através de um caminho secreto que leva a outra selva impenetrável que cobre a única senda através das montanhas que cercam Istrakhan. Cercando-a e contemplando-a com júbilo pela manhã, até o anoitecer, quando os lagos não estão habituados à luz e, por vezes, em sua alegria, derretem a fatal neve que mata os homens das montanhas nos cumes solitários. Esses lugares são mais velhos que as crateras da lua.

“Venha comigo, e iremos para terras românticas, dessas que os homens das caravanas evocam em suas músicas, então caminharemos em uma terra tão encantadora que mesmo as borboletas que revolteiam se admirarão com sua beleza refletida nos lagos sagrados; e à noite ouviremos inúmeros rouxinóis, cantando em coro com as estrelas até morrer. Se te decidires, enviarei arautos bem longe, com notícias de tua beleza, os quais se apresentarão e chegarão a Sédara, e falarão dela aos homens que cuidam dos rebanhos de ovelhas marrons; e desde Sédara rumores se espalharão pelas margens do sagrado rio Zoth, e até mesmo os construtores de cercas das planícies ouvirão falar de tua beleza e a cantarão. Mais tarde os arautos irão até o norte atravessando as colinas até chegar a Sooma. E nessa cidade de ouro informarão aos reis, sentados

arrogantemente em seus tronos de alabastro, de teu estranho sorriso. E muitas vezes tua história será contada em mercados distantes pelos comerciantes de Sooma, entre outras histórias contadas para atrair fregueses.

“E os arautos chegarão também a Ingra, onde as pessoas estão sempre dançando. E ali falarão de ti, de maneira que teu nome será cantado naquela alegre cidade. E pedirão, ali, camelos emprestados, e atravessarão as areias do deserto, até alcançarem a distante Nirid para falar da tua beleza aos homens solitários dos mosteiros das montanhas.

“Vem comigo agora, pois é primavera.

“E, quando eu disse isso, ela moveu sua cabeça, ligeira, mas significativamente. E só então me lembrei que eu tinha perdido a minha juventude e ela estava morta há quarenta anos.

O rei que não era

A terra de Runazar não tem reis, nem jamais os teve; e consta na lei da terra de Runazar que, visto que nunca teve reis, que não os terá jamais. Portanto, em Runazar, reinam os clérigos, que contam ao povo que nunca, em Runazar, houve um rei sequer.

Althazar, Rei de Runazar, e senhor de todas as terras nas cercanias, ordenou, para o melhor conhecimento dos deuses, que Suas imagens deveriam ser esculpidas em Runazar, e em todas as terras das cercanias. E, quando a ordem de Althazar, soprada longinquamente por trombetas, chegou tilintando aos ouvidos de todos os deuses, certamente alegraram-Se ao ouvi-la. Portanto, homens extraíram mármore das pedreiras, e escultores ocuparam-se em Runazar, a fim de obedecer o édito do Rei. Mas os deuses quedaram-Se sob a luz das estrelas, sobre as colinas, donde os escultores pudessem vê-los, e enrolaram-Se em nuvens, e encenaram Seu ar mais divino, para que pudessem os escultores fazer justiça aos deuses de Pegāna. Então, os deuses caminharam de volta a Pegāna, e os escultores martelaram e labutaram, e veio então o dia no qual o Mestre dos Escultores, em audiência com o Rei, disse:

“Althazar, Rei de Runazar e também Senhor de todas as terras nas cercanias, a quem os deuses favorecem, humildemente completamos as imagens de todos os deuses, tal como, em vosso édito, ordenastes.”

Então, o Rei ordenou que um grande espaço fosse aberto dentre as casas em sua cidade, e que, para lá, as imagens de todos os deuses fossem levadas e exibidas diante do Rei, e que se reunissem o Mestre dos Escultores e todos os seus homens; e, diante de cada um, postou-se um soldado, trazendo uma pilha de ouro sob uma bandeja de joias, e, atrás de cada um, postou-se um soldado com

uma espada desembainhada, próxima a seus pescoços, e o Rei mirou as imagens. E oh! Pairavam eles, como deuses, com as nuvens enroladas ao seu redor, fazendo o sinal dos deuses, mas seus corpos eram daqueles de homens, e oh! Suas faces eram muito semelhantes à do Rei, e suas barbas eram como a barba do Rei. E disse o Rei:

“Tais são, em verdade, os deuses de Pegāna”.

E os soldados diante dos escultores foram comandados a lhes presentear com as pilhas de ouro, e os soldados por detrás foram comandados a embainhar suas espadas. E clamou o povo:

“Tais são, em verdade, os deuses de Pegāna, cujas faces se nos permitem ver, pelo desejo de Althazar, o Rei, a quem os deuses favorecem”. E mensageiros foram enviados afora, pelas cidades de Runazar e de todas as terras nas cercanias, proclamando, sobre as imagens:

“Tais são os deuses de Pegāna”.

Mas, acima, em Pegāna, os deuses uivaram em fúria, e Mung adiantou-se para fazer o sinal de Mung contra Althazar, o Rei. Mas os deuses puseram Suas mãos sobre Seu ombro, dizendo:

“Não o mate, pois não é o bastante que morra Althazar, o que fez as faces de deuses serem como as faces de homens, mas que ele não tenha sequer existido”.

Disseram, então, os deuses:

“Porventura falamos de um Rei Altazar?”

E disseram os deuses:

“Não, jamais falamos”.

E disseram os deuses:

“Porventura sonhamos com um certo Althazar?”

E disseram os deuses:

“Não, jamais sonhamos”.

Mas, no palácio real de Runazar, Althazar, subitamente desaparecido da memória dos deuses, deixou de ser algo que existiu ou que tivesse, um dia, existido.

E, diante do trono de Althazar, repousa um robe, e, próximo a ele, repousa uma coroa, e entraram os clérigos dos deuses em seu palácio e o fizeram um templo para os deuses. E o povo, que vinha para adorá-los, disse:

“A quem pertenceu este robe, e para qual propósito é esta coroa?”

E responderam os clérigos:

“Os deuses lançaram fora o fragmento de um vestuário, e oh! Das mãos dos deuses escorregou um pequeno anel”.

E disse o povo aos clérigos:

“Sabendo que Runazar jamais teve um Rei, sede, portanto, vós nossos juízes, e fazei vós as nossas leis, à imagem dos deuses de Pegāna”.

A fortaleza invencível, exceto para Sacnoth

Em uma floresta mais antiga que a memória, uma irmã adotiva das colinas, ficava a aldeia de Allathurion; havia paz entre o povo daquela aldeia e todas as pessoas que percorriam os escuros caminhos da floresta, não importando se eram humanos ou das tribos das bestas ou da raça das fadas ou dos elfos, ou mesmo dos pequenos espíritos sagrados das árvores e córregos. Ademais disso, o povo da aldeia tinha a paz entre si e entre eles e seu senhor Lorendiac. Na frente da aldeia havia um espaço amplo e gramado, para além, a grande floresta continuava, mas na parte de trás, as árvores chegavam até as casas, que, com suas grandes vigas e armações de madeira e telhados de palha, verde com musgo, pareciam ser quase uma parte da floresta. Mas, na época dessa história que eu conto agora, havia problemas em Allathurion, pois ao cair da noite, os sonhos costumavam vir deslizando pelos troncos das árvores até a pacífica vila; uma vez lá, eles assumiam o domínio das mentes dos homens e os conduziam em vigílias noturnas através das planícies incineradas do Inferno. Então, o mago daquela aldeia preparou feitiços contra aqueles sonhos caídos; mas, mesmo assim, os sonhos continuaram a vir, espreitando entre as árvores tão logo as trevas caíssem novamente, e conduziam as mentes dos homens à noite a perambular por lugares terríveis, levando-os adorar a Satan com seus próprios lábios.

Assim, os homens começaram a ter medo de dormir em Allathurion. Por isso, ficaram desgastados e pálidos, alguns por falta de descanso e outros por medo das coisas que viram nas planícies incineradas do Inferno. Então o mago da aldeia subiu à torre de sua casa, e durante toda a noite aqueles que o medo mantinha acordado podiam ver sua janela lá no alto, em meio à escuridão,

brilhando suavemente sozinha. No dia seguinte, quando o crepúsculo já estava bem distante e a escuridão se aglomerava rapidamente, o mago foi até a borda da floresta e proferiu lá um feitiço que ele havia criado. O feitiço era uma coisa compulsiva e terrível, tendo um poder sobre os sonhos maléficos e espíritos do mal; pois era um verso de quarenta linhas em muitas línguas, vivas e mortas, e continha a palavra com a qual o povo das planícies costumava maldizer seus camelos e o grito com o qual os baleeiros do norte atraíam as baleias à costa para serem mortas, além de uma palavra que fazia com que os elefantes trombeteassem; e cada uma das quarenta linhas terminava com uma rima para “vespa”.

Ainda assim, os sonhos continuaram a vir, espreitando através da floresta, carregando as almas dos homens para as planícies do Inferno. Foi então que o mago descobriu que os sonhos eram enviados por Gaznak. Por isso, o mago reuniu as pessoas da aldeia e lhes disse que havia proferido seu feitiço mais poderoso — um feitiço com poder sobre tudo o que era humano ou sobre as tribos das bestas; e uma vez que o feitiço não tinha funcionado, os sonhos só poderia vir de Gaznak, o maior feiticeiro entre os espaços das estrelas. E o mago leu para as pessoas da aldeia o Livro dos Magos, que contava sobre os adventos do cometa e prediz a seu retorno novamente. O mago lhes contou como Gaznak cavalgava o cometa, e como ele visitava a Terra uma vez a cada duzentos e trinta anos, construindo para si mesmo uma fortaleza vasta e invencível, e enviava sonhos para se alimentar das mentes dos homens, e como talvez nunca pudesse ser derrotado, exceto pela espada Sacnoth. Com isso, um medo frio caiu sobre os corações dos aldeões quando descobriram que seu mago havia lhes falhado.

Então falou Leothric, filho do Lorde Lorendiac, que tinha vinte anos de idade: “Bom Mestre, o que sabes dessa espada Sacnoth?” E o mago da vila respondeu: “Honrado Lorde, tal espada até agora não foi forjada, pois ela ainda jaz na pele de Tharagavverug, protegendo sua espinha”.

Então disse Leothric: “Quem é Tharagavverug, e onde pode ser encontrado?” O mago de Allathurion respondeu: “Ele é o Dragão-Crocodilo que assombra os pântanos do Norte e devasta as propriedades por todo a sua margem. A pele de suas costas é de aço, e suas partes inferiores são de ferro; mas ao longo de suas costas, sobre a espinha, ali encontra-se uma faixa estreita de aço que não é deste mundo. Essa tira de aço é Sacnoth, e ela não pode ser fendida nem fundida, e

não há nada no mundo que possa quebrá-la, nem mesmo deixar um arranhão em sua superfície. Ela tem o comprimento e a largura de uma boa espada. Assim se tu prevalecesses contra Tharagavverug, sua pele poderia ser derretida em uma fornalha para que fosse separada de Sacnoth; mas há apenas uma coisa que pode afiar o gume de Sacnoth, e isto é um dos próprios olhos de aço de Tharagavverug; quanto ao outro olho, tu deves prendê-lo à empunhadura de Sacnoth, e ele velará por ti. Mas é uma tarefa árdua vencer Tharagavverug, pois nenhuma espada pode perfurar sua pele; suas costas não podem ser quebradas, e ele não pode queimar nem tão pouco se afogar. Só existe uma forma pela qual Tharagavverug pode morrer, isso é, pela fome.”

Então a tristeza caiu sobre Leothric, porém o mago falou: “Se, com uma bastão, um homem conseguisse empurrar Tharagavverug para longe de seu alimento por três dias, ele morreria ao pôr-do-sol do terceiro dia. E mesmo que ele não seja vulnerável, somente em um único lugar ele pode se ferido, pois seu nariz é apenas de chumbo. Um golpes de espada simplesmente deixaria à mostra o bronze indestrutível que jaz por baixo, mas se seu nariz for golpeado constantemente com um bastão, ele sempre irá recuar devido a dor, e assim, Tharagavverug, à esquerda e à direita, poderá ser afastado de sua comida.” Então Leothric disse: “Qual é o alimento de Tharagavverug?” O mago de Allathurion respondeu: “Sua comida é o homem.”

Então, Leothric foi imediatamente lá fora, cortou uma grande vara de uma aveleira e dormiu cedo naquela noite. Mas na manhã seguinte, despertando de sonhos agitados, ele se levantou antes do amanhecer e, levando consigo provisões para cinco dias, partiu através da floresta, para o norte, em direção aos pântanos. Por algumas horas, ele se caminhou pela escuridão da floresta, e quando emergiu das sombras, o sol já estava alto, acima do horizonte, brilhando sobre piscinas de água na terra desolada. Logo Leothric viu as marcas das garras de Tharagavverug afundadas no solo e a trilha de sua cauda que serpenteava entre elas como um sulco de arado em um campo. Então Leothric seguiu os rastros até ouvir, à sua frente, o som do coração de bronze de Tharagavverug crescendo como o ribombar de um sino.

E sendo aquela a hora em que Tharagavverug tomaria a primeira refeição do dia, ele estava se deslocando em direção à uma aldeia com seu coração batendo pesadamente. E como já era costumeiro, todas as pessoas da aldeia saíram para encontrá-lo; pois eles não conseguiam evitar o suspense de aguardar Tharagavverug, a ansiedade de ouvi-lo farejar descaradamente enquanto ia de porta em porta, ponderando lentamente em sua mente de metal quem entre os habitantes da aldeia ele deveria escolher. E ainda assim, ninguém ousava fugir, pois, nos dias em que os aldeões fugiram de Tharagavverug, ele, tendo escolhido sua vítima, a seguiria incansavelmente, como uma terrível desgraça. Nada os

protegia contra Tharagavverug. Uma vez, os aldeões subiram nas árvores quando o dragão veio, mas Tharagavverug subiu em uma daquelas árvores, arqueou as costas e, inclinando-se ligeiramente, raspou contra o tronco da árvore até cortá-la e derrubá-la. Quando Leothric se aproximou, Tharagawerug o viu com um dos seus pequenos olhos de aço, partiu e vagarosamente em sua direção, enquanto os ecos de seu coração rodopiavam como um turbilhão ao sair pela boca aberta. Leothric pulou para lado, para evitar investida do dragão, ficando assim entre o monstro e a aldeia, e então começou a golpear ferindo-lhe o nariz. O golpe do bastão deixou uma massa no chumbo macio do nariz da fera. Tiraagavverug começou a se desviar toscamente, soltando gritos terríveis que eram como os sons de um grande sino de igreja que fora possuído por uma alma saída de túmulos à meia-noite — uma alma maléfica que dava voz ao sino. Então, rosnando, o monstro atacou Leothric, e mais uma vez Leothric saltou para o lado, golpeando novamente o nariz da besta com seu bastão. Tharagavverug gritava e seu bramido era como o trovejar de um sino. Assim, todas as vezes que o Dragão-Crocodilo o atacava, ou se virava na direção da aldeia, Leothric o golpeava novamente no nariz.

Então, durante todo o dia, Leothric empurrou o monstro com os golpes de seu bastão, e fazendo a fera se afastar cada vez mais para longe dos aldeões que eram sua presa, e o monstro recuava com o coração batendo colericamente e gritando de dor. Já era quase noite quando Tharagavverug deixou de tentar morder Leothric, passando então a correr na sua frente do jovem evitar seu bastão, pois o nariz da fera já estava muito machucado, dolorido e brilhando; e, com o crepúsculo daquela noite, os aldeões saíram e começaram a dançar de alegria aos sons de címbalos e saltérios. Quando Tharagawerug ouviu o som alegre dos címbalos e saltério, a fome e a ira caíram furiosas sobre ele, e passou a se sentir tal como um senhor que é impedido de se deliciar com um banquete servido em seu próprio castelo, enquanto ouvia a deliciosa carne crepitar sobre o espeto que girava e girava ao fogo.

Durante toda aquela noite a fera atacou Leothric furiosamente, muitas vezes quase conseguiu o pegá-lo na escuridão; pois seus brilhantes olhos de aço podiam ver tão bem à noite quanto ao dia. Assim, Leothric foi perdendo terreno lentamente até o amanhecer, e quando a luz do dia finalmente chegou, eles já estavam perto da aldeia novamente; mas não tão perto quanto onde eles se encontraram pela primeira vez, pois durante o dia, Leothric conseguiu empurrar Tharagawerug uma distância maior do que a fera o fez voltar durante a noite. De novo, Leothric continuou empurrando o monstro, golpeando-o com o bastão até a hora em que era costumeiro ao Dragão-Crocodilo encontrar um presa para se alimentar. Uma vez que a fera encontrasse uma pessoa, um terço de seu corpo,

ele devoraria no momento em que a capturasse, o resto, ele devoraria ao meio dia e à noite. Mas quando chegou a hora de encontrar sua próxima presa, uma grande ferocidade se abateu sobre Tharagawerug, e a fera saltou ligeiro sobre Leothric, mas não conseguiu agarrá-lo; e assim, por um longo tempo, nenhum dos dois recuava na beleza. Mas, por fim, a dor causada pelo bastão que golpeava seu nariz de chumbo superou a fome do Dragão-Crocodilo, e a fera abandonou a presa uivando. A partir desse momento, Tharagavverug começou a enfraquecer. Por todo aquele dia Leothric continuou a empurrar a fera longe, sempre lhe golpeando com o bastão, até a noite chegou e ambos continuaram mantendo suas posições; mas quando o início do terceiro dia chegou, o coração de Tharagavverug começou a bater mais devagar e mais fraco, e o som era como se um homem cansado tocando um sino. Em um momento Tharagavverug quase agarrou um sapo, mas Leothric o arrebatou a tempo, impedindo que o monstro se alimentasse. Ao meio dia, o Dragão-Crocodilo ficou quieto por um longo tempo, e Leothric ficou ali perto dele, apoiado em seu bastão de confiança. O jovem estava muito cansado e sem dormir, mas agora teria uma chance para comer suas provisões. Com o fim de Tharagavverug se aproximando rapidamente, à tarde sua respiração veio pesada e áspera, rasgando sua garganta. Era como o som de muitos caçadores soprando fortes em chifres, e à noite sua respiração se tornou mais rápida, porém mas mais fraca, como o som de uma caça fugindo furiosa para morrer à distância. Então a fera se precipitou desesperada em direção à aldeia; mas Leothric continuou pulando sobre o monstro, golpeando seu nariz de chumbo. Já pouco audível agora era o som do coração da besta: era como um sino da igreja badalando além das colinas pela morte de alguém desconhecido e distante. Então o sol se pôs inflamando as janelas da aldeia, um arrepio desceu sobre o mundo, e em algum pequeno jardim uma mulher cantarolou; Tharagavverug ergueu a cabeça e, enfim, morreu de fome; sua vida partiu de seu corpo invulnerável, e Leothric se deitou ao lado da fera e dormiu. Mais tarde, sob a luz das estrelas, os aldeões saíram e levaram o jovem Leothric adormecido de volta para a aldeia, todos o glorificavam em meio aos sussurros enquanto caminhavam. Os aldeões o deitaram sobre uma cama em uma das casas e começaram a dançar de alegria lá fora em silêncio, sem música de saltério ou címbalo. No dia seguinte, eufóricos, para Allathurion os aldeões arrastaram o corpo do dragão-crocodilo, Leothric estava com eles, sempre segurando seu desgastado bastão; então, veio um homem alto e corpulento, que era o ferreiro de Allathurion, ele fez uma grande fornalha e derreteu Tharagavverug até que restasse apenas Sacnoth, reluzindo entre as cinzas. Então o ferreiro pegou um dos pequenos olhos que foram arrancados da besta, e começou a limar um gume afiado em Sacnoth, e, progressivamente, o olho de aço foi se desgastando por

todos os lados, mas antes de acabar completamente, tinha afiado Sacnoth formidavelmente. O outro olho que foi colocado no pomo da empunhadura e lá brilhou azulado.

E naquela noite, Leothric, levantando-se na penumbra, pegou a espada, e foi para o oeste para encontrar Gaznak; o jovem percorreu a floresta escura até o amanhecer, continuando a caminhar por toda a manhã, até a tarde seguinte. Ao fim da tarde, finalmente saindo da floresta, ele alcançou espaço aberto, foi então que avistou, monstruosa, em maio à Terra Onde Nenhum Homem Vai, a Fortaleza de Gaznak, a poucas milhas à sua frente. Leothric viu que ali a terra era pantanosa e desabitada. Lá, a Fortaleza erguia-se palidamente com muitos contrafortes, era bem larga na parte inferior, mas estreitava-se para alto e estava cheia de janelas reluzentes com luzes que brilhando lá em cima. E próximo de seu topo umas poucas nuvens brancas flutuavam, mas mesmo acima delas os enormes pináculos apareciam. Então Leothric avançou para dentro dos charcos e, da empunhadura de Sacnoth, o olho de Tharagavverug observava cautelosamente os arredores; pois Tharagavverug conhecia muito bem aqueles brejos, e a espada ia empurrando Leothric para a direita ou lhe puxava para a esquerda, sempre lhe conduzindo para longe dos lugares perigosos, e assim ela o levou em segurança até os paredões da Fortaleza.

E naqueles muros havia pistolões como precipícios de aço, todos rebitados com seixos de ferro, e sobre cada janela havia terríveis gárgulas de pedra; e, lá, o nome da fortaleza cintilava alto no muro, escrito em grande letras de bronze: “A Fortaleza Invencível, exceto para Sacnoth.”

Então Leothric desembainhou e revelou Sacnoth, e todos as gárgulas gargalharam largamente e a aquele riso irônico subiu migrando de face para face até chegar nos espigões dos pórticos que se escondiam nas nuvens. Quando Sacnoth foi revelada e todas as gárgulas gargalharam, aquilo foi como luz da lua emergindo de uma nuvem para contemplar pela primeira vez sobre um campo de sangue, passando rapidamente sobre os rostos úmidos dos mortos que se jaziam juntos naquela noite horrível. Então Leothric avançou em direção a uma porta, aquilo era mais forte do que a pedra de mármore, Sacremona, da qual dos anciãos cortavam enormes lajes para construir a Abadia das Lágrimas Sagradas. Dia após dia, eles arrancaram as costelas da colina até que a Abadia foi construída, e ela era mais bonita do que qualquer coisa feita em pedra. Então os sacerdotes abençoaram Sacremona, que finalmente pôde descansar, e nunca mais foi tirada uma pedra sequer para construir as casas dos homens e a colina permaneceu contemplando o sul, solitária à luz do sol, desfigurada por aquela grande cicatriz, tão vasta era aquela porta do aço. E o nome daquela porta era A Porta Ressonante, o Caminho do Egresso à Guerra.

Então Leothric golpeou forte sobre a Porta Ressonante com Sacnoth e o eco da espada ressoou através dos salões e todos os dragões dentro da fortaleza bramiram. E quando o berro do dragão mais distante se juntou debilmente ao tumulto, uma janela abriu bem lá no alto, entre as nuvens, sob as arestas crepusculares, e uma mulher gritou, e no distante Inferno, seu pai a ouviu, sabendo imediatamente que sua condenação havia chegado.

E Leothric continuou golpeando continuamente terrivelmente com Sacnoth, até que o aço cinzento da Porta Ressonante, o Caminho Egresso à Guerra, que fora temperado para resistir as espadas deste mundo, caiu por terra em pedaços ressonantes. Então, empunhando firme Sacnoth em sua mão, Leothric atravessou pelo buraco que tinha feito na porta de ferro, entrando em salão cavernoso e mal iluminado.

Dali, um elefante fugiu trombeteando e Leothric permaneceu imóvel, empunhando Sacnoth. Quando o som das patas do elefante desapareceu nos corredores remotos, não houve mais nenhum outro rebuliço, e o corredor cavernoso ficou em silêncio.

Mas logo, a escuridão dos salões mais distantes foi tomada pela música do badalar de sinos, que pareciam chegar cada vez mais próximos. Mesmo assim Leothric aguardou no escuro, e os sinos continuaram tocar, cada vez mais alto, ecoando pelos corredores, quando então apareceu uma procissão de homens montando camelos, andando dois a dois, no interior da fortaleza. Aqueles homens estavam armados com cimitarras de feitio Assírio, todos vestidos com cotas de malha, que também pendiam dos elmos que cobriam seus rostos, e tilintavam conforme os camelos se moviam. Todos pararam diante de Leothric no salão cavernoso, os sinos dos camelos ressoaram e depois pararam. Então o líder disse a Leothric: “O Lorde Gaznak deseja vê-lo morrer diante dele. Tenha o prazer de vir conosco, e poderemos discutir sobre o modo como o Lorde Gaznak deseja vê-lo morrer.” E, tendo dito isso, o homem desenrolou uma corrente de ferro que estava enrolada como uma serpente em sua sela. Então Leothric respondeu: “Eu gostaria muito de ir convosco, pois aqui estou para matar Gaznak.” Ao ouvi-lo, toda a guarda de camelos de Gaznak gargalhou escarnekedora, perturbando os vampiros que dormiam na imensa abóbada do telhado. Novamente o líder falou: “O Lorde Gaznak é imortal, exceto por Sacnoth, e usas uma armadura que se põe à prova mesmo contra a própria Sacnoth, e ele também tem uma espada, a segunda mais terrível no mundo.” Então Leothric disse: “Eu sou o Senhor da espada Sacnoth.”

E o jovem avançou em direção ao guarda-camelo de Gaznak, Sacnoth subiu e baixou em sua mão, como se estivesse fosse agitada por uma pulsação exultante. Então o guarda-camelo de Gaznak fugiu, e os cavaleiros se inclinaram

à frente e golpearam seus camelos com chicotes, afastando-se dali com um grande clamor de sinos através das colunatas, corredores e salões abobadados e se dispersaram pela escuridão interna da Fortaleza. Quando o último som da fuga dos guardas morreu, Leothric ficou em dúvida sobre qual o caminho seguir, pois os guardas-camelos se dispersaram em muitas direções, então ele foi direto à frente até chegar a uma grande escada no meio do corredor. Leothric colocou o pé no meio de um amplo degrau e subiu decididamente pela escada por cinco minutos. Havia pouca luz naquele grande salão pelo qual Leothric subia, pois a luz somente chegava até ali através de fendas estreitas encontrada aqui e ali, e no mundo lá fora a noite estava declinando rapidamente. A escada levava até duas portas dobráveis, que estavam entreabertos, e, através da fresta, Leothric passou e tentou continuar em frente, mas não conseguiu chegar mais longe, pois toda a sala parecia estar cheia de festões de cordas que balançavam de parede para parede e estavam entrelaçadas e penduradas pelo teto. Toda a câmara estava cheia com aquelas coisas grossas e negras. Eram macias e leves ao toque como a seda fina, mas Leothric não conseguiu partir nenhuma delas, e embora se afastassem dele enquanto ele avançava, logo que o jovem havia avançado três jardas, elas estavam todas se fechavam em torno dele como um pesado manto. Então Leothric deu um passo atrás e desembainhou Sacnoth, e Sacnoth cindiu as cordas sem som algum, e, silenciosamente, as peças cortadas caíram no chão.

Leothric seguiu em frente, movendo Sacnoth à sua frente, para cima e para baixo, enquanto avançava. Quando ele chegou no meio da câmara, de repente, quando partiu com Sacnoth uma grande rede de fios, ele viu uma aranha diante de si que era maior do que um carneiro, e a aranha o fitou com seus pequenos olhos, mas que eram cheios de pecado, e falou: “Quem és tu que destróis o trabalho de anos tudo feito em honra de Satan?” Ao que Leothric respondeu: “Eu sou Leothric, filho de Lorendiac.” A aranha continuou: “Eu farei uma corda já para te enforcar”.

Então Leothric cortou outro cacho de fios, aproximando-se da aranha enquanto ela estava sentada tecendo sua corda, e tirando os olhos de seu trabalho, para olhar para o jovem, a aranha disse: “Que espada essa que é capaz de cortar minhas cordas?” E Leothric respondeu: “Esta é Sacnoth.”

Nesse momento, o pelo negro que pendia sobre o rosto da aranha caiu os lados, e a aranha franziu a testa; então o cabelo voltou ao seu lugar, escondeu tudo novamente exceto o pecado daqueles pequenos olhos que continuavam brilhando concupiscentes no escuro. Então, antes que Leothric pudesse alcançá-la, ela se afastou dele, subindo por uma de suas cordas até uma viga alta e ali se sentou, resmungando. Assim, limpando seu caminho com Sacnoth, Leothric atravessou a câmara e chegou até a porta mais distante; a porta estava fechada, e

a alça muito longe de seu alcance, ele talhou seu o caminho por ali, com Sacnoth, da mesma forma que fez para atravessar a Porta Ressonante, o Caminho de Egresso à Guerra. E assim Leothric entrou em uma câmara bem iluminada, onde Rainhas e Príncipes banquetavam todos juntos ao redor de uma imensa mesa; sobre a qual brilhavam milhares de velas, e suas luzes eram refletidas no vinho que os Príncipes bebiam, no enorme candelabro de ouro, mesmo os rostos reais eram radiantes com aquele brilho, mesmo na toalha branca que cobria a mesa, nos pratos de prata e nas joias no cabelo das Rainhas, cada joia tendo seu próprio historiador, que todos os dias não escrevia outras crônicas que não fossem as delas. Entre a mesa e a porta havia duzentos criados, em duas filas de cem, de frente um para o outro. Ninguém olhou para Leothric quando ele entrou pelo buraco da porta, mas um dos Príncipes fez uma pergunta a um dos criados, e a pergunta foi passada de boca em boca, por todos os duzentos criados, até chegar ao último que estava perto de Leothric. O criado disse, então, a Leothric, sem levantar o olhar: “O que procuras aqui?”

Ao que Leothric respondeu: “Procuro matar Gaznak.” E de criado a criado a resposta foi repetida até chegar à mesa: “Ele procura matar Gaznak.” E outra pergunta veio através da fileira de criados: “Qual é o teu nome?” Dessa vez, a fileira da frente levou sua resposta de volta à mesa. Então um dos príncipes disse: “Levem-no para onde não passamos seus gritos daqui.” O criado repetiu, então, para o outro até a ordem chegar aos dois últimos, que avançaram para capturar Leothric. Então Leothric mostrou-lhes sua espada, dizendo: “Esta é Sacnoth.” Os dois criados repetiram aos outros que estavam mais próximos: “É Sacnoth”, depois gritaram e fugiram assustados. E de dois em dois, por toda a dupla fileira, os criados repetiam entre si: “É Sacnoth”, então gritavam e fugiam, até que os dois últimos deram a mensagem à mesa, quando todos os outros tinha fugido. Então as Rainhas e Príncipes se levantaram, e fugiram apressadamente da câmara, e a boa mesa, quando todos se tinham partido, parecia pequena, desordenada e enviesada. Para Leothric, que ponderava na câmara desolada, por qual porta ele deveria passar, veio de longe os sons da música, e ele soube que aqueles eram os músicos mágicos tocavam para Gaznak enquanto ele dormia.

Então caminhando na direção daquela música distante, Leothric passou pela porta oposta àquela através da qual ele havia rachado sua entrada, assim ele entrou para uma câmara tão grande quanto a outra, na qual havia muitas mulheres estranhamente belas. Elas lhe perguntaram sobre sua missão, e quando souberam que ele buscava era matar Gaznak, todas lhe imploraram para que permanecesse ali com elas, pois diziam que Gaznak era imortal, salvo por Sacnoth, e disseram também que elas tinham necessidade de um cavaleiro que as protegessem dos lobos que espreitavam os arredores todas as noites e, às vezes,

invadiam aquele lugar através dos carvalhos apodrecidos. Leothric teriam ficado tentado a permanecer ali, se aquelas fossem mulheres humanas, porque suas beleza eram demasiadamente estranhas, mas ele percebeu que em vez de olhos elas tinham pequenas chamas que escorriam em suas órbitas, então ele soube que elas eram os sonhos febris de Gaznak. Por isso, ele disse: “Eu tenho assuntos com Gaznak, por isso tenho Sacnoth”, depois atravessou a câmara. Ao escutarem o nome de Sacnoth, aquelas mulheres gritaram, as chamas de seus olhos afundaram e decaíram com faíscas. Então Leothric deixou lá as mulheres, e talhando com Sacnoth, atravessou pela porta mais distante.

Ao sair da câmara, ele sentiu o ar noturno em seu rosto, e assim descobriu que estava em um caminho estreito entre dois abismos. Em ambos os lados, tão longe quanto ele podia enxergar, as paredes da fortaleza terminavam em um intenso precipício, embora o telhado ainda se estendesse lá em cima; mas diante dele jaziam os dois abismos cheios de estrelas, pois rasgavam sua passagem através de toda a Terra revelando céu inferior; e alinhando seu rumo entre eles, Leothric continuou seu caminho, até que a passagem começou a estreitar e a inclinar para cima. Além dos abismos, onde a passagem conduzia para as câmaras mais distantes da Fortaleza, Leothric ouviu novamente os músicos tocando sua melodia mágica. Assim, Leothric continuou em frente através daquele caminho, que tinha apenas quase um passo de largura, ele ia seguir por ali empunhando Sacnoth desembainhada. E em ambos os lados daqueles abismos, chiavam alas de vampiros que oscilavam voando para cima e para baixo, enquanto louvavam Satan. Foi então que Leothric percebeu que o dragão Thok estava deitado no caminho, fingindo que dormia, e sua cauda pendia para um dos abismos. Leothric foi em direção da fera e quando chegou bem perto, Thok saltou sobre Leothric, mas neste momento Leothric desferiu um golpe violento com Sacnoth que penetrou profundamente em Thok, e a fera caiu gritando no abismo, seus membros fazendo um chiado na escuridão enquanto ele caía, e ele caiu até que os sons de seus gritos, parecendo sons de pequenos apitos, já não podiam mais ser escutados. Por algumas vezes Leothric viu uma estrela piscar por um instante, desaparecer e reaparecer novamente, este eclipse momentâneo de algumas estrelas foi tudo o que restou no mundo do corpo de Thok. Assim, Lunk, o irmão de Thok, que tinha permanecido deitado um pouco mais atrás, viu que aquele espada deveria ser Sacnoth e fugiu em desespero. E durante todo o tempo que Leothric percorreu o estreito caminho entre os abismos, a imensa abóbada do teto da fortaleza ainda se estender sobre sua cabeça, toda preenchida pela escuridão. Assim, quando Leothric conseguiu avistar o lado mais distante do abismo, poder ver também uma câmara que se abria com inúmeros arcos sobre aqueles abismos gêmeos, e as colunas que

formavam os arcos se afastavam em grande distância e desapareciam na escuridão de ambos os lados.

Bem lá na frente, onde começava os pilares no precipício sombrio, ele podia ver pequenas janelas cercadas com barras, e entre aquelas barras, aparecendo e desaparecendo por breves intervalos, poderiam ser visto coisas sobre as quais não me atrevo a falar. Não havia nenhuma luz naquele lugar, exceto pela luz das grandes estrelas do Sul que brilhavam por baixo dos abismos, e aqui e acolá, no interior da câmara, através dos arcos, haviam luzes que se moviam furtivamente sem emitir som algum. Então Leothric finalmente saiu da passagem estreita e entrou na grande câmara.

E naquela imensidão, sentiu-se tão pequeno quanto um anão enquanto caminhava debaixo de um daquelas arcadas colossais. Foi quando a última luz fraca da noite escorregou lá para dentro, através de uma janela pintada em cores sombrias que celebravam as conquistas de Satan sobre a Terra. A janela ficava bem alto na parede, e as luzes que subiam das velas mais baixas se afastavam furtivamente. Nenhuma outra luz não havia ali, exceto por um leve brilho azulado do olho de aço de Tharagavverug que espreitava inquieto da empunhadura de Sacnoth. Dentro da câmara pairava pesadamente o odor pegajoso de uma besta enorme e mortal. Leothric avançou vagarosamente

mantendo firme a lâmina de Sacnoth em frente sua enquanto o olho na empunhadura da espada observava sua retaguarda, pois temia o ataque repentino de um inimigo. Porém, não houve qualquer movimento. Se alguma coisa espreitava por trás dos pilares da colunata que sustentava alto o telhado, o que quer que fosse, não respirou nem se moveu. Então, a melodia dos músicos mágicos voltou a soar mais perto, e de repente, as grandes portas do lado oposto da câmara escancararam para os lados. Leothric para por algum tempo, pondo-se a observar, não viu nada se mover, e esperou mais um pouco, sempre mantendo a empunhadura de Sacnoth. Foi então que Wong Bongerok veio em sua direção, respirando pesadamente. Era o último e mais fiel guarda dentre os guardas de Gaznak, e a coisa se aproximava toscamente, babando, pois tinha acabado de lambe a mão de seu mestre. Pois Gaznak tratava lhe tratava mais como uma criança do que um dragão, muitas vezes lhe dando, com sua própria mão, pedaços macios de carne humana que fumegavam em sua mesa.

Wong Bongerok era alongado e baixo, mas tinha olhos astutos, e ele veio respirando malícia contra Leothric cheio de confiança, e atrás dele ribombou a armadura que cobria sua cauda, e o som era como aquele quando os marinheiros arrastam o cabo da âncora chacoalhando por todo o convés. E Wong Bongerok bem sabia que agora estava prestes a enfrentar Sacnoth, pois costumava profetizar silenciosamente para si mesmo sobre este momento, durante muitos anos, enquanto se deitava enrolado aos pés de Gaznak. Então Leothric deu um passo à frente, ao alcance do sopro de sua respiração do monstro, e levantou Sacnoth preparado para atacar. Mas quando Sacnoth foi erguida, o olho de Tharagawerug no pomo da empunhadura da espada observou o dragão e percebeu sua argúcia, pois a fera tinha aberto a bocarra revelando a Leothric as fileiras de seus dentes de sabre, e suas gengivas de couro grosso ficaram expostas; e enquanto Leothric passava a lhe golpear na cabeça, a fera lançou por cima de sua cabeça, tal como faria um escorpião, sua longa cauda blindada contra o jovem destemido. Tudo isso percebido pelo olho na empunhadura de Sacnoth, que golpeava abruptamente de um lado para outro. Mas não era com o gume o jovem golpeava Sacnoth, pois, se assim o fizesse, o pedaço que fosse cortado da cauda da fera ainda viria lhe atacar, tal como um pinheiro que uma avalanche arrancado do ponto mais alto do um penhasco, e o arremessasse direto contra o peito de algum montanhês, e dessa forma, Leothric poderia ser atingido e trespassado por um dos pedaços; mas Sacnoth continuava golpeando de um lado para outro com as laterais de sua lâmina, jogando longe a cauda balançava e zumbia sobre os ombros de Leothric; e a lâmina raspava a armadura toda vez que passava, deixando ali um entalhe. Sempre para os lados, Leothric foi evitando, rebatendo e desviando os ataques da cauda Wong Bongerok com

Sacnoth, e novamente a cauda saltava guinchando terrivelmente contra a lâmina, buscando a cabeça de Leothric. Então Leothric e Wong Bongerok começaram a lutar espada contra espada, e a espada golpeava de tal modo como só Sacnoth poderia fazer, até que a vida maléfica e fiel de Wong Bongerok, o dragão, encontrou seu fim por meio de uma grande ferida.

Então Leothric avançou, deixando para trás monstro morto, enquanto o corpo coberto por armadura ainda tremia no chão. Por um tempo, aquela coisa tremendo pareceu como os arados de trabalho no campo, puxados por cavalos cansados e agitados; então o tremor cessou, e Wong Bongerok ficou imóvel com a morte. Leothric avançou passando pelos portões abertos, e Sacnoth gotejava silenciosamente pelo chão. Pelos portões escancarados através dos quais Wong Bongerok havia chegado, Leothric entrou em um corredor que ecoava com a música. Este foi o primeiro lugar a partir do qual Leothric pôde ver alguma coisa acima de sua cabeça, pois, até ali, o telhado havia ascendido a alturas montanhosas a se misturar indistintamente com a escuridão. Ao longo do corredor estreito haviam grandes sinos pendurados baixos, próximo de sua cabeça, quanto a largura de cada um daqueles sinos de bronze, era tal qual o espaço de uma parede à outra, e estavam enfileirados um atrás do outro. À medida que Leothric passava por baixo, cada sino ribombava, e os sons que lançavam eram fúnebres e intensos, soando como bramidos de um sino ao um homem que está próximo do momento de sua morte. Cada sino tocou uma vez quando Leothric passou por baixo, soando amplo e solenemente em intervalos cerimoniais. Pois, quando Leothric caminhava devagar, os sinos se aproximavam, e quando ele caminhava mais rápido, eles se afastaram. Assim, os ecos daqueles sinos trovejantes acima de sua cabeça prosseguiram antes dele, sussurrando uns para os outros, até um momento em que Leothric parou e todos chacoalharam irritados e ele voltou a avançar.

Entre aqueles notas lentas e agourentas veio novamente o som dos músicos mágicos. Desta vez eles estavam tocando pesadamente um hino fúnebre. Então, finalmente, Leothric chegou ao fim do Corredor dos Sinos, e viu lá uma pequena porta escura. Atrás dele, todo o corredor estava preenchido pelos ecos retumbantes, murmurando uns aos outros sobre a cerimônia; e o cântico fúnebre dos músicos veio flutuando vagorosamente através daquele sino, como uma elaborada procissão de convidados exóticos, e todos traziam mau presságio a Leothric. Então, a porta negra abriu instantaneamente ao toque da mão de Leothric, e ele notou que estava agora ao ar livre, em um amplo pátio pavimentado de mármore. Bem lá no alto, brilhava a lua, convocada pela mão de Gaznak.

Ali Gaznak dormia e, ao seu redor, sentavam seus músicos mágicos, todos tocando seus instrumentos. E, mesmo dormindo, Gaznak estava vestido de armadura, apenas seus pulsos, rosto e pescoço permaneciam nus. Mas a maravilha daquele lugar eram os sonhos de Gaznak; pois, além do amplo pátio, repousava um abismo negro, e dentro do abismo, uma cascata branca vertia incessante de escadas de mármore, alargando-se ao descer pelos terraços e varandas decoradas com belas e brancas estátuas que ali repousavam, e desciam novamente por uma larga escadaria até chegar nos terraços mais baixos em meio à escuridão, onde estranhas formas sombrias oscilavam de um lado para o outro. Todas aquelas coisas estranhas eram sonhos de Gaznak, nascidas de sua mente, para se tornarem como mármore brilhante, ao atravessarem a borda do abismo enquanto os músicos tocavam. Todo o tempo, da mente de Gaznak, embalados por aquela música estranha, surgiam torres e pináculos, belos e esguios, sempre ascendendo ao céu. E os sonhos de mármore dançavam lentamente ao ritmo da música. Quando os sinos bateram e os músicos tocaram suas tristes melodias, gárgulas horríveis saíram repentinamente de todas as torres e pináculos, e grandes sombras desceram e passaram rapidamente pelos degraus e terraços, e houve sussurros apressados no abismo.

Quando Leothric passou pela porta negra, Gaznak abriu os olhos, e sem olhar para os lados, imediatamente se pôs de pé encarando o recém-chegado. Então, os músicos tocaram um feitiço de morte em seus instrumentos, e um sussurro surgiu ao longo da lâmina de Sacnoth enquanto Leothric girava e brandia sua espada para desviar o feitiço. Uma vez que Leothric não foi atingido, e ao ouvir o sussurro de Sacnoth, os magos se levantaram e fugiram desesperados carregando seus instrumentos.

Então, gargalhando, Gaznak desembainhou sua espada que era a mais poderosa do mundo, salvo por Sacnoth, e lentamente caminhou em direção a Leothric; ele sorria enquanto caminhava, embora seus próprios sonhos tivessem predito seu destino. E quando Leothric e Gaznak se aproximaram, ficando frente à frente, olhando direto nos olhos um do outro, não nenhuma palavra; eles simplesmente atacaram um ao outro simultaneamente, e suas espadas se chocaram, e cada espada descobriu sobre o poder uma da outra e de onde vinha. Assim, sempre que a espada de Gaznak se chocava contra a lâmina de Sacnoth, ela ricocheteava cintilando, como granizo caindo do telhado; mas toda vez que a espada acertava a armadura de Leothric, arrancava os pedaços. Sacnoth também golpeava furiosamente a armadura de Gaznak, e sempre recuava ribombando, sem deixar nenhuma marca, e enquanto Gaznak lutava, ele mantinha sua mão esquerda pairando sobre sua cabeça. Então, Leothric desferiu um poderoso e furioso golpe no pescoço do inimigo, mas Gaznak, agarrando sua própria cabeça

pelos cabelos, levantou-a bem alto e Sacnoth passou pelo espaço vazio onde antes havia o pescoço. Então Gaznak colocou novamente sua cabeça sobre seu pescoço e, por todo esse tempo, lutava agilmente brandindo sua espada; mas Leothric continuou golpeando o pescoço barbudo de Gaznak com Sacnoth, e toda vez a mão esquerda de Gaznak era mais rápida do que o golpe de Leothric, ao agarrar e retirar a cabeça de sobre os ombros a espada passavam no vazio novamente.

E o clangor da luta continuou até que toda a armadura de Leothric caísse no chão, espalhada ao redor e o chão de mármore estar salpicado com seu sangue, e a espada de Gaznak ficar toda serrilhada devido aos choques contra a lâmina de Sacnoth. Mesmo assim, Gaznak continuava ileso e ainda sorrindo. Novamente Leothric olhou para a garganta de Gaznak e apontou com Sacnoth, e mais uma vez Gaznak retirou a cabeça, erguendo-a pelos cabelos; mas dessa vez não Sacnoth não buscou sua garganta, pois Leothric havia golpeado na mão erguida, e Sacnoth passou zumbindo ao decepar o pulso do feiticeiro, tal como uma foice faria ao talhar o pedúnculo de uma única flor. A mão cortada caiu no chão sangrando; e, de imediato, o sangue jorrou dos ombros de Gaznak e começou a escorrer também da cabeça tinha caído no chão. Os altos pináculos desmoronaram sobre a terra, os belos e amplos terraços desabaram, o pátio evaporou como o orvalho, então veio um vento que chacoalhou as colunatas, e todos os corredores colossais de Gaznak ruíram. Por fim, o abismo se fechou de repente, como a boca de um homem que, tendo contado sua história, nunca mais voltará a falar.

Então Leothric olhou para seus arredores pantanosos, onde a névoa noturna estava passando, e ali não estava mais a fortaleza, nem sons de dragões ou coisa mortais, ao seu lado estava jazia um velho, encarquilhado e maligno, morto, cuja cabeça e a mão estavam separadas de seu corpo.

E, gradualmente, sobre as vastas terras, o amanhecer foi chegando, sempre crescendo em sua beleza, como o langor de um órgão tocado pela mão de um mestre, cada vez mais alto e adorável, à medida que a alma do mestre fosse aquecendo para, enfim, dar glória com toda a sua poderosa voz. Então os pássaros cantaram, e Leothric retornou para seu lar, deixando os pântanos para trás ele voltou para a floresta negra, enquanto a luz do amanhecer que ascendia iluminava seu caminho. No meio dia seguinte, finalmente ele chegou em Allathurion, e consigo levou a enrugada cabeça maligna, e o povo se alegrou, e suas noites de sofrimento cessaram.

• • •

Este é o conto sobre a conquista da Fortaleza Invencível, Exceto para Sacnoth e da sua passagem, como é dito e acreditado por aqueles que amam os dias místicos do passado.

Outros já disseram e, em vão, tentam provar que a febre veio para Allathurion e depois foi embora; e que foi essa mesma febre que levou Leothric até os pântanos á noite, e lá o fez sonhar e agir violento com uma espada. Outros dizem até que não nunca existiu uma vila chamada Allathurion, e que Leothric nunca viveu.

Paz a eles. O jardineiro recolheu as folhas deste outono. Quem deve vê-los novamente, ou o que lhes ocorreu? E quem deverá dizer o que aconteceu nos dias de há muito passado?